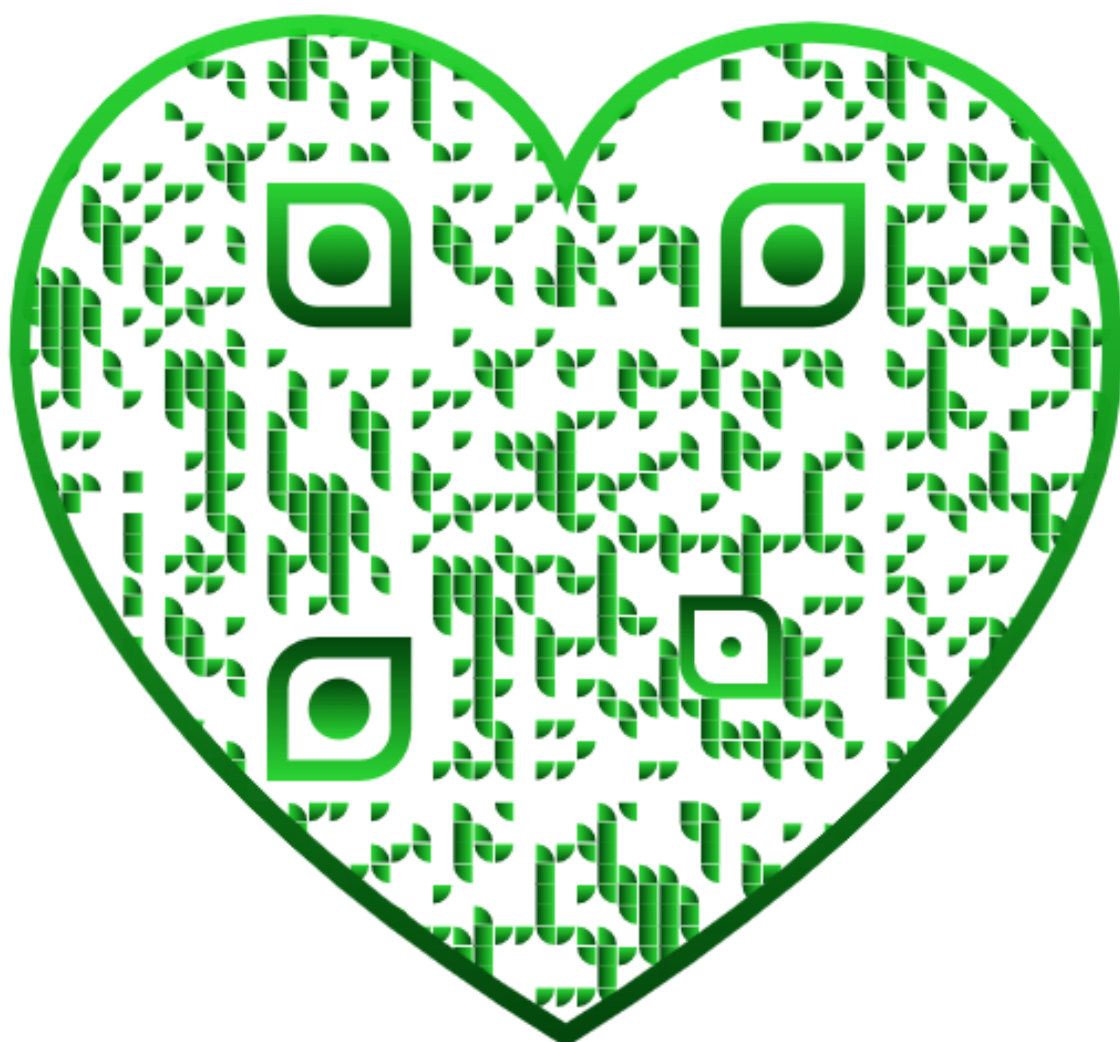


Andrea Kane
A CAIXINHA DE MÚSICA



Tradução Mecânica e Formatação inicial: SAFIRA
Revisão: Vania Gusmão
Formatação final: Ana Rosa





Resumo:

Bryce chega à mansão de sua tia, Lady Nevon, com o coração em um punho. Logo que conhece essa íntima mulher a quem o deve tudo: foi ela quem se encarregou secretamente de sua educação e seu futuro, escondido de seu irmão o duque de Withshire, pai de Bryce, que jamais admitiu ter um filho bastardo. Morto o duque, Lady Nevon chamou a seu lado para lhe fazer uma proposta surpreendente.

Em Nevon Manor, Bryce se encontra com uma anciã encantadora, uma mansão cheia de extravagantes personagens e uma surpreendente oferta. Sua ardilosa tia leva anos planejando o encontro, e tem planos que Bryce ainda não pode suspeitar. Planos nos que tem muito a ver com a jovem Gaby, protegida de Lady Nevon desde que ficou órfã.

Bryce e Gaby, unidos por seus passados trágicos e por sua dívida de amor com lady Nevon, não podem evitar sentir-se atraídos. Mas antes deve resolver o mistério que se esconde na memória de Gaby, a chave sobre a fatídica noite em que seu mundo veio abaixo, em que o fogo enviesou a vida de seus pais deixando-a tão somente com uma caixa de música como lembrança deles.

Quando lia contos de fadas, pensava que essas coisas não passavam nunca, e agora estou aqui em meio de uma delas.

*Lewis Carroll
Alice no país das maravilhas*

Prólogo
Hertfordshire, Inglaterra
Maio, 1862

Uma tosse violenta a despertou de repente.

Sentou-se na cama e se esfregou a face com o punho tentando limpá-la e aliviar a ardência de seus úmidos olhos.

Onde estava?

Não era seu quarto. Não estava a salvo, nem agasalhada em sua cama como pensava.

Os passarinhos. O ninho. A cabana. Agora recordava.

A cabana se iluminou com um grande resplendor e notou uma forte quebra de onda de calor. Ficou de joelhos; tinha as pupilas dilatadas do assombro.

Luz solar? Impossível. Era de noite. Uma noite anormalmente fria.

Por isso tinha procurada proteção. Quando se meteu na cabana e se enterrou entre um montão de mantas velhas estava tremendo. Entretanto, agora fazia um calor insuportável, o cabelo lhe pegava ao pescoço, sua camisola estava enganchada à pele como um caramelo pegajoso. Por quê?

O brilho se intensificou, um muro de chamas a espreitava como um tigre a ponto de atacar.

Fogo.

A cabana estava ardendo.

Gemeu aterrada e se refugiou em um canto, levando uma manta à bochecha para proteger-se. Seus ásperos pigarros se uniam ao detestável rangido das chamas, cujo som supunha um aterrador contraste com a cadenciosa melodia com a que tinha adormecido.

A caixa de música. O medo lhe criou um nó no estômago. Onde estava a caixa de música?

Começou a apalpar pelo chão desesperadamente. Aí estava, pensou agarrando-a com seus dedos trêmulos. Justo onde a tinha deixado só que agora estava muda, depois de ter realizado seu habitual milagre essa mesma noite. As notas chapeadas tinham chegado até as taças das árvores, apaziguando aos petirrojos (aves cantoras originária do Canadá) recém-nascidos e logo a tinham acompanhado até a cabana, embalando-a e serenando-a até ficar adormecida. Mas logo despertou em um pesadelo.

Ao olhar pela habitação em chamas, de repente se deu conta do horror da situação. Nem sequer sua caixa de música podia protegê-la de tudo isto. Se ficasse ali morreria.

Não queria morrer.

— Mamãe — sussurrou instintivamente, mas em seguida se deu conta de quão tola era. Como podia chamar a sua mãe para que a salvasse quando nenhum de seus pais tinha nem a menor idéia de onde estava?

Ninguém mais podia salvá-la.

Tirou força da fraqueza, lançou a um lado a manta e tentou ficar em pé agarrando sua caixa de música. Tinha os olhos cheios de lágrimas, mas as secou consciente de que não ficava muito tempo antes que o fogo avançasse e lhe tirasse toda oportunidade de escapar. Tinha que atuar agora.

Abriu passo pela cabana, tropeçando uma e outra vez com as caixas que havia por no meio, gemendo de dor cada vez, mas sem gritar. Isso suporia ter que respirar e inalar a fumaça que espreitava a seu nariz e a seus pulmões. Mantinha os lábios apertados e se tragava seus soluços.

Depois de dez passos que lhe pareceram cem, conseguiu chegar à porta.

O trinco ardia de tal modo que queimou os dedos ao tocá-lo e os retirou imediatamente. Voltou a tentá-lo, mas não serviu de nada.

Não podia suportar a dor o tempo suficiente para abrir a porta.

Seus pulmões estavam a ponto de estalar. Tinha que sair como fora.

De repente olhou a manga da camisola e recordou a sua mãe quando utilizava os trapos de cozinha para tirar as panelas quentes do forno. Possivelmente a camisola servisse para essa mesma finalidade.

Baixou a manga com determinação até que cobriu toda a mão. Feito isto, agarrou de novo o trinco, sentiu que o calor lhe irradiava através do fino tecido enquanto o girava desesperadamente. Ao mesmo tempo, apesar de sua frágil complexão, atirou com todas suas forças.

A porta se abriu, liberando-a de sua prisão de fogo.

A fria noite lhe golpeou a face; estava carregada de aroma de almíscar e a madeira queimada; saiu tropeçando, ofegando uma e outra vez para recuperar o fôlego. Cambaleou pela relva, escorregando uma e outra vez, até que lhe fraquejaram as forças e lhe dobraram os joelhos caindo ao chão, embora a salvo.

Ainda segurando a sua caixa de música, conseguiu girar a cabeça, afastou seu despenteado cabelo e pôde contemplar toda a magnitude do que tinha escapado.

Havia chamas por toda parte. Estavam destruindo todos os edifícios, da cabana até as habitações do serviço.

As habitações do serviço... Meu deus, não!

— Mamãe! — O medo se apoderou dela como um monstruoso dragão de um conto de fadas. De novo se esforçou por levantar-se, enredando-se com a prega de sua camisola e caindo ao chão. Ficou outra vez em pé, colocou suas mãos ao lado da boca e gritou: - Papai!

Estava enjoada, mas não fez conta, deu três passos mais para o muro de fumaça e chamas.

Nunca conseguiu chegar.

— Mamãe... — Começou a cambalear e a realizar todos seus movimentos de uma maneira estranha; seus gestos eram lentos e fantasmagóricos. De repente, suas pernas negaram-se a obedecer às ordens de sua mente aturdida pela fumaça, a relva começou a crescer a uma velocidade alarmante. Voltou a chamar a seus pais, mas sua voz soava

muito estranha e parecia vir de muito longe. — Mamãe... Papai... — esta vez o que saiu de sua garganta foi como um grasnido.

Fechou os olhos e a inconsciência se impôs a suas súplicas e a suas forças; as selvagens chamuscas completavam sua missão letal enquanto ela caía longe de seu alcance.

Um a um os edifícios foram devorados por esse furioso inferno. A salvo de sua tediosa destruição, ela jazia inconsciente; a caixa de música ficou algo mais atrás. A salvo e em perfeito estado, sua madrepérola e rebordo dourado não tinham sofrido nenhum dano.

Sua melodia se silenciou.

Capítulo 1

Abril, 1875

Por que teria solicitado essa reunião?

Era ao menos a centésima vez que Bryce Lyndley se fazia essa pergunta; não podia deixar de lhe dar voltas ao possível motivo da dita entrevista enquanto seu carro cruzava a grade da elegante mansão de lady Nevon. Estava muito tenso e seu nervosismo tinha aumentando no transcurso das vinte e cinco milhas que separavam Londres do Hertford.

Ainda não tinha encontrado uma resposta que lhe satisfizesse. Maldita seja! Esse capítulo de sua vida se fechou fazia décadas e não tinha nenhuma intenção de reabri-lo, e muito menos devido ao falecimento do patife que tinha sido seu autor.

Entretanto, Bryce procurava não esquecer que era lady Nevon quem tinha mandado chamá-lo. Apesar de que sua única relação com ela durante todos estes anos tinha sido por carta, a idéia de negar-se a responder a sua suplicante chamada era impensável. Devia-lhe muito e por mais visitas que lhe fizesse nunca poderia pagar a dívida que tinha com ela.

“Visitas?”, pensou ironicamente. De fato, essa era a primeira vez que ela tinha solicitado sua presença. Até agora não se atreveu a vê-lo, e muito menos a convidá-lo ao Nevon Manor.

Ah, sabia muito bem qual era a razão. Conhecia-a, compreendia-a e a aceitava.

Também era consciente de que a razão pela que se comportou desse modo fazia uma semana que já não existia; o causador da mesma tinha morrido o obstáculo infranqueável, que tinha frustrado os desejos de lady Nevon, que tinha separado Bryce de seu passado.

Bem. Agora lady Nevon já não tinha impedimentos para solicitar sua presença.

Mas a pergunta seguia vigente: para que?

Ela melhor que ninguém sabia que o passado não se podia trocar. A crueldade, as mentiras e todos os males pelos que se caracterizou estavam gravados em suas células desde fazia muito tempo. Tinha transcorrido uma eternidade, suas vidas tinham tomado rumos distintos e nada nem ninguém podia alterar essa dura realidade.

Então, o que é o que a tinha impulsionado a consertar essa entrevista? E por que tanta urgência?

“Meu irmão morreu”, dizia sua nota. “Vêem em seguida ao Nevon Manor. Nunca pedi nada. Por favor, não me falta agora”.

Bryce gesticulava com a boca enquanto lia suas palavras. O fato de que o duque do Whitshire tivesse morrido significava tão pouco para ele como o sangue que compartilhavam. Esse último não era mais que um cruel acidente do destino; o primeiro, a inevitável culminação da vida. Ao fim e ao cabo, todo homem, santo ou virtuoso, tem que morrer. Inclusive uma alma tão escura como a do Whitshire acaba sendo reclamada, embora seja para ir diretamente ao inferno.

De repente, impôs-se sua mente jurídica expondo uma nova possibilidade. Um falecimento implicava ter que arrumar a situação legal de seus bens, um complicado processo, dado a imensa riqueza e o sem-fim de propriedades do duque. E embora Whitshire sem dúvida tivesse legado seu título e pertences a seu herdeiro - neste caso seu filho legítimo, Thane — isso não excluía que houvesse outras cláusulas em seu testamento. Teria especificado esse bastardo algo negativo para lady Nevon? Era essa a razão de sua inesperada petição? Necessitava a ajuda de Bryce?

Não era muito provável. Conforme se dizia, a relação de Hermione Nevon com seu irmão tinha sido boa... Sempre e quando ela cumprisse com seus desejos. O qual se supunha que assim era à exceção de seu grande engano que não se descoberto. Além disso, se havia algum problema no testamento do Whitshire, Bryce seria a última pessoa a que recorreria lady Nevon, devido a sua falta de objetividade neste tema.

Salvo que fora a ele a quem tentasse proteger.

Essa idéia lhe provocou uma grande inquietação. Cabia a possibilidade de que inclusive morto, o duque tivesse tramado algo para lhe ocasionar alguma nova desgraça em sua vida e lady Nevon pretendesse lhe advertir?

Impossível. Whitshire acreditava que ele tinha morrido. Lady Nevon se encarregou disso fazia trinta anos; tinha-lhe assegurado que tinha abandonado o seu filho não desejado na rua, onde possivelmente teria morrido de inanição.

O qual eliminava o testamento do Whitshire como possível razão para essa visita e ficava com as mesmas perguntas insidiosas.

Ao entrar no caminho privado que conduzia à mansão afrouxou as rédeas e abandonou suas especulações. A casa estava em frente. Fora o que fora o que desejasse lady Nevon, logo saberia. E qualquer que fora sua petição, tentaria agradá-la, sem desenterrar seu desagradável passado.

Logo que tinha tomado esta decisão quando um pequeno raio branco cruzou pelo caminho, parando justo diante do carro de cavalos de Bryce o raio, que resultou ser um veloz, mas aterrorizado coelho, ficou paralisado durante um momento, lhe olhando com temor, antes de recomeçar sua amalucada carreira para o outro lado do caminho, onde desapareceu no bosque.

Os cavalos de Bryce se desbocaram. Relincharam assustados e se detiveram escandalosamente, encabritando-se e levando atrás as cabeças em sinal de protesto.

— Tranqüilos! — disse Bryce, voltando a agarrar as rédeas com firmeza em um intento de dominá-los enquanto o carro se desviava precariamente à esquerda.

Depois de uma breve resistência, os assustadiços cavalos obedeceram e o carro se deteve, ficando ao bordo do caminho.

— Caramba! — murmurou Bryce. Olhou à direita explorando o bosque; o movimento das folhas das árvores era o único indício de que tinha passado algo por aí.

— Senhor! Perdoe-me, senhor!

A cabeça de Bryce começou a procurar seguindo o som da voz feminina e ofegante que se aproximava pela mesma direção que o coelho branco.

— Sim? — Piscou quando viu uma jovem que se dirigia para o carro; tinha uma cascata de cabelo castanho que ondeava ao redor de seu rosto manchado e de ossos proeminentes; seus olhos, - de cor azul clara, refletiam preocupação.

— Viu a um coelho branco por aqui? — disse ofegando e olhando furtivamente a seu redor.

Apesar da tensão que tinha vivido nos últimos momentos, Bryce notou que lhe tremiam os lábios.

— Desculpe — repetiu a jovem, olhando ao Bryce como se questionando se a tinha ouvido — Viu a um coelho branco por aqui? Vi-lhe correr nesta direção. Só espero que não lhe tenha dado um golpe com seu carro. — Dito isto, olhou ao caminho e relaxou os ombros ao comprovar que não havia nenhum animal ferido — Graças a Deus! Não obstante, estou segura de que deve ter se assustado. Deus sabe aonde terá ido. Tenho que o encontrar antes que machuque. É muito curioso para ser prudente. OH! Por que tinha que ter adormecido? Sei que Crumpet adora sair correndo a menor oportunidade. Está seguro de que não o viu, um coelho branco de aspecto desconcertado que corre como se tivesse uma pressa tremenda?

Essa foi à chave.

Bryce começou a mover os ombros da risada.

— Não estou seguro — conseguiu dizer — Levava um colete? Possivelmente olhava um relógio de bolso?

Ao princípio a jovem franziu o cenho, sua preocupação não lhe permitia entender a brincadeira. De repente, lhe fez a luz e começou a piscar.

— Não. De fato, ia bastante nu.

— Ah, em tal caso acredito que posso acalmar seus temores. O coelho que faz uns segundos cruzou o caminho assustando a meus cavalos e conseguindo que meu carro quase saísse do caminho, era branco e ia nu. Acredito adivinhar que é o coelho que está procurando. Se for assim, está ileso. — Bryce assinalou na direção para onde tinha ido — Dirigiu-se para esses bosques, justo detrás daquele olmo. — Sorriu e prosseguiu — Vai atrás dele?

Apareceram-lhe duas covinhas em cada uma de suas manchadas bochechas.

—Não, acredito que não. No bosque está a salvo. Deixarei que se divirta. Brigarei mais tarde.

—Duvido que retorne se souber que lhe espera uma reprimenda.

—Oh sim, fará quando suas vontades de comer superem o temor à reprimenda. — A jovem fixou uma mecha de cabelo detrás da orelha — Ou quando olhar seu suposto relógio de bolso e se dê conta de que é a hora de comer — acrescentou, rindo. Levantou a cabeça e lhe olhou sem ocultar seu interesse — Você deve ser Bryce Lyndley. A tia Hermione lhe está esperando.

Tia Hermione? Isso era novo.

—Sim, efetivamente — disse em voz alta — Vejo que estou em evidente desvantagem. Você conhece meu nome, mas eu nem sequer tenho a menor idéia do dele. A menos que, é obvio, chame-se Alice.

Ela voltou a lhe sorrir.

—Não. Meu nome é Gaby, Gaby Denning. Vivo em Nevon Manor. —Começou a partir enquanto falava — Não quero que isto se converta em uma apresentação não oficial. Tia Hermione ficaria muito decepcionada se inteirasse de que lhe conheci com este aspecto tão deplorável. Está muito orgulhosa de você, sabia? De você e de seus lucros. Quer que todos vistam seus melhores ornamentos e nos comportemos o melhor que saibamos quando nos apresente. Assim vale mais que vá correndo a casa para me arrumar. Adeus... Até que nos apresentem — corrigiu — breve.

Dito isto correu para a mansão.

Bryce a seguiu com o olhar, divertido pelo encontro e intrigado pelo que acabava de descobrir.

De modo que lady Nevon tinha uma sobrinha e não se inteirou até agora. De todas as formas nunca lhe tinham informado dos assuntos de família. Era evidente que isso ia trocar, se o que acabava de dizer a sobrinha de lady Nevon era certo. Se for verdade o que lhe havia dito, estava a ponto de conhecer um número desconhecido de pessoas, todas elas previamente preparadas para lhe causar boa impressão.

Por quê?

Só havia um modo de averiguado.

Tomou de novo as rédeas e açulou aos cavalos para que se dirigissem à mansão.

—Bom dia, senhor Lyndley. Lady Nevon lhe está esperando. — Um alto e majestoso mordomo abriu a porta, repassando brevemente da cabeça aos pés, embora com discrição; se Bryce tivesse sido menos observador nem teria dado conta — Bem vindo a Nevon Manor — prosseguiu com uma ensaiada reverência. Ao endireitar-se levantou o queixo; tinha o cabelo escuro e um fino bigode impecavelmente arrumado — Chamo-me Chaunce. Rogo que me comunique algo que necessite e procurarei lhe agradar quanto antes.

—Obrigado, Chaunce — respondeu Bryce, intrigado uma vez mais por essa cálida acolhida, mas ainda desconcertado pela causa. Pela extremidade do olho pôde ver uma

fileira de serventes movendo-se como flechas: uns levavam bandejas, outros poliam os móveis, todos o observavam de esguelha e com curiosidade. Resumindo, começava a perguntar-se se foram alinhar se e a lançar pétalas de rosa a seu passo — Em realidade, não necessito nada, salvo saber onde se encontra lady Nevon, isso é tudo.

— Está na biblioteca senhor. Eu mesmo lhe conduzirei até ali; logo lhe servirei um refrigerio. — O mordomo se esclareceu garganta a propósito — Corrija-me se me equivocar, senhor. Por isso sei você prefere o café ao chá. Toma só, sem leite nem açúcar. Quanto ao refrigerio, prefere os bolos de canela, com gelatina de framboesa por cima, aos pães-doces. — Fez uma pausa — Equivoco-me, senhor?

— Em nada. — Bryce inclinou a cabeça e lhe olhou fascinado — Diga-Me, há algo sobre mim que você não saiba Chaunce?

— Intento me esmerar, senhor. Lady Nevon prefere assim. Agora, se deseja me seguir. — O mordomo fez um gesto cerimonioso, logo girou com as mãos unidas detrás das costas e começou a percorrer o gentil vestibulo.

Bryce lhe seguiu, mas de repente se sentiu incômodo.

Custava-lhe muito ficar nervoso, por isso era tão bom em sua profissão. Entretanto, agora se preparava para ver a mulher que tinha salvado sua vida e assegurado seu futuro; sentia-se estranhamente nervoso, invadia-lhe a sensação de que estava a ponto de enfrentar novamente aos fantasmas do passado.

Primeiro um encontro desenvolto com uma jovem tirada de um conto de fadas, e agora isto.

Para um homem que se regia pelos fatos, que se apoiava na razão em lugar dos sentimentos, o dia começava a ser do mais inquietante.

— Sim? — respondeu uma delicada voz, à chamada do Chaunce.

— Desculpe-me, senhora — começou o mordomo, abrindo um pouco a porta da biblioteca com um rangido — o senhor Lyndley está aqui.

— Graças a Deus! — Ouviu que murmurava — Por favor, Chaunce, lhe faça passar. Chaunce abriu de todo a porta e com um gesto lhe indicou que entrasse.

Bryce entrou lentamente, perguntando-se se a lembrança que tinha guardado todos estes anos de uma diminuta dama de rasgos aristocráticos e um arbusto de cabelo loiro dourado recolhimento em um coque em cima da cabeça coincidiria com a mulher que ia ver pela primeira vez depois de vinte e três anos.

— Bryce. — A anciã matrona que se aproximava para ele com os braços abertos era uma réplica de sua lembrança, salvo pela cor do cabelo — agora totalmente branco — e os sulcos próprios da idade nas bochechas e na frente — Oh, Bryce. — As lágrimas apareceram por seus olhos azuis claro ao observar atentamente todas suas facções, movendo a cabeça em sinal de aprovação e lhe agarrando das mãos — Tem um aspecto magnífico. Alto. Bonito. Nem sequer eu teria imaginado... — de repente se calou — Desculpa.

— Me alegre de vê-la, milady — respondeu Bryce; sua voz se endureceu quando lhe assaltaram as lembranças da infância, que se aconteciam um após o outro a uma

velocidade abismal — Você também tem muito bom aspecto. De fato, está tal como a recordava — disse lhe beijando a mão.

— Bom isso não é certo, mas obrigado por dizê-lo. — Seus lábios esboçaram um sorriso e lhe soltou as mãos sem nenhuma pressa — Por favor, sente-se. Chaunce te servirá um refrigerio e logo falaremos.

Bryce assentiu com a cabeça e esperou a que se sentasse; logo se sentou ele em uma das cadeiras da biblioteca.

— Vim assim que recebi sua mensagem.

— Sim, esperava que o fizesse. — calou-se ao ver entrar de novo Chaunce, que colocou a bandeja na mesinha auxiliar.

— Sirvo-lhe, senhora? — perguntou o mordomo.

— Não, obrigado, Chaunce. Farei eu mesma.

— Como gosto. Desejam alguma coisa mais?

— De momento, não. Mas não demorarei a lhe chamar.

— É obvio milady. — Chaunce fez uma reverência — Que desfrute de seu convidado.

Lady Nevon esperou a que fechasse a porta, e logo voltou a dirigir-se a Bryce.

— Tenho tantas coisas que te contar! Nunca pensei que poderia fazê-lo. Mas, agora que Richard morreu...

— Rogo que aceite minhas condolências por seu falecimento.

Ela levantou as sobrancelhas.

— Como pode me oferecer algo que sem dúvida não sente?

— Sinto contradizê-la. Realmente sinto minhas condolências. Mas são por você, não pelo duque. Minha opinião pessoal sobre ele não troca o fato de que era seu irmão. Portanto, as condolências que lhe ofereço são genuínas, o asseguro.

Um tênue sorriso se desenhcou nos lábios de lady Nevon.

— Não trocasse Bryce. Segue sendo tão direto e sincero como sempre e igualmente hábil em levar as coisas a seu terreno. Não sente saudades que nenhum outro advogado na Inglaterra possa comparar-se contigo. Dou-te as obrigado por seus amáveis desejos. Quanto a meus sentimentos, são encontrados. Você sabe melhor que ninguém, quão diferentes fomos meu irmão e eu. Eu lhe queria, mas estranha vez me agradava. Para ser sincera, uma parte de mim não sente nada, salvo um grande alívio por sua morte. — Inclinou a cabeça — Pareço-te um monstro?

— Não, lady Nevon. Parece-me humana.

Como única resposta tomou a cafeteira e serviu duas fumegantes taças.

— Lady Nevon. Que formal! Diga-me Bryce, depois de todos estes anos, não poderia me chamar Hermione?

— Se isso lhe agradar.

— Sim me agradaria. — Deu-lhe a taça junto com a bandeja de bolos de canela — Confio em que sigam sendo seus favoritos.

— Sim, são.

—Excelente. Minha cozinheira tem feito dúzias. Por favor, te sirva.

Bryce serviu-se dois bolos no prato, adotando uma postura falsamente informal.

—Desculpe-me, senhora. Mas sou eu a mosca e você a aranha?

Lady Nevon se deteve quando tinha os lábios na taça.

—O que está insinuando?

—Só que tanto você como seus serventes parecem estar fazendo grandes esforços por me agradar. Estão-me conduzindo ao matadouro?

Seu comentário foi acolhido com uma risada.

—Não, Bryce. Asseguro-te que está muito a salvo. — Sua risada se transformou em um triste e nostálgico olhar — Só que pensava que nunca chegaria este momento, que nunca poderia te abrir as portas de minha casa como te abri as de meu coração. Se tiver ido muito longe... Se tiver feito que se sentisse incômodo...

—É obvio que não. — Bryce se arrependeu do que havia dito e se sentiu culpado — Peço-lhe desculpas. Meu comentário foi grosseiro e inoportuno. — Franziu os lábios olhando sua taça de café — Francamente, não sei como atuar. Devo-lhe minha infância, minha educação, minha carreira, minha própria vida. Mas sua mensagem me inquietou muito.

—Minha mensagem ou eu?

—Isso depende da razão pela que o enviou.

—Pensei-o muito. — Hermione deu um comprido suspiro de resignação — Está zangado comigo. — Deixou sua taça e prosseguiu — Não te culpo. Esteve abandonado todos estes anos, deixei-te virtualmente só desde que faleceram os Lyndley. Minha única desculpa é que sou débil. Temia por sua vida... E pela minha. Não tive o valor para me enfrentar à reação de Richard se tivesse informado do que tinha feito e seguia fazendo. Por isso mantive distância, para te proteger a ti... E a mim mesma. Sou uma covarde Bryce. E por isso tiveste que crescer com minhas cartas como única família. Poderá me perdoar alguma vez?

Bryce deixou seu prato a um lado, surpreso e consternado por sua injustificada autocensura.

—Perdoá-la, por quê? Por me liberar dos horrores de ser arrojado à rua para que morresse como um animal? Por me ocultar em um lugar seguro onde Whitshire não pudesse me encontrar? Por me dar uns pais estupendos, uma vida e um futuro?

—Possivelmente, pelo mero feito de ter a um homem tão desumano como irmão — respondeu ela em voz baixa.

—A linhagem é um acidente do destino. Sei melhor que ninguém, por própria experiência. Comparemos meus laços de sangue com os atuais. Whitshire, o homem que me engendrou, não só se negou a me reconhecer, mas também fez todo o possível para se assegurar de meu desaparecimento e assim economizar o abafado de ter um filho bastardo. E minha mãe? Era muito fraca, assustadiça ou egoísta para ficar comigo. Abandonou-me na porta de sua casa e voltou para os cenários e a sua florescente carreira. Isso quanto aos laços de sangue. Agora falemos dos verdadeiros vínculos. Os Lyndley me

educaram. Eram boa gente, ensinaram-me a diferenciar entre o bem e o mal, transmitiram-me - com o exemplo e com a palavra— a importância de trabalhar duro, fizeram-me sentir que pertencia a algum lugar. Eles foram meus verdadeiros pais, Hermione, em todos os aspectos realmente importantes. Ainda o seriam, se não tivesse sido por essa epidemia de gripe que acabou com eles quando eu tinha dez anos.

—Tragédia que eu devia ter revelado pessoalmente junto com o resto da desconcertante verdade, não mediante uma carta fria e imparcial.

—Sua carta não era fria nem imparcial. — Bryce visualizou ao desconcertado moço de dez anos que estudava uma explicação que trocava sua vida para sempre — Estava carregada de sofrimento e de tristeza... E de um desejo fervente de que as coisas pudessem ser distintas.

—Pode imaginar quanto queria ir até você ? Ir até Eton e me sentar a seu lado para te explicar os detalhes de seu parentesco e responder a tudo o que queria me perguntar? Para te assegurar, uma e outra vez, que foi justamente esse mesmo jovem extraordinário que sempre foste que nada nem ninguém poderiam trocar esse fato?

Hermione juntou suas mãos trementes.

—Mas, não me atrevi. Os tentáculos de Richard chegavam até cada um dos prestigiosos membros do comitê de admissões de Eton. Só confiava em uma pessoa, Edward String, e era porque tinha sido amigo de meu falecido marido John, durante muito tempo. Edward era a pessoa através da qual realizava todos os pagamentos anônimos para sua educação. Quanto ao resto, se algum deles me tivesse visto, não haveria dúvida de que Richard teria sido informado. Meu irmão era tudo menos tolo. Teria feito perguntas e sondado até descobrir a verdade. Não podia me arriscar. Também queria que tivesse algo mais que minha palavra sobre sua verdadeira linhagem. Queria que tivesse uma confirmação escrita, se por acaso alguma vez te encontrasse em uma situação em que precisasse verificar sua verdadeira identidade. De modo que junto com minha carta, fiz que meu mensageiro entregasse todos os documentos que me deixou sua mãe quando te abandonou diante de minha porta. Enviei-lhe isso... E logo esperei rezando para que entrasse em contato comigo, sabendo perfeitamente que não o faria.

—Implorou-me que não o fizesse — recordou Bryce, com um tom mais tenso do que pretendia — Escreveu-me que nossa única relação seria por correspondência. Dizia-me que temia por minha vida se Whitshire se inteirasse da verdade.

—Sem dúvida, assim era. — Hermione fez uma pausa — E se não fosse assim? Teria entrado em contato comigo se não lhe tivesse proibido isso?

—Provavelmente, não. — Bryce olhou para outro lado — Ao menos, não imediatamente. Necessitava tempo para compreender as coisas, para aceitar a tremenda revelação que me acabavam de fazer. — Tragou saliva — Descobrir que tinham mentido durante dez anos foi todo um trauma, que tinha que assimilar e aceitar por mim mesmo.

—Estive sem dormir por semanas, preocupada com sua reação - acrescentou Hermione compungida.

—Recuperei-me. — Bryce respirou profundo disposto a pôr ponto e final a esta conversa — De qualquer modo, não tem nada do que desculpar-se. Certamente não por Whitshire, que foi quem cometeu seus pecados por vontade própria. Além disso, agora está morto e já não representa nenhuma ameaça para nenhum dos dois. Então, por que estamos falando dele?

—Certo, por quê? — Hermione estudou a expressão de Bryce a fundo.

—Voltemos para sua nota. Apesar de que é afetuosa, não parece que esteja me convidando a uma reunião familiar. É direta e algo seca. Por que não me diz o que está pensando?

Hermione se arrumou o cabelo com um gesto ágil e rápido.

— Meu deus! É formidável. Eu não gostaria de ter que enfrentá-lo nos tribunais.

Bryce fez uma careta com a boca.

—Assim é como deve ser depois de seu investimento. Você se assegurou de que tivesse a melhor educação e formação: Eton, Oxford, Ins of Court.

—Eu só paguei para que assistisse. Crescer em cada uma dessas instituições foi teu lucro e só teu. — Hermione se levantou e se moveu lentamente pela biblioteca, desse modo majestoso em que Bryce recordava quando vinha a lhes visitar a granja secreta onde tinha instalado aos Lyndley: seu lar.

O primeiro e único lar que conheceu.

Hermione agarrou um livro de uma estante e começou alisar as páginas do que parecia um álbum de recortes.

—Todos os anos quando terminava o curso era o primeiro da classe — disse em voz alta, olhando as páginas e as acariciando como se fossem valiosas. Isto jóias são cartas de recomendação do chefe de estudos de Eton e de seus inumeráveis tutores de Oxford e do Ins of Court. Especializou-se em direito francês e latino. Foi um dos alunos mais jovens e ávidos que se sentaram no Westminster Hall, e possivelmente agora seja o advogado mais apto para enfrentar à Divisão de Eqüidade, ao Tribunal Supremo e ao Tribunal das Causas Cíveis.

Voltou a passar página e assinalou um recorte de periódico.

—Está trabalhando no projeto de criar uma faculdade de direito general onde se acostume tanto aos que querem ser advogados como aos funcionários em práticas. Também está fazendo surpreendentes progressos no campo do direito da propriedade das mulheres casadas, que nos concederá direitos com os que jamais tivéssemos sonhado. — Hermione olhou para cima com lágrimas de orgulho em seus olhos — Além disso, sei de primeira mão que não só lhe pedem conselho todos os notários mais respeitáveis da Inglaterra, mas também os *benchers* do Lincoln's In conseguem seu propósito, será o advogado mais jovem que tenha pertencido ao Conselho da Rainha, lucro extraordinário, tendo em conta sua origem humilde. Tenho que seguir? — disse com um meio sorriso.

—Esse livro de recortes é a história de minha vida? — Bryce estava atônito — Guardou todos os dados que foi recolhendo de meus estudos e de minha carreira?

—Assim é. E não só mediante as cartas das escolas às que foste e dos recortes de periódicos onde elogiavam todos seus méritos legais. Meus detetives foram bastante rigorosos me informando de todas aquelas coisas que não apareciam na imprensa e cartas: sua estabilidade econômica, seus contatos com todas as pessoas corretas. Pois assim é, Bryce. Sentia-me — E sinto-me — muito orgulhosa de todos seus êxitos. E estou à corrente de sua vida até o último detalhe.

—Já vejo — respondeu com bastante tensão na garganta.

—Acreditava que meu único contato contigo era através das cartas que te mandava de vez em quando?

—Sim, se tiver que ser franco. Em nome do céu, por que queria você...?

—Porque meu investimento, como você o chama, é muito maior do que imagina; era mais emocional que econômica. Sim, é certo, paguei-te os estudos. Sim, comprei roupa, livros, tudo o que necessitou para seguir adiante, mas se esquece da razão pela qual fiz tudo isso, pela que te seqüestrei na pequena granja de Bedford e escolhi os meus serventes de confiança, os Lyndley e passassem por pais uma vez que me assegurei de que Richard não se inteirasse. Fiz porque me importava e me importa. É meu sobrinho, o mais parecido a um filho próprio. Desde não ter sido pelo coração frio e a cabeça dura do Richard... — cambaleou de repente e se agarrou a estante para não cair....

—Hermione, o que ocorre? — Bryce correu a seu lado, agarrou-a pelo cotovelo e a levou a sofá — Está doente?

— Doente não. Velha. — Um sorriso de cansaço se desenhcou em seus lábios — Velha. Estou muito, muito cansada.

—Tolices. — Bryce fez uma careta de preocupação, enquanto a ajudava a sentar-se, e ele a sua vez se sentou no bordo do sofá que havia ao lado. —Nunca conheci a ninguém com mais energia que você.

—Não me via desde que tinha oito anos, Bryce. Vinte e três anos é muito. Envelheci, e bastante. —deu um tapinha na sua mão — O que nos leva a razão pela qual te chamei. Necessito sua ajuda, se é que está disposto a me oferecer isso

—Como pode duvidar disso? Em que modo posso ajudá-la?

—É tão galante como inteligente e sincero. Escolhi bem — lhe disse com outro sorriso.

—Eleito... Para que?

—Para começar a revisar meu testamento. Tenho que fazer algumas mudanças, coisas que quero deixar bem claras, pessoas às que desejo beneficiar. É essencial que todos meus papéis e assuntos estejam em ordem. Peço que seja você que se encarregue disso.

—É obvio. Mas o que me diz de seu advogado habitual?

—É perfeitamente apto. Entretanto, neste caso necessito a alguém superior, alguém em quem possa confiar plenamente para realizar tais mudanças. Necessito de você.

—Sinto-me adulado. — Bryce cruzou suas largas pernas — Muito bem, Hermione, eu estou encantado de prestar meus serviços.

—Bem. Então ficará uns dias.

— Uns dias? — Franzio o cenho, perplexo.

— Sem dúvida. Necessitarão alguns dias para revisar todos os detalhes. Pedi a Chaunce que reúna todas as contas da casa e que as revisemos juntos.

Bryce estudou atentamente o entusiasmo de Hermione. Se não tivesse sido porque a conhecia, teria jurado que estava sendo manipulando. Mas por quê? O que podia esperar conseguir, a menos que fosse companhia? Podia sentir-se realmente sozinha, assustada por sentir-se mais débil? Se fosse isso, ele não ia negar-se

— Muito bem — lhe disse — Ficarei uns dias. Revisaremos seu testamento e arrumaremos todos seus assuntos.

— Excelente. — Sorriu e suas bochechas voltaram a recuperar um pouco de cor enquanto levava a taça aos lábios, isso solucionou meu dilema mais imediato. Quando tivermos arrumado esses assuntos, poderemos falar do resto de suas obrigações, relacionadas com sua herança, nomeando-o responsável pela minha casa e de meus seres queridos. — Fez um gesto lhe assinalando o prato de bolos de canela. — Por favor, sirva-se de outro.

— O que disse? — perguntou Bryce, esticando todos os músculos.

— Só convidei a que...

— Não refiro aos bolos, e sim ao que disse antes.

— Antes... — Hermione enrugou os lábios refletindo sobre a pergunta de Bryce — Acredito ter dito que podíamos discutir o resto de seus deveres mais adiante. Há algum problema?

— Hermione. — Bryce se agarrou os joelhos — Deixe de jogos. Acaba de me insinuar que ia me nomear herdeiro de sua fortuna?

— Não lhe insinuei isso. Afirmo-o. Por que te surpreende? Como te disse é meu sobrinho, tanto se outros saibam ou se não. Também é um homem brilhante, com talento e compassivo. Saber que vais herdar minha fortuna e que vai se encarregar de meus seres queridos me dará muita paz quando se aproximar meu final.

— Ou seja, que disso se trata esta visita.

— O que quer dizer?

Bryce tentou controlar sua exasperação; sua mente legal se enfocou em uma direção pragmática.

— O filho do Whitshire, Thane, também é seu sobrinho. E poderia herdar sua fortuna sem o menor escândalo. Imagino que já teria pensado nisso?

— É obvio que sim. E tem muita razão, posto que Thane, meu sobrinho legítimo, para os olhos do mundo, é a eleição evidente. Até a morte de Richard, ele era minha única opção. Mas agora posso dizer aliviada que já não é assim.

— Aliviada? Por quê? Não é digno de confiança o filho do Whitshire?

— Oh, não, nada disso. Thane é uma pessoa honesta, decidida e inteligente, um grande homem. Por desgraça, também tem muitas obrigações administrando o império do Richard, que sem dúvida era muito maior do que alguém podia imaginar. Quão último precisa é ter que preocupar-se de mais propriedades e também de seus residentes.

— Isso não explica seu alívio de que ele já não seja a única opção possível como beneficiário. Se for um homem tão estupendo, acredito que estaria encantado de fazer-se cargo de tudo e muito decepcionado se seus outros compromissos lhe impedissem de aceitar.

— Essa é a razão pela que você é o advogado e eu a anciã sábia — respondeu Hermione, tomando o café — Você pensa com a mente e eu o faço com o coração. E meu coração me diz — o que sempre me há dito — que você é a melhor e única opção.

A única opção?

Isso lhe trouxe outro pensamento.

— Seu coração parece haver-se esquecido de sua sobrinha — acrescentou Bryce em um tom áspero — Embora pela razão que seja tenha considerado que Thane não é adequado para ser seu herdeiro, ainda está ela.

Agora era Hermione a que parecia surpreendida.

— Minha sobrinha?

— Sim. Conheci-a faz um momento quando meu carro quase se sai do caminho. Gaby acredito que me disse que se chamava. Ouvi que se referia a você como tia Hermione.

Hermione riu entre dentes.

— Deveria ter suposto que Gaby não poderia esperar para te conhecer com outros. É muito curiosa, não pode evitá-lo.

— De fato, não era sua intenção sair a meu encontro. Estava perseguindo um coelho e que cruzou em meu caminho. Na realidade me pediu que não lhe dissesse que nos tínhamos conhecido para que não se sentisse decepcionada.

— Ela nunca poderia me decepcionar — retificou Hermione com amabilidade — Gaby é a pessoa a que mais quero em minha vida depois de você.

— Tem algum parentesco com você por parte de seu marido?

— Não. Não tem nenhum parentesco comigo; ao menos não nos une nenhum laço de sangue. Mas como bem há dito, levar o mesmo sangue não sempre é o mais importante. Amo a Gaby com todo meu ser como se fora minha própria filha. Eduquei-a durante treze anos, desde que ficou órfã aos cinco.

— Já entendo. — De fato, Bryce não entendia apenas nada. Ali se estava tramando algo, um bastante estranho. O problema é que não tinha nem idéia do que se tratava. Quão único sabia é que a cabeça lhe dava voltas, por isso lhe acabavam de dizer e pelo que ainda não lhe haviam dito. Necessitava tempo para refletir e para considerar as implicações e motivações de Hermione.

— Está preocupado — afirmou ela, estudando a expressão reflexiva de Bryce.

— Não, estou desconcertado. Eu gostaria de ter a oportunidade de digerir tudo o que acabamos de falar.

— Suponho que necessite. — Hermione deixou sua taça de café, secando-se delicadamente os lábios com o guardanapo — De modo que tomei à liberdade de que preparassem suas habitações. Chaunce conduzirá a elas assim que tenha conhecido os

meus serventes — disse com um cálido sorriso — Este é o único favor que peço antes que se retire a refletir sobre nosso bate-papo. O serviço está ansioso por conhecê-lo; levaram muitos anos escutando seus louvores. Espero que encontre tão excepcionais como eu. Quanto a suas habitações, confio em que você goste. Enchemos o armário e a cômoda com todos os objetos de vestir que necessita seu talhe e seu estilo, é obvio. Quanto ao salão adjacente, levamos os livros de leis mais freqüentes; igualmente conta com uma mesa de despacho provida de plumas e papel para que possa escrever suas idéias. Além disso, na cozinha temos todos seus mantimentos favoritos, e Cok, a cozinheira, pode preparar algo que goste de quando desejar. Os vinhos...

—Basta. — Bryce se levantou do sofá observando ao Hermione com tanto assombro como incredulidade.

— Teve todo este trabalho para uns poucos dias de estadia e seu suposto resultado?

—Não, dei-me todo este trabalho porque me satisfaz agradá-lo. Quanto ao resto...

— Hermione estendeu suas mãos em um gesto otimista — Só posso rezar para que, uma vez que tenha conhecido a minha pequena família e refletido sobre minha petição, não negue a fazer o que pedi.

—Família? Que família? — Bryce começava a pensar que se estava voltando louco.

—Os serventes, é obvio. — Dito isto, tocou a campainha que tinha ao lado — Está de acordo em conhecê-los, verdade? É obvio que sim — respondeu ela em seu nome, enquanto olhava a porta em espera; sua face ia se iluminando ao ouvir os passos — Ah, Chaunce! — Sorriu quando o mordomo entrou na biblioteca.

—Sim, senhora?

—Reuniu todos?

— Sim.

—Excelente. Então os faça entrar.

—Certamente, senhora.

Chaunce se retirou e Hermione juntou as mãos; estava entusiasmada como uma menina de colégio.

—Por fim. Todas as pessoas às que quero terão a oportunidade de conhecerem-se.

Bryce ficou em silêncio, assombrado pelas palavras que tinha elegido Hermione e seu entusiasmo. Era evidente que para ela seus serventes eram mais que meros empregados. Isso não deveria lhe surpreender, ao fim e ao cabo, sempre tinha tratado aos Lyndley como se fossem seus amigos em lugar de sua ama de chaves e um ajuda de câmara. Entretanto, sempre tinha pensado que era uma deferência especial reservada a seus pais. Nunca lhe tinha ocorrido pensar que Hermione sentisse o mesmo compromisso e afeto por todos seus serventes.

Possivelmente porque nunca tivesse pensado que pudesse existir tanto amor em uma pessoa.

Bryce olhou para a porta para ouvir uma gritaria de passos que vinham da sala, acompanhados de um barulho de vozes excitadas e algum que outro «sh» quando o alvoroço se fez muito intenso.

Ao cabo de um instante Chaunce voltou a entrar na habitação: uma dúzia de pares de olhos curiosos que observavam.

— Estamos preparados, milady.

— Então, o que estamos esperando. — Hermione fez uma régia reverência — Que entre todo mundo.

Capítulo 2

Bryce não sabia o que podia esperar dessa visita. Mas jamais pôde imaginar que fosse algo assim.

Estava de pé junto ao sofá com as mãos unidas detrás das costas, procurando não expressar nada enquanto o amplo e variado desdobramento de pessoas curiosas se movia nervosamente de um lado a outro, tropeçando e entrando na sala.

Havia como umas trinta em total, homens e mulheres, de idades compreendidas entre os seis e os sessenta anos. Os mais jovens - três meninos e duas meninas — levavam calças e trajes de rua em lugar de uniformize; pareciam os meninos da mansão em lugar de serventes. Não obstante, apesar de sua impecável indumentária, lhes via excessivamente tímidos: apinhavam-se todos juntos detrás dos adultos para olhar furtivamente ao Bryce com olhos grandes e assombrados. Só um deles, um moço de cabelo encaracolado de uns oito anos, estava separado do resto a um lado, apoiando-se rigidamente contra a parede e trocando de vez em quando o peso de seu corpo de uma perna a outra.

A cozinheira, uma mulher muito volumosa com um impecável avental branco e uns olhos que se enrugavam quando sorria, dirigiu-se diretamente para o jovem de cabelo encaracolado, e se inclinou para lhe dizer algo ao ouvido, quase lhe asfixiando com seu peito. O moço apartou a cabeça para poder respirar, mas apesar da dificuldade que isso suportava, era evidente que se tranqüilizou com suas gentis palavras, pois permaneceu algo mais erguido quando lhe acariciou o cabelo e partiu.

Os dez ou doze serventes, a quem Bryce tinha reconhecido por seus frenéticos esforços a sua chegada, levavam uniformes vermelhos com botões brilhantes. Um deles, um fornido homem de média idade, não deixava de olhar com preocupação o lugar onde lhe faltava um botão em seu peitilho, murmurando algo ininteligível ao fazê-lo. Enquanto outro bastante enxuto e com pouco cabelo, já grisalho, não deixava de olhar de esguelha ao Bryce, detendo-se de vez em quando para rebuscar em seus bolsos e resmungar algo sobre uns óculos que não encontrava.

A robusta mulher que encabeçava a fileira de faxineiras era, sem dúvida, a ama de chaves. Tinha o cabelo rígido, algumas mechas se saíam de seu rabo-de-cavalo como se fossem raminhos de árvores, com um porte sério como o de um general britânico. Em duas ocasiões se girou para arreganhar a uma faxineira de rosto redondo, que estava na parte de atrás e que continuamente estava pisando no tapete oriental, perdendo o equilíbrio para diante e se chocando contra outra faxineira anciã. A esta última não

parecia lhe importar muito que lhe estivessem dando empurrões; sorria com doçura e conversava com a enxuta e enrugada donzela, que como observou Bryce, não podia permanecer erguida sem a ajuda da fortificação sobre o que se apoiava.

Detrás das donzelas estavam às garçonetes, a maioria, exageradamente magras e pálidas, dois das quais tinham estranhos olhares de vazio nos olhos, como se não estivessem muito seguras de onde estavam e do que faziam ali.

No fundo havia três homens de pé justos em meio da porta: à esquerda, um homem desajeitado de compleição magra e cabelo cor trigo, que parecia uma espiga e agarrava com força uma pá de jardim; à direita, um enxuto ancião, que fazia um gesto de dor cada vez que trocava de perna para apoiar o peso de seu corpo, e entre meio de ambos, conversando sem parar, primeiro com o jardineiro e logo com o ancião criado, embora nenhum lhe respondesse, havia um homem de rosto corado e boca grande e desdentada, vestido com um uniforme de chofer mal abotoado.

Bryce não tinha visto em sua vida uma coleção tão incomum de serventes.

—Agora, vamos tranqüilizar-nos — disse Hermione dando umas palmadas; seu tom era amável e autoritário de uma vez.

Ao momento reinou o silêncio na sala.

—Quero que todos conheçam...

A porta da biblioteca se abriu de repente e se ouviu o frufu da musselina verde precipitando-se na sala.

—Peço desculpas — proclamou a jovem chamada Gaby, olhando ansiosamente a seu redor — Chego tarde verdade?

Hermione não teve oportunidade de responder.

—Senhorita Gaby! Por fim! — exclamou a estranha donzela que tinha estado pisando no tapete oriental; seu rosto redondo se enrugou de preocupação — Suponho que já teria descoberto os pedaços que são quão únicos fica desse encantador vaso que você tinha em sua mesinha de noite. Não sabe quanto lamento havê-lo quebrado. Estava lhe dando corda a sua caixa de música quando um de seus borde se chocou contra o vaso. Tentei apanhá-lo, mas não cheguei a tempo...

—Marion — interrompeu Gaby lhe agarrando as mãos à desconsolada faxineira e tranqüilizando-a com um tipo de sabedoria e perspicácia que Bryce estranha vez tinha observado, e muito menos em alguém tão jovem — Fez o correto. Para agarrar o vaso teria necessitado as duas mãos e toda sua atenção. E então, o que teria passado com minha caixa de música? Não quero nem pensá-lo. Postos a escolher, já sabe o que prefiro. Sua rápida reação serviu para que salvasse meu maior tesouro. E sua sinceridade ao confessá-lo é outra prova da grande pessoa que é.

Os olhos da faxineira se encheram de lágrimas de gratidão.

—Me alegre de que me diga isso.

—Sei. — Gaby lhe fez uma piscada de cumplicidade — Por outra parte, o vaso era grande e pesado e ocupava muito espaço em minha mesinha de noite. Agora minha caixa de música pode ocupar o lugar que se merece.

—Senhorita Gaby? — Encurvada-a e anciã donzela captou sua atenção; seu tom era tão instável como sua postura — teve oportunidade de...?

—recebi a confirmação esta manhã, Doura. Sua fortificação nova está em caminho. Chegará amanhã pela tarde. Segundo o artesão que o fabricou é o dobro de forte que o que estiveste usando. — Gaby fez um gesto para a fortificação de Doura, que pelo que Bryce pôde perceber, parecia estar em perfeito estado.

—Estupendo. — Um sorriso suavizou o enrugado rosto da faxineira — Obrigado.

—De nada. — O olhar de Gaby se dirigiu ao servente gorducho, que ainda estava procurando as lentes em seus bolsos e murmurando — Bowrick, seus óculos estão no fundo de seu bolso esquerdo — lhe disse amavelmente — Vê? Já os encontrei.

Fazendo um doce gesto com a cabeça em direção ao Bryce, abriu-se passo entre o grupo de pessoas e se apressou a reunir-se com sua tia.

—Peço desculpas por meu atraso, tia Hermione. —Pôs cara de preocupação franzindo o cenho — foi por culpa de todas estas anáguas... — calou-se de repente e se ruborizou — Bom, de todos os modos, já estou aqui.

—Esplêndida querida. — Hermione não pareceu alterá-lo mais mínimo por sua pouca convencional entrada nem por sua menção a sua roupa interior — Por favor. —Fez-lhe um gesto para que se aproximasse — Vêem aqui. Antes que desapareça da casa para ir percorrer os bosques com seus animais. Eu gostaria de te apresentar ao Bryce. Bryce, esta é minha sobrinha, Gabrielle Denning. Gaby... Bryce Lyndley — logo que fez uma pausa de um segundo e prosseguiu — meu grande amigo e conselheiro financeiro.

Bryce deu um passo adiante para formalizar a apresentação, e observou que a encantada jovem que tinha diante pouco se parecia com a desalinhada juvenzinha que tinha conhecido uma hora antes, salvo por sua vitalidade e esses profundos olhos azul claro. Seu cabelo castanho já não estava enredado, a não ser cuidadosamente arrumado em uns formosos cachos que caíam sobre suas costas, e seu rosto limpo e sem manchas era esquisitamente delicado e incrivelmente adorável.

—Gabrielle — disse Bryce, tentando por todos os meios fingir que seu anterior encontro não tinha tido lugar — É um prazer. — sorriu educadamente e levou sua mão a seus lábios.

Gaby inclinou a cabeça; seus olhos refletiram incerteza.

—O senhor Lyndley e eu já nos conhecemos tia Hermione — balbuciou — Não o fiz a propósito. Esta vez estava disposta a esperar. Mas Crumpet se parou diante do carro do senhor Lyndley e não tive eleição...

—Não passa nada, Gaby — interrompeu Hermione — Tropeçar com alguém só se pode considerar um acidente do destino, não uma apresentação formal. De modo que consideraremos que esta é a primeira vez que lhes vêem.

—OH, obrigado. — Gaby respirou aliviada e todo seu rosto se iluminou — Em tal caso, estou encantada de lhe conhecer. E rogo desculpe meu atraso.

Os lábios de Bryce desenharam um sorriso.

— Não passa nada. Não obstante, se o deseja posso lhe emprestar um relógio de bolso. Poderia lhe ser útil a você e ao Crumpet.

Gaby soltou uma gargalhada.

— Acredito que ambos o apreciaríamos muito.

Pela extremidade do olho, Bryce viu que uma das pequenas, uma menina de expressão solene, avançava lentamente até o Chaunce; quando chegou a seu lado atirou da manga até que este se agachou, e então lhe pôs a mão na orelha e lhe sussurrou algo ao ouvido.

— Ah, obrigado, Lily. Estou seguro de que a senhorita Gaby se sentirá muito aliviada — Parece que Lily encontrou ao Crumpet em seu passeio matinal. Visitou várias vezes a horta.

— O que se comeu esta vez? — replicou o homem — espiga mais resignado que zangado. — Só me diga isso para saber onde passaremos à tarde minha pá e eu.

— Sua horta está intacto, Wilson — lhe assegurou Chaunce — tiveste a sorte de que Lily chegasse pouco depois que Crumpet. Frustrou-lhe seus planos, agarrou-o em braços e o levou a sua habitação, onde atualmente se encontra à espera de seu castigo.

— Boa garota, Lily — disse Wilson — O ouviste? — disse lhe murmurando a sua pá — Graças à rapidez do Lily poderemos trabalhar na zona das primulas, tal como tínhamos pensado.

— Oh, Lily é maravilhosa! Obrigado. — Sem alterar-se pelo bate-papo do Wilson com um objeto inanimado, Gaby correu para a menina e a abraçou, e seu solene rosto desenhou uma cálida e pouco habitual sorriso, segundo a impressão que teve Bryce — Estava se desesperada pensando nas correrias do Crumpet, sobre tudo porque não tinha tido tempo de lhe buscar em seus esconderijos favoritos. E embora o tivesse tido, nunca me teria ocorrido procurar na horta, não depois de que a semana passada lhe tirássemos dali. Que boa idéia tiveste!

— Quer que lhe traga isso? — perguntou-lhe a menina lhe sussurrando.

— Tenho uma idéia melhor. Depois de que nos tenhamos apresentado todos ao senhor Lyndley, iremos a sua habitação e nos encarregaremos dele.

— Temo-me que teremos que encarregar cortinas novas — disse Chaunce com um suspiro de tolerância — Ao senhor Crumpet adora as cortinas de franjas do Lily, e me temo que nestes momentos já devem estar bastante roídas.

— Parece-me que tem razão, Chaunce — disse Gaby sorrindo — Às vezes acredito que Crumpet tem um pouco de cabra. De qualquer modo, não se preocupe. Eu mesma irei com o Lily ao povo e escolheremos um tecido para fazer cortinas novas. Costuraremos-las juntas. O que te parece, Lily? — disse-lhe à pequena olhando-a com doçura de acima.

Esta respondeu com um vigoroso movimento de cabeça.

— Excelente. — Gaby olhou de novo afligida ao Hermione — tornei a interromper suas apresentações, verdade?

— Justamente o contrário, fez que fossem mais memoráveis — respondeu Hermione — Me ajudaste a lhe demonstrar ao senhor Lyndley por que nossa família é tão especial.

— Pigarreou para esclarecê-la garganta — Bryce, a encantadora jovem que está junto a Gaby e que salvou ao Crumpet de um castigo mais duro, chama-se Lily.

—Olá, Lily — respondeu Bryce.

Lily baixou o olhar e começou a roçar seu sapato contra o tapete; sentia-se incômoda por ser o centro da atenção.

—Lily é um pouco vergonhosa — prosseguiu Hermione — como o é sua irmã Jane, o pequeno anjinho de lá ao fundo. — Assinalou a uma menina loira cujas pernas eram tão magras que Bryce se perguntava como podiam sustentá-la — Lily tem sete e Jane seis. Elas, junto com os meninos — Peter, Henry e Charles — ajudam ao Gaby a cuidar de seus mascotes ou, mas bem, de sua coleção de animais selvagens. Gaby tem dúzias de mascotes e todas são travessas como Crumpet. — Hermione fez um gesto para que se adiantassem os moços — Venham meninos. Saúdem o senhor Lyndley.

Henry e Charles, dois jovens fornidos de cabelo e olhos escuros, adiantaram-se com um pouco mais de decisão que as meninas, resmungando o «Como está você?» com a rapidez de uma piscada e voltando em seguida para seus sítios; só se detiveram para dedicar um sorriso ao Gaby. Peter, o moço que se esteve apoiando contra a parede, foi o seguinte, coxeando e arrastando sua perna esquerda ao caminhar. Deteve-se a altura do sofá, estudando as facções de Bryce com um olhar claro e inteligente.

—Como está você, senhor? — disse em voz alta.

—Muito bem. — Quando lhe deu a mão ao jovem, lhe encolheu o peito de compaixão.

—Peter é o filho do Cok — explicou Hermione — Quando contratei ao Cok, tive a bênção de que ele também estivesse incluído no lote.

—Estou prazer em conhecê-lo, Peter —lhe disse ao moço — Você e Henry, Charles, Jane e Lily. Que sorte tem Gabrielle de contar com cinco ajudantes tão capacitados para ajudá-la com seus animais.

—Não é necessário que finja — disse Peter com calma — Já sei que não sou tão apto como o resto. Também sei por que: é porque sou coxo. Mas não passa nada. Faço-o o melhor que sei. O certo é que minha claudicação incomoda mais a outros que a mim.

—Eu não pretendia. Sim, posso ver que sua perna te causa alguns problemas, mas também que tem uma mente aguda e um coração generoso. Por não dizer que também é franco e direto. Essas características, Peter, compensam com acréscimo esse membro que resiste.

Peter parecia assombrado.

—Como sabe que sou todas essas coisas?

—Porque forma parte de meu trabalho saber ver a natureza da gente quando a conheço. E ao igual a você, sou muito bom no que faço.

—Lady Nevon diz que você é advogado.

—É certo.

—Para mim será mais difícil quando me chegar o momento — afirmou Peter candidamente — Terei que fazer exames e aprová-los. Você provavelmente já era

advogado antes que saísse essa lei. Embora isso não lhe tivesse importado. Os teria aprovado sem problemas. Lady Nevon diz que é o advogado mais inteligente da Inglaterra.

Bryce piscou surpreso pela implicação do moço, e pela rapidez de sua mente.

— Está-me dizendo que quer ser advogado, Peter?

— Sim, senhor. Já sei que não sou nobre.

— Tampouco o sou eu — interrompeu Bryce. Agachou-se para olhar de frente ao moço — Quantos anos tem Peter?

— Nove.

— Nove. — Bryce moveu a cabeça surpreso — Peter, tenho o forte pressentimento de que não só será advogado, mas também, em aproximadamente vinte anos, Lady Nevon me substituirá por ti como melhor advogado da Inglaterra. De fato, estou seguro disso.

Notou-se que Peter emanava orgulho por cada poro de seu corpo.

— Obrigado, senhor. — Duvidou um momento — É certo que tem livros de leis em suas habitações?

— Por isso me hão dito assim é. Você gostaria de vê-los?

— Poderia? — Era como se ao moço lhe tivesse prometido o mundo — Sei que não serei capaz de ler muitas palavras, mas me bastará olhando-os.

— Dá-o por feito. — Bryce olhou o relógio do suporte da chaminé — por que não o consultamos com sua mãe e logo fixamos uma hora depois da comida? Parece-te bem?

— Esplêndido senhor.

Bryce olhou ao grupo até que viu o Cok. Ficou atônito ao ver lágrimas em seus olhos.

— Parece-lhe com você bem? — perguntou-lhe.

— É você muito amável senhor Lyndley. Obrigado.

— Estou encantado, senhora...? — deteve-se com um interrogante.

— Hayzel denton — respondeu a mulher de busto generoso, secando-as lágrimas dos olhos e dando ao Bryce um cálido sorriso — Custa muito de pronunciar e resulta muito comprido. Assim por favor, me chame Cok. Todos o fazem no Nevon Manor. — Fez-lhe uma reverência e sua cabeça desapareceu no travesseiro de seus próprios seios — Me sinto honrada de lhe conhecer, senhor — disse quando se levantou.

— Eu também me alegro de conhecê-la, Cok. — Bryce ficou mais tranquilo ao ver que respirava.

— Excelente. Agora já conhecesse ao Cok — disse Hermione assentindo com a cabeça — Senhora Gordon? — Fez-lhe um gesto à ama de chaves — É seu turno.

A fornida mulher com as mechas de cabelo rígido para diante.

— Como está você, senhor Lyndley? — disse com uma voz que parecia um latido — Confio em que seus sapatos estejam limpos.

Bryce piscou.

— Desculpe?

—A senhora Gordon mantém a casa imaculada — disse Hermione — Acredita na limpeza...

—E na disciplina — disciplina — corrigiu Hermione. — baixando o olhar e estudando cuidadosamente os sapatos de Bryce— Não acredito que deva preocupar-se senhora Gordon — comentou — O senhor Lyndley está tão limpo como os jorros do ouro.

O ama de chaves deu um coice olhando com receio os pés do Bryce.

—Alegra-me ouvir isso. Já tenho bastante trabalho mantendo as coisas em ordem tal como estão agora. Como por exemplo, o coelho. Estou segura de que nestes momentos já teria deixado seu rastro por toda a habitação do Lily.

—Estou de acordo com você, senhora Gordon — disse Bryce revisando-se ele mesmo os sapatos, aliviado ao comprovar que não continham nenhuma bolinha ofensiva de pó — Farei tudo o que possa para contribuir em seu trabalho.

—Assim espero. — Dito isto, o ama de chaves se deu a volta e retornou a seu sítio.

—A senhora Gordon leva a meu serviço trinta e um anos — explicou Hermione ao Bryce, sem dar amostras do menor desconforto pela mordaz língua da faxineira — Desde que sua mãe deixou seu posto para cuidar-se de minha granja do Bedford e, é obvio de sua educação. Dependia muito da senhora Lyndley; nunca teria suportado sua perda de não ter sido pela disponibilidade da senhora Gordon de incorporar-se imediatamente e fazer-se carregado de tudo. Ela foi minha salvação todos estes anos. — Fez uma pausa e olhou ao Bryce, com certo ar de brincadeira em seus olhos — Não ponha essa cara de aterrorizado — lhe murmurou ao ouvido — Cão ladrador pouco mordedor.

—Procurarei recordá-lo — respondeu Bryce secamente.

—Agora — prosseguiu Hermione com um tom do mais normal — o resto da família. Wilson, como provavelmente terá adivinhado, é nosso incomparável jardineiro. Ali ao fundo — fez um gesto assinalando ao homem enxuto da direita — esse é Reaney: cuida dos estábulos como se fossem Ascot, faz de moço de quadra, treinador e tratador todo em um... E todo isso apesar de seu agudo problema de gota. Entre o Wilson e Reaney — fez um gesto ao homem que tagarelava e levava o uniforme mal grampeado — está Godsmith, o melhor chofer e narrador de contos de toda a Inglaterra. Saúdem o senhor Lyndley, cavalheiros.

Os três homens obedeceram.

Antes que Bryce pudesse recuperar-se, Hermione prosseguiu lhe apresentando a uma larga fileira de serventes, donzelas e garçonetes cujos nomes não podia recordar, embora todos tivessem duas coisas em comum: sua irrepreensível lealdade, tanto ao Hermione como entre eles, e suas claras e varias pintas raridades que, evidentemente, eram um claro inconveniente para sua eficiência como empregados.

Entretanto, Hermione lhes tinha contratado. Não, fazia mais que isso. Mantinha-lhes, cuidava e valorava, não só apesar de suas raridades, mas também por eles mesmos, tal como o coração e o instinto diziam ao Bryce.

Não recordava haver-se sentido nunca tão comovido ou haver visto semelhante generosidade.

Logo, sim o recordou.

Deu um rápido olhar a sua anfitriã. Uma vez mais Hermione Nevon tinha desdobrado sua magia, esta vez não com um menino ilegítimo a não ser com um grupo de almas perdidas, tirando as de uns destinos mais que questionáveis, as adotando e as convertendo em uma família.

Uma família que ela queria lhe legar, lhe confiar quando já não estivesse para lhes cuidar.

Senhor, a magnitude dessa responsabilidade era entristecedora! Aceitá-la suporia um árduo trabalho.

Rechaçá-la, imperdoável.

Então, o que podia fazer?

— Está exausto, Bryce — disse rapidamente Hermione, como se estivesse lhe lendo o pensamento a seu sobrinho — Para ser sincera, eu também. — Deu um suspiro, reclinando-se de novo nas almofadas do sofá.

— encontra-se bem? — perguntou-lhe em seguida Bryce.

— Sim, é obvio — respondeu com um ligeiro sorriso — Só estou fatigado. Além disso, é você quem me preocupa não eu. Já lhe bombardeamos com muitas coisas para uma manhã. — Seu olhar cansado percorreu a sala — Já podem retornar a seus trabalhos. — Deu instruções ao serviço e se esforçou por sorrir — Voltaremos a nos ver na hora de comer, quando prosseguiremos com a visita do senhor Lyndley.

Todos cumpriram as ordens e começaram a dar voltas — em alguns casos, até tropeçando — para sair da biblioteca, ficando só Chaunce, Gabrielle e os pequenos, todos com cara ansiosa.

Hermione piscou movendo suas pestanas.

— Bryce, Chaunce conduzirá a suas habitações para que possa descansar.

— Desculpe senhora — disse Chaunce, esclarecendo-a garganta — Mas é à hora de seu medicamento. Vou procurá-la antes de conduzir ao senhor Lyndley a sua habitação?

— Não, posso esperar até que tenha retornado.

— Certamente que não. — Bryce ficou surpreso e preocupado ao inteirar-se de que Hermione necessitava medicação e voltaram suas perguntas sobre o que estava tomando e por que — Sou perfeitamente capaz de encontrar minha habitação, que Chaunce vá a pegar seus remédios.

— Que não se fale mais — replicou Hermione.

— Eu irei pegar seus remédios, tia Hermione — disse Gaby; a preocupação se refletiu em seu cenho enquanto se apressava a ir a seu lado — Lily — disse à pequena olhando-a significativamente — não te importará cuidar um pouco mais do Crumpet, verdade?

Lily moveu em seguida a cabeça, olhando preocupada ao Hermione.

— Bem. — O orgulho e a ternura se refletiam no tom de Gaby — Então, você e outros podem ir. Irei a sua habitação dentro de um momento. — Dito isto, voltou a

emprestar atenção ao Hermione — Onde tem os remédios? Nunca me há dito onde a guardava.

— Está na despensa — murmurou Hermione — Na prateleira de acima, muito alto para que chegue. Chaunce a guarda ali para que nenhum menino possa alcançá-la e tomar-lhe acidentalmente. — Franziu o cenho preocupada — Não sei como o vamos fazer.

— Posso lhe sugerir que a senhorita Gaby lhe mostre ao senhor Lyndley suas habitações? — propôs Chaunce — Desse modo, você se assegurará de que seu convidado se acomoda e ele a sua vez ficará tranqüilo porque saberá que você está recebendo cuidados necessários.

— É obvio — respondeu Hermione, sentindo-se mais aliviada — O que faria sem ti, Chaunce? É uma idéia estupenda. — Ela girou a cabeça para o Gaby — Te importa, querida? Sabe que habitação preparou a senhora Gordon para o senhor Lyndley?

— É obvio que não me importa — respondeu Gaby que parecia tão aliviada como sua tia — Venha, senhor Lyndley. Ensinar-lhe-ei o melhor caminho para suas habitações. Deu-lhe um beijo na cabeça a sua tia e saiu da sala com o Bryce.

— Em realidade não é necessário — disse ele uma vez tiveram saído ao corredor — Como lhe hei dito a sua tia, sou perfeitamente capaz das encontrar eu mesmo.

— Isso é o que você crie — lhe respondeu Gaby — Logo se dará conta do contrário. Nevon Manor é enorme, e seus corredores são mais sinuosos que um labirinto. Esta é a razão pela que alguns dos serventes ainda têm problemas para orientar-se e isso que faz anos que vivem aqui. Crie-me senhor Lyndley, sem a guia adequada, aqui é fácil perder-se.

Bryce torceu a boca.

— Como Alice no país das maravilhas?

A risada espontânea de Gaby irradiou como um raio de sol.

— Exatamente.

— Em tal caso, retrato-me do dito e aceito seu guia com toda humildade.

— Sábia eleição. — Gaby lhe fez um gesto lhe indicando a escada — Vamos. — levantou um pouco as saias, conduziu-lhe por volta do segundo piso e logo através de uma série de corredores que se uniam uns com outros até que Bryce começou a agradecer a guia.

— Quem demônios desenhou esta mansão? — murmurou.

— Lorde Nevon — respondeu Gaby, afrouxando a marcha até que Bryce pôde alcançá-la — adorava os labirintos e desenhou Nevon Manor como se fora um. É muito divertido, especialmente para os meninos. Fazem carreiras por estes corredores.

— É um milagre que consigam sair deles. — Bryce olhou a seu redor e observou o contraste de decorações, vasos de curiosas formas sobre elegantes mesas de mogno, quadros exóticos adornando paredes tradicionalmente empapeladas — Há algo convencional nesta casa? — perguntou em voz alta.

— Nada absolutamente. Como poderia? Tia Hermione não tem nada de convencional. — Gaby observou o olhar de Bryce e sorriu — O que está vendo é uma

composição do gosto de todos. Como família nos permite acrescentar pequenos detalhes próprios. Desde aí esta incomum mixórdia de decorações, não só em nossas habitações individuais, mas também por toda a casa.

—Seus residentes também são únicos.

—Certo. Gaby ficou uma mecha de cabelo detrás da orelha para ver a cara ao Bryce — Vejo que está alucinado. Suponho que eu também o estaria. —Assinalou o corredor, que girava à direita — Sua habitação está justo ao dobrar à direita. Se o deseja posso responder a suas perguntas, ao menos a algumas delas, enquanto vou ensinando a casa. Responderia a todas, mas prometi ao Lily que iria recolher ao Crumpet o antes possível. Assim que o resto de nossa conversação terá que esperar até mais tarde.

—Obrigado. —Bryce se calou, mas em sua mente havia milhares de perguntas para as que queria resposta, tentando escolher as mais urgentes. Sua preocupação imperou sobre tudo o resto — Hermione — disse no momento em que Gaby lhe abria a porta de suas habitações — Quero saber coisas do Hermione. Está doente? Que remédio toma e quanto tempo leva fazendo-o? Está grave?

Gaby se deteve ante a cômoda de ébano; seus dedos roçaram seus pomos dourados.

—Não sei quão grave é a condição do Hermione —disse em voz baixa — Segundo ela, só está cansada e ainda se está recuperando da morte de seu irmão. Justo depois de inteirar do falecimento de Sua Excelência chamou o doutor Briers. Nessa visita o doutor insistiu em que tia Hermione comesse a tomar a medicação.

—Nessa visita? — repetiu Bryce — houve mais?

—Sim. — Gaby se calou e tragou saliva — Outra que eu saiba, foi aproximadamente um mês antes da morte do duque. Tia Hermione é muito reservada com sua saúde, portanto não tenho nem a menor idéia do que lhe disse, nem tampouco sei para que é a medicação que toma. Quão único sei é que a maioria das vezes segue sendo a pessoa vital de sempre; mas de vez em quando — especialmente, a semana passada — se cansa muito e se sente muito débil. Então joga a todos da habitação salvo ao Chaunce, que é a única pessoa a que recorre para que a atira, e demoramos horas em voltar a vê-la. Provavelmente esteja descansando. Ao menos isso é o que eu quero acreditar. Às vezes fico detrás da porta, tentada de entrar e insistir em que aceite minha ajuda. Mas é muito orgulhosa e sei que precisa sentir-se independente. Por isso não o faço.

Houve uma comovedora pausa antes que Gaby acrescentasse.

—Minhas intenções não são do todo nobres: tenho medo. Há uma parte de mim que não quer ouvir nada desagradável, que não quer enfrentar-se à possibilidade de que tia Hermione não esteja bem. Por isso rezo. Cada noite peço a Deus que não a leve, que compreenda que a necessitamos muito mais do que pode imaginar. Sei que é egoísta. Mas o certo é que não sei o que faríamos sem ela. — A Gaby lhe rompeu a voz e baixou a cabeça tentando controlar — O sinto. Estou segura que não queria ouvir isso.

O nó que Bryce tinha no estômago não tinha feito mais que intensificar-se com cada uma de suas palavras. Não, tivesse preferido não ouvir a fervente explicação de Gaby.

Mas não pela razão que suspeitava. Considerava-lhe um estranho, alguém que passava por suas vidas como uma nuvem passageira, para desvanecer-se com a mesma rapidez que tinha chegado, e que por essa razão se sentiria incômodo, possivelmente até algo molesto por escutar algo tão íntimo. Mas o certo era justo o contrário. O que sentia era uma mescla de assombro e inquietação ante a possibilidade de que a saúde do Hermione estivesse falhando, assombro pela fervente e genuína angústia do Gaby. Era evidente que quão jovem tinha diante queria ao Hermione com toda sua alma.

Era toda uma lição de humildade ver que Hermione não só era capaz de sentir tanto amor, mas também de despertá-lo em outros.

Lutando contra uma barreira de sentimentos inesperados, Bryce se aproximou dela e lhe deu seu lenço.

—Sou eu quem tem que pedir desculpas — respondeu ele, olhando sua coroa de cabelo brilhante, de uma vez que experimentava uma repentina e insistente necessidade de consolá-la e lhe transmitir os pensamentos que se via capaz de compartilhar — Não pretendia entristecê-la, nem acoressá-la a perguntas. É só que a minha maneira também me preocupa muito pela Hermione. Sempre me pareceu uma pessoa incansável, suponho que até invencível. Custa-me imaginá-la débil ou doente.

—Estou de acordo — replicou Gaby secando-as bochechas e levantando o queixo para lhe olhar — Conhece tia Hermione de toda a vida, verdade? Sua mãe tinha sido sua ama de chaves.

Soou o sinal de alarme.

—Sim. Hermione se tinha ficado viúva aos poucos anos de nascer eu. Com sua habitual generosidade, permitiu a minha família que utilizasse a pequena granja do Bedford que tinha sido de seu defunto algemo. Se a tivesse ouvido como o explicava, eram eles os que parecia que lhe estivessem fazendo o grande favor a ela aceitando trocar sua residência para encarregar-se dessa propriedade esquecida de Lorde Nevon. Mas meus pais sabiam a verdade e benzião ao Hermione todos os dias.

—A verdade?

—Hum, bom. Meu pai foi ajuda de câmara de lorde Nevon e uma vez morto seu senhor, não houve um posto adequado no Nevon Manor que lhe oferecer.

—O qual lhe deixava com um filho recém-nascido e sem trabalho — disse Gaby completando a frase.

—Sim, algo assim — replicou Bryce — De qualquer modo, graças à típica amabilidade do Hermione, meu pai conseguiu ambas as coisas.

—Já vejo. — Gaby não se precaveu de seu olhar — Era evidente que se preocupava muito por seus pais, ao igual ao tem feito por você. Fala de você com muito orgulho e amor; todos estes anos tentei imaginar como seria se realmente seria tão maravilhoso como ela dizia. Francamente, tinha minhas dúvidas. Estou encantada de me haver equivocado.

Bryce ficou desconcertado pela atrevida e contraditória observação: uma clara recriminação seguida de uma encantada e cândida retratação.

—Agora despertou minha curiosidade. Por que duvidava da fé de sua tia em mim e o que lhe faz pensar que suas dúvidas eram infundadas?

—Minhas dúvidas se deviam a um fato muito singelo: não podia aceitar que um homem tão destacado como dizia tia Hermione tivesse elegido não vir nunca a vê-la, que não a tivesse visitado nenhuma só vez em todos estes anos.

Bryce ficou gelado por dentro.

—O perguntou alguma vez?

—Sim. Só uma vez, porque pareceu desgostá-la muito.

—E o que respondeu?

—Disse-me que era culpa dela, que tinha sido ela quem tinha talhado todos os vínculos diretos com você fazia muito tempo, que tinha bons motivos para fazê-lo e que não me podia dizer isso

—E não acreditou?

Gaby se umedeceu os lábios com a língua.

—É obvio que acreditei. Mas saber por que você não veio nunca não me bastava para entender como pôde ter a vontade para fazê-lo. Não me importa de que modo tia Hermione lhe disse que permanecesse afastado nem quais eram seus motivos para fazê-lo. Simplesmente não podia compreender sua vontade para cumprir sua palavra, para estar ausente todo este tempo. Não, quando todos víamos quanto lhe sentia falta de, o incrivelmente orgulhosa que estava de você. Estranho era o dia em que não elogiasse sua inteligência, seus lucros, sua compaixão. Estou segura que devia ter suas razões, mas simplesmente não podia imaginar quais eram. Ainda não posso. Tampouco tenho direito a perguntar-lhe Que equivocado estava!

O sentido de culpa aflorou ante a acusação do Gaby, junto com a lembrança do Hermione tirando o livro de recortes, recordando com orgulho todos os momentos mais destacados de sua vida, por não mencionar que lhe tinha elegido como herdeiro. Até esse dia, ele não tinha imaginado que Hermione tivesse estado tão pendente dele, e muito menos que lhe reconhecesse desse modo, que seguisse todos os passos de sua carreira, e que —como tinha sugerido Gaby — lhe sentisse falta de.

Pela descrição que tinha feito Gaby parecia um patife.

Ao notar seu olhar, Bryce estacionou seu sentido de culpa no momento, consciente de que seu dilema imediato era responder à pergunta implícita. Esfregou as mãos, sopesando suas palavras e sua resposta. Deveria haver-se preparado para este tipo de confrontação, mas não o tinha feito. Por outra parte, tampouco tinha previsto quealaria com alguém mais no Nevon Manor. Segundo seus planos, agora deveria estar retornando a Londres, depois de ter finalizado seus assuntos e seu indesejado reencontro com o passado.

O que equivocado estava!

—O que lhe contou sua tia é certo — começou disposto a absolver ao Hermione de uma vez que tentaria evitar a mesma dolorosa verdade que ele mesmo tinha evitado — Salvo a parte de que nossa separação foi culpa dela. Ela não foi à vilã em todo este

assunto, a não ser justamente o contrário: foi à heroína. Temo-me que isso é tudo o que posso dizer.

Gaby assentiu com a cabeça, retorcendo o lenço entre suas mãos.

— Entendo que este é um assunto privado e que tia Hermione quer que siga sendo-o. Não obstante, agradeço-lhe por sua franqueza. Faz que me ratifique em minha resposta a sua pergunta, quando me perguntou por que acreditava que minhas dúvidas sobre você eram infundadas. Troquei que opinião respeito a você, senhor Lyndley. Você foi à causa.

— Perdi-me.

A ternura suavizou a cor de seus olhos azuis.

— Hoje lhe estive observando, não só com tia Hermione, mas também com todos. Desde o Lily até a senhora Gordon, desde o Wilson até o Reaney, aceitou-lhes sem julgá-los, com a compaixão que tanto pregava tia Hermione de você. E logo está o do Peter. O que você tem feito por ele foi mais valioso que todas as jóias da Rainha. Todos sabemos que é inteligente, mas poucos se dão conta de até que extremo é extraordinário esse moço. Em seu caso, há-lhe flanco apenas um minuto ver quão especial é quanto deseja ser advogada, seu desejo de utilizar sua mente para ajudar a outros. Fixou-se em sua cara quando lhe prometeu lhe ensinar seus livros de leis? Resplandecia, estava a ponto de explorar de entusiasmo. Nunca lhe tinha visto tão eufórico. Normalmente, é bastante calado e introvertido, resignado a sua condição de não poder seguir o ritmo de outros. Você sentiu seu desejo senhor Lyndley. Isso não se consegue com a mente, por mais que você diga o contrário. Isso, senhor, consegue-se com o coração.

Gaby fez uma pausa e respirou profundo.

— E falando do coração, dialoguemos sobre sua preocupação por tia Hermione, sobre seu extraordinário sentido da lealdade e respeito por ela. — fez-se outro silêncio, como se houvesse muito que dizer e faltassem às palavras ou o tempo para expresso — Obrigado por preocupar-se — concluiu com um fio de voz — Independentemente de suas razões para permanecer afastado, me alegro de que ao final tenha vindo ao Nevon Manor. Acredito que tudo vai trocar muito para tia Hermione e para nós. — Devolveu-lhe o lenço, dissipando seu ar solene com um pequeno sorriso especulativo — E agora, melhor que vá com o Lily. Só Deus sabe os estragos que pode ter causado Crumpet esta vez.

Automaticamente, Bryce tomou o lenço dobrado; seus dedos roçaram os do Gaby, e passou seu olhar com assombro por suas delicadas facções. Nunca tinha visto alguém que demonstrasse as emoções de um modo tão natural e aberto, que dissesse o que pensava e o demonstrasse sem duvidado ou reprimido. Era um livro aberto, algo incrível em um mundo de pessoas reservadas e falsas.

Um mundo ao que ele mesmo pertencia.

— Senhor Lyndley?

O tom interrogativo de Gaby lhe fez dar-se conta de que se ficou olhando-a.

— Sim. — Quando voltou para seu estado normal, deu-se conta de que não gostava de nada deixá-la, apesar de que sua mente lhe estava pedindo a gritos digerir os acontecimentos da manhã. Vinha essa reticência da dúzia de perguntas que queria que lhe

respondesse ou era simplesmente uma reação ao que estava desfrutando com sua companhia?

—Tenho que ir — repetiu Gaby, com cara de dúvida e um pouco compungida — Podem esperar o resto de suas perguntas até mais tarde?

—É obvio. — O gesto da cabeça de Gaby foi terminante — Na hora de comer.

—Então, poderei lhe fazer um milhar de perguntas?

—É obvio.

—Em tal caso, vá com o Lily. — Deu um passo atrás fazendo um amplo gesto com seu braço e observando-a enquanto ela se recolhia as saias para cruzar a porta — Gabrielle?

Ela se girou arqueando as sobrancelhas interrogativamente.

—Obrigado por me mostrar minha habitação.

Suas bochechas se ruborizaram.

—Bem vindo ao Nevon Manor, senhor Lyndley.

Partiu rápida como um coelho.

Abaixo, Chaunce voltava a entrar na biblioteca, fechou a porta e colocou a bandeja na mesa auxiliar.

—Sua medicina, senhora — anunciou.

Hermione suspirou e se recostou contra as almofadas do sofá.

—Obrigado, Chaunce — lhe disse quase sussurrando.

—Outros já voltaram para suas tarefas — lhe comunicou — e fechei a porta da biblioteca.

Abriu um olho e lhe olhou sob suas pestanas.

—Estamos sozinhos?

—Sim, senhora.

—Excelente. — Dando um ligeiro salto Hermione ficou em pé, arrumou-se o cabelo e olhou ao Chaunce com olhos resplandecentes — Esplêndido, meu amigo. Um bom começo.

—Obrigado, senhora. — Chaunce verteu uma dose de líquido em um copo de água fria — Sua medicina — lhe recordou.

—OH, sim, é obvio. — Hermione tomou o copo sorrindo e bebeu com grande entusiasmo — Obrigado, Chaunce. Prepara a melhor água com limão do mundo.

—Isso intento, senhora. — Voltou a colocar o refresco sobre a bandeja, juntou as mãos detrás das costas e inclinou a cabeça — Como foi?

—Melhor do que esperava; todos os momentos de fingido mal-estar da semana passada valeram à pena. — Ela entrelaçou os dedos e as bochechas se ruborizaram de prazer — Lhes ouviste rendo no corredor?

—Sim. Suas brincadeiras me acompanharam até a despensa — disse com um sorriso de satisfação — Assim que seu primeiro encontro foi um êxito.

—Um grande êxito. Segundo minhas informações, Bryce estranha vez ri e nunca abandona esse ar reservado, especialmente com essa mulher a que esteve acompanhando pela cidade.

Chaunce fez um gesto com os lábios.

—Essa mulher, como você a chama, é uma distinguida jovem de boa família.

—Não me importa. Não é adequada para o Bryce. Eu sei você sabe e logo, Bryce, também saberá. Só pretendo me desfazer quanto antes da Lucinda Talbot.

—Estou seguro de que o fará. Mas voltando para nosso tema mais iminente, como foi seu encontro de hoje com o senhor Lyndley? Tudo bem?

O sorriso do Hermione se desvaneceu um pouco.

—Todo o bem que cabia esperar, dadas as circunstâncias. Pelo menos me escutou. Tinha medo de que saísse correndo antes que pudesse terminar.

—Falou-lhe que a custódia?

—Não, Chaunce, ainda não me atrevi a mencionar-lhe. Acredito que lhe pedindo que fora meu herdeiro legal do Nevon Manor com tudo o que isso suporta foi suficiente no momento. Já foi bastante traumático para ele. Temo de pensar qual tivesse sido sua reação se o tivesse contado tudo de repente.

—Assim só falaram disso, de herdar Nevon Manor?

—Disso e de revisar meu testamento. Ele tinha um montão de perguntas sobre o Thane e meus motivos.

—Já sabíamos que seria assim.

—Sim, assim é. Hei-lhe dito muitas coisas para que reflita. Apresentamos aos serventes. De todos os modos conhecendo o grau de compaixão do Bryce, estou segura de que entende o que necessito dele e por que.

—Mas não tudo.

—Não, tudo não.

Chance franziu os lábios.

—Entretanto, sigo acreditando que podemos descartar nosso plano original, de antes que falecesse o duque. Sua Excelência já não supõe uma ameaça e o senhor Lyndley já está aqui. De modo que não serão necessários métodos mais criativos.

—Certo. — Hermione suspirou. —Que homem tão teimoso era Richard. Poderia ter desfrutado de outro esplêndido filho. E em seu lugar... — Ela se calou e se encolheu de ombros — O fato, feito está. Richard já se foi, assim como o sofrimento que causou ao Bryce. Agora me chegou o momento de trocar o curso das coisas e retificar o futuro. Se pudesse trocava o passado, mas me temo que essa façanha está por cima de minhas possibilidades. Mas o futuro... Ah! Mas isso agora já é outra coisa totalmente distinta. — Hermione passeava de um lado a outro dando golpezinhos no queixo pensativamente — Prosseguiremos com nossa estratégia, com os preparativos para a comida. Chaunce te assegure de que Gaby se sinta ao lado do Bryce.

—Já está arrumado, milady. Também, no que respeita à senhorita Gaby, gostará de saber que acaba de retornar de lhe mostrar ao senhor Lyndley suas habitações.

—Estupendo! — Hermione deu Isso palmada foi uma idéia genial, Chaunce; prepará-lo tudo para que fora Gaby quem lhe ensinasse sua habitação. Está-te afeiçoando muito a fazer de celestino.

—Você é uma boa professora, senhora.

—Levo anos planejando o futuro de Bryce e do Gaby. Quer dizer, para que este plano tivesse êxito. No momento triunfamos no primeiro passo. Entretanto, ainda fica muito por percorrer. Esta noite, quando Bryce se sinta mais acomodado, iniciarei o passo dois: elaborar minha petição de que se encarregue de minhas propriedades quando eu faleça. Pedirei-te que vás procurar seus meticolosos livros de contas para que os revisemos os três juntos. Uma vez que o tenhamos feito, explicarei-lhe as previsões que tenho feito para meus serventes e que quero que ele cumpra. Por último, e o mais importante, revelarei-lhe a parte mais importante de minha petição.

—A custódia?

Assentiu jubilosamente com a cabeça.

A custódia. Nesse momento, Chaunce, você e eu conteremos a respiração, avaliaremos a reação de Bryce e esperaremos a que tome sua decisão; que espero seja a que nós queremos.

Chaunce se esclareceu garganta, delicadamente.

—E se não o é?

O sorriso do Hermione era a essência da certeza.

—Então, simplesmente teremos que lhe fazer trocar de opinião.

Capítulo 3

Gaby deslizava habilmente seus dedos pelo teclado, fechava os olhos enquanto se deixava envolver pela melodia que alagava a sala junto com o sol do entardecer. Posto que faltava pouco para a hora de comer, tinha ido diretamente à sala de música depois de comprovar que Crumpet se ficou em sua toca como lhe haviam dito. Uma vez segura de que não tinha havido mais intentos de fuga, dirigiu-se a seu piano em busca da paz e a beleza que só Beethoven podia lhe dar.

Alguma das horas mais felizes de sua vida as tinha passado nessa suntuosa sala decorada em veludo verde, um lugar que a aproximava de seus sentimentos, seus pensamentos... E as suas lembranças.

Hoje prevalecia o presente mais que o passado, seus pensamentos se aconteciam um após o outro em seus intentos de ser escutados.

Depois de duas apresentações, um bate-papo e uma comida do meio-dia com o Bryce Lyndley, tinha chegado à conclusão de que não era absolutamente como ela imaginava.

Sua ausente e elogiada presença no Nevon Manor tinha imperado desde que ela vivia ali; era o orgulho de tia Hermione e um exemplo para todos. Quantas histórias teria escutado do moço cuja inteligência e compaixão lhe tinham conduzido a um êxito que

superava em muito tudo o que se esperava de um plebeu? Quantas vezes tinha visto tia Hermione revisar os recortes de periódicos onde se descreviam seus últimos lucros legais ou sua aparição em um ato público recente?

Por uma parte se assombrava de que a decência e o compromisso realmente pudessem prevalecer.

E por outra, perguntava-se como era realmente o decente Bryce Lyndley, como alguém tão benevolente podia descuidar a uma mulher como tia Hermione, extraordinária como poucas e que lhe queria como a um filho.

Sem dúvida, em todo isso havia algo mais. Mas a única vez que lhe tinha perguntado a sua tia por que nunca vinha a visitá-la o senhor Lyndley, esta se tinha alterado bastante e lhe tinha dado uma rápida e vaga resposta antes de girar-se com os olhos cheios de lágrimas. Nesses momentos, tinha-lhe odiado. Logo se acalmava pensando que logo que sabia nada do que realmente acontecia e que, portanto não podia culpar a ninguém.

E agora que lhe tinha conhecido e tinha falado com ele, estava mais confundida que nunca. Pelo homem extraordinariamente atrativo de sorriso contagioso, por seu estranho dom de compreender as pessoas e relacionar-se com elas e por seus sagazes olhos de cor verde escuro era a pessoa que tia Hermione havia descrito.

Com apenas uma exceção: a dor que Gaby viu refletido nesses olhos.

Sufrimento muito parecido ao que tinha visto nos olhos de tia Hermione o dia em que lhe fez a pergunta, um sofrimento profundamente enraizado que Gaby estava quase segura de que muito tinha que ver secretos que compartilhavam... E guardavam sua tia e o senhor Lyndley.

Seus dedos se detiveram o lhe vir esse pensamento e em seu lugar começou a acariciar as teclas do piano. Em realidade, o que passasse entre sua tia e Bryce Lyndley não era coisa dela. Entretanto, algo que fizesse sofrer a tia Hermione também a fazia sofrer a ela. Essa mulher de imenso coração o era tudo para ela: sua tutora, seu amiga, a cabeça de família... Não só a senhora da casa, era sua mãe em todos os sentidos.

As lembranças de Gaby de seus autênticos pais não tinham desaparecido. Sempre estavam pressentem; eram quentes e vívidos, guardados para sempre em um protegido lugar de sua mente e de seu coração, aonde podia ir quando quisesse. A agonia de sua perda tinha ido diminuindo com os anos, e isso o devia a tia Hermione; ela tinha acolhido a uma menina de cinco anos traumatizada, tinha-a abraçado quando chorava e com paciência a tinha ido levando de um mundo de sofrimento a um de amor e amparo.

Pouco a pouco e sem que Gaby se desse conta, a devoção do Hermione Nevon tinha obrado sua magia, e de repente, um dia, Gaby se deu conta de que sua perda se tornou suportável.

Embora nem sequer o amor de sua tia podia apagar a inquebrável lembrança daquele pesadelo da morte de seus pais...

Não, Gaby se estava castigando, jogou atrás os ombros e ficou olhando fixamente ao teclado de marfim. Agora não era momento de pensar nisso, mas sim de conhecer o Bryce Lyndley.

Ao menos tudo que ele queria compartilhar. Tinha sido tão reservado no comilão como quando lhe tinha mostrado suas habitações, tinha conversado educadamente com todo mundo, escutado com interesse, mas sem revelar nada de si mesmo. Justo depois de comer, desculpou-se para retornar as suas habitações, não sem antes mandar chamar o Peter.

Gaby sorriu, recordando a expressão de este quando saiu uma hora depois com um grosso livro de leis nas mãos. Sua claudicação era quase imperceptível e toda isso graças ao enigmático Bryce Lyndley.

Suspirou e voltou a tocar.

—Peço desculpas, interrompo?

O objeto de seus pensamentos se dirigia a ela da soleira da porta da sala de música; levantou a cabeça e seu olhar se cravou na dele.

—Não, claro que não. — Gaby se sentou relaxada no assento e deixou cair às mãos a ambos os lados de seu corpo — Adiante.

—Por favor, não pare — lhe pediu Bryce tranqüilamente cruzando a sala para estar a seu lado — Toca você muito bem.

Seu completo lhe provocou um prazer que lhe percorreu todo o corpo.

—Obrigado. Eu adoro tocar o piano. Toco dos seis anos. Tia Hermione quis que tomasse classes desde que viu a emoção que sentia com o mero feito de tocar as teclas.

—Gosta de Beethoven?

—Muito — respondeu Gaby — Eu gosto de muitos compositores, mas há algo especialmente formoso nas obras do Beethoven, ao menos para mim. Meus sentimentos são um pouco difíceis de explicar.

—Não tem por que fazê-lo. — Para surpresa do Gaby, Bryce se sentou junto a ela na banqueta do piano — A música é uma das poucas coisas que se têm que sentir mais que definir. Algumas pessoas podem fazê-lo, outras não.

Gaby lhe estudou com um olhar introspectivo.

—E você é uma das que podem.

Bryce inclinou um pouco a boca.

—Como sabe?

—Sei. — de repente o bom humor se refletiu em seus olhos, apesar de sua seriedade — Digamos que é intuição, outra dessas coisas que se têm que sentir não definir.

Bryce riu entre dentes emitindo um som áspero.

—Boa resposta. — Assinalou o piano — Por favor, continue. Estava desfrutando muito de seu recital. A sonata *Claro de Lua* é uma de minhas favoritas.

—Também a minha — respondeu Gaby — Beethoven era um perfeito exemplo de alguém que sentia a música. Inclusive quando estava surdo pôde seguir criando suas

obras professoras. Era como se as sinfonias ressonassem em seu interior; não necessitava nenhum ouvido externo que reafirmasse sua beleza. — Dito isto, calou-se, posicionou seus dedos e começou a fluir sobre as deliciosas notas.

Gaby perdeu o mundo de vista e se fundiu com a música, ficou totalmente absorta até que as últimas notas da peça reverberaram pela sala.

—Magnífico. — O som do sereno elogio de Bryce a devolveu à realidade — E é justo o que necessitava. Obrigado.

—foi um prazer. — Gaby inclinou a cabeça sentida saudades — Embora se mal não recordar, o que precisava era descansar. Supunha que ainda estava em suas habitações descansando.

—Levo todo o dia tentando-o. Mas não o consigo. Minha mente está muito dispersa e se nega a cooperar. Assim saí a dar um passeio com a esperança de que conseguiria o que não tinha conseguido estando em minha habitação. Ouvi-a tocar da janela aberta. Parecia estar me oferecendo à paz que tanto desejava. Espero que não lhe importe.

—Claro que não.

—Bem. — Bryce se tornou para diante, agarrando-as joelhos e ociosamente seu dedo indicador sobre a delicada sarja de lã de calças escuras.

—Quando entrei na sala me sentia um pouco intimidado. Tocava com tanto sentimento, que quase me fez sentir que estava interrompendo algo muito pessoal. Não queria invadir sua privacidade. — Sorriu-lhe um pouco compungido — Mas o tenho feito de todos os modos, verdade?

—Absolutamente. — Gaby moveu a cabeça e uns quantos mechas de cabelo caíram por suas bochechas — Não me incomoda estar acompanhada quando monte, especialmente quando se trata de alguém que aprecia ao Beethoven tanto como eu. O certo é que quando ponho os dedos no teclado me esquecimento do mundo, incluída eu mesma.

—Já o vi. Passa-lhe o mesmo quando escuta a outros?

—A outros?

—Estava-me referindo aos concertos. Vai frequentemente a concertos? Imagino que deve desfrutar muito com a música de orquestra.

—Estou segura de que desfrutaria. — As expectativas apareceram em rosto do Gaby, mas tinha aprendido às sufocar — Muitas vezes tento imaginar como seria escutar a beleza coletiva do piano, as cordas e os instrumentos de vento.

—Alguma vez foi a um concerto? — Bryce levantou as sobranceiras assombrado — por quê? Prefere o balé?

—Tampouco fui nunca ao balé.

Agora se que ficou atônito.

—Como é isso? Londres está tão somente a umas horas de viagem daqui.

—Isso é o que diz tia Hermione. Sempre insiste em que vamos. Mas até agora consegui dissuadi-la.

—Por que razão?

Silêncio.

—É por sua debilidade? — A preocupação se refletiu nos masculinos rasgos de Bryce— Tão mal está Hermione que uma simples viagem para ir ao balé ou a um concerto a esgotaria?

—Não. — Gaby dissipou rapidamente sua preocupação. —Não se trata disso. — Duvidou um pouco, tentando encontrar a forma mais adequada de explicá-lo — ausenta muitas horas. É o pilar de nossa família, uma família que cresce na perseverança.

—Está-me dizendo que os residentes do Nevon Manor alguma vez saem daqui?

Nos lábios de Gaby se desenhava um pequeno sorriso.

—Não é tão detestável como pode parecer, senhor Lyndley. O certo é que escolheram não fazê-lo, porque tudo o que lhes é querido, familiar e seguro se encontra aqui.

—Seguro — repetiu Bryce reflexivamente — Estranho, nem você nem Hermione me parecem pessoas às que possa lhes intimidar aventurar-se ao mundo. De fato, tivesse imaginado justo o contrário.

Sua percepção é assombrosa, pensou Gaby estudando sua aguda expressão de avaliação.

—Sua presença aqui é necessária. —Bryce tentou corroborar o que lhe estava dizendo, mas com suas próprias palavras, e Gaby sentiu uma desagradável pressão no peito.

—Sim — resmungou. Não só minha presença, mas também o que é mais importante, a de tia Hermione. Embora ela vá ao Whitshire de vez em quando — acrescentou rapidamente Gaby, para que não pensasse que estavam totalmente encerradas — É a propriedade do irmão de tia Hermione, desculpe, de seu falecido irmão. O duque morreu recentemente. Agora Whitshire pertence a seu filho, o sobrinho de tia Hermione, Thane. Ela sempre lhes visitou periodicamente e os serventes estão acostumados a isso. Além disso, Whitshire está tão somente a umas cinco ou seis milhas daqui. De modo que só nos deixa sozinhos umas poucas horas.

—“Nos”? Não a acompanha você?

Esta vez Gaby sentiu um nó ainda mais familiar no estômago.

—Não, não pude ir, ao menos ainda não.

Ao dar-se conta de quão estranha soava sua resposta esperava que Bryce a interrogasse mais. Entretanto, estudou-a pensativamente e murmurou «Já vejo», antes de esclarecê-la garganta e abordar de novo o tema principal.

—Possivelmente poderia achar a forma de que você pudesse assistir a um concerto sem que se desgostassem os serventes. Vou pensar o um pouco e verei se posso encontrar uma solução aceitável.

Gaby se sentiu muito agradecida e também esperançada.

—Obrigado, senhor Lyndley. Com sua brilhante mente legal, estou segura de que encontrará a maneira. Quase posso escutar as primeiras notas.

—Minha brilhante mente legal? — repetiu Bryce com Isso ironia soa a uma das frases típicas do Hermione. Digamos que tenho recursos. —ajustou-se a levita, estirou suas largas pernas e as cruzou à altura dos tornozelos antes de girar-se de novo por volta do Gaby. —Hermione me há dito que você viveu no Nevon Manor durante treze anos.

—Assim é. — Gaby se deu conta de que ele ainda estava tentando compreendê-la e decidiu que esta vez não lhe evitaria. Ao fim e ao cabo, não tinha modo de saber qual era o doloroso incidente que a tinha levado ao Nevon Manor. Além disso, ele tinha sido tão amável, que lhe devia sinceridade. Muito bem, simplesmente responderia a sua pergunta e logo deixariam o tema — Meus pais morreram em um incêndio quando tinha cinco anos — disse ela mantendo firme sua voz com o olhar fixo em sua gravata de seda — O incêndio se produziu no Whitshire e acabou com as casas dos serventes e com todos os que estavam dentro naquele momento. Meu pai era o chefe dos estábulos do duque; ele e minha mãe ficaram apanhados em casa quando se declarou. Nunca se soube que foi o que o provocou. Pôde ter sido algo: um abajur queda, um puro mal apagado, Deus sabe! Não voltei para o Whitshire após, essa é a razão pela que nunca fui com minha tia Hermione.

—Deus santo! — Ao Bryce lhe afogou a voz e Gaby sentiu que ela também perdia seu aprumo.

Não obstante prosseguiu disposta a resolver o assunto.

—O mais importante é que tia Hermione me adotou, proporcionou-me uma nova vida e muitíssimo amor. Quando cheguei ao Nevon Manor estava destruída, não tinha nada nem a ninguém. Agora tenho uma família. Apesar de minha perda, considero-me tremendamente afortunada.

Já o havia dito.

—Sinto muito. — O tom profundo de Bryce denotava compreensão e algo mais — Hermione me contou que você era órfã, mas nunca me mencionou como... Ou onde — Inspirou profundo, ficou em pé de repente e começou a passear inquieto, surpreendendo ao Gaby com a intensidade de sua reação — Não pretendia me entremeter ou lhe fazer recordar momentos difíceis. — parou-se de repente, meteu-se as mãos nos bolsos e a olhou com inquietação.

Para vergonha do Gaby, de seus olhos brotaram umas lágrimas quentes.

—Não se entremeteu, só perguntou. Tampouco me tem feito recordar momentos difíceis. Sempre penso em meus pais, sem que ninguém instigue a isso. — secou as lágrimas timidamente — Mas atrás de todos estes anos estou acostumado a pensar neles com o coração transbordante e os olhos secos. Não sei por que estou chorando agora. Suponho que refletir sobre algo e falar sobre isso são duas coisas distintas. — Inspirou profundo e voltou a serenar-se — Sinceramente, estou bastante recuperada, graças à tia Hermione.

—Há coisas que nunca se superam de tudo.

Surpreendida por sua proclamação, Gaby levantou o queixo e lhe olhou fixamente como se de repente lhe tivesse feito a luz.

—Você tem razão — respondeu brandamente — Além disso, você fala por experiência própria, não é certo?

—Sim, é-o.

—Você também ficou órfão muito em breve, verdade?

—Quando tinha dez anos. Mas minha situação foi muito menos traumática que a sua. Meus pais, como muitas outras pessoas, morreram de gripe. Chorei sua perda, muito, mas não destroçou minha vida. Nem sequer vivia em casa quando aconteceu. Estava no Eton.

—Estar só e sentir-se só são duas coisas totalmente diferentes — acrescentou Gaby pausadamente — antes da morte de seus pais, estava sozinho. Depois se sentia sozinho.

Bryce digeriu em silêncio suas palavras e seu rosto adotou uma expressão grave.

—Tem razão — acrescentou ao final. —Sentia-me sozinho.

—Então, por que tia Hermione. — Gaby se mordeu o lábio e silenciou a pouco querida pergunta — Não importa. Não perguntarei.

—Obrigado.

Ela inclinou a cabeça.

—É você um homem muito misterioso, senhor Lyndley. Sei tanto de você e de uma vez sei tão pouco!

—Sabe muito mais de mim que eu de você — lhe recordou, pondo o cotovelo em cima do piano. —E me prometeu responder a todas minhas perguntas.

—Sim, já o tenho feito, não é assim? — Gaby voltou a sorrir, picasse e brincalhão — E seguirei fazendo-o, se você fizer o mesmo.

Ao Bryce tremeram um pouco os lábios, mas pôde controlar-se.

—O que é o que quer saber?

—Tudo. Suas experiências na universidade, na corte, na sociedade, todos esses segredos que você decidiu não revelar.

Para sua surpresa, ele começou a rir.

—Nunca tinha conhecido a ninguém tão direto como você, Gabrielle.

—Ofende-lhe minha franqueza?

—Não, absolutamente. Resulta-me muito reconfortante. Muito bem, suas condições. Suas revelações em troca das minhas. Agora, quem começa?

—Eu — disse Gaby em seguida — Ao fim e ao cabo, para você as respostas a suas perguntas são muito mais importantes que para mim as suas. Em meu caso se trata de uma curiosidade excessiva, enquanto que na sua de uma falta de informação que evidentemente o afeta em sua vida, posto que deseja paz interior. — Gaby juntou as mãos sobre sua saia — Bem, senhor Lyndley, o que gostaria de saber?

Seus olhos se iluminaram de um modo estranho.

—É você muito perspicaz. Mas antes que comecemos, por favor, me chame Bryce. Ao fim e ao cabo, quase somos parentes, embora só seja pelo afeto que compartilhamos pelo Hermione.

—eu adoraria... Bryce. — Gaby desfrutou de do som de seu nome quando o repetia — Começo por te explicar dos quais se compõe nossa pequena família?

—Seria estupendo. É inegável que Hermione se interessa muito por todos no Nevon Manor. Também é evidente que... — Bryce se calou, procurando as palavras apropriadas.

—O que todos são muito díspares? —disse Gaby — Sim isso também é certo, embora não acredito que nenhum note já as limitações do outro. Simplesmente vemos a pessoa que há dentro.

—Assim é como deveria ser. — Bryce franziu o cenho — Não quero que interprete mal minha preocupação. Não estou julgando; mas sim me fiquei realmente impressionado pela lealdade e unidade que presenciei esta manhã na biblioteca. Simplesmente estou tentando avaliar a situação. Tenho que tomar uma decisão que não só me afetará, mas também a todos os residentes do Nevon Manor. A fim de tomar a decisão correta, tenho que saber tudo o que possa sobre esta família. Suas limitações e minha capacidade para lhes tratar corretamente terá uma repercussão direta em minha determinação.

—Tia Hermione quer te legar Nevon Manor — disse Gaby em voz alta — É obvio. É uma idéia muito sensata. Tem a combinação justa de força, perspicácia, compaixão e bom humor, sem o qual a vida, aqui ou em nenhuma outra parte, seria insuportável. Deixar-te como herdeiro do Nevon Manor é a única forma que tem tia Hermione de assegurar-se de que as coisas seguirão como sempre.

Bryce não tentou negá-lo.

— por quê? Por que é a única forma de assegurar que as coisas fiquem como estão?

—O mero feito de que me esteja perguntando isso já responde à pergunta. —Gaby observou surpresa em seus olhos — Senhor Lind... Bryce — corrigiu — Quantas pessoas conhece que teriam no estábulo a um homem que logo que pode caminhar? A uma donzela a que lhe tremem muito as mãos para levar uma bandeja? A um servente que logo que pode ouvir ou ver? A um jardineiro que considera sua pá sua melhor amiga? Isso por não contar aos meninos que são muito fracos e débeis para realizar um número significativo de tarefas.

—Só a uma — respondeu Bryce — Hermione Nevon.

—Dois — corrigiu Gaby — Tia Hermione e você. — Ela se inclinou para diante sujeitando inconscientemente o antebraço de Bryce— Aqui estas boas gentes são aceitas, queridas, sentem-se úteis e que pertencem a algum lugar. Aí fora, no mundo real, seriam menosprezadas, desprezadas como brinquedos quebrados. Tia Hermione não permitirá que isso passe. Nem você tampouco.

—Nevon Manor parece funcionar sem problemas, com limitações ou não. —O tom de Bryce era suave — Logo, por outra parte, tenho a sensação de que você, Chaunce e Hermione sempre estão perto para resolver qualquer fricção que possa surgir.

—Isso não acontece tão freqüentemente. É surpreendente o eficaz que se volta à gente quando alguém acredita nela. Basta vendo o Peter. Sua claudicação tinha desaparecido quando saiu de sua habitação. Por quê? Porque tinha alimentado sua alma.

Apostaria a que não havia nada que não tivesse sido capaz de fazer naquele momento, coxo ou não.

—Estou de acordo. — Bryce se moveu, fazendo que Gaby fora consciente de que lhe tinha do braço pego.

Um pouco morta de calor lhe soltou e entrelaçou as mãos em sua saia.

—Se o desejar, posso te falar da procedência de cada um dos serventes do Nevon Manor. A maioria foi despedida de outros trabalhos por senhores insatisfeitos que exigiam perfeição e não se conformavam com menos. Quanto aos meninos, Peter, é obvio, é o filho da cozinheira. Os outros são órfãos como eu. Não — retificou — Suas circunstâncias quando tia Hermione lhes acolheu eram muito piores que as minhas. Suas mães eram solteiras, viviam na rua onde morreram de inanição ou de enfermidade, lhes deixando solos quando eram pouco mais que bebem. Lily, Jane, Henry, Charles, não têm lembranças, nada ao que aferrar-se de noite que lhes ajude a manter a seus pais vivos. Eu, felizmente, tenho ambas as coisas, lembranças e minha caixa de música.

—Sua caixa de música?

Gaby assentiu com a cabeça.

—Mamãe me disse que papai a deu de presente o dia em que eu nasci. Gastou quase todas suas economias para comprá-la; como pode imaginar um chefe de estábulos não ganhava muito. Enfim, ela viu a caixa em uma Crist aleira e papai se propôs comprar a Assim que lhe disse ao vendedor que a apartasse até minha chegada, e esse mesmo dia correu à cidade a comprá-la. Lembrança perfeitamente quanto queria mamãe essa caixa; sempre a tinha perto, em sua mesinha de noite. Salvo quando eu tinha algum pesadelo. Então, levava-me a caixa a meu dormitório e a abria para que escutasse sua melodia, o *Para a Elisa*; esse foi meu primeiro contato com o Beethoven. Às vezes, mamãe me deixava à caixa ao lado da cama e se voltava nas pontas dos pés para sua habitação. Esses momentos eram meus favoritos. Podia escutar a melodia até ficar dormida. —Gaby tragou saliva para dissolver o nó que lhe tinha feito na garganta — É o único que fica deles que não se perdeu no incêndio.

Esta vez foi Bryce quem alargou o braço e lhe apertou gentilmente o ombro.

—A caixa de música sonha de maravilha.

—Assim é. É feita de madrepérula com um marco dourado e uma bela pedra no centro. — Ao notar a consoladora pressão de sua mão, Gaby olhou ao Bryce timidamente — Possivelmente se tiver tempo durante sua estadia, lhe possa ensinar isso.

—Será uma honra. — Bryce retirou sua palma com atitude contemplativa — Sem dúvida, deste-me muitas coisas no que pensar.

—Significa isso que chegou meu momento de perguntar? — Gaby viu a oportunidade perfeita para trocar de estado de ânimo a outro menos grave e para conseguir seu objetivo: saber mais sobre o Bryce Lyndley.

Ele sorriu, fazendo um amplo gesto de convite com o braço.

—Adiante. Por onde começamos, por minhas experiências na universidade ou nos tribunais?

—O que te parece se começarmos por suas experiências em sociedade?

Bryce se encolheu de ombros.

—Essas não são muito interessantes.

Gaby abriu os olhos surpreendida.

—Eu pensava que era justamente o contrário, especialmente as últimas.

—As últimas?

—Sim. Oh, por favor, não me interprete mal. Pensava que seus anteriores acompanhantes eram encantadas — se apressou a esclarecer Gaby — Mas a julgar pelos esplêndidos relatos que nos chegaram à senhorita Talbot é muito inteligente e segura de si mesmo, por não dizer que é incrivelmente formosa. Um dos periódicos a descrevia como uma princesa loira dos contos de fadas. Sempre está contigo quando se anunciam seus êxitos e para compartilhar seus momentos de ócio. Foste com ela por todo Londres: ao teatro, aos bailes e, é obvio, aos concertos dos que falamos. Logo estão esses passeios pelo parque, as excursões em navio pelo Támesis... Seu cortejo parece muito excitante.

Bryce ficou boquiaberto.

—Não recordo ter escutado antes uma descrição tão extensa de todas minhas atividades nos periódicos. Com quem estiveste falando? Como conseguiste tanta informação sobre minha amizade com a Lucinda? Espera, não importa. — Moveu a cabeça com incredulidade. : Não precisava perguntá-lo — Hermione. Meu deus! Haverá algum aspecto de minha vida no que não tenha indagado?

—Incomodei-te. — Gaby estava mais sentida saudades que compungida — Mas por quê? E por que o conhecimento de tia Hermione sobre seu cortejo te faz pensar que te esteve espiando? Sua relação com a senhorita Talbot não é nenhum segredo. E a verdade seja sorte, os investigadores de tia Hermione pouco lhe disseram que ela não soubesse já através do Chaunce. Ou mas bem de seus colegas mordomos, a maioria dos quais trabalham para eminentes membros da sociedade, e, portanto estão à corrente das últimas fofocas, especialmente durante a temporada, quando estes se divulgam tão facilmente. Por isso quase todos os mordomos do Hertford contam as intrigas ao Chaunce, e te surpreenderia saber quanto sabem do que a ti e à senhorita Talbot respeita. É evidente que não os muito os periódicos; normalmente aparecem artigos sobre vós, com toda sorte de detalhes. Ao igual a apareciam quando saía com a senhorita Chattham, a senhorita Doods, a senhorita Wells, a senhorita...

—Certo, tem razão — interrompeu Bryce; com cada palavra de Gaby sua expressão se voltava mais incrédula — E estou seguro de que todos esses «artigos» aos que te está referindo se encontram no livro de recortes de tia Hermione. Pois com isso, e o que lhe tenham contado a tia Hermione seus detetives e os informe dos contatos do Chaunce, não explico a que perguntas posso responder. É evidente que sabe muito mais de mim que eu de ti.

—Sei que sua última relação está durando bastante mais que as demais. —Gaby não se deu conta do tom irônico de Bryce e lhe perguntou algo mais crucial — Está apaixonado? — perguntou-lhe com entusiasmo.

Bryce piscou. — Apaixonado?

— Sim, da senhorita Talbot. E se for assim, é como contam os poetas? — Inclusive enquanto fazia a pergunta, Gaby pôde notar como Bryce se retirava atrás de sua anterior máscara de homem reservado.

— Temo-me que o está perguntando à pessoa incorreta — respondeu sem zangar-se, mas com um tom desapaixonado — Não acredito muito no que está descrevendo.

Agora foi Gaby a que piscou.

— O que estou descrevendo é do que você e eu estivemos falando durante toda esta hora: amor.

— falamos que compaixão, não de amor.

— Estávamos falando de ambas às coisas. Você foi quem utilizou a palavra «amor» quando falava de seus sentimentos por tia Hermione.

— Isso não tem muito que ver com a emoção a que te está referindo agora. — Bryce se cruzou de braços e desafiou suas palavras, soltando seu discurso como se estivesse nos tribunais — O amor, como capacidade para sentir benevolência ou devoção, e o amor, como a capacidade de sentir-se como em uma fantasia, são duas coisas totalmente distintas. A gente é simples decência ou consideração. O outro é absorvente, romântico, e suporta muito mais que mero respeito e afeto. Esse tipo de emoção é das que não posso compreender muito menos compartilhar, posto que nenhum poeta a há descrito ainda de um modo inteligível para mim.

— Explicado? Não é você quem há dito que algumas coisas se tinham que sentir e que não se podiam definir? — Gaby se deteve, esperando uma resposta de Bryce. Ao ver que não a havia, acrescentou docemente — Um homem que pode fazer semelhante avaliação, que pode sentir a beleza da música, também é um homem que pode amar amor afetuoso e romântico.

— Gabrielle, é muito jovem.

— E você um homem cansado de tudo. Acaso alguma das mulheres que mencionei te feriu? É essa a razão pela que é tão reticente a te apaixonar?

Bryce a olhou com muita incredulidade.

— me ferir? É obvio que não. Foram acompanhantes estupendas.

— Também o é Crumpe. Isso não responde a minha pergunta. — Gaby estudou o cenho franzido e perplexo do Bryce, e de repente lhe pareceu que começava a compreender — Possivelmente me equivoco. Possivelmente sim que responda. — Pouco a pouco se levantou da banqueta do piano — É um homem complicado, Bryce Lyndley. Mas não acredito que seja tão longínquo e analítico como cria, ao menos não em todos os aspectos. Não te quero pressionar sobre seus segredos. Mas, sejam quais sejam suspeito que devem ser bastante dolorosos, o suficiente como para que tenha levantado um muro ao redor de seu coração que é tão antinatural como automóvel imposto. Espero que por sua própria bem dita derrubá-lo, ao menos o tempo suficiente como para que essa senhorita Talbot possa entrar. Por isso a mim respeita o amor — ao igual à música — é mágico. Não te negue essa magia. Seria um grande engano. — de repente lhe veio um

pensamento e sorriu, maravilhando-se ante o que poderia ser um maravilhoso e inesperado giro do destino — Antes te hei dito quão contente estava de que tivesse vindo ao Nevon Manor, que sentia que podia dar muito a nossa família. Agora que o penso, acredito que nós podemos te oferecer o mesmo. Possivelmente considere ficar aqui durante um tempo. Possivelmente não só seja o melhor para nós, mas também para ti.

Bryce abriu a boca para responder, mas fora o que fora o que pretendia dizer, ficou interrompido por uma chamada à porta da sala que estava parcialmente aberta.

— Sim? — disse Gaby.

— Me desculpe senhorita Gaby — disse Chaunce com educação, entrando na sala — Espero não ter interrompido sua conversação em um momento inoportuno. Mas lady Nevon deseja falar com o senhor Lyndley. Agora, antes que a família se reúna para jantar.

— Encontra-se bem tia Hermione? — perguntou Gaby preocupada.

— Sim, o remédio lhe foi muito bem, assim como sua sesta do meio-dia — confirmou Chaunce — Entretanto, ainda está um pouco pálida. Por isso a senhora Gordon e eu a convencemos para que permanecesse em suas habitações até que chegue à hora de jantar, embora não está na cama. Agora está ali esperando ao senhor Lyndley em sua sala de estar.

— Vou imediatamente. — Bryce ainda estava olhando ao Gaby; sua expressão era indescritível. De repente apartou o olhar e se dirigiu automaticamente para a porta — Hermione e eu ainda temos muitas coisas de que falar.

— Sim, senhor — disse Chaunce com as mãos juntas detrás das costas — Muitas costure. — girou-se para olhar ao Gaby.

Ela tivesse jurado que os olhos do Chaunce refletiam satisfação.

Capítulo 4

— Ah, Bryce. Por favor, entra. — Hermione lhe fez um sinal para que entrasse. Estava acomodada em seu sofá de veludo com suas saias escuras estendidas a seu redor; a via pequena, pálida e inquietantemente frágil.

A preocupação por sua saúde voltou a apoderar-se dele, substituindo a que lhe tinha acompanhado da sala de música atrás de sua desestabilizadora conversação com o Gabrielle.

— Como se encontra? — perguntou-lhe, olhando a palidez do Hermione e tentando manter um tom ligeiro, procurando não parecer muito afetado.

— Anos mais jovem, agora que está aqui. — Sorriu e deu uns tapinhas à almofada que tinha ao lado — Sente-se junto a mim. — Levantou o queixo e olhou ao Chaunce por cima de Bryce lhe fazendo um gesto de cumplicidade — Agora pode ir procurar os livros. Enquanto o faz, terminarei meu bate-papo com o senhor Lyndley.

— Muito bem senhora. — O mordomo partiu fazendo uma espécie de reverência e fechou a porta detrás de si.

Bryce cruzou a estadia e se sentou no sofá.

—Ainda está algo pálida. Descansou?

Hermione dissipou sua preocupação.

—Parece o doutor Briers. Responderei-te como faço com ele: não tenho feito mais que descansar todo o dia. —Suspirou enquanto acariciava entre seus dedos a fina seda de seu traje. —Quanto a minha palidez, tenho esse aspecto por estas cores apagadas que estive levando da morte do Richard. Para falar a verdade, detesto-os. Prefiro os tons claros, especialmente para uma mulher de minha idade cujas rugas já lhe dão um aspecto bastante deprimente. Mas ao menos durante os seguintes meses... —Fez uma pausa — Me dou conta de que não pode entender tudo isto, Bryce, mas Richard quase sempre foi um bom irmão e inclusive nesses momentos em que me parecia que não tinha sentimentos, seguia sendo meu irmão, meu único irmão. Se não fora capaz de mostrar certo sinal de duelo, sentiria como que lhe estou desonrando. Suponho que ante seus olhos te devo parecer tremendamente hipócrita.

—Não, parece-me uma irmã entregue, e acredito que qualquer pensaria o mesmo.

Hermione se ruborizou um pouco.

—Obrigado. É um homem de bom coração. E não lhe dou isso só em meu nome. Cok se aconteceu um quarto de hora em minhas habitações me contando sem parar o milagre que tem feito com o Peter. Nunca tinha visto seu filho tão entusiasmado, nem tão seguro de si mesmo. O que lhe disse?

—Nada especial —Lhe assegurou Bryce cruzando uma de suas largas pernas— Lhe ensinei alguns dos textos legais que você me proporcionou. Falamos do Ins of Court. Li-lhe alguns extratos de casos interessantes. Logo se levou um dos livros a sua habitação. — Sorriu um pouco— Não poderá entender muito, mas não acredito que lhe importe. Tampouco me importou. A primeira vez que tive um texto legal entre minhas mãos, estava no Eton e não era muito maior que Peter. Não entendia quase nada o que punha nesse livro, mas só sabia que quando o tinha entre minhas mãos me sentia como um autêntico advogado, com as habilidades necessárias ou sem elas.

—Bom, é evidente que Peter sente o mesmo. E você é quem lhe tem feito sentir-se assim de bem. Ao igual a também é o responsável pela felicidade de sua mãe. Por não falar dos outros meninos, que se aferravam a cada uma das palavras que dizia durante a comida; Wilson, que esteve alardeando todo o dia de que admiraste suas primulas; minha devota donzela, Doura, que me informou entusiasmada de que a ajudou na escada quando lhe falhou sua força; e inclusive a senhora Gordon, que diz que não deixaste nenhum sozinho rastro de sapatos em toda a casa, nem sequer depois de retornar de seu passeio pelo campo.

Um humor sardônico fez que Bryce levantasse as sobrancelhas.

—Isso não era mais que atos de cortesia, Hermione, não façanhas.

—Rogo que me desculpe se não estiver de acordo contigo. Porque conforme tenho entendido ajudou ao Bowrick a encontrar seus óculos.

—Cruzei-me com o Bowrick no vestíbulo. Os óculos estavam em seu bolso. Nossa interação durou escassamente dois minutos. —O senso de humor se desvaneceu quando

os instintos de Bryce voltaram a cobrar vida. Não era sua imaginação. Estavam-lhe alimentando com adulações como se cevassem a um cordeiro para levá-lo a matadouro. O irônico era que todo isso era inútil, posto que essas adulações tivessem tão pouco efeito em sua decisão como todos os cuidados que lhe estavam prodigalizando. A resposta que desse ao Hermione se apoiaria em um pouco mais profundo que em sua popularidade entre o serviço.

—Hermione, são todas estas adulações para influir em minha decisão de se for aceitar ser seu herdeiro? —perguntou ele— Porque se for...

—Acredito que Chaunce te encontrou na sala de música com o Gaby. Não te parece que touca o piano de maravilha?

Bryce ao princípio pensou em seguir insistindo sobre o tema, mas logo trocou de opinião. Pela razão que fora, Hermione não queria ouvir essa parte de sua explicação; tampouco estava disposta a abordar diretamente esse tema. Mas bem parecia seguir seu próprio ritmo, que incluía lhe apresentar os melhores aspectos de todos os membros de seu lar. Muito bem, seguiria-lhe o jogo — Sim, touca excelentemente.

—E tiveram uma conversação agradável?

Bryce passou o braço informalmente pelo respaldo do sofá, inclinando sua cabeça e encontrando-se com o olhar inquisitivo do Hermione.

—Sim, assim foi. Falamos que música, do serviço e de você. Também falamos da própria Gabrielle: de seu passado, seus interesses e opiniões.

—É uma jovem extraordinária, não te parece?

—Sem dúvida o é.

—Seu passado, contou-te o de seus pais? Como morreram?

—Como e onde. —Parte de seu estado pensativo voltou para recordar o que tinha escutado o inesperado vínculo entre o passado do Gabrielle e o seu.

—Então, saberá o vulnerável que é. —Sem fazer caso da referência que tinha feito Bryce ao Whitshire, Hermione se inclinou para diante e se massageou as têmporas; tremia-lhe a voz ao falar— Quem mais me preocupa é Gaby, o que será dela quando eu vá. É como uma formosa mariposa, Bryce: pouco comum e delicada. E muito confiada. Preocupa-me mais do que imagina.

—por quê? —Bryce piscou surpreso pelo inesperado curso da conversação do Hermione. Esperava que lhe tivesse mencionado as virtudes do Gabrielle, não que lhe expressasse sua ansiedade por seu futuro— por que se preocupa com o futuro do Gabrielle? No Nevon Manor todo mundo a adora. Ninguém do serviço ousaria jamais lhe fazer danifico.

—Não, eles não. Mas crie que se poderia dizer o mesmo do mundo exterior?

—Me perdoe Hermione, mas me perco. Segundo Gabrielle, os residentes do Nevon Manor são um grupo bastante isolado que estranha vez se aventura a sair da propriedade.

—Certo. Mas ela, a diferença de outros, tem isolado do mundo muito mais tempo. Tem dezoito anos, Bryce, já é uma mulher, uma pessoa que pode dar muito. Precisa ter sua própria vida, um marido, uma família própria. E isso significa abandonar Nevon

Manor, integrar-se no mundo real e às vezes desumano que existe fora de nossas portas. Gaby não está preparada absolutamente para isso, o qual é minha culpa por tê-la tão protegida. Mas devido a sua traumática experiência, a uma idade tão tenra, queria que se sentisse segura, que tivesse um lar, segurança. Agora me pergunto se realmente lhe tenho feito um favor. Porque apesar da felicidade natural do Gaby, apesar da força ilimitada que encontra para ajudar a outros, é muito frágil e inocente. Bastaria com uma situação inapropriada e o homem equivocado para fazê-la pedaços. E se não estar aqui para protegê-la...

Bryce franziu o cenho, incapaz de refutar uma só palavra do fervente raciocínio do Hermione. Sua conversação com o Gabrielle lhe tinha revelado que era justamente a jovem que lhe estava descrevendo. E sem o Hermione como tutora...

—Tem razão — acrescentou sossegadamente; sua mente procurava possíveis soluções — Entendo sua inquietação. De fato, até me atreveria a dizer que deveríamos começar a fazer algo.

Hermione levantou a cabeça. —Fazer algo? Como?

—Prevendo o futuro do Gabrielle no testamento que vamos modificar.

—Essa é precisamente a via que estava contemplando. Essa é também a razão pela que queria falar contigo esta noite, antes que retorne Chaunce com os livros de contas da casa.

—Tem alguma idéia específica que queira comentar?

—Sim. Eu gostaria de nomear um tutor legal para o Gaby, alguém responsável para fiscalizar seu futuro em caso de meu falecimento.

Bryce parecia surpreso.

—Naturalmente, essa seria uma boa solução. Entretanto, eu tinha a idéia de que não havia ninguém em quem você confiasse o bastante para desempenhar essa função.

—Pelo contrário, sem dúvida há alguém: se você aceita te fazer cargo disso.

Bryce se sobressaltou incorporando-se de repente.

—Eu? Quer que eu seja o tutor do Gabrielle?

—Não é que queira, suplico-lhe isso. —Hermione inspirou devagar, unindo suas trementes mãos— Por favor, Bryce. Imploro-te que aceite. Não tenho a ninguém mais a quem recorrer, nem sequer Thane. Gaby e ele se viram só uma dúzia de vezes e som totalmente distintos; Thane não teria nem idéia do que fazer com o futuro do Gaby. Enquanto você, ao haver enfrentado a um entorno muito mais distinto, ter sofrido tanto...

Hermione ficou os dedos nos lábios como se estivesse procurando as palavras corretas para lhe convencer.

—Não será mais que um inconveniente menor. Como meu herdeiro, viverá no Nevon Manor, de todos os modos. E não terá que pôr nem um xelim de seu dinheiro; deixarei uma quantidade considerável para o Gaby, que você fiscalizará, é obvio. Pode-te assegurar de que conheça as pessoas corretas, proteger a da crueldade e das coisas desagradáveis. Todo o serviço te ajudará; como há dito a quem de verdade. Mas eles sozinhos não são o bastante fortes nem constantes para responsabilizar-se deste trabalho

tão importante. Tenho que deixar a alguém forte, inteligente e perspicaz ao mando que possa cuidar do Gaby, protegê-la e guiá-la pelo bom caminho. Essa pessoa é você. Por favor... Não te pode negar.

Bryce se levantou e começou a caminhar pela habitação com as mãos unidas às costas. Ficou mudo do susto; sentia-se afligido pela magnitude do que Hermione lhe pedia; uma petição que tinha começado por supor uma carga mais ou menos suportável até ser quase insuportável. Aceitar fiscalizar a seu pouco ortodoxo serviço já supunha uma grande responsabilidade, que implicaria uma mudança de residência, de prioridades, de toda sua forma de vida. Mas isto? Aceitar a custódia de uma jovem, apresentá-la em sociedade, guiar seu futuro? Não tinha experiência, preparação, nem predisposição para isso.

Como podia lhe pedir Hermione algo assim?

Porque não havia ninguém mais. A ninguém importava o serviço do Hermione; não havia ninguém para cuidar do Gabrielle. Não havia amigos, família, ninguém.

Estar sozinho, valer-se por si mesmo, isso o entendia muito bem, pois se tinha enfrentado a isso fazia alguns anos quando recebeu a carta do Hermione, inteirou-se de que os Lyndley se partiram e teve que enfrentar-se ao tremendo feito de que não tinha aonde recorrer, nenhuma mão a que agarrar-se.

Esse sofrimento não o desejava a ninguém, e muito menos a alguém tão tenro como Gabrielle.

— Está segura de que Thane...? — começou ele.

— Estou segura. — Observando o jogo de emoções que se desenhavam no rosto do Bryce, Hermione se inclinou para diante e prosseguiu gentilmente. — Bryce, por favor, o que te estou pedindo pode que só seja uma mera formalidade. Sabe muito bem que considero o Gaby como a minha filha. Tendo isto presente, o que quero é que tente tirá-la durante a seguinte Temporada, que vá introduzindo em sociedade. — Deu um suspiro de resignação. — Tinha tentado fazê-lo eu esta Temporada, mas por causa da enfermidade do Richard tive que modificar meus planos. O qual me concede tempo suficiente para convencer ao Gaby de que Nevon Manor poderá sobreviver sem nós durante vários dias. Preocupa-se muito pela capacidade de nossa família de assimilar a mudança, embora eu confie plenamente no Chaunce para que as coisas vão com toda normalidade durante as ausências esporádicas de Gaby e as minhas à cidade. Nunca deixaria a minha família durante muito tempo. Mas não vou seguir descuidando o futuro do Gaby. Posto que a próxima primavera já tivesse finalizado meu duelo, Gaby já poderá sair, e para então espero que tenha ao menos uma dúzia de pretendentes para sua mão. Provavelmente se terá casado e será mãe antes que eu me parta. Entretanto, tenho que tomar as precauções pertinentes, no caso de. Sem dúvida, sendo advogado, compreenderá a prudência de meu plano.

— Sim, Hermione, entendo — resmungou Bryce, desejando encontrar algum maldito engano em sua lógica. Por desgraça, não era assim. Nenhum respeito a sua súplica pelo Gabrielle ou por seu serviço. Ela amava a essas pessoas e estava se

desesperada pelas proteger, e realmente acreditava que ele era a única pessoa que podia garantir seu futuro.

Possivelmente o fora.

O qual incitava à pergunta mais desconcertante.

De repente, Bryce se deteve, quadrando-se para encontrar-se com o olhar do Hermione.

—O que teria feito se não tivesse morrido Whitshire?

Hermione respirou intranquã.

—A verdade? Tinha estado refletindo sobre a idéia de contatar contigo de todos os modos, de te pedir que viesse, sob outro nome, se fosse necessário, fazendo ver que foi meu assessor financeiro, meu advogado, algo, te rogar que não te negasse e Richard não tivesse suspeitado quem foi realmente. Assim de se desesperada começava a estar. Então interveio Deus. Viu o modo de que viesse até mim. Nunca desejei que lhe acontecesse nada mau a meu irmão — seu rosto se escureceu—, salvo quando te repudiou; nesse momento realmente desejei que se fora ao inferno. Entretanto, minha angústia não teve resposta e o destino do Richard acabou decidindo-o um ser superior. Mas a sucessão dos acontecimentos, sua morte, minha deterioração, não acredito que fora uma mera coincidência. No fundo de meu coração acredito que Deus coincidiu com meu desejo de que voltasse para minha vida para guiar a meus seres queridos e desempenhasse o papel que nunca pôde reclamar enquanto Richard estava vivo.

Ao final, Bryce ficou tenso.

—O que significa isso?

Fez-se o silêncio.

—Hermione, que mais não me há dito?

Hermione baixou as pestanas.

—Respeito a que?

—Sabe muito bem a que me estou referindo. —Bryce se dirigiu para ela e se parou justo diante do Hermione, onde ia permanecer até obter algumas respostas.

—nos economizemos os jogos. Prefiro que me digam sempre a verdade, como já lhe terão informado seus detetives. Você tem um plano bem ideado e eu estou no centro do mesmo, mas até agora não me definiu isso claramente em voz alta. Ao princípio me disse que queria que eu lhe redigisse seu testamento, revisasse suas contas e, como já tinha anunciado a seu serviço, que atuará como seu assessor financeiro. Logo, como quem não quer a coisa, acrescenta que me escolheu como herdeiro de suas propriedades e de seus residentes. Faz uns minutos me implorou que fiscalizasse o futuro do Gabrielle. Agora está fazendo alusão a alguma outra coisa e suspeito que pode ser totalmente inconcebível. Assim que lhe repito, que mais tenta me pedir?

Hermione se umedeceu os lábios, seu pálido olhar azul se fixou na sua.

—Muito bem, Bryce, se quiser que seja direta, que assim seja. Há algo mais que quero te pedir.

—Que é....

—Que conheça seu irmão.

—Meu irmão — repetiu Bryce, palavra que lhe resultava amarga e estranha em sua língua.

—Sim, Thane. Como te hei dito é um bom homem. Distinto de ti e do Gaby, mas decente e amável. Richard era o único obstáculo entre vós dois. Agora que ele já não está, queria que lhes conhecessem. Logo, antes que chegue minha hora.

Aí estava de novo. A sinistra referência do Hermione a sua saúde.

Atrasando a negativa absoluta de conhecer filho do Whitshire que já começava a aparecer em seus lábios, Bryce se enfrentou a este tema mais importante sem rodeios.

— antes que digamos outra palavra, quero saber exatamente qual é seu estado de saúde. Está insinuando que está chegando ao final de seus dias. Entretanto, faz um momento me assegurava que estaria aqui a próxima primavera para que Gabrielle começasse a sair. Do que se trata Hermione? Está você doente? Se não for assim, por que não deixa de referir-se a seu falecimento como se fora algo imediato? E já que falamos deste tema, que medicação está tomando?

Ao Hermione tremeu a garganta, claro indicativo de que estava nervosa. Vendo isso, Bryce franziu o cenho, e de repente lhe assaltou a possibilidade de que o de sua enfermidade fora a sério, de que todo seu plano tivesse sido desenhado em um intento de proteger a seus seres queridos, de lhes garantir seu futuro, de uma vez que lhes ocultava a verdade sempre e quando fora possível.

Tratando de acalmar sua preocupação, esperou a resposta. Quando se produziu, foi levantando lentamente os ombros.

—Que eu saiba não estou doente, só débil. Segundo o doutor Briers, a medicação é um tônico que me ajudará a recuperar minhas forças. O que não te posso dizer é se for certo ou simplesmente um amável intento de consolar a uma anciã. Mas isso não importa. A ser sincera, minhas intenções e meu destino pode que não coincidam ao menos não no que a minha saúde se refere.

Hermione fez uma pausa, descansando um momento para recuperar forças.

—Não estou planejando ir da noite para o dia — prosseguiu — Entretanto, tenho que ser prática. A minha idade, quanto tempo me pode ficar? Não posso me esquecer do fato de que estive cada vez mais pálida durante as últimas semanas. É quase como se me estivessem preparando. Sou uma lutadora, Bryce; pretendo me aferrar à vida com cada célula de meu ser. Mas a morte do Richard me tem feito me dar conta de que todos somos mortais, até eu. Lutadora ou não, não posso deter o passado do tempo nem trocar o curso da natureza. Vivi uma vida larga e plena. Com um pouco de sorte, minha coragem e minha medicina viverei uns quantos anos mais. Não obstante, quero que meus assuntos estejam em ordem, e o mais importante, quero que meus seres queridos tenham o que necessitam, física e emocionalmente. Mas como, meu querido moço, inclui a ti. — Hermione deixou cair às mãos sobre sua saia — respondi a sua pergunta?

Bryce se voltou a esfregar a nuca, a cabeça lhe dava voltas com tantas emoções conflitantes.

—Assim é.

—Bem. Então possivelmente responda à minha. Dará-me a paz mental que procuro?

Como poderia dizer que não?

—Pede você muito — lhe disse surpreendendo-se de sua própria resposta.

—Muito bem — respondeu Hermione. —Então, vamos ver cada assunto por separado. Já aceitaste revisar meu testamento e minhas contas. Por isso me parece que agora minhas petições se reduzem a três. —Enumerou-as com sua habitual dignidade e calma— Uma, permitirá-me que te nomeie meu herdeiro? Dois, aceitará atuar como tutor de Gaby se fosse necessário? E três, conhecerá seu irmão e iniciará uma relação que devia ter começado faz trinta e um anos? —Um leve sorriso se desenhou em seus lábios— Posto que não quer que eu mora, por que não me dá uma razão mais para viver?

Bryce inspirou profundo.

—Suas petições são desmesuradas, sabe? Bem. Serei seu herdeiro e o tutor do Gabrielle, em caso de que fora necessário. Que sinceramente espero que não o seja.

—E Thane? —Débil ou não, Hermione não cedia nem um milímetro. Levantou o queixo e deixou ao descoberto um rosto cheio de determinação. —Conhecer-lhe-á?

Tinha que silenciar anos de negação.

—Sei que o faz com a melhor intenção, Hermione, mas não albergio o menor desejo de reconhecimento, não nesta etapa de minha vida. Justamente o contrário, sinto-me muito bem com quem sou e não quero nem necessito aceitação do filho do Whitshire para reforçar minha auto-estima.

—Não se trata de automóvel estima, mas sim da família. —Hermione se levantou lentamente, agarrando-se ao braço do sofá enquanto se apoiava bem no chão. —Bryce, esse homem é seu irmão. Não sente a menor curiosidade por lhe conhecer? Sua qualidade moral, suas peculiaridades, suas crenças? Acabo-te de dizer que é um homem bom e honrado, que nada tem que ver com seu pai. Com sua sagacidade e sua mente indagadora, você não gostaria de ver por ti mesmo se o que te estou dizendo é verdade? —Estirou o braço e lhe tocou o queixo. —Tem seu mesmo tom, seus rasgos proeminentes, sua estatura e compleição. Vi-te nele muitas vezes e cada vez meu coração gritou a injustiça de que nunca lhes tivessem conhecido.

Bryce notou um nó na garganta.

—Duvido que ele queira me conhecer mim, ao filho bastardo de seu pai.

—Equivoca-te. Conhecendo o Thane, te teria procurado ele mesmo de ter conhecido sua existência.

—Com o Whitshire vivo? Duvido-o. Seu irmão lhe teria talhado a cabeça.

—Isso não lhe teria detido. Ao igual a você, não abandona nunca seus princípios, nem sequer por seu pai.

A curiosidade de Bryce e seu compromisso com o Hermione começavam a vencer sua teimosia.

—Quando quer que tenha lugar esse encontro?

—Amanhã de noite. —Hermione sorriu com ar de vitória— Já tenho escrito ao Thane e lhe perguntei se poderíamos ter um jantar informal no Whitshire a pesar do duelo. Expliquei-lhe que meu assessor financeiro me está visitando e que eu gostaria que falasse com o senhor Averley, o administrador do Whitshire, para falar de meus temas financeiros. Como sabe, Chaunce se encarrega das contas da casa, mas para assuntos mais complicados, Richard e eu contávamos com o senhor Averley, que assessorou a família durante anos. Thane, é obvio, aceitou. Recebi sua nota de confirmação enquanto estava na sala de música com o Gaby. Esperam-nos no Whitshire amanhã às sete.

Bryce ficou boquiaberto.

—Já o organizou?

—Sim, embora haja mantido em segredo sua verdadeira identidade. Não podia me permitir perder tempo. O tempo te daria a oportunidade de trocar de opinião.

—Nem sequer tive tempo de me forjar uma opinião!

—Bom, agora já o tem feito. —Lhe deu de presente um esplêndido sorriso. —Além disso, fará- um grande serviço ao Gaby.

—Ao Gaby? —Uma vez mais, Bryce se sentiu como se estivesse sendo miserável sob uma tremenda onda — O que tem que ver Gabrielle em tudo isto?

—Não voltou para o Whitshire do incêndio.

—Sim, contou-me isso.

—chegou o momento de que se em frente a seu passado. A melhor forma de fazê-lo é convencer a de que a necessitamos, de que visitará Whitshire por deferência para outra pessoa, não para vencer seus medos.

—E essa outra pessoa sou eu. —Bryce moveu sua cabeça com surpresa— Acredita que se manifestará o instinto protetor do Gabrielle se necessitar apoio emocional em minha primeira visita ao Whitshire. —franziu o cenho — Conhece-a meu verdadeiro parentesco?

—Não. Isso não sabe ninguém. —Hermione duvidou. —À exceção do Chaunce.

—Bem, por que não me surpreenderá isso?

—A questão é que já não é necessário seguir ocultando os fatos, verdade?

Isso fez que Bryce ficasse gelado.

—Hermione, nem lhe ocorra anunciá-lo publicamente. —Apertou os punhos a ambos os lados de seu corpo, gesto que denotava que não ia ceder a sua exigência— O certo é que pode que Whitshire morrera a semana passada, mas para mim esteve morto durante toda minha vida. Não trocou nada; tampouco quero que assim seja. Sou Bryce Lyndley. Se aceitasse conhecer filho do Whitshire, seria como deferência para você, mas em modo algum desejo que isso troque minha posição social. Fica claro? Digo-o a sério, Hermione. Não quero artigos na imprensa, nem fofocas entre os serventes: nada. Se ocorrer alguma dessas coisas...

—Jamais revelaria algo que só te corresponde fazê-lo — interrompeu Hermione — Tampouco tenho a menor intenção de proclamar a verdade ao mundo. Isto não é uma questão de posição social, Bryce, mas sim de família. Pode estar seguro de que as únicas

peessoas às que sugeria dizer o eram Gaby e Thane, ambos diretamente afetados por dito anúncio e ambos tremendamente discretos. Se aceitar, estará lhe fazendo ao Gaby um grande serviço e me contribuirá muita felicidade, e todo isso sem renunciar a um ápice de Bryce Lyndley. — Piscou um instante. — Sem dúvida isso não suporá uma ameaça para alguém que tem tanta segurança em si mesmo como você, não é certo?

Bryce abriu a boca e em seguida a fechou.

— E você era a que dizia que não gostaria de enfrentar-se a mim nos tribunais? — murmurou.

Um sorriso sereno foi sua única resposta.

— Muito bem. Muito bem. — Bryce moveu a cabeça com exasperada incredulidade Mas tenho que dizer que minha vida era curiosamente singela antes de hoje.

— Isso é o que acontece com a família. Complica-te a vida, põe-no todo do reverso e te dá mais plenitude do que jamais poderia chegar a imaginar. — Hermione lhe olhou e seus olhos começavam a umedecer quero te dar uma família, Bryce. Se não por seu bem, pelo meu.

Como se tudo estivesse preparado, alguém bateu na porta e um segundo depois entrava Chaunce; cruzou a sala de estar agilmente com um reservatório de água de uns seis ou sete livros.

— Nossos livros de contas — disse colocando-os sobre um extremo da mesa.

— OH, Chaunce, me alegro de que haja tornado! — exclamou Hermione, acomodando-se no sofá — Tenho grandes notícias. Bryce e Gaby virão amanhã comigo ao Whitshire para o jantar.

— Esplêndido, senhora. — Um sorriso de cortesia iluminou os lábios do mordomo. — Sua Senhoria... Perdão, Sua Excelência estará agradado.

— Sua Excelência — recordou Bryce ao Chaunce de um modo cortante — espera ao assessor financeiro de lady Nevon.

— É obvio senhor, entre outras coisas é justamente a quem espera conhecer. — Chaunce deu um golpe cito sobre a pilha destes livros são as contas mais atualizadas da casa, que incluem os últimos anos. Os temas listrados incluem dos salários dos empregados até os gastos de comida, fornecimentos e extras solicitados por alguns membros do serviço. Como verá, entrada-las sofreram muito poucas mudanças de ano em ano. Entretanto, nos livros de contabilidade do ano em curso teremos que acrescentar entradas, temos que prever vários extras relacionados com a primeira Temporada em Londres da senhorita Gaby. Concretamente, renovar seu vestuário: trajas, acessórios e tudo o que uma dama possa necessitar para sua apresentação, além disso, do início das classes de baile e suas lições de piano, é obvio.

Chaunce se deteve um momento em sua explicação, indicando três livros mais grossos que estavam em cima.

— Prosseguindo com o tema. Estes três livros contêm dados mais complexos dos que lhe acabo de descrever. Não são as contas do dia a dia do Nevon Manor, a não ser os ganhos que recebeu Lady Nevon de suas propriedades, assim como os gastos de

administração das mesmas. As propriedades das que falo são muito importantes; inclui-se tudo, desde o Nevon Manor até a pequena granja do Bedford em que você cresceu e que em sua maior parte são um legado de seu defunto algemo. Em quase todas residem arrendatários e serventes. Sugiro-lhe que se leve estes livros a suas habitações e os revise esta noite, depois do qual poderemos comentar os detalhes com o senhor Averley quando formos amanhã ao Whitshire. Como administrador do defunto duque, ele se tem feito cargo das contas mais complicadas de toda a família Rowland durante décadas.

—Rowland —interrompeu Hermione— é você... Perdão é o sobrenome do Thane.

—Sei — respondeu Bryce algo tenso. Levantou os quatro livros da parte superior da pilha e os apartou para agarrar os mais pesados que havia debaixo. —Muito bem, Chaunce. Revisarei estes três livros cuidadosamente, primeiro eu sozinho, logo com o senhor Averley. —Levantou a cabeça e olhou ao Hermione — Quero entender a procedência dos ganhos de todas suas propriedades, incluídas as rendas que recebe de seus arrendatários. Quanto mais saiba de todos seus ativos, melhor poderei aconselhá-la, tanto em retificar seu testamento como em estabelecer um fundo para o Gabrielle.

—Excelente. —Hermione se apartou uma de suas mechas chapeadas da bochecha. —E falando do Gaby: quando vais falar com ela? Não de seu legado, é obvio, não quero preocupá-la mais por minha saúde, a não ser a respeito de nossa visita de amanhã ao Whitshire e de nosso propósito.

Bryce franziu o cenho, pensando em como ia contar lhe um passado do que nunca lhe tinha falado a ninguém antes.

—Suponho que quanto antes o faça melhor. —Começou a falar de novo. — Revisemos agora as contas da casa. Provavelmente, possamos adiantar bastante antes de jantar. Depois da sobremesa, levarei-me ao Gabrielle a dar um passeio. E lhe explicarei toda esta desagradável situação.

—Não seja tão pessimista — lhe disse Hermione lhe acalmando— Os fatos não trocam só por que se expressem em voz alta, como não trocará você por fazê-lo. Você é o que é Bryce: um homem extraordinário disposto a voltar a abrir suas feridas para ajudar a outros a sanar as suas.

Bryce a olhou fixamente, agarrou uma cadeira e se sentou.

—Não tenho tanta vontade de auto sacrifício como você quer acreditar, Hermione. Se qualquer outra pessoa me tivesse feito estas petições, minha compaixão não teria sido tão grande para me convencer. Faria tempo que me teria partido do Nevon Manor e minha negativa ainda ressonaria em seus ouvidos.

Dito isto, apartou os livros mais pesados e abriu o primeiro livro de contas da casa.

—A primavera é minha época favorita do ano. —Gaby se deteve ante o carvalho que estava começando a brotar e tocou brandamente seus casulos. —É como se tudo cobrasse vida de repente.

—Hum? Sim, suponho que tem razão. —Bryce respondeu em um tom sério, sua mente estava pensando na conversação que ia iniciar.

Colocou as mãos nos bolsos, o estado de ânimo taciturno que lhe tinha acompanhado toda a tarde tinha aumentado ao ter que enfrentar-se ao tema que estava a ponto de abordar. Abrir esse capítulo de sua vida era um passo inesperado e desagradável, que nunca tinha pensado que teria que dar, e se perguntava por que tinha permitido que Hermione lhe convencesse.

Um olhar ao Gabrielle, que agora estava acariciando o casulo como se fora a jóia mais apreciada, deu-lhe a resposta. Em realidade, a ele sua revelação suporia tão somente uns momentos de mal-estar, enquanto que para o Gabrielle era a oportunidade de fazer as pazes com seu passado.

E quem melhor que ele sabia quão importante era isso? Ele tinha enfrentado a mesma provocação.

Bom, essa provocação agora já tinha ficado atrás. Quão feitos envolviam seus origens se silenciaram durante muitos anos, tinham ficado relegados a um lugar no que embora estivessem latentes e tangíveis já não lhe feriam. De modo que se compartilhar a verdade com o Gabrielle lhe podia ajudar a silenciar a seus próprios fantasmas, o esforço valeria à pena.

Inspirou profundo e voltou a pôr sua atenção no Gabrielle, franziu o cenho ao ver que ela seguia fascinada com o carvalho.

—É a primeira vez que vem por este caminho? —perguntou-lhe. Gabrielle parecia surpreendida.

—É obvio que não. Venho todos os dias, estou acostumado a vir quando não vou a nenhuma parte em especial. Este bosque conduz diretamente à toca do Crumpet. Por que me pergunta isso?

—Porque é evidente que este carvalho leva aqui muitos anos. Entretanto, atua como se o visse pela primeira vez.

—Em certo modo assim é. —Acariciou o delicado casulo e logo o soltou— Este casulo não estava aqui ontem. Amanhã não será igual à hoje. —girou-se para olhar ao Bryce, e seus olhos de cor azul céu emanavam sabedoria— Muitas coisas dependem de como vejamos a vida. Pode ser de um modo muito mundano ou excitante, novo, como...

—O país das maravilhas? —sugeriu Bryce, com um toque de humor em seu tom.

—Só esses aspectos do país das maravilhas que são verdadeiramente notáveis — respondeu Gaby, com a mesma solenidade que Bryce tinha estado brincando— Os outros aspectos, a solidão, a confusão e o caos, já os temos aqui na terra. Mas isso já sabe, verdade?

Ao Bryce lhe esgotou o bom humor.

—Volto-lhe isso a repetir. Para uma pessoa tão jovem e isolada da vida, é surpreendentemente perspicaz.

—Pode ser. —apoiou-se contra o tronco da árvore— Sem dúvida sou o suficientemente perspicaz para deduzir que há uma razão para este passeio.

—Assim é. —Bryce se esclareceu garganta, dando-se conta pela primeira vez que sua saída da casa tinha sido algo desconcertante. A diferença da Lucinda e outras das mulheres sofisticadas que ele conhecia Gabrielle não tinha recebido uma instrução durante anos sobre como comportar-se com um cavalheiro. Em realidade, era justo justamente o contrário. Não só desconhecia o tema por completo, mas também nem tão sequer estava acostumada à visita de um homem, e muito menos a passear a sós com um. E ele a tinha tirado precipitadamente do comilão e a tinha levado a um bosque solitário sem lhe dar muitas explicações.

—Peço-te desculpas por te haver dado tantas pressas — lhe disse com afã de tranqüilizada— Isso por não dizer que, além disso, saímos sem acompanhante. Mas o que tenho que te dizer é urgente e privado. Rogo-te que confie em que meus motivos são totalmente honoráveis e Hermione está totalmente à corrente de tudo isto.

Gaby pôs cara de assombro.

—Nunca teria imaginado outra coisa. Por isso sei de ti e o que vi por mim mesma, jamais me teria ocorrido que suas intenções não fossem honoráveis. Além disso — acrescentou com um sorriso pícaro nos lábios— embora não fossem, estou totalmente a salvo e bem protegida justo onde estamos.

—Por quem?

—Por Alarido e Tijolo.

—Quais? —perguntou Bryce olhando rapidamente.

Gaby deu uns tapinhas ao tronco que tinha detrás e levantou os olhos.

—Dois de meus amigos. Alarido está planejando diante do buraco que temos justo em cima de nossas cabeças e Tijolo, a última vez que lhe espiei, estava brincando de correr pelo ramo de um sicómoro a uns metros daqui.

Bryce seguiu seu gesto e inclinou a cabeça para examinar o buraco mais desço do carvalho.

Um pássaro carpinteiro de afiado pico lhe estava olhando de acima, com seus negros olhos fixos nele e alerta.

—Alarido não tem nada de tímido — assegurou ao Bryce — Se notasse que estou em perigo, não duvidaria em agitar as folhas das árvores e equilibrar-se para martelar a meu assaltante até que partisse. E Tijolo — Gaby olhou à esquerda, assinalando a um polido esquilo vermelho que havia em um ramo de sicómoro a umas três árvores de distância, com um fruto seco entre as patas ao meio roer—, sua cor não é a única razão para seu nome. Vê esse fruto seco que tem entre as patas? Quando Tijolo decide apedrejar a alguém, morado-los duram vários dias.

Bryce se começou a rir.

—Formidáveis adversários, sem dúvida. Por favor, lhes diga a Alarido e a Tijolo que não tenho a menor intenção de te fazer danifico.

—Já sabem. —Gaby voltou a lhe emprestar atenção e cruzou os braços por diante de seus seios roçando suas mangas de seda rosa— Os animais têm uns instintos

extraordinários. Necessitam-nos para sobreviver. Minhas duas escoltas simplesmente estão em guarda, no caso de.

Bryce observou o movimento das delicadas mãos do Gabrielle, lhe recordando a deliciosa música que tinham interpretado pouco antes. Podia entender perfeitamente a razão pela que Hermione queria protegê-la. Havia algo especial e extraordinário no Gabrielle, algo que inspirava o instinto protetor, que despertava.

—Do que queria falar? —disse Gaby de repente inclinando a cabeça com ar interrogativo— decidiste aceitar a oferta de tia Hermione; vais permitir que te nomeie seu herdeiro?

—Sim. Mas isso não era do que queria te falar. — Bryce voltou a esclarecer a garganta — Do que te quero falar é da razão pela que me escolheu.

—Já a conheço. É um advogado famoso. Também é amável, compassivo e um grande amigo da família.

—Em realidade, o que sou é o sobrinho do Hermione, não só por seus sentimentos, mas também por sangue.

Ao Gaby lhe fecharam as pupilas do assombro.

—Não te entendo.

Deu um profundo suspiro e baixou o olhar, observando a felpa de erva que tinha sob seus pés.

—Eu tampouco, mas o tentarei. —Fez uma pausa forçada— Isto vai ser mais difícil do que esperava. Verá, nunca tinha falado disto. A ninguém.

—O tema é doloroso.

—Bom, uma vez foi. Agora já não. Agora este tema simplesmente me resulta estranho; é como uma velha indiscrição que preferiria esquecer. Só que esta vez a indiscrição não foi minha. Entretanto, eu fui o resultado.

—Uma indiscrição, implica isso a algum parente de lorde Nevon?

—Não. Implica a um parente de lady Nevon. O duque do Whitshire, para ser exatos, perdão, o defunto duque do Whitshire.

Bryce falava friamente, como se estivesse contando a história de outra pessoa.

—Faz trinta e dois anos Sua Excelência teve uma breve aventura com uma atriz muito jovem e famosa por sua beleza, Anne Parks. Ninguém contava com que a senhorita Parks lhe daria um filho ao duque. Mas assim foi. A questão da paternidade não parecia expor nenhuma dúvida, conforme parece, Whitshire foi o primeiro e único amante da senhorita Parks. Seja como for, quando tirou o chapéu seu embaraço a despediram de seu trabalho e ficou sem dinheiro. Estava desesperada. Foi à casa do Whitshire e lhe expôs seu problema. Ele a jogou e lhe proibiu a entrada a suas terras. Então, ela tentou lhe escrever, várias vezes, lhe rogando que a ajudasse. Respondeu-lhe lhe dizendo que a mandaria ao cárcere se atrevia a proclamar que ele era o pai. Era evidente que ela não sabia a quem recorrer dilema que em grande parte resolveu por seu evidente falta de instinto maternal. Deu a luz e lhe transpassou o problema a responsável irmana major do duque, Hermione, cuja natureza benevolente era conhecida tanto por nobres como plebeus.

»Resumindo, a senhorita Parks deixou a seu bebê recém-nascido na porta do Hermione, junto com as cartas que tinha recebido do Whitshire que provavam que era seu filho. Hermione se comoveu e de uma vez ficou furiosa com seu irmão por abandonar a seu próprio sangue. Ela se enfrentou a ele. Tiveram uma acalorada discussão, durante a qual admitiu a verdade, mas se negou a reconhecer ao bebê, nem tão sequer em segredo, lhe exigindo que o devolvesse a sua mãe e que se esquecesse do assunto. Entretanto, isso já não era possível. A jovem tinha desaparecido e pouco depois morreria em um bordel. Depois de descobrir esse fato, Hermione decidiu adotar ao bebê e anunciou sua decisão a seu irmão. Este se voltou louco de raiva. Jurou-lhe que a mataria a ela e ao bebê se atrevia a pôr em perigo seu matrimônio e a seu filho legítimo mantendo... Vejamos... Se puder recordá-lo corretamente. Suas palavras exatas escritas para descrever ao menino foram «esse asqueroso golfo bastardo». Exigiu-lhe que o atirasse a uma boca-de-lobo ou que o deixasse na escada de algum orfanato onde vivesse ou morrera anonimamente.

»Nem que dizer tem que Hermione não ia permitir isso, embora estivesse aterrorizada pelas ameaças de seu irmão e não se via capaz das impedir. Lorde Nevon havia falecido fazia anos, deixando-a sem um capitalista aliado para enfrentar-se ao Whitshire. De modo que o organizou tudo para que Lyndley, ajuda de câmara de seu defunto algemo, e sua esposa, sua ama de chaves de confiança, transladassem-se à pequena granja de lorde Nevon, no Bedford. Isto lhe permitiria ter um lar, uma vida normal, uns bons pais, e também a melhor educação e futuro que Hermione podia financiar.

—Por que te refere sempre a esse menino em terceira pessoa? —perguntou-lhe Gaby, com a voz impregnada de emoção. —Não está descrevendo a um ser intangível, a não ser a ti.

Surpreso pelo ardor da resposta do Gabrielle, Bryce a olhou rapidamente à cara e ficou atônito ao descobrir lágrimas em seus olhos.

—Muito bem, então: «Eu». E por favor, não chore. Minhas cicatrizes são mínimas e faz tempo que se fecharam.

—Não me acredito — respondeu Gabrielle lhe surpreendendo — Nem você tampouco. Esta mesma tarde me estava dizendo que há algumas costure das que um nunca se recupera. Agora entendo o que te impulsionou a dizê-lo e por que reagiu daquele modo quando mencionei ao Whitshire. —secou as bochechas — Sempre soubeste suas origens? Disse-lhe isso tia Hermione?

—Ao final. Mas isso foi quando tinha dez anos. Quando meus pais... Quando os Lyndley morreram de gripe, Hermione me escreveu. Contou-me isso tudo, enviou-me as cartas que tinha deixado minha mãe na cesta quando me abandonou. Mas também me advertiu que me mantivera afastado do duque, por meu próprio bem. Disse-me que por mais que ela quisesse lombriga, poderia ser um engano mortal que a visitasse. E tinha razão. Se Whitshire tivesse sabido de minha existência, me teria destruído. Pior ainda, teria destruído ao Hermione. Isso não podia permiti-lo depois de tudo o que tinha feito por mim.

—Além disso, se tiver que te ser justifico me manter afastado não supôs nenhum sacrifício por minha parte. Meus verdadeiros pais, os que me criaram tinham morrido, e com esse fato se cortou toda conexão com meu passado. Que sentido teria tido ir ver lhe? Não tinha o menor desejo de ver o Whitshire, e muito menos de lhe reconhecer. A única lealdade que sentia para um Rowland era com a Hermione e isso implicava mantê-la a salvo e que sua vida não sofresse nenhum percalço. Apesar de todas suas diferenças, queria a seu irmão, mas também lhe temia. Entendia-lhe e lhe aceitava. Segui seu conselho para que tanto minha vida como a do Hermione pudessem seguir como até então. Quanto aos sentimentos do Hermione para mim... —Bryce tragou saliva, para poder dizer algo que por fim tinha o poder de lhe afetar— Não tinha nem idéia de que eram tão fortes. Quão único sabia é que me tinha salvado a vida e que me tinha proporcionado um futuro. Mas sinceramente acreditava que o tinha feito por amabilidade e caridade, não por nenhum sentimento pessoal. Os profundos vínculos emocionais que ela sente por mim, esses dos que falamos antes, não os conheci até hoje. Fiquei-me atônito e tão comovido que não tenho nem palavras para descrevê-lo. O devo tudo a essa mulher. Essa é a razão pela que hei aceitado fazer algo que é o que me impulsionou a te revelar tudo isto.

—E o que é?

—Conhecer filho do duque.

Gaby abriu os olhos com incredulidade; incredulidade que imediatamente foi eclipsada por uma faísca de entendimento.

—É obvio! Tia Hermione queria que Thane e você lhes conhecessem. Isso tem muito sentido.

—Possivelmente para ti. Por outra parte, não lhe vejo muito sentido a nosso encontro, além do de agradar ao Hermione. O filho do Whitshire não tem idéia de minha existência e não me interessa a sua.

—Oh, mas Bryce deveria. —Gaby se separou da árvore, deu os poucos passos que a separavam dele e o olhou — É seu irmão.

—Esse fato é tão insignificante como o de que Whitshire seja meu pai.

—Não, não o é. — Gaby moveu a cabeça, provocando ondas em seu cabelo castanho que caía sobre seus ombros — É totalmente diferente. O defunto duque era tão desprezível como acaba de descrever. Thane, pelo contrário, é um irmão de que pode estar orgulhoso.

Fez uma pausa, umedeceu-se os lábios com a ponta da língua, seus delicados rasgos retrocederam enquanto procurava as palavras corretas.

—Não lhe estou dizendo isso só como resposta a sua história. Meu instinto já me dizia fazia anos que o irmão do Hermione era um homem frio e sem sentimentos. A verdade é que estranha vez lhe tinha visto, certamente não quando vivia em sua propriedade. Estranha vez se mesclava com os serventes, e quando o fazia, era só para dar ordens. Mas durante os treze anos que vivi no Nevon Manor, tive muitas oportunidades de lhe estudar. E embora ódio falar mal dos mortos, tenho que te confessar que aqui todos ficavam nervosos e inquietos quando devia visitar a sua irmã, o qual, felizmente, não

acontecía muito freqüentemente. Era impaciente, mordaz, especialmente com os membros de nossa família que não eram capazes de cumprir suas ordens com a rapidez ou eficácia que ele exigia.

»Mas o pior era ver a mudança que se produzia em tia Hermione quando vinha seu irmão. Essa pessoa orgulhosa e régia que é, convertia-se em calada e apreensiva, como um belo pássaro ao que tivessem silenciado seu canto. Ele nunca foi cruel com ela, mas... Digamos que eu respirava tranqüila quando seu carro se perdia da vista pelo caminho.

Bryce fez uma careta com a mandíbula.

—Por que me está contando tudo isto?

—Porque quero que entenda a diferença entre o defunto irmão de tia Hermione e Thane. Nunca te teria animado a que conhecesse o Richard Rowland; sua opinião dele é absolutamente correta. Mas Thane é todo o oposto. A diferença de seu pai é uma pessoa considerada e generosa. Não acredito que haja um ápice de mesquinha ou condescendência nele.

—Parece uma pessoa nobre.

—Parece-o e o é — respondeu Gaby brandamente — Enquanto seu pai rechaçava descaradamente ao Lily, Jane e aos moços, evitando todo contato com eles como se tivessem alguma enfermidade contagiosa, Thane sempre chegava com um sorriso e com uns quantos doces. E enquanto seu pai sempre arreganhava ao serviço, passava por seu lado como se estivessem sujos, Thane sempre passava por seu lado mais devagar, seguindo seu passo para não lhes ofender em sua dignidade.

—Se Thane for tão nobre, por que diz Hermione que não é apto para o Nevon Manor e que é distinto de ti e de mim?

—Porque ele é... — respondeu Gaby pausadamente, em harmonia total com sua tia— Thane é como as primeiras notas de uma sonata. Falta-lhe a integridade, a riqueza, de toda a peça, sem a qual o começo não é mais que o prelúdio; só abrange a superfície, mas nunca chega ao coração, à alma. Thane tem um grande potencial. Por desgraça, não tem nem idéia de como realizá-lo. Não é que seja superficial. Simplesmente, nunca teve a oportunidade de crescer, nunca se enfrentou a situações que obrigassem a algo mais que um sorriso estudado ou uma brilhante estratégia comercial. Recorda que sua vida está repleta de ricas experiências, que são muito mais profundas pelo sofrimento que tiveste que suportar e superar. Agora que penso em ti, tem muito que lhe oferecer ao Thane. Poderia ser a pessoa que lhe ajudasse a crescer. Contempla essa possibilidade. Se fosse você quem ajudasse ao Thane a desenvolver-se, a converter-se nessa pessoa tão capaz que pode ser, estará fazendo algo mais que elogiar a vida do Hermione. Estaria elogiando a de seu irmão.

Bryce inspirou.

—Não posso pensar nele deste modo.

—Possivelmente algum dia o faça.

—Tem idéia de quão difícil é...?

—Sim. — Gaby lhe pôs docemente a mão no antebraço — Quando lhes ides conhecer?

—Amanhã pela tarde. No Whitshire, posto que acabe de começar o período de duelo do Thane. Hermione lhe há dito se podia ir com seu assessor financeiro para jantar para falar de seus assuntos legais com o senhor Averley, o administrador do Whitshire.

—E você é esse assessor legal.

—Assim é. — Bryce pôs sua mão em cima da do Gaby, lhe dizendo diretamente o que queria — Quero que venha comigo.

Notou como lhe esticavam os dedos.

—O que há dito?

—Por isso te confiei à verdade sobre meu passado. Gabrielle tenho que dar um grande passo. Você também. Por outras razões, ambos temos fantasmas aos que nos enfrentar no Whitshire. Hermione quer que o façamos juntos. — Bryce lhe estreitou os dedos e com um gesto de surpresa se deu conta de que realmente suas palavras eram sinceras— Sei que sua perda foi traumática. E se realmente crie que não poderá suportar voltar para lugar onde morreram seus pais, não te pressionarei. Sabe que significaria muito para mim que me acompanhasse que me facilitasse o caminho para conhecer o Thane. Como te hei dito antes, é a pessoa mais encantada que conheci em muito tempo. Espero que sua amabilidade e euforia consigam fazer suportável o insuportável.

Gaby tragou saliva, visivelmente comovida por suas palavras, e conforme parecia, refletindo sobre sua decisão.

Mas lhe surpreendeu quando respondeu.

—Este é um momento crítico e decisivo em sua vida, Bryce. Não preferiria que te acompanhasse a senhorita Talbot?

—Lucinda? — Bryce sacudiu a cabeça, surpreso pela inesperada pergunta — É obvio que não. Lucinda não sabe nada de minhas verdadeiras raízes. O que é mais, não tenho a menor intenção de contar-lhe

Agora foi Gaby a surpreendida.

—por que não? Sem dúvida contar com seu apoio emocional te facilitaria as coisas.

—Sem dúvida alguma, jamais recorreria a Lucinda para encontrar apoio emocional.

—Já vejo. —Gaby refletiu um momento; sua expressão era intensa, esses olhos azuis surpreendidos procuravam seu rosto— Entretanto, foste a mim. O que faz que questione se realmente crie que posso te ajudar ou se estas fazendo tudo isto por meu próprio bem, se for um intento encoberto, tua cortesia e de tia Hermione, para que me em frente a meu trauma.

Meia hora antes a resposta de Bryce teria sido diferente. Mas agora não tinha problema algum em responder com a verdade.

—Ambas as coisas.

O alívio se refletiu no rosto do Gabrielle e sua mão se relaxou sob a sua.

—Muito bem. Nesse caso, irei.

—Obrigado. —Bryce ficou atônito ao descobrir que ela se sentia tão aliviada como ele.

—Bryce. — O tom de Gaby era solene e emotivo — O que há dito esta noite, me confiar às verdadeiras circunstâncias de seu nascimento, deve te haver resultado extraordinariamente difícil. Embora a linhagem não signifique nada para ti, é evidente que você não revista compartilhar. Eu gostaria de te dar as obrigado te oferecendo o mesmo. — Ela apartou a mão, recolheu as saias e se afastou uns passos— Espera. Em seguida volto.

Saiu como uma flecha antes que Bryce pudesse responder, e viu como partia; apoiou-se na árvore e se perguntou o que é o que estava a ponto de fazer.

Não teve que esperar muito.

Gaby voltou a aparecer, aproximadamente aos cinco minutos, sem fôlego, abrindo acontecer com través das árvores para onde se encontrava ele.

—Aqui está —lhe disse— O mais valioso que tenho para compartilhar.

Bryce olhou para baixo. Os raios da lua iluminavam o objeto delicadamente elaborado que Gaby lhe oferecia; sua madrepérula brilhava como a porcelana mais fina, e seu marco dourado resplandeciam como ouro puro.

—É a caixa de música de mamãe — sussurrou, acariciando a pequena pedra que havia na tampa antes de abri-la e de que comesçassem a soar as primeiras notas de a Elisa— Não é preciosa?

Bryce sentiu uma opressão no peito com a que não estava familiarizado.

—Sim, Gabrielle, é-o. — Alargou a mão e acariciou delicadamente a bochecha com seu dedo indicador — E você também. Obrigado por compartilhar comigo sua caixa de música.

Gaby sorriu, extasiada com sua reação ante seu tesouro.

—De nada.

—Chaunce... Escuta. —Hermione se sentou erguida diante de sua penteadeira, deixou na mesa os pós para a cara que tinha estado usando para ter esse aspecto tão pálido durante toda a semana.

—Já o ouço senhora. — Chaunce cruzou para a janela que estava ligeiramente aberta, abriu-a mais e assentiu satisfeito com a cabeça— Assim que isso era o que tinha vindo a procurar a senhorita Gaby a seu dormitório. Imaginava.

—Dá-te conta de que está soando para ele, que ainda está com o Bryce. — Hermione ficou de pé e se uniu ao Chaunce para contemplar o céu da noite.

—Assim é, senhora. E se meu sentido de orientação não se equivoca, eu diria que estão no meio do bosque de sicómoro onde o pássaro carpinteiro de Um lugar do mais privado para falar.

—Não é uma simples conversa, a não ser uma muito importante e pessoal — acrescentou Hermione, apoiando-se contra o batente da janela; seus olhos brilhavam

enquanto soava a melodia da caixa de música — OH Chaunce, isto vai ser melhor do que esperávamos!

—Estou totalmente de acordo. — O mordomo se ergueu, arrumou-se o bigode antes de juntar as mãos nas costas — E tenho que dizer que estou encantado. Não só pela senhorita Gaby e seu sobrinho, mas também por mim, —disse em um tom altivo e engomado — Não me importa ir mesclando dose de água com limão cada dia, mas me introduzir às escondidas em suas habitações para preencher sua caixa de pó com essa odiosa mescla branca... Realmente, senhora, devo confessar que é muito pouco decoroso. Se você fosse outra pessoa, mas...

—Mas é para mim, Chaunce —Hermione intercedeu com um encantador sorriso— e já sabe por que não posso lhe pedir a Doura que o faça. Ninguém deve suspeitar que minha enfermidade não seja genuína, ainda não.

—Entendo-o. Entretanto, não suporto ver como mascara sua tez radiante com essa... Substância. — Jogou um olhar à penteadeira e se estremeceu de asco — Não, senhora, no que a mim respeita nosso plano não pode dar fruto com a rapidez suficiente para me agradar.

—Estou de acordo contigo. —Hermione lhe deu uma tapinha no braço ao Chaunce e olhou na direção de onde procedia a música— Tenho o pressentimento que logo apresentarei uma repentina e milagrosa recuperação.

Capítulo 5

Gaby apartava a comida em seu prato com a esperança de que se assentasse seu pouco cooperativo estômago.

Tinha aceitado ir ao Whitshire pelo Bryce, mas nas duas horas que tinham transcorrido desde sua chegada, ele parecia haver-se adaptado muito melhor que ela. Também era certo que ainda tinha que lhe explicar ao Thane qual era sua verdadeira identidade, mas os dois pareciam ter combinado em seguida, sem esforço por parte do Thane, com algo mais de reserva por parte de Bryce Tinham intercambiados cumpridos, tomaram-se um brandy e logo tinham acompanhado às damas para jantar, onde o senhor Averley se reuniu com eles. Já sabia que depois de jantar lady Nevon precisaria passar algum tempo em privado com seu assessor legal e com o Thane. Durante a última hora e meia de bate-papo se centraram nos negócios, os investimentos e as propriedades.

Em certo modo, isso era um alívio. A verdade é que se sentia como um peixe fora da água, mas ao menos não se esperava que ela participasse da conversação. Por outra parte, essa situação fazia que tivesse que confrontar-se com os desagradáveis sentimentos que estava experimentando desde que tinha chegado ali, que eram muito mais intensos do que esperava, apesar de que nunca tinha posto um pé no comilão ou nos salões do Whitshire. Em realidade, durante os cinco anos que tinha vivido ali, só tinha entrado na casa principal para as comidas, embora o tivesse feito pela porta traseira; seus

movimentos se restringiam à cozinha e aos comilões dos serventes. Que ela recordasse, nunca tinha visto as elegantes estadias que estava freqüentando essa noite. Não se teria esquecido os felpudos tapetes orientais, o régio mobiliário e os resplandecentes candelabros. Então, por que sentia esse mal-estar por dentro?

Possivelmente fossem os rostos que recordava de quão serventes tinham escapado do incêndio: Couling, o solene mordomo, a senhora Pife o cozinheiro e a senhora Darcey, a amável ama de chaves que encontrou ao Gaby inconsciente e que a balançou entre seus braços durante esses primeiros e horríveis momentos em que ela se inteirou de que seus pais tinham morrido. Era curioso, mas essas três pessoas — junto com o senhor Averley e um ou dois rostos familiares de moços e donzelas — já não lhe pareciam gigantes como quando tinha cinco anos. Agora eram meros mortais com passos lentos e têmporas chapeadas, que a saudavam com a insegurança e a reserva típica das pessoas que não se viram em muitos anos. Sem estar muito seguras da posição que ocupava Gaby, faziam-lhe uma reverência duvidando e murmurando a encantada e maior que se feito; logo retornavam em seguida a seus deveres.

Que Deus a perdoasse, mas em quão único podia pensar era em quão afortunadas tinham sido essas pessoas de estar vivas e em quão afortunada tinha sido ela. Por que seus pais não tinham tido essa mesma sorte? Oxalá esse fatídico dia não tivesse sido sua noite livre ou tivessem estado em algum outro lugar quando chegou o fogo a reclamar suas vidas.

Notou que a bÍlis lhe subia à garganta.

—Você não gosta do cordeiro, Gabrielle?

A voz do Thane interrompeu sua espiral emocional; seus olhos azulados — cinzentos refletiam preocupação.

—Perdão? — Não tinha nem idéia do que lhe tinha perguntado — Eu sinto muito, estava pensando.

—Estamos-lhe aborrecendo. — Seus lábios desenharam um sorriso; nesse momento Gaby ficou surpreendida ao ver quanto se pareciam Bryce e Thane. As duras facções aristocráticas, sua tez escura, esses olhos encantadores; sim, não cabia dúvida de que havia um parecido familiar. Até tinham compleições similares: os dois eram altos, costas larga e postura firme. Mas seus olhos eram diferentes, não só de cor, mas também em intensidade. Enquanto os de Bryce eram profundos e perspicazes, os do Thane eram distantes e menos enigmáticos.

Irmãos, sim. Mas diferentes, e com passados distintos.

—Não, claro que não me estão aborrecendo — respondeu — Por favor, sigam conversando. Eu me concentrarei em meu jantar.

—Que logo que há meio doido — disse Hermione amavelmente — Se inclinou para o Gaby e lhe estreitou a mão — Está bem?

—Sim, estou bem. — de repente, Gaby, passou a ser o centro de atenção, que era quão último desejava.

—Nos perdoe Gabrielle. É obvio que está aborrecida. — Foi Bryce quem saiu em sua ajuda; avaliava-a do outro lado da mesa com seu penetrante olhar — Uma dissertação sobre meus êxitos trabalhistas não pode ser muito fascinante como conversação para o jantar.

—A culpa é minha — disse Averley, o robusto administrador de bochechas coradas, deixando seu garfo com um cordial sorriso — Sou eu quem tem feito que o senhor Lyndley fale de si mesmo. O que acontece é que estou impressionado por sua evidente sagacidade nos negócios e suas incríveis referências.

—Parece você surpreso Averley — disse Hermione em voz baixe — Sei que vela por meus interesses, mas a reputação de Bryce lhe precede. Delmore e Banks, e Newsham e Satterle, dois dos gabinetes de advogados mais prestigiosos de Londres, cujos nomes têm que lhe resultar familiares, sempre estão solicitando seus serviços. Publicaram-se muitos artigos em quão periódicos corroboram este fato, ao igual as suas atuações nos tribunais, por não mencionar os soberbos lucros que conseguiu quanto à legislação da propriedade das mulheres casadas.

—Hermione — ereta divertida com a boca — pode que ao senhor Averley não lhe interessem os pequenos artigos dos periódicos. Respeito ao cavalheiro por preocupar-se com seu bem-estar econômico. Se algo lhe preocupar, rogo-lhe que me comunique isso. — Depois do qual inclinou a cabeça em direção ao Gaby — trocaremos de tema e falaremos de um pouco mais interessante que não sejam os negócios.

Hermione voltou a comer detrás fazer assentir com a cabeça; todos seus movimentos transmitiam sua desaprovação pelas táticas do Averley.

Averley totalmente alheio a esses gestos de desaprovação parecia inquieto; voltou a encher seu copo de vinho e olhou aflito ao Bryce.

—Temo-me que lhe devo uma desculpa, senhor Lyndley. Não era minha intenção fazer que se sentisse como se lhe estivessem interrogando em um tribunal. É obvio que tenho lido sobre seus contatos e êxitos no terreno legal. Também sei quão extraordinária é lady Nevon para conhecer o caráter das pessoas. O que acontece é que sou um homem muito precavido.

—Não precisa desculpar — lhe assegurou Bryce.

—Entretanto, eu gostaria de lhe dar uma explicação. Um muito franco, se não lhe importar.

—Absolutamente. Prefiro a franqueza às evasivas.

—Bem. — Averley pôs o copo sobre a mesa — Então, serei muito franco. O certo é que conheço lady Nevon há muitos anos. Sim, é certo que é uma boa conhecedora do caráter das pessoas. Entretanto, também é extraordinariamente leal com as pessoas que trabalham para ela. Uma das responsabilidades que me atribuiu o duque foi que me assegurasse de que sua paixão não pusesse em perigo seus interesses econômicos. Portanto, quando chegou ontem sua mensagem ao Whitshire, mencionando o sobrenome de seu novo assessor legal e financeiro, tive a suspeita de que seu compromisso com você

não fora por seu impressionante currículo, mas sim por sua grande vinculação com sua família. Eu adoro me dar conta de que não é assim.

Bryce levantou as sobrancelhas surpreso.

— Não sabia que você conhecesse meus pais.

— Não os conhecia. Ao menos, não pessoalmente. Mas estou bastante familiarizado com eles pelas descrições de lady Nevon. Segundo ela, seu pai era um ajuda de câmara exemplar, indispensável para lorde Nevon até o dia em que este faleceu. E sua mãe uma respeitada ama de chaves extraordinariamente eficiente. Lembrança o difícil que lhe resultou ter que substituí-la quando se trasladaram à granja onde você nasceu. De qualquer modo, lady Nevon nunca ocultou que tinha a seus pais na mais alta estima. Cabia esperar que sentisse o mesmo por seu filho. Desde aí minha preocupação. — Averley pigarreou, notando o olhar nada sutil do Hermione — Não obstante, excedi-me em minhas obrigações e incomodei lady Nevon com meu protecionismo.

— Sua devoção para o Hermione é admirável — respondeu Bryce, em um evidente esforço por apaziguar o aborrecimento do Hermione — Não me hei sentido ofendido. — comeu-se a última parte de cordeiro — Agora que já o esclarecemos tudo, passemos a outro tema.

— Acredito que deveríamos pospor a sobremesa — anunciou Hermione de repente, correndo sua cadeira para trás. — Eu gostaria de ter agora essa conversa com o Thane e Bryce.

Gaby piscou ante a inesperada decisão do Hermione, embora atendesse a razão. Era evidente que a conversação com o Averley fazia que sua tia se reafirmasse em ter quanto antes essa reunião que sabia que esclareceria qualquer dúvida sobre o lugar que ocupava Bryce em sua vida.

Muito bem, pensou Gaby. Chegou o momento de que me retire.

— Rogo que me desculpem — começou a dizer deixando o guardanapo sobre a mesa — Dedicarei este tempo a passear pelo jardim.

— Não. — Bryce ficou de pé movendo a cabeça — Prefiro que lhe reúnas conosco.

Gaby levantou lentamente a cabeça e se encontrou com seu olhar.

Por quem, desejava gritar. Por ti ou por mim?

Ela notou que Bryce se deu conta do que estava pensando.

— Sentir-me-ia muito mais tranqüilo se não saísse sozinha. Ao fim e ao cabo, Whitshire é muito grande e está obscurecendo. Assim por ti e por mim, rogo-te que fique.

— passei muitas horas de minha infância rondando pelo Whitshire; não me perderei — lhe assegurou, com as pernas ainda tremendo ante a idéia de retornar ao lugar onde sabia que a levariam. Estava segura de que Bryce tinha adivinhado seu destino e tentava lhe evitar a dor de ir até ali sozinha. Não obstante, tragou saliva e não disse nada. Possivelmente tivesse razão.

— Lembrança muita bem suas correrias pelo Whitshire — remarcou Averley ainda com um sorriso em seus lábios — Era só uma menina, mas quase todo o dia nos trazia para todos em xeque com seus contínuos desaparecimentos; logo sempre a

encontrávamos socorrendo a algum animal em alguma parte da propriedade, geralmente no bosque, o celeiro ou o estábulo.

Gabrielle respondeu com um sorriso.

—Recorda você bem, senhor, e não sente saudades. Recordo ao menos três ocasiões em que alguns serventes tiveram que abandonar seus deveres durante todo um dia para me buscar. Enquanto eu, totalmente inconsciente de todo o revôo que tinha provocado, estava correndo detrás de um coelhinho, um cervo ou um pássaro. Sei que não lhes facilitei nada seu trabalho.

Riu entre dentes.

—Certamente que não. Mas suas travessuras não eram intencionadas.

O certo é que seu carinho pelos animais não a deixava raciocinar.

—Segue sendo assim — admitiu-a.

—Nesse caso, em seu lugar aceitaria a sugestão do senhor Lyndley e acompanharia a ele, lady Nevon e a Sua Excelência à sala de estar. Não sou tão jovem como antes, nem tampouco o resto do serviço. Nós não gostaríamos de ter que organizar uma expedição de busca para resgatá-la em algum lugar desconhecido.

—Estou totalmente de acordo. — Hermione se colocou bem as saias e olhou ao Averley com aprovação pela primeira vez na velada — Enquanto isso, Averley, agradecer-lhe-ia que pudesse recolher toda a documentação que considere importante. Quando tiver concluído minha conversação com o Thane, eu gostaria que pusesse à corrente ao senhor Lyndley de tudo o que precisa saber para ordenar meus assuntos legais.

—É obvio — disse Averley assentindo com a cabeça — Aonde quer que lhe leve os documentos?

—Parece-lhe bem à sala de música? — disse Bryce.

Gaby levantou o queixo simultaneamente quando Averley disse:

—Perdoe?

—Suponho que uma mansão como esta deve ter uma sala de música —repetiu Bryce sossegadamente olhando ao Hermione — Simplesmente estava perguntando se seria um lugar conveniente para que nos reuníssemos.

Houve um momento de comunicação silenciosa entre eles, tão breve que ninguém mais o notou.

Ninguém salvo Gaby.

—Que idéia tão estupenda, Bryce! — exclamou de repente Hermione com tom de satisfação — A sala de música do Whitshire é cálida e confortável. Além disso, tem um magnífico piano Broadwood de cauda, que estou segura que ao Gaby adorará. Averley nos conceda uma hora. Logo venha a reunir-se conosco.

—Muito bem, milady. — Averley abandonou a habitação.

Ficou calada, comovida pela generosidade do gesto do Bryce.. Não lhe importava quão sutil ele pensasse que tinha sido ela sabia por que — E por quem — tinha sugerido a sala de música. Ao levá-la a um entorno que, segundo ela mesma lhe havia dito, era como

um porto seguro esperava que se sentisse cômoda, que se aliviasse esse sofrimento que estava experimentando ao enfrentar-se aos fantasmas do passado. Tendo em conta a difícil reunião a que ele mesmo ia afrontar se, sua preocupação por ela era elogiável e um indicativo mais do tipo de pessoa que realmente era Bryce Lyndley.

Entretanto, ele não esperava nem aceitava nada em troca. Nem dela, nem de ninguém. Disso estava segura. Tivesse apostado algo. Com exceção de tia Hermione, que lhe tinha ajudado economicamente durante sua infância e sua juventude, Bryce nunca tinha aceitado nada de ninguém, nem material nem emocionalmente. Quanto mais tempo passava em sua companhia mais segura estava disso, e sobre tudo agora que conhecia todos os detalhes de seu passado, esta convicção se multiplicou por dez, assim como sua determinação de lhe ensinar a beleza de aceitar algo em troca, de lhe permitir saborear o ato de dar e receber; que é a essência do amor.

O amor que ela tinha experiente no Nevon Manor, graças à tia Hermione e aos magníficos seres humanos que viviam ali e que se converteram em sua família.

Gaby baixou os olhos, mas observava ao Bryce furtivamente, tentando adivinhar qual era a melhor forma de lhe oferecer o mesmo consolo que lhe estava oferecendo a ela.

Thane, sem dar-se conta dos pensamentos de Gaby já se levantou e se dirigia para a Hermione com verdadeira curiosidade.

—Bom, agora que já arrumamos isto, vamos à sala de estar? Seja qual seja o motivo desta reunião, não me cabe dúvida de que é importante.

—Muito importante — enfatizou tranqüilamente Hermione.

Gaby examinava tão de perto ao Bryce, que quase pôde notar a sutil mudança que se produziu em sua conduta para ouvir as palavras do Thane. Apertou a mandíbula e começou a ficar tenso, especialmente os ombros; parecia um soldado preparado para o ataque ou para a defesa.

Sem mais deliberação, Gaby passou à ação. Dirigiu-se informalmente para o outro lado da mesa, deteve-se diante de Bryce e lhe deu um apertão no braço sem que ninguém o notasse.

Ficou surpreso, baixou a cabeça, olhou sua mão e logo voltou a levantá-la para olhá-la.

Olhou-lhe e lhe sorriu.

—Tenha fé — lhe sussurrou, desejando poder lhe apagar essa funesta expressão de tensão ao redor de sua boca com um beijo — Não está sozinho. As salas de música não são mais que um tipo de porto. O consolo chega de muitas formas, assim como quem nos oferece isso. —Dito isto, soltou-lhe e seguiu a sua tia e ao Thane até a sala de estar, retendo a respiração até que ouviu os passos firmes de Bryce atrás dela.

Uma vez que estiveram todos dentro, Thane fechou a porta, esfregou as palmas e olhou a outros.

—Se lhes parecer passaremos do brandy e iremos diretos ao assunto. A que se deve tão secreto?

Bryce estava de pé junto à janela, olhando para fora com as mãos detrás das costas.

Hermione suspirou e se sentou no sofá fazendo um gesto ao Gaby para que a seguisse.

— Bryce — disse ela, lhe assinalando a poltrona — a poltrona está livre.

— Ficarei de pé.

Thane olhou assombrado ao Bryce que não se girava.

— Lyndley — disse sem mais — ao igual a você, orgulho-me de ser uma pessoa sincera e intuitiva. Assim antes que comecemos, vou ser tão franco como o foi Averley. É evidente que você guarda algum ressentimento contra mim, apesar de que nos levamos bastante bem desde o começo, por quê? Fiz algo que possa lhe ofender?

— Não tenho nenhum ressentimento para você, Sua Excelência — disse Bryce girando-se lentamente — Simplesmente, é que esta situação me resulta muito incômoda.

— Por quê?

Silêncio.

Hermione se umedeceu os lábios.

— Bryce... Posso?

Encolheu-se de ombros.

— Você mesma.

Hermione assentiu com a cabeça e pigarreou antes de falar.

— Thane, ambos sabemos que seu pai era um homem muito difícil. Às vezes, até desalmado. Nunca o havemos dito em voz alta, mas ambos sabemos que é certo.

Thane estava perplexo.

— Não acredito que este seja o momento de falar dos enganos de meu pai.

— Sinto te contradizer. Justamente o é. Posto que seu pai seja o tema desta reunião e a causa do ressentimento de Bryce — Juntou as mãos sobre sua saia, levantou o queixo e falou com essa régia dignidade tão própria dela — O que vou revelar lhe vai surpreender isso muito. Confio em que me escute com o coração aberto e que seja consciente de que a idéia de te falar disto foi totalmente minha. Bryce não estava de acordo. Ele guardou silêncio durante duas décadas e quando souber do que se trata estará de acordo comigo em que podia ter falado se tivesse querido. O qual não o tem feito por várias razões. Com algumas estou de acordo, com outras não. Bom, as razões com as que estão de acordo deixaram de existir quando morreu seu pai. O resto entendo-as, mas não as compartilho. Por respeito para mim, está de acordo em esquecer suas reservas e compartilhar a verdade contigo. Não foi uma decisão fácil para ele, nem para ti escutar o que lhe vamos contar. Entretanto, acredito sinceramente que deve sabê-lo.

Thane já se ficou pálido.

— Pelo amor de Deus, do que se trata Hermione?

— Bryce é seu irmão.

— O que?

— Hei-te dito que Bryce é seu irmão. Seu meio-irmão, para ser exatos. — Dito isto procedeu a relatar toda a história do nascimento de Bryce e a controvérsia que lhe tinha rodeado, dos fúteis intentos da Anne Parks de lhe pedir ajuda ao defunto duque, até seu

brutal rechaço de seu filho e o drástico abandono que foi o que levou ao Bryce ao Nevon Manor e, ao final, à granja do Hermione no Bedford com os Lyndley. Explicou-lhe com tom firme e sem o menor indício de arrependimento que lhe tinha proporcionado um futuro. Revelou-lhe todos os detalhes, até chegar a presente e a razão pela que tinha convocado ao Bryce depois da morte do Richard.

— Bem — concluiu, observando ao Thane que se ia afundando no sofá, cada vez mais pálido — Esta é a razão pela que viemos aqui esta noite, a razão de minha insistência. Por ti e pelo Bryce. Tinha chegado o momento de que conhecesse seu irmão e ele a ti.

Voltou a reinar o silêncio e só Gaby, que estava sentada junto a sua tia podia ver como lhe tremiam os dedos, o que denotava o esforço que tinha feito para falar de todo isso.

Inclinou-se para ela preocupada e lhe deu a mão; temia que essa situação fora muito forte para sua frágil saúde. Ao mesmo tempo, também observou ao Bryce, para valorar sua reação aos acontecimentos que se desenvolveram até o momento.

Bryce não tinha movido nem um músculo. Sua postura era igual de rígida e inflexível — E automóvel protetora — que ao princípio.

— Thane? — disse Hermione brandamente, olhando ao Bryce e ao Thane repetidas vezes — Deve ter alguma pergunta.

Thane tinha os cotovelos sobre seus joelhos, tentando assimilar tudo o que tinha escutado.

— Sim, certamente. Mas no momento, ainda estou muito nervoso para pensar nelas. — Respirou profundo, esforçando-se por recuperar esse controle que lhe tinham ensinado a mostrar — me Perdoe. Parece-me que estou perdido. Eu... — levantou-se, passando a mão pela cabeça e começou a rondar pela habitação.

— Buscas uma confirmação? — perguntou Hermione com cautela — Dúvidas do que te hei dito?

— Confirmação? — Thane se deteve — Não Hermione, o que intento é encontrar sentido a tudo isto. Custa-me acreditar que me tenha oculto algo tão importante todos estes anos. Por outra parte, meu pai o fez, não é certo? Logo, vós dois lhes pareciam tanto como o dia e a noite. — riu amargamente. — É obvio que meu pai era um homem desumano. Entretanto, nunca imaginei que fora capaz de um pouco tão monstruoso. Abandonar o seu próprio filho na rua... Embora quisesse manter em segredo sua indiscrição e negasse a seu filho, por que não quis que você ou alguma outra pessoa de confiança lhe adotasse? Como pôde condenar a um recém-nascido à rua, a um orfanato ou a um destino ainda pior?

— Por muitas razões. Em primeiro lugar, Richard não acreditava que sua indiscrição, como você o chama, mantivera-se em segredo se alguém adotava ao Bryce. Uma família de confiança? Richard estava convencido de que quem adotasse ao bebê algum dia acabariam descobrindo sua origem, em cujo caso poderiam lhe fazer chantagem. E embora eles não o descobrissem, algum dia poderia fazê-lo outra pessoa,

alguém ardiloso, rico e podendo suficiente para arruinar aos Rowland. Porque segundo o parecer do Richard assim que a sociedade se inteirasse de que tinha sido adotado um bebê de origem desconhecida, seu segredo seria descoberto. A fofoca se converteria em especulação e a especulação em intromissão. Ao final alguém conseguiria unir todas as peças do quebra-cabeça. O resultado? Um escândalo, coisa que seu pai jamais tivesse tolerado, nem por ele nem por nenhum membro da família.

»O qual nos leva até mim. Para o Richard, a mera idéia de que fora eu quem me encarregasse do Bryce, não só era o risco mais alto imaginável, mas também uma bofetada em sua própria cara. Quase explorou quando o disse. — Hermione franziu o nevoeiro ao recordá-lo — Além de sua obsessão por evitar o escândalo, estava convencido de que lhe desprezaria assim que se inteirasse de que tinha tido um romance com uma jovem atriz, que tinha permitido que tivesse um filho dele e que o tinha repudiado — disse dando um coice desgostada — Como se inteirar-se do que pretendia fazer com o Bryce pudesse melhorar em algo sua opinião sobre ele. Quanto a permitir que a senhorita Parks ficasse grávida, não acredito que fora só coisa dela, é evidente que meu irmão cooperou com gosto no trabalho. O certo é que nem ele nem a senhorita Parks pensaram no resultado de suas ações até que foi muito tarde.

Deu outro coice.

—E a última razão para desfazer-se do Bryce, mas a mais importante para ele era seu maior tesouro: seu título. Dado que Richard pensava que os valores de outros eram tão superficiais como os seus, supunha que se Bryce chegava a adulto, quando tivesse a menor oportunidade de conhecer quem era seu pai, sem dúvida se teria enfrentado contigo pelo título de duque do Whitshire. Ao Richard não serviam de nada meus raciocínios de que você foi seu único filho legítimo, nem que foi quase um ano maior que Bryce, com o qual era irrefutável que você foi o único herdeiro legítimo de seu ducado. Minhas palavras caíam em ouvidos surdos. Estava convencido de que Bryce lutaria a morte contra ti para consegui-lo. — Hermione moveu a cabeça e olhou ao Bryce; sua expressão e seu tom eram cada vez mais quentes e orgulhosos — Meu irmão era estúpido, cruel e arrogante. Se tivesse concedido a oportunidade de conhecer seu segundo filho, teria se dado conta de que os títulos, as fortunas, as grandes jóias e mansões elegantes, têm pouco valor para ele. O que Bryce valora são as qualidades que ele mesmo possui: decência, compaixão e honra todas elas inatas e que não podem nem herdar-se nem pesar-se em libras. Seu pai era um patife desalmado que se enganava a si mesmo e isso era pior do que lhe estava negando ao Bryce.

—E você é uma mulher extraordinariamente valente — Thane voltou a recuperar parte de sua compostura e cor, seu semblante mostrava algo mais de lucidez — para desobedecer às instruções de meu pai e te arriscar você sozinha a fazer o que fez... — colocou as mãos nos bolsos — por que não me disse isso? Podia te haver ajudado.

—Impossível. Era muito perigoso. Pode imaginar a dimensão da raiva do Richard se tivesse informado de que estava à corrente de meu engano? Não só nos teria destruído

ao Bryce e a mim, também teria arremetido contra ti. Não quero nem imaginar o Sin dudarlo más, Thane caminó hacia él, se sacó la mano del bolsillo y se la dio a su hermano.

— Merecia sabê-lo. — Thane parecia mais doído que zangado.

— Sim, é certo. Mas também te merecia amparo. Optei pelo último, pelo bem de ambos. Se estiver zangado comigo, entendo-o.

— Zangado contigo? — Thane levantou as sobrancelhas — Não, Hermione, justamente o contrário, estou comovido e surpreso por ti, por isso pudeste fazer você sozinha todos estes anos. É com meu pai com quem estou furioso. Sei que não se deve falar mal dos mortos. Mas não posso lhe perdoar por isso. Deus... Um irmão. — girou-se lentamente, enfocando toda sua atenção no Bryce, lhe vendo desde outra perspectiva totalmente distinta — Nos parecemos — disse depois de lhe haver observado cuidadosamente.

Gaby seguiu o olhar do Thane e se sentiu aliviada ao ver que fazia tão somente uns minutos as funestas rugas de expressão do rosto de Bryce se suavizaram e que uma faísca de compaixão tinha derretido o gelo de seus olhos.

— Sim — respondeu em um tom comedido — Suponho que assim é.

Sem duvidá-lo mais, Thane caminhou para ele, tirou-se a mão do bolso e a deu a seu irmão.

— Bryce, não sei muito bem o que dizer. Só quero te dar à bem-vinda e te dizer que sinto que tenha chegado com trinta e um anos de atraso.

Bryce lhe estreitou a mão, com olhar atônito totalmente fora de seu centro, pela primeira vez desde que Gaby lhe tinha conhecido.

— Eu tampouco sei o que dizer — admitiu — Salvo que aceito suas calorosa bem-vinda. Hermione tinha razão respeito a ti. Alegro-me de ter acessado a sua petição e de ter vindo ao Whitshire esta noite.

Thane franziu os lábios.

— Descobrirá que Hermione tem médios para sair-se com a sua.

— Já me dei conta.

Os dois homens compartilharam a primeira risada acalmada desde que tinham entrado na sala de estar.

— Antes que sigamos falando do tema, quero que fique algo bem claro. — Bryce retirou de repente sua mão e deixou cair rigidamente seus braços a ambos os lados do corpo — Aceitei vir aqui para te dizer à verdade, e como te hei dito me alegro de havê-lo feito, mas isso não significa que queira que troque nada em minha vida. Não quero que se dê a conhecer a notícia, nem reconhecimentos, nem intentos por sua parte de emendar as ações de seu pai. Como hei dito ao Hermione, o fato, feito está, e agora as coisas são assim. Eu gosto de minha vida e não quero que troque. Quero que isto fique claro pelo bem de ambos — acrescentou em um tom mais suave — para que nossas vidas continuem como até agora. Você não é responsável pelo que fez Whitshire, nem do tipo de pessoa que era. Em muitos aspectos a conversação que mantivemos foi muito mais difícil para ti que para mim. Eu tive algo mais de vinte anos para aceitar a verdade. Para ti é a primeira

vez que sente esta carga. O que quero que entenda é que não desejo nada de ti, nem seus bens, nem seus sentimentos de culpa, nem obrigações. Simplesmente quero que as coisas sigam como até agora.

—Entendo — respondeu Thane, franzindo os lábios — e respeito sua decisão, assim como seu intento de me absolver de qualquer responsabilidade e obrigação. Agora, me permita que te diga como me sinto. — Respirou profundo e ficou sério — Respeito a meu pai, nosso pai, tem razão. Não posso responder de sua desprezível conduta, nem que o tentasse poderia começar a compensar o fato de que te repudiou e todas as dificuldades que tiveste que superar por isso. Não te insultarei te dizendo o contrário. Nem tampouco o farei te oferecendo alguma compensação econômica, que suponho que é ao que te estava referindo quando dizia que não queria nada de meus bens. Entretanto, quero que saiba que algo que necessite ou deseje não tem mais que me pedir isso e não lhe estou dizendo isso porque me sinta culpado. — Thane tinha o olhar fixo e sua postura era tão rígida como a do Bryce.

—Não nos conhecemos, Bryce, e quero que isso troque. O primeiro que descobrirá é que não me pareço em nada a nosso pai. Para mim a riqueza e os títulos não são o mais importante desta vida. Entendo a honra, a decência e a integridade do mesmo modo que você. E posto que seja assim... Sinto muito, mas não posso te prometer que não sentirei obrigação alguma ou compromisso respeito a ti. Se pudesse te prometer isso, não seria melhor que ele e não me respeitaria como ser humano. É meu irmão, é uma realidade que não posso negar como se não tivesse importância. Além disso, espero que não só o entenda, mas também esteja de acordo comigo, e que apesar de suas brilhantes estipulações, deseje tanto como eu que nos conheçamos, sem necessidade de que se inteire ninguém mais — acrescentou rapidamente levantando a mão para frear as objeções de Bryce— Em público nos apresentaremos como sócios e amigos, que por outra parte, conforme começo a suspeitar, não vai ser uma mentira. Quanto a nossa relação como irmãos, isso o reconheceremos só em privado e entre as pessoas mais amealhadas. Parece-te bem?

De repente, ao Bryce lhe iluminou a cara, possivelmente de alívio.

—Sim, parece-me bem.

—De acordo. — Thane parecia igualmente aliviado — Então, eu gostaria de saber quem mais sabe nosso segredo.

—Só as pessoas que há nesta habitação.

—E Chaunce — disse Thane dando-o por feito.

—Ah, sim. E Chaunce. — Bryce torceu a boca — Acredito que vou desfrutar da oportunidade de te conhecer mais, Seu Exc... Thane.

—Igual a eu.

—Graças a Deus — murmurou Hermione. Moveu-se no sofá; o entusiasmo lhe devolveu a cor a seu rosto lívido — Acredito que agora sim é o momento de fazer um brinde. Thane saca o brandy e o xerez imediatamente. Ainda ficam uns minutos antes de

reunimos com o Averley na sala de música. Vamos celebrar sua nova relação com o Bryce como se merece.

—Em seguida. — Thane lhe fez uma saudação militar em brincadeira a sua tia, e se foi até o aparador e serve xerez para a Hermione e Gabrielle e brandy para ele e para o Bryce— Faço o brinde? — perguntou ao Hermione quando terminou de repartir as bebidas.

—Não, essa honra é minha. —Hermione estava eufórica — Por meus dois sobrinhos — disse levantando em alto sua taça — O que forjem o vínculo de irmandade que ambos merecem e que aconteça tudo o que eu desejo para vós.

—Oh, Oh — exclamou Bryce em voz baixa com seu brandy na mão — Tudo o que deseja para nós? Só Deus sabe o que significa isso.

—Ouvi-te Bryce — replicou Hermione.

—De verdade? — Brilhavam-lhe os olhos enquanto movia o conteúdo de sua taça. —Então, suponho que não te importará desvelar o que está maquinando sua ardilosa mente?

—Porque não tenho nem idéia do que está insinuando.

—Nunca a tem.

Ao escutar sua brincadeira bem intencionada e ver como desaparecia a tensão do Bryce, Gaby sentiu uma agradável sensação de alívio e de prazer. Sabia o difícil que tinha sido essa conversação para ele — tanto pensar nela como mantê-la — e embora estivesse segura de que Thane ia aceitar a seu irmão, alegrava-se de que já tivesse passado toda essa prova.

Agora o ideal para ela seria saltar o resto e retornar diretamente ao Nevon Manor, possivelmente assim se acalmasse seu próprio mal-estar.

No mesmo momento em que surgiu esse pensamento — temporalmente substituído pela preocupação pelo Bryce — a ansiedade que tinha experiente antes voltou a ressurgir. Racional ou não, sua visita ao Whitshire estava resultando muito mais difícil do que tinha imaginado. Em realidade, quão único queria era partir.

Passou-se vários minutos intermináveis, minutos que lhe pareceram uma eternidade.

Ao olhar o relógio da chaminé, Gaby ficou consternada ao comprovar que só eram às nove e meia. Estava segura de que ao menos seriam as onze. Entretanto, às nove e meia já era tarde para tia Hermione, dado sua estado de saúde, verdade?

No momento em que ia abrir a boca para manifestar seu pensamento bateram na porta.

—Sim? — respondeu Thane.

—Perdoe Sua Excelência. — Couling apareceu na soleira da porta; seus olhos se abriram assombrados ao ver que estavam em meio de uma pequena celebração, um pouco virtualmente impensável pelo recente da morte do duque. —Averley me pediu que averiguasse se já tinham terminado. — O mordomo esperou a resposta do Thane, olhou

com curiosidade a todos os ocupantes, ao novo duque, ao Bryce, ao Hermione e ao final ficou olhando ao Gaby mais momento.

Gaby se imaginava o que devia estar pensando Couling. Provavelmente pensasse que fazia a órfã do chefe dos estábulos do defunto duque nessa reunião privada.

Ela se perguntava o mesmo, não porque duvidasse de seu lugar ao lado de tia Hermione, nem porque lamentasse haver emprestado seu apoio ao Bryce, mas sim porque agora já não a necessitavam; quão único desejava era ser primeira em sair, o que provava que ao menos essa noite não chegaria à paz que tanto desejava.

— Ihe diga ao Averley que agora vamos — indicou Thane — Estamos a ponto de terminar. Reuniremo-nos com ele tal como tínhamos acordado na sala de música.

— Muito bem, senhor. — O mordomo se retirou com um último olhar de estranheza voltando sobre seus passos.

Gaby aproveitou imediatamente sua oportunidade.

— Tia Hermione — disse colocando seu copo sobre a mesinha — Possivelmente deveríamos deixar para outro dia os temas legais. Está-se fazendo tarde Y...

— Tolices — respondeu Hermione destruindo o plano de Gaby sem dar-se conta disso. Levantou-se lentamente do sofá, movendo a cabeça e disposta a seguir com o que se proposto — Quero que Bryce passe um bom momento com o Averley e logo também quero que esteja com o Thane a sós. Não se preocupe querida, retornaremos a casa bastante antes da meia-noite.

— Mas sua medicina...

— Chaunce a deixará em minha mesinha de noite. Tomar-me-ei em quando chegar.

— Hermione se arrumou seu cabelo branco, olhando primeiro ao Thane e logo ao Bryce com uma expressão de sorte profunda — Sinceramente, Gaby, esta noite me sinto melhor que em muito tempo.

— É obvio. — Gaby se sentiu culpado e lhe encolheu o estômago. Ali estava ela tentando que sua tia que estava tão radiante abandonasse Whitshire baixo falsos pretextos, quando em realidade era ela a que queria partir. A vergonha se converteu em sentido de culpa, lhe recordando quão importante era essa ocasião para ela. Hermione tinha esperado todos esses anos para que Bryce e Thane se conhecessem, e agora que tinha acontecido que pareciam agradar-se mutuamente, estava totalmente eufórica. Merecia-se estar desfrutando da sorte de sua família por fim unida. Tinha que fazer um esforço por superar seu próprio mal-estar. Embora supusesse permanecer horas no Whitshire. Devia-lhe isso e muito mais a sua tia.

— Querida, está bem? — perguntou-lhe Hermione, enrugando a frente ao olhar ao Gaby — Está branca como o papel. Não te encontra bem? Então, possivelmente deveríamos ir.

— Não — recolhendo-as saias para levantar — Me encontro bem, de verdade.

— Espera. — Bryce deteve o Gaby fazendo um movimento com o braço. Cruzou a sala com uma taça na mão — Bebe isto — Ihe disse tranqüilamente e lhe pôs a taça de brandy nos lábios — Te devolverá a cor e suas forças.

Gaby levantou as pestanas e viu que Bryce a estava olhando.

—Obrigado — murmurou, referindo-se a algo mais que ao brandy.

—De nada. — Esperou até que tomou, observando o efeito do licor— Melhor?

—Sim. — Notou que o frio que a tinha invadido até o momento começava a desaparecer, embora suspeitasse que fosse mais pela sólida presença de Bryce que pelo efeito do brandy.

—Não façamos esperar mais ao Averley — sugeriu Bryce, quando já era evidente que Gaby se encontrava melhor. Deixou a taça desta na mesa e a ajudou a levantar-se, agarrando a firmemente pelo cotovelo e dissimulando sua intranquilidade — Me assegurarei de que chegue bem à sala de música.

—Excelente. — Depois da declaração do Bryce, Hermione se abriu caminho para reunir-se com o Thane e lhe tirou do braço — Agora será meu outro atrativo sobrinho quem me acompanhe. — Será uma honra. — Thane aceitou com um sorriso.

—A sala de música é a segunda porta a sua direita — disse Hermione por cima do ombro, dando pressa ao Thane pelo corredor.

—Pode seguir com isto? — perguntou-lhe quando já não via seu irmão e sua tia.

Gaby inspirou profundo e tremendo.

—Tenho que fazê-lo. Significa muito para tia Hermione. — Fechou os punhos com força e frustração — Não o entendo, Bryce. Enquanto você e Thane falavam estava muito melhor, e então, de repente, quando vi à hora e a noite que ainda tínhamos por diante, voltou essa terrível sensação. Por quê? Não sei, em princípio não houve nada que desatasse meu mal-estar. Nem as salas onde têm estado me traziam nenhuma lembrança, nunca estive nelas antes. Quando vivia no Whitshire as únicas zonas da casa nas que me permitia entrar eram a cozinha e o salão do serviço. Então, por que estou reagindo assim? Sabia que esta visita seria uma prova, mas também esperava melhorar no transcurso da noite, não que pioraria. Estou perplexa, mas o mais importante é que não estou disposta a que estes sentimentos interfiram na felicidade de tia Hermione.

Bryce lhe apartou pensativamente uma mecha da cara.

—Possivelmente seu mal-estar se alivie na sala de música. Dizia que se esquecia de tudo quando tocava o piano.

—Assim é. — Gaby trocou de atitude ao dar-se conta da sensibilidade e perspicácia que tinha tido Bryce — Recordaste nossa conversação sobre o Beethoven, por isso sugeriste que nos reuníssemos com o Averley na sala de música. —Inclinou a cabeça olhando ao Bryce maravilhada — Tia Hermione tinha razão. É um homem extraordinário. Não sei o que é o que mais me assombra de ti, se sua capacidade para ver o interior das pessoas ou sua habilidade para tranquilizá-las.

Bryce sorriu divertido.

—Conheço umas quantas pessoas às que essa descrição lhes resultaria ofensiva. As tranquilizar? Meus colegas se partiriam de risada. Quanto a minha capacidade de ler sua mente, não faz falta ser um vidente para isso. Não é precisamente boa nisso de ocultar seus sentimentos. A inquietação se refletia em todo seu rosto.

—Thane não a detectou — assinalou Gaby — Recorda o que te disse sobre o Thane e as primeiras notas de uma sonata? Bom, você é o concerto, cheio de matizes e profundidade. Como já falamos, a música se tem que sentir. As emoções, até as mais descaradas, tem-se que perceber. Possivelmente as minhas estivessem escritas em minha cara, mas só você soube as interpretar.

Fez-se um momento de silêncio.

—Falando de emoções — prosseguiu Gaby, trocando deliberadamente o tema da conversação para que não fora tão desagradável para o Bryce — estou muito contente de que as coisas tenham ido tão bem entre o Thane e você.

—Eu também. Isso acredito. — Bryce se esfregou o queixo descuidadamente — Não esperava que esta noite se criasse uma aliança entre ambos. Tudo isto me está causando alguns problemas; estou tentando determinar quem sou ao menos respeito ao Thane. Não nos conhecemos, entretanto, somos irmãos. É muito desconcertante.

—Mas isso trocará. Quanto a quem é já sabe a resposta. Esta situação pode te resultar algo inquietante, mas o homem que há debaixo segue sendo o mesmo. É Bryce Lyndley. Está em um labirinto novo, mas encontrará seu caminho, tão aqui como no Nevon Manor. E quem sabe? Pode que até cresça um pouco mais no processo. — Gaby deixou de estar séria e lhe fizeram um par de covinhas nas bochechas — Como aconteceu com Alice no país das maravilhas e não me refiro só ao plano físico, quando se comeu o bolo que dizia «me coma».

A risada iluminou os olhos verdes do Bryce.

—Ou quando mordeu o lado correto do cogumelo?

—Justamente.

—Você já é o país das maravilhas, sabia? Um formoso e despreocupado conto de fadas com uma sabedoria interna que se tem que perceber para poder beneficiar-se dela. Havia-lhe isso dito alguém alguma vez?

Gaby ficou sem palavras e moveu a cabeça, sentindo um peculiar nó no peito.

—Não. Nunca — admitiu ela.

—Um grande descuido. — Bryce acariciou suas bochechas com seus nódulos. — Considera-o remediado. — Seu rosto adotou uma estranha expressão e apartou sua mão a deixando cair para o flanco — Será melhor que baixemos e vamos à sala de música para que Averley possa me ensinar tudo o que tenho que saber.

—E assim poderá acontecer outro momento com o Thane — lhe recordou ela; essa realidade eclipsava a magia dos últimos momentos.

—Sim isso também. — Bryce fez uma pausa, examinando ao Gaby atentamente, logo a tirou do braço — Recorda que não está sozinha. Se persistir seu mal-estar, partiremos, de acordo?

—De acordo. — Respirou profundo e deixou que Bryce a guiara pelo corredor. Enquanto giravam para seu destino, ela tratava de automóvel convencer-se de que o apoio que lhe estava dando Bryce e a sala de música do Whitshire seria suficiente para afugentar seus temores.

Em seguida se deu conta de que estava equivocada.

No momento em que cruzou a soleira e entrou na luxuosa sala, notou que se o fazia um nó no estômago, apesar do olhar de ânimo que lhe deu tia Hermione e da agradável acolhida do senhor Averley e Thane.

Seu afligido olhar percorreu o entorno tentando descobrir a causa de sua angústia. A sala de música do Whitshire era o dobro que a do Nevon Manor, mas tampouco lhe era familiar. Jamais tinha posto um pé nela, disso estava segura. Então, por que lhe pulsava o coração desse modo?

Prosseguiu com seu escrutínio.

Estava orientada ao sul e repleta do Marcos, arcos dourados e enormes espelhos trifoliados dividiam a larga fileira de janelas no lado mais afastado da sala. As janelas estavam adornadas com drapejados de brocados dourados, atados com bandas a jogo para que os visitantes tivessem uma boa visão da propriedade. Através das janelas se podiam divisar acres de exuberante vegetação, envolta na escuridão, coberta por um véu de veludo negro quebrado só pela fileira de estábulos e as luzes que indicavam onde se achavam as habitações dos serventes.

As habitações do serviço. Lhe secou a boca ao reconhecer que seu subconsciente já sabia: estava vendo sua infância através dessas janelas e o aterrador pesadelo em que esta tinha terminado. Não de sentir saudades que reagisse com semelhante intensidade. Por que tinha que ter a sala de música vista justamente para essa parte da propriedade?

Já não podia fugir de seus fantasmas.

Afastou-se de Bryce e se sentou ao bordo da cadeira de mogno, armando-se de valor para enfrentar-se a seu passado. Estava sentada com as costas reta e olhando fora, sem logo que ser consciente do Thane e Averley que estavam chamando o Bryce para um extremo da habitação, embora sim se deu conta de que Bryce acessava, não sem certa preocupação. Depois, tudo se voltou vago, como um murmúrio confuso: o zumbido das vozes dos três homens ao revisar os documentos, as sugestões esporádicas do Hermione enquanto se assegurava de que respondiam a todas as perguntas do Bryce.

Quão único era totalmente vívido em sua mente era seu crescente mal-estar.

Juntou suas mãos úmidas e se enfocou nas estadias que tinha ante seus olhos, dando-se conta de por que não tinha reconhecido os arredores imediatamente. Toda essa asa do Whitshire era nova, observação que lhe surpreendeu, embora devesse havê-lo suposto. Como era natural, os edifícios tinham sido reconstruídos e redesenhados. Ao fim e ao cabo, o fogo os tinha destruído por completo, reduzindo a cinzas todas as estruturas da entrada traseira do Whitshire até a garagem. Só se tinham salvado os estábulos, porque estavam a uma distância considerável do resto e o vento tinha soprado em direção contrária.

Por desgraça, essa era a direção das casas do serviço onde dúzias de pessoas tinham sido devoradas pelas chamas antes de ter a oportunidade de escapar.

Como se seu olhar tivesse vida própria, explorou a escuridão fixando-se no que agora parecia ser uma seção da garagem, mas que quinze anos atrás tinha sido o armazém

onde se dormiu aquela fatídica noite ao som da melodia de sua caixa de música, feliz por saber que as crias de petirrojos às que tinha ido ver, também dormiam.

Enquanto isso, o resplendor a tinha despojado de tudo e de todos seus seres queridos.

Fechou os olhos apertando-os, tentando apagar essas vívidas imagens que surgiam de sua mente. Essa luz artificial que a tinha cegado ao despertar. Essa fumaça entrava lentamente por debaixo da porta. O aroma de madeira e a flores queimadas. A aterradora sensação de que nunca poderia escapar e o jorro de ar fresco quando o conseguiu.

O terrível descobrimento de ver onde se situava essa parede de fogo.

Deus santo! Não é que fora difícil, era insuportável. Inspirou profundo, supostamente para relaxar-se, mas de repente o pânico se apoderou dela com tanta força que quase esteve a ponto de gritar. Ficou de pé cambaleando-se e começou a andar nervosa pela habitação. Embora respirasse lento e profundo a fim de parecer o mais natural possível, cada vez se sentia pior e tinha a sensação de estar sendo engolida por uma onda. Quanto mais se esforçava, pior se encontrava.

—Gabrielle, por que não toca para nós?

A voz de Bryce tinha conseguido penetrar em seu caos e lhe tinha feito levantar a cabeça.

—Desculpa?

Deixou a pluma sobre a mesa e franziu o cenho em sinal de preocupação de uma vez que lhe indicava o delicioso piano de cauda Broadwood que havia no centro da sala.

—Só tive o prazer de te escutar uma vez. Eu adoraria que o fizesse agora; alegraria um pouco a árdua tarefa de revisar os livros de contas. — Moveu a cabeça em direção ao piano e lhe fez um gesto de cumplicidade lhe dando a entender que sabia o que lhe acontecia — Eu adoraria escutar ao Beethoven — acrescentou carinhosamente.

—Estou segura de que ao Gaby também adorará — disse Hermione, afligida, prova evidente de que se esqueceu por completo da orientação da sala de música, descuido que agora lamentava. Olhou angustiada ao Gaby enquanto tentava discernir se sua sobrinha seria capaz de suportar toda a velada ou se era melhor abandonar seu pretensioso plano de que se enfrentasse a seu passado — Por favor, querido, faz o que diz Bryce — conseguiu lhe dizer — Ao menos poderei escutar algo formoso enquanto estes cavalheiros revisam estes tediosos assuntos legais. Se o Broadwood não aliviar seu coração, concluiremos nossa visita e nos partiremos diretamente ao Nevon Manor.

—Muito bem. — Mais tranqüila ao ver que sua tia por fim se deu conta da situação e de que estava disposta a partir se era necessário, dirigiu-se à banquetta e se sentou. O coração ainda lhe pulsava com força, quase lhe saía das costelas, mas fez todo o possível por controlar-se e colocou seus trementes dedos sobre o teclado. O frio marfim era como um velho amigo, fechou os olhos, começou a isolar do resto de mundo e a inundar-se nesse pacífico lugar onde só estavam ela e as notas.

Um lugar onde nem sequer o pânico podia penetrar.

Começou com o Minueto em sol maior do Beethoven, em parte porque era a favorita de tia Hermione e porque aliviaria a tensão que impregnava a habitação. Depois, passou às sonatas, interpretando alguns movimentos de duas ou três das composições mais belas do Beethoven, incluída a Sonata Claro de Lua, para o Bryce.

Sem dar-se conta, seus dedos começaram a interpretar *Para a Elisa*, baixou a cabeça e se inundou na melodia que recordava a seus pais, sua infância, e tantas outras lembranças.

De repente, retirou as mãos do teclado, as pôs nas bochechas tremendo e notou a umidade das lágrimas que se esqueceu de ocultar.

— Gaby. — Tia Hermione estava a seu lado, lhe acariciando o cabelo docemente.

— Sinto-o — resmungou Gaby — Simplesmente...

— Não, sou eu quem o sente. — Hermione lhe aconteceu o braço pelos ombros em um gesto protetor — Iremos a casa agora. Couling pode lhe pedir ao Godsmith que traga meu carro? — disse dando a volta e resmungando.

— É obvio milady.

Gaby levantou a cabeça surpreendida ante a proximidade da voz do Couling e se girou para ver onde estava e quando tinha entrado na sala. Sua pergunta se esfumou quase antes que se formulou.

Couling, a senhora Fife, a senhora Darcey e vários serventes mais se reuniram justo na soleira da porta, olhando-a pasmados. A senhora Darcey tinha lágrimas em suas pestanas, lágrimas que secava com um lenço.

— foi muito formoso — disse entusiasmada — Toucas como um anjo. Me perdoe por chorar. Fazia muito tempo que não escutava essa melodia.

Gaby tragou saliva.

— lembra-se?

— Da caixa de música de sua mãe? Pois claro que sim. Era seu tesouro mais prezado, e também o teu. Estava arranca-rabo a ela essa noite, não lhe pude tirar isso das mãos. Como tampouco pude acalmar seus prantos.

— Senhora Darcey — ordenou pausadamente Hermione. O ama de chaves se sentiu verdadeiramente afligida. — O sinto. Não pretendia...

— Sei que não.

— Tocas de maravilha, Gabrielle — disse Averley, esclarecendo-a garganta e falando em um tom que tentava neutralizar o crescente grau de emotividade que estava alagando a sala — Lady Nevon tinha razão. É uma pianista excelente.

— Assim é — ratificou Couling olhando-a intencionalmente — Me sinto como se tivesse assistido a um recital.

— Obrigado. — levantou-se, um pouco mais tranqüila ao ver que Bryce se dirigia para ela para ajudá-la; a um lado estava ele e ao outro Hermione — Agora, se me desculparem, realmente queria ir a casa.

— Sim — assentiu Couling — Estou seguro disso. — Fez-lhe um gesto aos outros serventes — Voltem para suas tarefas. Chamarei o Godsmith e irei procurar os casacos.

—Agradeço sua compaixão — conseguiu dizer Gaby, olhando pela janela e estremecendo-se — Estou segura de que estarei bem assim que chegue ao Nevon Manor. Sim, estou segura disso — reiterou, oferecendo a tudo um belo e tranquilizador sorriso. Embora ninguém ficasse muito convencido. Ela menos que ninguém.

Capítulo 6

Bryce dava voltas por sua habitação com uma taça da Madeira na enquanto refletia sobre tudo o que tinha acontecido essa noite e os últimos dias; a soma de todo lhe agitava e lhe impedia de dormir.

Gabrielle não havia dito nada na viagem de volta a casa; seu silêncio tinha inquietado ao Hermione tanto como a ele. Tivesse-lhe gostado de falar com sua tia, mas sabia que estava exausta e não queria mantê-la acordada e intranquilizá-la ainda mais. Além disso, Chaunce e Doura a tinham levado diretamente à cama, embora no fundo se perguntasse se, ao menos no caso de Doura, não teria sido Hermione quem a tinha levado a ela. De todos os modos a conversação teria que esperar até no próximo dia.

A manhã seguinte seria seu terceiro dia no Nevon Manor.

Bryce olhou sua taça com preocupação. Não tinha planejado ficar tanto tempo. Havia pessoas que lhe esperavam em Londres, que dependiam de sua volta, tanto no âmbito profissional como pessoal.

No pessoal, tratava-se da Lucinda. Era a primeira vez que pensava nela desde que se partiu de Londres, o qual lhe criava certo sentimento de culpa. Embora ela não tivesse protestado por sua viagem. De fato, tinha-lhe animado, porque sabia a quem ia visitar nada mais nem nada menos que a nobre e caridosa, por não dizer bem relacionada, Lady Nevon. Os olhos da Lucinda brilharam de prazer só pensando que essa grande mulher recorria ao Bryce para seus assuntos legais. Uma provocação e uma sorte assim são como o havia descrito. Sem dúvida merecia o sacrifício de ambas as partes, embora ela desfrutasse muito da Temporada de Londres.

Quão encantada estaria Lucinda se soubesse o alcance de sua visita e a razão da mesma, o que Hermione queria dele e quais eram seus laços sangüíneos.

Suspirando, Bryce se dirigiu para a janela, com a taça da Madeira entre suas mãos. Não se fazia iluda em relação aos motivos da Lucinda. Ela desejava seu êxito profissional tanto como ele mesmo, mas seus motivos eram totalmente distintos. Era compassiva, mas sua compaixão ocupava um segundo lugar respeito a seu afã de posição social e bem-estar econômico. Não podia culpá-la; era normal dada seu nobre berço. A diferença dele, Lucinda tinha nascido em uma família rica, com uns pais dedicados que a tinham educado para que se casasse com alguém de sua classe, que cuidasse dela. Estava acostumada a todos os luxos, e embora em geral não fosse fria nem ambiciosa, sim o era respeito ao futuro do Bryce, embora sua ambição nunca chegasse até o extremo de lhe pedir que se saltasse algum de seus princípios. Segundo sua idiossincrasia, o idôneo era

que seu trabalho lhe expor provocação fizesse-lhe sentir-se digno e lhe compensasse social e economicamente. Se tinha clientes como Hermione Nevon.

Bryce sorriu inclinando a boca. Lucinda sempre era prática. De fato, mais que prática. Tinha um lugar e um grau de importância para todas as coisas da vida. E embora suas prioridades freqüentemente diferissem das suas, seu pragmatismo era uma das coisas que fazia tão agradável sua aliança. Compartilhavam a mesma forma de pensar organizados, o mesmo raciocínio lógico e o mesmo respeito pelos interesses individuais de cada um. Posto que esse interesse muitas vezes lhes levasse em direções opostas, não se misturavam na privacidade do outro nem se exigiam um excesso de seus respectivos tempos.

Era uma relação bastante suportável, um tipo de relação que sem dúvida conduziria a um futuro satisfatório.

Suportável ou não, até a Lucinda tinha seus limites. E lhe havia dito que demoraria um dia ou dois como muito.

Bom, os dois dias estavam a ponto de converter-se em três. E com a magnitude do compromisso com a Hermione, os três sem dúvida se converteriam em quatro, cinco ou seis. Maldita seja! Teria sorte se podia voltar para sua casa antes de uma semana.

Mas como ia deixar Nevon Manor quando ainda havia tantas coisas que esclarecer tantas pessoas que confiavam em suas decisões, em sua ajuda? Especialmente, Hermione, que se estava apoiando nele, que contava com que se cuidasse de seus ativos, de sua família e de sua vida. Tinha-lhe prometido que revisaria a fundo todos os livros que Chaunce lhe tinha entregue e que se asseguraria de que Nevon Manor funcionasse corretamente. Também tinha aceitado revisar as notas do Averley e suas sugestões, assim como familiarizar-se com as contas do resto das propriedades do Hermione.

E isso só cobria a preocupação menos importante de sua situação financeira. Logo estava sua maior preocupação: sua família. Tinha-lhe prometido que dedicaria parte de seu tempo a conhecê-la.

Bryce viu pela janela a escuridão da noite e recordou aos encantados residentes do Nevon Manor, para os quais já estava desenvolvendo certa simpatia. Eram pessoas que entendiam o sentido da devoção, da cooperação e da família. Movendo a cabeça ironicamente, Bryce se perguntava quem eram os verdadeiros inadaptados, essas pessoas ou os estúpidos que lhes tinham despedido.

Pergunta-a era indiscutível. Já conhecia a resposta.

Com um sorriso amável, Bryce recordou sua volta do Whitshire Lucia só um par de horas. Godsmith lhe tinha seguido do carro de cavalos, lhe contando a história de que tinha tido que ir urgentemente à cidade a visitar sua irmã que estava doente, e adivinha o que lhe tinha acontecido? Tinha adiantado nada mais nem nada menos que à carruagem da própria rainha Vitória e esta não só reconheceu seu gesto de desculpa com o chapéu, mas também ao ver seu nervosismo, fez-lhe um sinal para que passasse. Bryce estava de acordo em que Sua Majestade era uma dama muito benevolente. Ainda sorrindo se deu a volta e encontrou ao Chaunce rondando pela entrada, com um olhar de calada

preocupação pelo resultado da velada com o Thane; seu ardiloso olhar ia de Bryce ao Hermione em um intento de adivinhar o que tinha acontecido. Logo chegou o expediente e de algum modo o ponto culminante da noite: ao chegar a seu dormitório descobriu que Peter estava dormido no corredor diante de sua porta, tão bem abaixado e quieto que quase tropeça com ele e com o livro que tinha ao lado. Ao despertar, esfregou os olhos e ficou de pé lhe dizendo que tinha ido devolver lhe o livro que lhe tinha emprestado, mas que tinha sublinhado uma dúzia de frases que não entendia e que queria saber se o senhor Lyndley podia esclarecer-lhe Bryce.

Bryce lhe mandou à cama com a confirmação de que pela manhã depois do café da manhã teriam um bate-papo profissional.

E essas eram só algumas das extraordinárias pessoas do serviço a quem ele tinha prometido conhecer.

Também, depois dessa noite tinha outra responsabilidade: a de conhecer seu meio-irmão, objetivo que podia enriquecer potencialmente não só a vida do Hermione, mas também a sua própria e a do Thane.

Além disso, ainda tinha que começar a trabalhar em outros dois aspectos da petição do Hermione: revisar seu testamento e estabelecer um fundo para o Gabrielle.

Gabrielle.

Só seu nome já lhe inspirava um sorriso. Gabrielle era um ser encantador, de bom coração, sincera e totalmente leal, uma maravilhosa combinação de sabedoria e inocência. Tinha suportado uma noite infernal para lhe facilitar seu encontro com o Thane, e lhe estaria eternamente agradecido por essa amostra de apoio incondicional.

Agora, tocava a ele ajudá-la.

Seu sorriso se desvaneceu ao pensar no precário estado de ânimo do Gabrielle. Estava branca como o papel quando se foi à cama, e seus brilhantes olhos azuis refletiam aterradoras lembranças. Para ela ir ao Whitshire tinha sido uma tortura, um sofrimento que sabia que lhe tinha ficado dentro, que a tinha acompanhado desde que tinham saído do imóvel e que seguia muito vivo, apesar de que tinham deixado atrás o lugar da tragédia. Sua reação tinha sido muito forte e emocional para ser passageira. Era evidente que fazia anos que padecia essa tortura. Só que agora havia tornado a sair à superfície provocada por sua visita ao lugar onde morreram seus pais.

E durante essa hora na sala de música o olhar em seu rosto tinha sido devastadora; o temor de reviver o passado era muito forte para ela. O que teria visto o olhar por essas janelas? Que horrível imagem teria ressuscitado em sua mente? Era a das chamas devorando as moradias do serviço, destruindo a seus seres queridos? E o que podia fazer ele? Não tinha experiência em ajudar a uma pessoa a superar este tipo de trauma. Muitas dificuldades tinha tido para solucionar seus próprios problemas emocionais, que não eram nada em comparação com os do Gaby. Como podia recuperar-se alguém de um drama de semelhante magnitude?

Apoiou-se contra o marco da janela, deixou sua taça e se esfregou os olhos. Sabia o que tinha que fazer o que queria fazer. Enviaria- uma carta a Lucinda lhe contando que

estava retido no Nevon Manor por assuntos urgentes. Aceitá-lo-ia com sua acostumada graça e educação e esperaria sua volta com sua habitual paciência e compostura. Já tinham estado separados antes, quando algum caso especialmente importante lhe tinha retido trabalhando durante muitas horas ou quando ela tinha viajado ao estrangeiro com sua família. As separações nunca pareciam alterar a compatibilidade que caracterizava sua relação.

Tinha que fazê-lo.

Bryce se cruzou de braços e tirou a Lucinda de sua mente; seu olhar pensativo percorria os territórios do Nevon Manor. Não estava seguro do que era o que mais lhe preocupava nesse momento: a enormidade de suas próprias provocações ou a dos do Gabrielle.

Como se lhe estivessem dando uma resposta, um brilho branco captou sua atenção, lhe fazendo piscar e enfocar-se mais intensamente no arvoredo que tinha justo diante. Havia algo que se movia, uma silhueta nua não tão pequena como Crumpet, mas que se abria passo freneticamente pelos campos.

Esse algo era uma pessoa.

Forçou a vista. Bryce olhava mais de perto, observando os movimentos entrecortados da etérea criatura que se movia rapidamente entre as árvores.

Gabrielle.

No instante em que a reconheceu, ficou em marcha. Agarrou seu casaco, baixou correndo pela escada e saiu pela porta, dirigindo-se diretamente para a zona onde a tinha visto.

Deteve-se um momento ofegando e examinou o terreno procurando e escutando ao mesmo tempo.

Ouviu o rangido de um galho à distância e moveu a cabeça nessa direção.

Tinha chocado contra um carvalho que havia a uns trinta metros, estava recuperando o equilíbrio e seguiu andando cambaleando-se com um grito apagado.

— Gabrielle!

Se lhe tinha ouvido, não tinha dado amostras disso; devia ter contínuo caminho para diante, pois sua camisola se enganchava em tudo os ramos.

Bryce chegou até ela em questão de segundos.

— Gabrielle. — Agarrou-a do braço, mas ela se soltou; seu delicado corpo tremia de frio e com seus soluços.

— Não! — exclamou ofegando e movendo a cabeça grosseiramente de um lado a outro — Oh, não! — prosseguiu ela.

— Espera. — Bryce voltou a alcançá-la, mas já se tornou a cair e chorava de dor no chão.

— Gaby. — ajoelhou-se a seu lado; um medo genuíno invadia seu peito. Mechas de cabelo alvoroçado caíam sobre seus ombros como uma escura cortina, ocultando sua cara da vista. Mas a razão de seu pranto era evidente: ia descalça e havia muitos cortes nos pés com os ramos e os espinhos que havia no caminho — Está sangrando — murmurou, lhe

apartando o cabelo enquanto os soluços convulsionavam seu corpo — Por Deus! Por que está...? — calou-se quando ela voltou a tropeçar.

— Mamãe... Papai... Não! — Suas palavras eram algo confusas, mas aterradoramente reconhecíveis.

— Gaby. — Agarrou-a pela cintura e a estreitou contra seu corpo. Tinha um objeto contra o peito. A reluzente cor alabastro, o tamanho, a forma... Bryce o reconheceu imediatamente: era sua caixa de música.

— Mamãe... — sussurrava entrecortadamente.

Olhou-a a cara e ao ver o vazio de seus olhos se deu conta de que estava dormida.

— Gabrielle. — Tocou-lhe a bochecha com cuidado, sem saber muito bem se isso ia acalmar a, tampouco sabia como devia despertá-la. — Carinho, acordada.

— Não, por favor... — disse quase sem voz e movendo o ombro com seu pequeno punho para soltar-se — Papai...

— Gabrielle, acordada. — Abandonou suas táticas sutis e a sacudo com força; logo a agarrou pelos braços e a abraçou contra seu peito — Sou Bryce. Por favor, abre os olhos.

Primeiro ofegou, logo piscou, o vazio de seus olhos se transformou ao assombro. Como uma menina perdida, olhava-lhe tentando averiguar onde estava, recuperar o controle da realidade.

— Bryce? — perguntou quando já lhe começavam a tagarelar os clientes.

— Sim. — Bryce se sentou em cuclillas, abraçando-a enquanto se tirava o casaco e o punha a ela sobre seus ombros — Não passa nada. Está bem.

— Onde estamos? — Ela olhou a seu redor. De repente baixou a cabeça e se deu conta de seu traje e da caixa de música que tinha entre as mãos — OH, Deus! — exclamou, antes que Bryce pudesse nem tão sequer começar a formular uma explicação acreditável e tranquilizador para o que lhe tinha acontecido — Tornou o sonambulismo. Outra vez. Depois de todos estes anos. OH, não! — Baixou a cabeça, as lágrimas percorriam suas bochechas, empapando sua camisola.

Já lhe tinha acontecido antes, observou Bryce para começar. Não, recentemente, mas sim fazia tempo. E não fazia falta ser um perito para adivinhar quando... Nem por que.

— Estava revivendo o incêndio — disse Bryce brandamente — Tentando salvar a seus pais.

Ela assentiu com a cabeça sem dizer nada.

— foi à primeira vez desde que morreram?

— Não. Isto me passou durante meses detrás chegar ao Nevon Manor. — Respirou estremecendo-se — Tia Hermione e Chaunce estavam acostumados a alternar-se para vigiar fora de minha habitação, me detendo antes que pudesse sair ao exterior e me fazer danifico. Ao final, depois de vários anos, deixou de me acontecer. Não havia me tornado a ocorrer. Até agora. — Voltou a chorar.

—Shhh! — Bryce lhe acariciou o cabelo e lhe pôs melhor o casaco — Foi à visita ao Whitshire. Nunca deveria ter tornado. — Chiaram-lhe os dentes, arrependia-se de havê-la persuadido para que lhe acompanhasse — Está tremendo. Vou levar-te a casa.

—Não. — Gaby se sentou erguida; seus lábios trementes adotaram um gesto de determinação — Por favor. Não quero que tia Hermione me veja assim. Não agora que está tão débil. Isso poderia afundá-la.

—Só leva a camisola. Está-te congelando e tem muitas feridas nos pés. Terá que curá-los. — Bryce se levantou e se levou ao Gaby com ele, caminhando diretamente para a casa — Eu tampouco quero incomodar a tia Hermione, mas não podemos evitá-lo. Iremos a sua habitação.

—Bryce, espera. — Gaby lhe agarrou da camisa — Se insistir em me levar dentro, por favor, utiliza a entrada do serviço; está na parte de atrás. Não a utiliza ninguém, salvo os que devem entregar algo, posto que aqui ninguém se considere servente. Todos estarão dormindo. Podemos usar uma das outras escadas deste labirinto que construiu Lorde Nevon, conheço-as todas. Por favor.

—De acordo. — Bryce diminuiu seu passo — Guia-me.

—Não posso caminhar.

—Não, não pode. E não te incomode em discutir. Levar-te-ei em braços.

Suspirou trememente.

—Muito bem. Vê por ali — assinalou ela.

Bryce demorou cinco minutos em levá-la sem incidentes a seu dormitório, cuidadosamente no centro de sua cama, depositá-la e pôr a caixa de música em sua mesinha de noite com o mesmo cuidado. Logo se girou, procurou uma bacia e se foi ao outro lado da habitação para encher a de água. Agarrou uma toalha e retornou à cama.

—Sugerir-te-ia que colocasse os pés, mas me temo que a dor fosse insuportável. De modo que te lavarei os cortes com isto. — Fez um gesto de preocupação ao ver um rastro de sangue que corria por um dos pés e o tornozelo, e outro por toda a cara interna de sua perna — Irei o mais rápido que possa.

Gaby fez um gesto de dor ao primeiro contato, mas se mordeu o lábio, silenciando todo gemido que pudesse despertar a alguém. Bryce atuou com rapidez e eficácia, e por fim completou sua tarefa agradado ao ver que tinha deixado de sangrar.

—Bem. Agora vamos fazer que volte em calor. — Olhou um pouco incômodo o dormitório — Onde guardas as camisolas?

—Ali. — Gaby assinalou uma cômoda — Posso agarrá-lo eu mesma.

—Não apóie os pés no chão. Irei eu. — Bryce abriu uma gaveta e tirou uma camisola limpa, que deu ao Gaby — Vou acender a chaminé. Estarei de costas. Troque-te.

Ela assentiu com a cabeça; seus olhos azuis ainda estavam muito escuros pelo trauma.

—De acordo.

Um quarto de hora depois o fogo resplandecia e Gaby estava cada sob as mantas.

Bryce estava de pé junto a ela, esfregando-as Palmas e olhando-a com preocupação.

—Quer dormir?

—Não. — A via muito abatida — Por favor, fica comigo um momento mais.

—Muito bem. — Normalmente, jamais teria acessado a semelhante posição tão escandalosa. Mas como podia deixá-la quando acabava de passar semelhante experiência e ainda a via tão assustada? — Quer falar? — perguntou-lhe levando uma cadeira junto a sua cama e sentando-se nela.

—Sobre o que acaba de acontecer?

—Não, se isso te incomodar. Podemos falar do que goste.

A expressão de medo que havia nos olhos de Gaby se desvaneceu. Acomodou-se sob a manta e estudou ao Bryce desde suas pestanas molhadas e bicudas.

—Thane e você realmente lhes têm cansado muito bem.

Seguiu-lhe a corrente, relaxou-se na cadeira e cruzou suas largas pernas.

—Sim, assim é.

—Quando vai lhe visitar de novo?

Não havia dito “se”, a não ser “quando”.

—Logo. Quando tiver tido a oportunidade de revisar os documentos do Hermione e conheça um pouco melhor a todas as pessoas desta casa.

—Já te ganhaste na maioria. O resto não te levará mais que umas horas.

Bryce riu entre dentes.

—Aprecio sua fé em meu dom de gente.

—Não é seu dom de gente — disse Gaby brandamente — É seu coração.

Essa convicção absoluta em seu comentário quase o fazia sentir-se mau.

—Não faz falta ter um grande coração para cuidar de gente tão maravilhosa, Gabrielle. De fato, o difícil seria não fazê-lo.

—Estou de acordo. Mas, eu lhes quero. É minha família, a única que... —Lhe quebrou a voz; suas próprias palavras tinham desencadeado uma dolorosa lembrança do passado — Sempre que revivo essa noite, não posso evitar pensar que podia ter gritado mais forte — confessou de repente — Deveria ter ido procurar ajuda. Deveria ter encontrado a forma de evitar que avançassem as chamas. —As lágrimas voltaram a aparecer em seus olhos, deslizando-se por suas bochechas — Mas tudo aconteceu muito depressa. Quando saí da cabana, já era muito tarde. Não se podia fazer nada... Ninguém podia lhes salvar.

Bryce se sentou ao bordo da cama e a embalou meigamente entre seus braços.

—Foi uma menina — lhe murmurou enquanto seus dedos se deslizavam por seu cabelo — E embora tivesse sido maior, não teria podido combater a fúria desse incêndio.

Ela pôs sua bochecha molhada sobre sua camisa.

—Sei. Sei. É só que... — calou-se um momento; esse silêncio denotava o medo e a incerteza de alguém que está ao bordo de um abismo desconhecido e ameaçador.

Mas por quê? Não podia ser que fora a primeira vez que falasse disto.

De repente, Bryce teve a intuição de que sim o era.

—Gaby reviveste esta noite inumeráveis vezes em sua mente, mas falaste alguma vez com alguém, expressaste alguma vez em voz alta seus sentimentos? — perguntou-lhe Bryce sabendo qual seria a resposta e dando-se conta ao mesmo tempo de como poderia ajudá-la.

Esteve um momento sem responder e quando o fez, foi com um fio de voz.

—Não havia nada do que falar. Por mais que houvesse dito, não tivesse ressuscitado a meus pais. Além disso, não queria preocupar a tia Hermione mais do que já estava. Ela tinha adotado a uma pequena órfã sonâmbula e com um angustiante estado mental. Não queria carregá-la com mais preocupações.

—Hermione é uma mulher forte.

—Sei. — Gaby tragou saliva — O certo é que não o fiz só pelo Hermione. Também o fiz por mim. E não porque não pudesse expressar meus sentimentos; a dor seguia tanto se falava como se não. Não o fazia porque me aterrorassem as conseqüências. Embora tia Hermione nunca se queixasse, sei a carga emocional que era para ela. Se a inquietava mais, se lhe pedia mais, possivelmente... Temo que possivelmente me haja...

—Tivesse tirado de sua vida. — Bryce terminou sua frase sem mais disfarces. Conhecia bem esse temor por experiência própria — Te entendo.

Sua mão se deslizou debaixo de seu cabelo e lhe acariciou a nuca com movimentos suaves e tranquilizadores — Sei o que é viver com o temor constante de que possam te repudiar em qualquer momento. Eu me senti igual quando recebi a carta do Hermione no Eton, dizendo que se tentava algo, por insignificante que pudesse ser que fizesse que tirasse o chapéu minha verdadeira identidade, Whitshire me devolveria à rua, onde sem dúvida não sobreviveria. Você teve o mesmo temor, mais as cicatrizes emocionais do incêndio. Deve haver sentido um medo mortal.

—Assim é, o qual não fazia mais que aumentar minha preocupação — sussurrou Gaby — Ao fim e ao cabo, tal como me comportava... O que tivesse pensado tia Hermione? Ali estava ela, me dando a bem-vinda a seu lar e em lugar de aceitar minha boa sorte com alegria e graça, estava encerrada em mim mesma, consumida pela angústia e a preocupação.

—Gabrielle, só tinha cinco anos. Destruíram-se os alicerces de sua vida. Estava totalmente sozinha. Muita gente não tivesse revivido a esse tipo de trauma.

—Você o fez.

—Não — disse Bryce movendo a cabeça e lhe pondo o queixo em cima da cabeça e fazendo movimentos suaves — Eu não sofri uma perda tão devastadora. Meus pais, os Lyndley, não morreram até que eu já me tinha partido à escola e vivia por minha conta. O resto foi uma feia história escrita em uma parte de papel. Sim, enfrentei a meus fantasmas. Mas nunca tive que superar um pesadelo como a tua, e muito menos sendo tão somente um menino.

Bryce a abraçou com mais força.

—foste extraordinariamente forte. Segue sendo-o. Faz um minuto me há dito que não havia tornado a falar do incêndio desde que aconteceu. Isso é muito mais do que eu

tenho feito, ao menos até que confiei a ti. Meu sofrimento inicial e minha raiva ao receber a carta do Hermione foram tão intensos que logo que pude refletir e muito menos falar disso. Depois, enterrei a verdade em meu interior, até que o tempo converteu a dor em indiferença. Assim como vê, é muito mais forte que eu. Você não pôde te enfrentar a sua perda e o está fazendo agora. Está-me contando isso. Fale-me mais sobre a noite em que morreram seus pais. Onde estava quando declarou o incêndio?

—Na cabana que servia de armazém. — Duvidou um pouco e logo as palavras pareciam sair sozinhas — Não podia dormir. Nem sequer a caixa de música me ajudava, embora mamãe me tivesse deixado isso na mesinha de noite para que dormisse. Mas essa noite não funcionou. Estava muito preocupada com os petirrojos.

—Os passarinhos?

—Sim. Havia um ninho no caminho um pouco mais abaixo de nossas habitações. Todos os animais se congregavam nessa área, justo em frente dos estábulos. Antes essa seção do Whitshire estava separada e a seguir havia uma larga asa de serviços que começava pela garagem, seguida das zonas para guardar a lenha e o carvão e por último a cabana armazém. Na outra parte da cabana estava à entrada do serviço e o vestíbulo e, é obvio nossa moradia, seguida por outra entrada que conduzia às habitações do administrador e do mordomo. Depois, a asa terminava e havia um pequeno jardim que a separava da casa principal.

—E o fogo destruiu toda essa asa?

—Toda, da garagem até as habitações do Averley e Couling. Felizmente, Couling ainda estava terminando suas tarefas na entrada e Averley vinha da casa dos arrendatários quando começou o fogo. Por isso nenhum saiu ferido. Averley foi o primeiro em divisar as chamas e em ir procurar ajuda. Graças a Deus que o fez ou o resto da mansão também teria perecido sob as chamas e tudo teria ficado destruído. Ainda assim, as perdas foram tremendas. Os outros serventes que tiveram tanta sorte como Couling e Averley e eu, foram os que tinham o dia livre e os que tinham o turno de trabalhar até tarde.

—Não entendo — disse Bryce, franzindo o cenho — acaba de me dizer que você estava na cabana, de onde suponho que pretendia vigiar aos passarinhos Sendo assim, como pôde escapar do fogo?

—Suponho que o destino quis que sobrevivesse. Porque tem razão, eu estava na cabana quando começou o incêndio. E também é certo que me tinha partido de minha habitação para ir vigiar aos passarinhos. Tinham nascido essa mesma manhã e essa noite de maio era inusualmente fria. Assim que me levei à caixa de música e fui me arrastando para me assegurar de que estavam bem e tranqüilizá-los com o Beethoven.

A ternura dessa cena fez que Bryce relaxasse a cara ao imaginar-se à pequena Gaby cuidando ferozmente dos passarinhos *Para a Elisa*.

—E logo que mais passou?

—Estive com eles um momento, até que comecei a tremer muito. Como já te hei dito, fazia muito frio e eu ia à camisola. Sabia que tinha que me recolher, não só para

evitar me resfriar, mas também para que não me descobrissem. Ainda havia alguns serventes acordados, como o chefe de jardineiros do Whitshire, Dowell e duas ou três moços de quadra. Cada vez que passava um deles, escondia-me no oco de erva que havia sob o carvalho. Mas não podia ficar ali, nem tampouco evitar o tagarelo de meus dentes. Ao final alguém me teria visto e o haveria dito a meus pais. E como não queria lhes desgostar... Outra vez. —Gaby se encolheu de ombros com tristeza — Como já ouviste antes quando o há dito o senhor Averley, era bastante habitual que desaparecesse. E meus pais se preocupavam muito.

—por que não te voltou para a cama? — perguntou-lhe Bryce, perplexo por sua conduta, embora agradecido pelo resultado.

—Porque queria voltar a ver os petirrojos essa noite, para me assegurar de que não lhes passava nada com o frio. Assim que me meti na cabana e me abaixei em um reservatório de água de mantas. Esperei até que não ouvi mais passados nem vozes. Logo, abri a caixa de música e deixei que soasse. Devi ficar dormida. Quando despertei, toda a habitação estava em chamas. Saí como pude lembrança que pensei uma e outra vez que não queria morrer. Mas quando tive escapado, dava-me conta de onde se dirigiam as chamas. —Afogou um soluço. —Desejaria poder esquecê-lo. Tentei chegar às habitações do serviço, mas já havia um muro de fogo. Gritei os nomes de meu pai e minha mãe e tentei atravessá-lo. Mas não pude... Não pude. Não recordo nada mais até que abri os olhos e me encontrei nos braços da senhora Darcey. Estava no chão e tudo cheirava estranho — a fumaça e a algo doce ao mesmo tempo — Nunca esquecerei esse aroma. Nem a escuridão e o desolado que se via tudo. Sabia que tinha passado algo terrível. Ao princípio pensei que minha caixa de música tinha desaparecido. Mas quando lhe perguntei à senhora Darcey, deu-me isso. Estava chorando e voltou a me embalar entre seus braços. De repente, recordei. Comecei a chorar, tentando me soltar dela para chamar a meus pais. Mas no fundo sabia que já não estavam que nunca mais voltaria a lhes ver. Sabia.

Ao Gaby tremia todo o corpo e soluçava dolorosamente.

—Tia Hermione me levou essa mesma noite. Nunca me deixou voltar, tampouco ficava nada ali. Nem me levou a casa principal. Depois, soube que seu irmão nunca o teria permitido. — Gaby girou a cara para a camisa de Bryce— O resto já sabe.

—Sim, já sei o resto. — Seu peito estava tão comprimido que quase não podia falar — E isso é o que estava vendo esta noite, quando olhava pela janela da sala de música? Estava revivendo o incêndio?

Assentiu com a cabeça tremendo.

—Não sei quanto pudeste ver da zona do serviço na escuridão. Mas essa é a parte da fazenda que se vê da sala de música. Foi reconstruída, é obvio. Só os estábulos estão igual; as chamas não os alcançaram. Mas eu não via essa zona tal como é agora, mas sim como era então, à noite em que morreram meus pais.

Bryce nunca havia sentido semelhante necessidade de absorver o sofrimento de alguém como nesse momento. Fechou os olhos e lhe pôs sua cálida palma na nuca. Podia

notar o batimento do coração de seu coração, os tremores de angústia pelas lembranças enquanto tinha apoiada sua frente em seu peito, absorvendo toda a força e compaixão que ele podia lhe oferecer.

—Obrigado — lhe sussurrava ela uma e outra vez — Obrigada por me escutar. — Ela se separou dele com os olhos cheios de emoção e muito escuros — Não me tinha dado conta de quanto precisava falar do que me aconteceu. É muito perspicaz.

—Falei-te por própria experiência, não por perspicácia. E me alegro de te haver ajudado.

—Fez mais que isso. Aliviaste minha dor. — As gemas dos dedos de Gaby roçaram o queixo de Bryce— Ao igual ao tivesse feito uma majestosa sinfonia.

Uma estranha emoção constrangeu a garganta do Bryce, outra que pouco tinha que ver com a compaixão.

De repente olhou a habitação e se deu conta pela primeira vez do inapropriado da situação.

—O que acontece? — perguntou Gaby, inclinando a cabeça com assombro — Passa algo mau?

Bryce a separou de seu corpo recostou-a contra os travesseiros e ficou rapidamente de pé.

—Peço-te desculpas por esta situação tão inadequada — lhe disse, mais desconcertado que arrependido — Não estou acostumado a visitar as mulheres em seus quartos nem me aproveitar de suas penas para tê-las entre meus braços de um modo tão íntimo, muito menos quando vão à camisola.

Para sua surpresa, Gaby se começou a rir.

—O que te parece tão divertido?

—Acabo de sobreviver a uma terrível experiência graças a ti. Caminhei sonâmbula, revivi o pior pesadelo de minha vida, tenho-me feito cortes nos pés. Resgataste-me, despertado e curado minhas feridas. Trouxeste-me para a cama em braços para que não tivesse que caminhar, consolou-me quando chorei, e o tem feito tudo em silêncio e só para não alarmar a tia Hermione e preocupá-la. Logo me persuade para que te conte minhas lembranças, que levavam anos enterrados e que necessitava desesperadamente compartilhar. E agora te desculpa por estar em meu quarto, sentado em minha cama me vendo em camisola?

—Sim, entendo-te — disse Bryce curvando os lábios.

—De verdade? — Gaby se incorporou na cama, levantou os joelhos e as abraçou, olhando ao Bryce com essa típica sabedoria inocente tão própria dela. —Acredito que não. E embora te agradeças esta inesperada atitude de fazer suportável uma situação que de outro modo não o seria, pergunto-me se alguma vez rompe o protocolo.

—Desculpa? —Bryce ficou totalmente fora de combate por esta inesperada pergunta.

Gaby se secou as lágrimas.

—Perguntei-te se alguma vez te salta o protocolo.

—Já te ouvi. O que queria dizer é o que pretende exatamente com sua pergunta?

—Justamente o que está pensando. Sou consciente de que é um homem que se orgulha de seus princípios e de sua lúcida e pragmática forma de ver a vida. Entretanto, estou segura de que esta não é a primeira vez que seus sentimentos lhe obrigaram a fazer algo que de outro modo se consideraria impróprio.

Bryce refletiu sobre a pergunta.

—De fato, até que cheguei ao Nevon Manor, era um homem bastante estável e previsível.

—O que me diz da senhorita Talbot?

—O que acontece ela?

—Não te comporta alguma vez de forma imprevisível quando está com ela?

—Não.

Ao Gaby parecia lhe fazer graça.

—Não? O que me diz de quando estão a sós? Estou segura de que haverá momentos em que seu coração se imporá a sua cabeça. Só posso imaginar quão extraordinário tem que ser esse sentimento. — inclinou-se para diante — Sei que esta pergunta é verdadeiramente inapropriada e sem dúvida não é de minha incumbência, mas dado quão franco foste comigo respeito a todo o resto, me vou arriscar a te ofender e a soltá-lo de todos os modos. Aonde vão à senhorita Talbot e você para estar a sós? Não especificamente, a não ser em geral, já sabe, a salas de espera vazias onde lhes podem perder durante algum grande baile, a algum parque à luz da lua onde passeiam entre as árvores, enfim, esse tipo de coisas. Ou possivelmente têm algum sítio mais específico — algum embarcadouro no Támesis — por exemplo, algum lugar onde os amantes possam estar sozinhos. Sempre me perguntei estas coisas quando pensava no cortejo. Seu mundo é muito mais amplo que o meu, assim estou segura de que poderá me responder. Onde é permissível que um homem e uma mulher se mostrem seu afeto?

Bryce ficou boquiaberto e lhe custou um pouco recuperar-se.

—Não posso acreditar — resmungou isso.

—Isso não é uma resposta.

—Gabrielle. — Bryce se recostou em sua cadeira, recordando-se que algum dia pode que tivesse que encarregasse do futuro dessa jovem — Não sei de onde tira suas idéias, mas será melhor que ponha ao dia agora mesmo. Nunca é adequado para uma mulher... Quer dizer, não é correto que uma jovem de boa família expresse seu afeto, seu verdadeiro afeto... — calou-se a acontecendo mão pelo cabelo.

—Está-te referindo à paixão? — disse-lhe Gaby para lhe ajudar.

Os olhos de Bryce se estreitaram.

—O que sabe você da paixão?

—Não sou estúpida, Bryce. Tenho olhos e ouvidos. Faço perguntas. Vejo como se trocam olhadas aqui no Nevon Manor — rubores, olhadas apaixonadas, sorrisos sedutores — Vi como se empaream os animais. Sei o que é a intimidade entre duas pessoas. O que não sei é onde o faz a gente. OH, acredito que tenho uma idéia bastante

acertada de aonde devem ir os residentes do Nevon Manor, mas nossa família é muito atípica.

—Maldita seja! — Bryce exaltou com força, rogando que Hermione vivesse eternamente. O mero pensamento de ser o tutor do Gabrielle começava a lhe dar calafrios. —Em primeiro lugar, o emparelhamento dos animais pouco tem que ver com as paixões dos seres humanos. Em segundo lugar, eu não sou a pessoa a que deveria lhe fazer estas perguntas. A quem...? — calou-se um momento — Aos quais viu um essas interações românticas? E onde crie que... Vão... Para mostrar-se seu afeto?

Ela sorriu com sincretismo.

—Vi a várias pessoas. Vê-lo-á por ti mesmo quando levar aqui o tempo suficiente. Por uma parte, Godsmith está tremendamente embevecido com a Marion. Ela é essa donzela adorável que não se sustentava muito bem sobre seus pés. Marion é doce e divertida e está disposta a escutar as histórias do Godsmith durante horas. Algumas tardes quando já limpou o carro até lhe tirar brilho e já não têm nada mais que fazer nenhum dos dois, Godsmith e Marion desapareceram durante uma hora ou mais, e imagino que muito pouco desse tempo o dedicam às histórias do Godsmith. A garagem —acrescentou Gaby — está convenientemente vazia há essa hora.

»Logo está Wilson, que logo que pode apartar os olhos da Ruth, essa vivaz jovem garçonne com esse sorriso encantador. OH, já sei que é um pouco simples e que às vezes parece um pouco distraída, mas não lhe importa o fato de que a melhor amiga do Wilson seja sua pá. Assim tudo fica compensado. — Gaby se aproximou dele com cumplicidade — Sempre que Ruth sai a passear pelo jardim, Wilson deixa de fazer seu trabalho para olhá-la com um sorriso inclinado e cara de estar embevecido por ela. Algumas vezes se reúnem, então é quando vão passear pelo outro extremo dos estábulos, supostamente, segundo Wilson, para revisar os arbustos que plantou ali, que, por certo, ainda não vi. Depois suspira durante uma hora enquanto perambula pelo jardim sem dar golpe. Nem sequer se dirige a sua pá nesses momentos. E também há outros — fez uma pausa para refletir — no Nevon Manor que sentem uma mútua atração.

—Outros — repetiu Bryce aniquilado — E também sabe quem som?

Por fim sorriu; seu primeiro grande sorriso em toda a noite.

—É obvio. O que não sei é como atuam as pessoas que não são do Nevon Manor.

—Tampouco deve — replicou Bryce, recordando-se que tinha que falar com o Hermione sobre esta inapropriada, embora limitada, exposição do Gabrielle aos interlúdios românticos do serviço — Nenhuma jovem decente precisa saber esse tipo de informação.

—Não é a senhorita Talbot uma jovem decente?

—É obvio que sim.

—Já vejo. — Gaby moveu a cabeça sentida saudades — Então, alguma vez estão sozinhos?

—Exatamente.

—Tampouco estiveste a sós com nenhuma das outras mulheres às que cortejaste?

—Nunca.

O rosto de Gaby refletiu desilusão.

—Então sabe tão pouco sobre a paixão como eu.

—Não. Sim. Bom, quero dizer... Não é disso do que estamos falando.

—Ah, não?

—Estávamos falando da conduta apropriada de uma jovem de boa família, não da paixão.

De repente, Gabrielle pareceu compreender.

—É diferente de quão jovens não o são.

—Justamente.

—O que me diz dos homens? Também se dividem nestas categorias?

Bryce se perguntava por que sempre lhe havia flanco tanto falar do cortejo e quando pensava Hermione lhe ensinar ao Gaby o que era o mundo, se pretendia tirá-la para a próxima temporada.

—Não. Os homens não estão sujeitos às mesmas regras de conduta que as mulheres.

—Já entendo. — Gaby pôs o queixo em cima de seus joelhos, tratando de digerir a nova informação.

—De verdade?

—Sim.

Bryce relaxou os ombros aliviado.

—Bem. Então, podemos deixar o tema.

—Está-me dizendo que acompanha a mulheres de boa família pela cidade, mas que vai a prostitutas quando quer expressar seu afeto.

Esse alívio durou pouco.

—Gabrielle, eu...

—Não passa nada, Bryce. — Gaby moveu a cabeça totalmente atônita — Embora não posso entender essas normas tão absurdas. Não seria melhor intimar com a mulher a que amas que com uma estranha?

—Não funciona desse modo — respondeu Bryce — Quanto ao amor, já falamos que isso antes. Já sabe minha opinião sobre o tema.

—Sim. Não crie no amor, só na compaixão. E como te hei dito, espero que minha família possa fazer que troque de opinião. — umedeceu os lábios com a ponta da língua — Deixa que te pergunte uma coisa mais.

—Não posso esperar.

—Há-me dito que eu era a primeira pessoa com a que tinha compartilhado seu passado, que não ia à senhorita Talbot para essas coisas. Para que vai à senhorita Talbot? O que compartilham exatamente? Não há contato físico nem emocional. O que fica então?

—Muitas coisas. — Bryce franziu o cenho e se olhou a ponta dos sapatos — Compartilham uma série de interesses: teatro, navegar, ir à ópera. Compartilhamos um círculo de amizades, opiniões, metas, prioridades.

—Não é a sinceridade uma de suas prioridades?

—Sabe que sim.

—Entretanto, a senhorita Talbot não sabe nada de seu passado, pelo que te converteu no homem que é.

—Sabe tudo o que importa.

—Bryce, não te entendo — murmurou Gaby — A menos que os periódicos exagerem, está a ponto de lhe propor matrimônio a essa mulher. Não lhe deve a verdade? É mais, não quer oferecer-lhe

Bryce enrugou mais o cenho.

—Não sinto que não seja sincero pelo mero feito de relegar meu passado ao lugar onde pertence. Os detalhes que envolvem meu nascimento não têm nada que ver com meu futuro, nem tampouco afetaria ao da Lucinda. A sinceridade não é o que importa aqui, e sim a privacidade. Casados ou não, tenho direito a tê-la. Segundo meu modo de pensar, um compromisso matrimonial não significa despir sua alma.

—Em outras palavras, que unem suas vidas, mas não seus corações nem suas mentes nem suas almas.

Fez-se o silêncio.

—Pensa te casar com ela ou não?

—falamos que tema.

—Não parece muito entusiasmado.

Bryce se esfregou as mãos.

—O matrimônio é uma associação, Gabrielle, não um jogo passional ou uma sinfonia. Lucinda é uma mulher encantadora e sensata. Tem mais de vinte anos. O matrimônio é o passo prudente e lógico que temos que dar.

A expressão de Gaby era de incredulidade total.

—Como pode falar do matrimônio com semelhante frieza?

—Não é frieza, é praticidade — respondeu Bryce — Acredito que chegou o momento de que durma.

—Para poder evitar o tema.

—Acredito que já o havemos dito tudo.

—Isso crie? — Gaby percorreu o bordo do edredom com seus dedos — Se você o disser. Mas eu não estou de acordo. — Ela ficou tensa quando Bryce se dirigiu para a porta — Espera.

Bryce se girou, com a intenção de lhe dizer que sua conversação tinha terminado. Ao ver a expressão de pânico em seu rosto, trocou de opinião.

—O que te passa? Tem medo de dormir?

—E se voltar a me acontecer? — sussurrou ela — E se voltar a andar dormida?

Bryce apertou os lábios e contemplou essa possibilidade.

—Gabrielle, o mais inteligente que deveríamos fazer é...

—Por favor, não me sugira que o digamos a tia Hermione — a interrompeu, lendo seus pensamentos — Por favor, Bryce, deste-te conta de quão débil estás? Se inteirasse do incidente de esta noite, preocupar-se-ia muito. Não posso e não vou fazer lhe isso.

—Muito bem. — Bryce se apoiou contra a porta fechada, sua determinação começava a fraquejar sob o olhar suplicante do Gabrielle — Faremos um trato — disse ele — Esta noite ficarei em suas habitações, serei sua sentinela. Porei a poltrona ao lado da porta e dormirei ali. Deste modo poderá voltar a dormir e se tenta sair te encontrará com um objeto irremovível: despertarei e te voltarei a mandar à cama. O que te parece?

Os finos ombros de Gaby se relaxaram.

—E não dirá uma palavra a tia Hermione?

—Esta vez não. Entretanto — acrescentou Bryce com firmeza — se isto se voltar a repetir, esta noite ou qualquer outra, Hermione terá que inteirar-se. Por sua segurança e por minha tranqüilidade, Gaby — lhe disse em um tom mais amável, detectando a leve tensão que ainda ficava — Não vou estar sempre no Nevon Manor, ao menos não nesta etapa de minha vida. Mas tampouco posso partir pensando que pode te fazer danifico, o qual poderia acontecer se Hermione não sabe nada e não toma as precauções pertinentes. Sei que se preocupa por ela, eu também. Mas recorda que embora esteja fisicamente débil, emocionalmente é muito forte. É perfeitamente capaz de tomar-se com calma tudo o que aconteceu e entender as razões.

—Não crie que isto tenha terminado verdade? — perguntou-lhe Gaby um pouco assustada — Crie que voltará a me passar.

—Não necessariamente. — Bryce moveu a cabeça — Mas eu aprendi a ver as situações desde todos os ângulos e isso é o que estou fazendo. Isso não significa que espere que volte a te acontecer. É bastante provável, que agora que voltaste para o Whitshire e que falaste que a noite da tragédia pela primeira vez, tenha sossegado algo a seus fantasmas e possa dormir tranqüilamente sem más lembranças do passado.

—Espero que tenha razão — murmurou.

—Então, estamos de acordo. — Bryce agarrou a poltrona e o arrastou pela habitação até colocá-lo diante da porta. — Dormirei aqui e me assegurarei de que não sai até manhã.

—Despertará antes de ir?

—Sim. Partir-me-ei ao amanhecer, antes que outros comecem a levantar-se e a rondar. Primeiro despertarei a ti.

—Muito bem. — Gaby assentiu com a cabeça — Estamos de acordo. — deslizou-se debaixo dos lençóis e se entregou aos travesseiros como uma menina — Obrigado Bryce.

—De nada. — esclareceu-se garganta — Quer que ponha a caixa de música?

Disse que não com a cabeça e lhe respondeu com a voz um pouco afogada entre os travesseiros.

—Não é necessário. Estando você aqui, poderei dormir sem ela. Ao fim e ao cabo só estou trocando uma suave melodia por outra.

Bryce se tombou na poltrona.

Mas muito depois de que a respiração de Gaby lhe indicasse que se dormiu, ele seguia acordado, olhando ao teto e refletindo sobre a conversação que acabavam de manter, conversação que, apesar de sua aparente indiferença, tinha-lhe afetado profundamente.

Tinha alcançado uma parte onde se interpretava uma melodia inquietante e estranha para ele.

Capítulo 7

—Sei que logo que são pouco mais das sete em ponto, mas Chaunce me há dito que já se levantou e que estava dando voltas. Há-me dito que chamasse e que entrasse. Espero que não lhe importe. — Bryce não esperou resposta. Entrou na sala de estar de sua tia e se sentou em uma cadeira.

Hermione olhou para cima do sofá observando a tensão de Bryce com certa preocupação.

—É obvio que não. Minha porta sempre está aberta para ti. Mas te vejo preocupado. Há algum problema?

—Em minha opinião, sim. Há um problema bastante grave.

—Desculpe-me, milady. — Chaunce apareceu pela porta com uma bandeja — Me permiti à liberdade de trazer um pouco de café e uma bandeja de pasteizinhos de canela com gelatina de framboesa. Se sua conversação com o senhor Lyndley se alarga terão comido algo antes do café da manhã.

—Que amável Chaunce. — Hermione sorriu a seu mordomo enquanto este cruzava a habitação e depositava a bandeja — Que idéia tão excelente. Diga-lhes a outros que comecem a comer sem nós. Bryce e eu iremos o antes possível.

—Já o tenho feito senhora — respondeu.

—É indispensável, meu amigo. — Seu sorriso se reafirmou um pouco mais— Obrigado.

—É um prazer. — girou-se para o Bryce — Já se enviou sua mensagem urgente. A senhorita Talbot já o deve ter em sua bandeja do café da manhã.

—Com tempo de sobras — disse Bryce com um tom seco — Lucinda não se levanta até quase o meio-dia, especialmente durante a Temporada. Entretanto, agradeço que se encarregou do assunto com tanta prontidão. Lucinda tem que saber que estou aqui retido. Ela sem dúvida esperava que já tivesse retornado a casa. — Enrugou os lábios e olhou para outro lado, separou-se de sua mente a Lucinda ao pensar no importante assunto que estava aponto de lhe expor a sua tia.

—Nesse caso — Chaunce olhou ao Hermione por cima da cabeça de Bryce— se não desejarem nada mais...

—Sim — interrompeu Bryce de repente, levantando o queixo — Se não lhe necessitarem no café da manhã, Chaunce, importar-lhe-ia ficar? Eu gostaria de ouvir sua opinião, a opinião de um homem, sobre o tema que vou tratar.

Chaunce levantou um pouco as sobrancelhas, mas assentiu, colocando-se junto ao sofá onde estava Hermione. — Como você deseje.

Pigarreou e olhou ao Hermione.

— É respeito ao Gabrielle. Ela e eu tivemos uma interessante conversa, como resultado da qual surgiu um tema que me preocupa.

— De verdade? — Hermione olhou com mais curiosidade que preocupação — E do que se trata?

— Sabe que algumas das pessoas que vivem aqui — Bryce tentou procurar as palavras corretas, para acabar utilizando as de Gaby — sentem uma mútua atração?

— Ah! Refere ao Godsmith e a Marion?

— Sim, entre outros. Está você à corrente destas relações?

— Sim.

— Bom Gabrielle também. Entretanto, há algo que estou seguro que não sabe e é que Gabrielle é testemunha de que estes casais desaparecem para o que ela descreve como manifestar-se seu afeto em privado.

Hermione se inclinou para diante, tomou a cafeteira e serve tranqüilamente as três taças.

— Chaunce, só um pouco de leite. Bryce, sozinho. Eu, um pouco de açúcar para ter energia — murmurou.

— Hermione, ouviu-me? — perguntou-lhe Bryce.

— É obvio. — Deu-lhe a taça e lhe aconteceu o prato com os pasteizinhos de canela — te sirva você mesmo a gelatina — lhe disse. Dito isto, voltou-se para o Chaunce, sem fazer caso de seu protesto e lhe oferecendo sua bebida — Sempre me está servindo. Está bem corresponder de vez em quando.

— Hermione... — começou Bryce de novo.

— Voltemos para sua preocupação pelo Gaby — respondeu rapidamente sua tia — O que é exatamente o que viu?

— Vá aos casais quando desaparecem juntas para ir A...

— Aonde? Viu algum ato indecoroso? Viu a esses casais em atitudes comprometidas, nuas ou tocando-se?

Bryce ficou boquiaberto.

— Duvido-o.

— Então, o que é o que se preocupa?

— Acredito que não me entende Hermione. Devido à atitude de seu serviço, Gaby acredita que a intimidade física é maravilhosa, algo invejável, com o que sonhar e ao que aspirar.

— E você não?

Esta vez Bryce quase solta a taça de repente.

— Desculpe?

Hermione mordeu delicadamente um dos pasteizinhos.

— Hum, delicioso, como sempre. Cok se superou a si mesmo, não te parece?

—Assim é, senhora — disse Chaunce detrás haver-se terminado seu primeiro pastezinhos.

Dito isto, Hermione voltou a dirigir-se ao Bryce.

—Simplesmente te perguntei se sua opinião diferia da do Gaby.

—O que tem que ver o que eu pense com o Gabrielle? —espetou Bryce frustrado — Tenho trinta e um anos, levo no mundo uma eternidade e conheço suas regras. Gaby só tem dezoito, está a ponto de ser apresentada em sociedade, em menos de um ano, quero lhe recordar, e não sabe nada absolutamente dessas regras nem de como podem afetar sua vida, seu futuro. Estou seguro de que entende as possíveis conseqüências de seus conceitos errôneos sobre a intimidade física?

—Acredito que aí é onde diferimos Bryce. — Hermione deixou a taça e o prato e juntou as mãos sobre sua saia — Não acredito que Gaby tenha nenhum conceito errôneo sobre a intimidade física. Ela acredita que duas pessoas que se querem profundamente desejam estar juntas de todas as formas possíveis: mental, emocional e fisicamente. Eu também acredito o mesmo. Aqui do que se trata é, e nem você nem eu podemos vê-lo, do vínculo inexorável que Gaby reconhece entre o amor e a intimidade, um vínculo que exclui o tipo de conseqüências às que te está referindo. Gaby jamais permitiria a um homem do que não estivesse apaixonada que a tocasse ou que se tomasse nenhum tipo de liberdade. De fato, acredito que isso lhe pareceria detestável.

—Mas e se apaixonar por um canalha?

Hermione riu irônica.

—Isso não acontecerá nunca.

—Como pode estar tão segura?

—Porque nos asseguraremos disso. — Hermione se inclinou e lhe deu um tapinha no braço ao Bryce — Quem quer que fiscalize o futuro de Gaby se assegurará de que conhece as pessoas corretas.

—Só podemos fazê-lo até certo ponto, Hermione. Como bem sabe não todo patife se detecta imediatamente. A maioria é muito inteligente e é difícil descobrir como são. Escondem-se sob um manto de adulações e encanto. E se Gaby conhecer alguém assim sem que nos inteiremos?

—Tenho fé em nossa capacidade para detectar a esses descarados. E em última instância, apesar de sua inocência, tenho fé no Gaby. Você não, Chaunce?

—Sem dúvida alguma, senhora.

Bryce se moveu rapidamente para olhar ao Chaunce.

—Está você de acordo com tudo isto?

—Com todas e cada uma das palavras, senhor Lyndley. — Chaunce dobrou seu guardanapo com um delicado gesto — A senhorita Gaby é sensível, inteligente e intuitiva. Escolherá ao homem adequado para lhe entregar seu coração. Nosso trabalho simplesmente é asseguramos de que lhe conheça. A senhorita Gaby fará o resto.

—São vocês conscientes de quão protegida esteve Gabrielle? — perguntou Bryce.

—Já sabe a resposta. Por isso te pedi que fosse seu tutor, se fosse necessário. — Hermione tomou outro sorvo de café — Bryce, entretanto, acredito que suas preocupações são infundadas. Gaby é inocente, é certo, mas não tanto como imagina. Entende o sentido da intimidade física. Simplesmente não alberga os mesmos receios em relação a outros e sobre suas motivações como faz você. As razões são evidentes. Ela viveu que um modo distinto ao teu e confia e ama com facilidade.

—Isso é o que me temo — murmurou Bryce.

—Bom, não tenha medo. Como disse Chaunce, Gaby é brilhante e intuitiva. Com um pouco de guia por nossa parte, saberá quando terá chegado o homem correto a sua vida. Até então, sua virtude permanecerá intacta, independentemente do que possa ver. E a esse respeito, devo entender que desaprova as relações dentro de nossa pequena família?

Bryce franziu o cenho e começou a sentir-se como um velhaco. O modo em que o expressava Hermione o fazia sentir-se como um bastardo de coração frio que negaria a seus empregados até uns mínimos de plenitude emocional.

—É obvio que não o desaprovo. Acredito que é fantástico que as pessoas que vivem aqui sejam felizes. Só que eu...

—São felizes, Bryce — acrescentou Hermione em um tom tranqüilo — Por outra parte, tampouco estão atuando como suspeitas. Vou-lhe dizer isso de outro modo. Em primeiro lugar, no Nevon Manor passam poucas coisas das que eu não me inteire. Assim pode estar convencido de que se houvessem condutas incorretas, eu saberia. Em segundo lugar, minha família pode ser atípica, mas é muito moral. Portanto, não acontece nada inapropriado. O único casal que está a ponto de comprometer-se é a que formam Godsmith e Marion. E se me promete guardar o segredo, dir-te-ei que Godsmith já veio a me pedir a mão do Marion. É um bom homem. Ao igual ao resto no Nevon Manor. Nenhum deles se aproveitaria de nenhuma mulher, e muito menos das mulheres às que apreciam. Tampouco permitiriam que Gaby presenciasse nada indecente. Essas amostras de afeto às que te refere são simplesmente largos passeios e algum que outro abraço. É isso ofensivo para seu gosto?

Hermione piscou.

—Não acredito. Pelos comentários que ouvi sem querer de alguns amigos do Chaunce respeito a suas visitas, e não me refiro às inocentes visita a senhorita Talbot, a não ser a outras menos virtuosas, embora discretas, dessas senhoritas cujas reputações fazem possível que a senhorita Talbot mantenha a sua.

—Maldita seja! — resmungou Bryce, a indignação eclipsava sua surpresa — por que penso sempre que posso discutir com você e ganhar? —Torceu a boca — O que é o que escutou sem querer? Permita-me que o duvide. Nada do que você faz é por acaso, Hermione. Quando vou aprender isto?

—Como hei dito, pouco do que acontece aqui escapa a meus ouvidos. Mas isso não é o que importa. O que importa é que você é um homem mundano que entende a necessidade de companhia que temos as pessoas. O que acontece aqui não é mais que

isso: homens e mulheres que desfrutam de sua mútua companhia, no sentido mais puro da palavra. Bem, supõe isso um problema para ti?

—Muito bem, Hermione, conseguiu o que pretendia — resmungou Bryce, dando-se por vencido — conseguiu que me sinta como um verme.

—Bem — disse assentindo com a cabeça — E aliviei também suas preocupações?

—Sim, realmente sim.

Agora que se tranqüilizou, perguntava-se se sua reação respeito a esse assunto tinha sido exagerada. Era totalmente atípico nele ser tão irracional, por não dizer tão crítico e dissimulado. Que caray lhe tinha feito lançar-se sobre a Hermione como uma espécie de anjo da vingança?

—Não fique assim, senhor — lhe disse Chaunce, arrumando o bigode. —Sua reação é compreensível e natural. A senhorita Gaby tem o dom de despertar nossos instintos protetores; ela possui uma beleza pura que qualquer desejaria preservar.

—Não cabe dúvida de que assim é — ratificou Bryce de uma vez que aumentava sua inquietação. De repente apartou seu café e se levantou — Por certo, tenho que lhes deixar. Prometi ao Peter que lhe explicaria alguns términos legais depois de tomar o café da manhã. Também quero começar a confeccionar os distintos documentos dos que falamos. Levo muito tempo fora de Londres. Tenho pensado terminar em um dia ou dois e logo retornar à cidade.

—Tão logo? — perguntou Hermione, inclinando a cabeça surpreendida.

—Não posso ficar aqui eternamente, Hermione. Minhas obrigações me esperam. — Bryce respirou profundo — E tenho muito no que pensar toda uma vida que resolver. — Dito isto, saiu da sala.

—Está afligido — murmurou Hermione, apertando os lábios com preocupação.

—Assim é. Afligido e confundido — acrescentou Chaunce.

—Não lhe culpo. Com tudo o que aconteceu e o que está acontecendo não sente saudades que tenha vontades de partir.

—Voltará e antes do que imagina.

Na frente do Hermione se desenharam novas rugas de preocupação.

—Não crie que Londres lhe atrai muito?

—Não acredito. Nem sequer me preocupa e acredito que a você tampouco deveria lhe preocupar — disse Chaunce com um coice.

—Não o farei. —Hermione fez uma careta com os lábios — Só necessitava seu apoio. — inclinou-se para diante e os olhos lhe brilhavam como os de uma jovem — começou a chamá-la Gaby, fixaste-te?

—Duas vezes — replicou Chaunce — E a profundidade de sua indagação é evidente que não é a que caberia esperar de um conhecido ou, no melhor dos casos, um amigo ou um possível tutor.

—Não poderia estar mais de acordo — Hermione trocou a uma expressão de esperança — Se necessitam mutuamente, Chaunce. Muito mais do que imaginava.

—encontraram-se o um ao outro, senhora — lhe assegurou Chaunce, levantando-se para recolher os pratos — Só têm de conseguir que se dêem conta.

Abaixo, na sala de música, Gaby estava dando voltas, incapaz de concentrar-se em nada, nem sequer no Beethoven, só no fato de que Bryce e tia Hermione se saltaram alegremente o café da manhã.

Onde estavam? Do que estariam falando? Teria-lhe contado Bryce o do incidente da passada noite?

Não. Gaby sacudiu a cabeça, sentando-se de repente na banquetta do piano e unindo as mãos sobre sua saia. Tinha-lhe prometido que não o faria. E Bryce nunca faltaria a sua palavra.

Mas o incidente tinha acontecido e ao Gaby aterrava que voltasse a repetir-se.

Não obstante, essa noite não se tornou a repetir, pensou para consolar-se. Tinha dormido tranqüilamente até o amanhecer, quando Bryce a tinha despertado antes de retornar as suas habitações. Mas não estava segura de se seu sonho interrompido era pura coincidência, simples esgotamento ou se devia à tranqüilizadora presença de Bryce em sua habitação. Só rezava para que o episódio fora um acontecimento único, desencadeado por sua incômoda visita ao Whitshire.

Roçou as teclas do piano com as gemas de seus dedos e sentiu que seus pensamentos voltavam para o Bryce. Não lhe havia dito nada de que não iria tomar o café da manhã, mas tampouco tinha falado muito essa manhã. Simplesmente a tinha despertado; parecia cansado e intumescido pela incômoda noite — E, conforme suspeitava Gaby, em vela — que tinha passado na poltrona. Tinha comprovado que ela estava bem, desculpou-se de um modo algo rígido e se partiu da habitação.

Por que se sentia de repente tão incômodo em sua presença? Devia-se a que tinha quebrado sua regra sagrada do protocolo? Ou estava zangado com ela por ter criado tanto revôo em sua vida e logo lhe haver insistido em que assumisse a responsabilidade não só de escutá-la, mas também de guardar seu segredo?

Estava-se zangado, não podia lhe culpar. Tinha chegado ao Nevon Manor virtualmente como um estranho e em questão de dias tinha sido sitiado com obrigações emocionais. Aceitar as cargas de tia Hermione era uma coisa. Aceitar a sua outra.

Gaby se mordeu o lábio inferior preocupada, sentindo-se culpado por acrescentar mais preocupações ao Bryce, e triste pela tensão que se criou entre eles. Tinham gozado de uma comunicação cálida e maravilhosa, havia sentido uma afinidade quase foto instantânea. Entretanto, depois da passada noite, Gaby soube instintivamente que Bryce só queria terminar seus assuntos o antes possível e partir.

Seria isso do que tinham estado falando com tia Hermione? Estava tentando ligar os temas legais de sua tia para deixá-lo tudo arrumado e poder partir a Londres?

E se era assim, teria surto esse repentino desejo por querer fugir de algo ou por querer retornar a algo?

Gaby tinha refletido sobre sua relação com a senhorita Talbot ao menos por essa vez, descrição que parecia aplicar a todos seus anteriores romances. Tentava imaginar-se vivendo em um mundo tão ordenado e frio. Resultava-lhe impossível. E para o Bryce tampouco tinha sentido. Sob seu aspecto tranqüilo se ocultava um homem apaixonado: em suas crenças, seus compromissos e seu trabalho. Sem dúvida essa paixão tinha que abranger algo mais.

Perguntava-se como seria realmente a vida de Bryce Bom, sabia alguns detalhes de suas atividades graças aos recortes de tia Hermione. Mas os recortes de imprensa não podiam descrever a felicidade, a introspecção, a inquietação ou a satisfação. Tampouco podiam descrever o entusiasmo. Era evidente que Bryce era apaixonado em seu trabalho, mas o era com o resto das coisas? Estava claro que não com a senhorita Talbot, da que falava com a mesma frieza que falaria de um sócio nos negócios. Como seria em sua casa, em seus costumes em suas diversões? Desfrutava de do mar aberto quando navegava? Quando olhava pelas janelas de seu escritório de Londres, desfrutava dos sons dos carros de cavalos do ocupado Londres? Abria sua porta de noite e sentia essa lhe gratifiquem sensação de pertencer a algum lugar quando cruzava a soleira de sua porta?

Estava segura que não. E se não era assim, quantas coisas se estava perdendo Bryce da vida.

Que curioso! Pensou. Londres era tão grande e Nevon Manor tão pequeno. Como é possível que eu tenha podido experimentar muito mais do que realmente é importante que ele?

—Gaby? — A voz de Bryce interrompeu sua pergunta sem resposta — Está bem?

Ela levantou a cabeça e ficou de pé de um salto para reunir-se com ele imediatamente.

—Estou bem. Onde estiveste à hora do café da manhã? — perguntou-lhe diretamente.

Bryce ficou carrancudo e acariciou os escuros círculos que tência sob os olhos. Já não estava o homem despenteado que a tinha despertado pela manhã, observou ela. Tinha desaparecido junto com sua roupa enrugada e sua barba incipiente. Em seu lugar estava o advogado impecavelmente arrumado e atrativo que tinha conhecido no caminho, um homem que sabia ocultar sua vulnerabilidade tão bem que nem ele mesmo se dava conta disso.

—estive falando com o Hermione — respondeu Bryce, acariciando-a com suas gemas — Não esperava que nossa conversação durasse tanto. Provavelmente, Peter se estará perguntando onde me coloquei; tínhamos que nos ver justo depois de tomar o café da manhã. Mas queria verte antes de me encontrar com ele. Agora me alegre de havê-lo feito. Te vê muito cansada. Acredito que deveria subir a descansar.

Gaby lhe agarrou pela boneca.

—Não lhe terá contado o da passada noite? Sobre o de meu sonambulismo?

—Já te disse que não o faria. Dúvidas de mim?

Gaby baixou os olhos.

—Não. Em realidade não. É só que como não estivesse na mesa, minha imaginação se disparou.

—Bom, pois não deixe que seja assim. Não lhe hei dito nada.

—Obrigado. E não só por não falar, mas também por tudo — disse Gaby levantando o queixo — Está pensando em partir do Nevon Manor, verdade?

Bryce voltou a refletir preocupação em seu rosto.

—Hoje não, mas logo.

Ela assentiu com a cabeça tentando esconder sua decepção.

—Espero que não esteja fora muito tempo. Nossa família te necessita. —E você a necessita a ela, acrescentou em silêncio.

—Farei todo o possível. — Deixou cair seu braço para um flanco — É melhor que vá procurar ao Peter.

—Bryce. — Lhe agarrou da manga, evitando que partisse. —O que me diz do Thane?

—O que acontece ele?

—me prometa que irás ver lhe antes de partir a Londres. Têm que passar mais tempo juntos, o tempo do que eu lhes privei a passada noite.

—Não nos privaste que nada. Teve uma experiência aterradora que exigia que cortássemos a velada.

—Entretanto, Thane e você têm muito do que falar e muito tempo que recuperar. E embora saiba que Hertford está só a vinte e cinco milhas de Londres, também sou consciente de que é muito fácil esquecer-se das coisas quando desapareceram que nossos olhos, o qual, por muito boas que sejam nossas intenções, as prioridades do dia se apoderam de nós. O tempo passa. E antes que dê conta...

—Gaby — interrompeu Bryce, colocando seu dedo indicador sobre seus lábios — irei ver o Thane. Dou-te minha palavra.

—Hoje — insistiu ela — me Prometa que irás ver lhe hoje, antes do tempo tenha a oportunidade de apagar os primeiros passos que lhes destes para uma amizade. Uma vez que tenham estreitado o vínculo que iniciaram ontem, umas quantas semanas não importarão muito.

Bryce a estudou atentamente e o tom verde de seus olhos se suavizaram.

—É surpreendente. Tão protegida e de uma vez tão sábia.

—Dá-me sua palavra? Se o fizer, prometo-te que subirei a descansar enquanto está com o Peter.

Bryce sorriu.

—Estamos negociando?

—Parecem-lhe aceitáveis minhas condições?

Bryce inclinou a cabeça pensativamente tentando ocultar suas vontades de rir.

—E se dissesse ao Thane que viesse aqui? Nestas circunstâncias, duvido que se negue, embora esteja de duelo. E o certo é que preciso lhe ver ele e ao senhor Averley, para terminar de revisar os livros. Direi ao Chaunce que lhe envie um convite para tomar

o chá, assim poderei estar quase todo o dia trabalhando no testamento do Hermione e nas condições que quer que especifique para os residentes do Nevon Manor. Então, poderei me dedicar a suas outras propriedades quando chegarem Thane e Averley no meio da tarde.

— Com tal de que te assegure de que não fico sozinha ou de que não me sinto excluída — acrescentou Gaby reflexivamente. Logo suspirou e se sentiu muito envergonhada por sua debilidade — eu adoraria participar de sua reunião. Mas não troque seus planos porque eu seja muito covarde ou tenha muito medo para retornar ao Whitshire.

— Em primeiro lugar, não estou trocando meus planos. Fazer que Thane se deslocasse até aqui me concede mais tempo para me concentrar unicamente nos temas legais de tia Hermione que têm relação com o Nevon Manor. E em segundo lugar, não é uma covarde.. Seria absurdo repetir voluntariamente a angustiosa experiência que viveu ontem à noite. — Bryce cruzou seus braços diante do peito e a olhou espectador — Bom... Aceita minhas condições? Verei o Thane esta tarde, mas no Nevon Manor, não no Whitshire.

Gaby sorriu; a ternura que emanava era como se fora uma cálida neblina. Assim era como tinha sido sua relação antes da passada noite, uma afinidade natural como devia ser.

— Totalmente aceitáveis maravilhosas. Obrigado, Bryce, por me compreender e cuidar de mim.

Seus olhares se encontraram.

De repente, Bryce ficou tenso e uma estranha expressão se apoderou de seu rosto. Deu um passo atrás, seu olhar refletia confusão e surpresa ao mesmo tempo. Logo baixaram as persianas e pôde sentir que se erigia um muro invisível entre ambos. Mas por quê? O que tinha feito para que ele se retirasse desse modo?

— Bryce? — perguntou dúbia.

Ele a interrompeu com um ligeiro movimento de cabeça.

— Irei a Londres amanhã, Gaby — lhe comunicou algo estressado.

— Amanhã? — Já não podia ocultar sua frustração. O repentino de seu anúncio, a dureza de sua reação... O que tinha passado que não tinha percebido? — Não o entendo. Há dito...

— Hei dito que me partiria logo do Nevon Manor.

— Logo, sim. Mas amanhã? Por quê?

Bryce moveu involuntariamente um músculo da mandíbula.

— Tenho que fazê-lo. Por muitas razões. Agora, se me desculpar. Irei procurar ao Peter. Vá descansar. Ver-te-ei à hora do chá.

Depois de dizer isto, partiu.

À hora do chá chegou mais tarde que o que Gaby esperava.

Preocupada com a inesperada decisão de Bryce e frustrada pela mesma, passou uma grande parte do dia tentando descansar, embora sem êxito. Ao final deixou de lhe dar voltas à cabeça e de tentar dormir, assim que se vestiu e saiu a dar um comprido passeio, com a esperança de que ar fresco lhe esclarecesse idéias e lhe permitisse gastar um pouco de energia.

Tanto o ar fresco como o passeio foram totalmente inúteis. Como último recurso, foi até a toca do Crumpet com a esperança de que ao jogar com sua mascote conseguiria relaxar-se.

Isso foi ainda pior.

Encantado de que lhe liberassem de seu confinamento, Crumpet saiu correndo e arrastou ao Gaby a uma desenfreada caçada, primeiro pelos jardins, onde em seguida destruiu as primulas do Wilson, logo pelo bosque, onde desapareceu entre as árvores.

Demorou muito em encontrá-lo, embora menos em apanhá-lo. E agora Gaby olhava com preocupação as manchas de erva que se feito em seu vestido que, além disso, tinha ficado destroçado; recolheram-se as saias e retornou a casa. Já eram as cinco menos dez, quase uma hora mais tarde que o que tinha previsto chegar para o chá. E ainda tinha que trocar-se de traje, o qual era inevitável pelo estado em que tinha ficado o vestido. Zangou-se com o Crumpet, mais pelo inoportuno do momento que tinha elegido para escapar que pelas manchas de seu vestido. Por que escolhia sempre os piores momentos para fazer suas correrias?

Gaby entrou na casa quase sem girar o trinco da porta, rogando que tia Hermione estivesse tomando o chá no salão azul, que estava ao final do corredor e bastante afastado do lance de escada que tinha que subir. Ali estavam seus convidados; fazia mais de uma hora que tinha visto o carro do Thane pelo caminho enquanto ela engatinhava pelo bosque para apanhar a sua peralta e escorregadio coelho.

Gaby entrou nas pontas dos pés no vestíbulo, girou-se para fechar a porta, contente de comprovar que essa zona estava deserta.

Um ligeiro golpezinho em seu ombro fez que se girasse de repente.

—Chaunce! — exclamou com um grito afogado e aliviado ao mesmo tempo ao comprovar quem a tinha descoberto — Me assustaste. — Olhou rapidamente a seu redor — Graças a Deus que é você. Tinha medo de que algum de nossos convidados me visse assim, ao menos preparado para ver como uma mulher adulta se entrega a uma versão que a deixa com este aspecto de mendiga.

—Um de nossos convidados. Ah! Está-se referindo ao senhor Lyndley. — O tom do Chaunce não albergava nenhuma dúvida respeito a que convidado se referia ela — Preciso lhe recordar que se conheceram em uma situação similar e que o senhor Lyndley não se alterou por aspecto natural e singelo?

—Natural? — Gaby não pôde evitar sorrir ao olhar a prega do vestido feito farrapos e as grandes manchas que decoravam saia — Possivelmente aquele dia sim, mas hoje seguro que não. Eu não chamaria a isto natural, Chaunce; eu o chamaria sujo.

—Entendo senhorita. — O mordomo fez uma careta com os lábios — Não se preocupe só a ouvi eu, que, além disso, estou bastante acostumado a vê-la com este aspecto informal, mas encantador, — Seu tom de voz era baixo — Estava esperando-a para lhe dizer que Marion lhe deixou preparado seu vestido amarelo limão e água quente para lavar-se. Sugerir-lhe que não a ajudasse a vestir-se, porque apesar de sua paciência para deixar que lhe pise nas saias e lhe atirei pelo chão suas forquilha, temo-me que Crumpet esgotou todo o tempo extra que você tinha para a Marion. Também me assegurei que nossos convidados ocupassem o salão azul, para que ninguém a visse subir correndo pela escada. —Depois de dizer isto, Chaunce juntou as mãos detrás das costas.

—OH, muito obrigado. — Gaby ficou nas pontas dos pés e lhe deu um beijo na bochecha — O que faria eu sem ti?

—Não quero nem pensá-lo. Agora deseje pressa e vá vestir se. Por certo — acrescentou sussurrando — o senhor Lyndley e Sua Excelência se estão levando de maravilha. Estão a ponto de entrar em discórdia sobre técnicas de jogo e posturas políticas.

Gaby franziu o cenho.

—Isso é levar-se de maravilha?

—Entre os cavalheiros? Sem a menor duvida — disse com um coice.

—Já vejo. Muito bem, obrigado por me ter informada, Chaunce. Vou trocar-me.

—Excelente. E eu a procurar o chá.

Aos vinte minutos Gaby já estava de caminho para o salão; recolheu-se a última mecha de cabelo com uma cinta acetinada amarela, perguntando-se que tipo de recebimento podia esperar. Ainda não tinha podido decifrar a causa da mudança de atitude de Bryce E embora lhe tivesse pedido que se reunisse com eles à hora do chá, tinha sido antes de sua súbita retirada emocional. Possivelmente fora melhor que estivesse sozinha e não se misturara, refletiu enquanto reduzia o passo ao baixar as escadas e se aproximava do salão azul. O tom amistoso do murmúrio das vozes que saía de seu interior parecia indicar que tudo partia bem. Possivelmente sua presença não faria mais que complicar as coisas.

Deteve-se e se deu a volta.

—Estão esperando-a e o chá está esfriando — lhe disse Chaunce lhe fechando o passo.

Gaby piscou.

—Esta é a segunda vez que surgiste que um nada. Tem descoberto algum lugar novo e maravilhoso para te esconder?

—Bom senhorita Gaby — respondeu Chaunce com cara de ofendido — Você sabe bem que jamais me dedicaria a espiar a nossa família. Simplesmente faço meu trabalho, vigiando a casa desde meu posto na entrada ou desde em qualquer lugar que me encontre em outro momento. E o que presenciei esta vez é que lhe falhava a vontade à medida que

se ia aproximando do salão azul. Como consequência, apressei-me a lhe sugerir que abandonasse qualquer estúpida idéia de desaparecer. Os assuntos de negócios entre o senhor Lyndley, Sua Excelência e o senhor Averley estão a ponto de terminar. Isso significa que é o momento de tomar o chá; levei a bandeja enquanto você se estava trocando. Além disso, sua tia começa a preocupar-se com sua ausência. Hei-lhe dito várias vezes que se encontrava bem e que já vinha, mas tem que vê-lo com seus próprios olhos. Se não... —Chaunce arrastou um pouco as palavras, como se estivesse deixando que a imaginação de Gaby fizesse o resto.

—OH, Senhor! Então, claro que irei. —Gaby se mordeu o lábio e olhou ao Chaunce preocupada — Lhe contaste por que me atrasei?

—Hei-lhe dito que Crumpet havia tornado a fazer das suas. O resto o deixo para você.

—Maravilhoso — resmungou Gaby — Me sinto como uma estúpida.

—Está você encantadora.

Gaby lhe olhou com cepticismo, mas tentou sorrir.

—Isto me servirá para me animar, autêntica ou não.

—Absolutamente certo — lhe assegurou Chaunce — Ninguém diria que a formosa jovem que tenho diante, se me permite utilizar suas próprias palavras, faz meia hora parecia uma mendiga.

Gaby não pôde controlar a risada.

—É um encanto, Chaunce. Também muito convincente. — Dito isto, deu-se a volta — me Deseje sorte — lhe disse. Levantou os ombros, abriu o peito e baixou os últimos degraus para seu lugar do destino.

Chaunce se arrumou o bigode e seguiu ao Gaby com o olhar e com certa frustração.

—Não é sorte o que necessita senhorita Gaby — murmurou para si — O que precisa é uma oportunidade. Nossa missão é oferecer-lhe A sua aproveitá-la.

Gaby se deteve antes de entrar no salão, embora sem ouvir as falações do Chaunce.

—respondemos Averley e eu a todas suas perguntas? — ouviu que dizia Thane.

—Certamente. — Essa era a voz de Bryce— Me levarei a Londres às notas que tomei e, é obvio os livros de contas do Averley.

—Não terá nenhum problema em averiguar o que representa cada uma de minhas entradas — lhe assegurou Averley — Os livros estão em perfeita ordem. O defunto duque insistia em que fossem muito claros e concisos.

—Sim, meu pai insistia muito em que as coisas se fizessem a sua maneira — murmurou Thane com um tom seco e com um pouco de ironia.

—O que pode estar atrasando ao Gaby? — perguntou tia Hermione; sua voz de preocupação denotava que já tinha feito várias vezes essa pergunta.

Esse era o momento do Gaby.

Entrou no salão e olhou a sua tia com um alegre sorriso.

—foi Crumpet, tia Hermione. Esteve fora durante horas. Tinha que lhe encontrar antes que obscurecesse. Rogo que me perdoe.

Os três cavalheiros se levantaram.

—foi Crumpet. Então, Chaunce não o dizia para tranquilizar — disse tia Hermione com alívio — Suponho que minha mente de anciã está começando a me fazer malotes passados, me fazendo pensar em possibilidades que não existem para me preocupar.

—Sua mente é muito aguda — disse Gaby com lealdade, de uma vez que cruzava o salão e se acomodava no sofá Chipendale que havia ao lado de sua tia — Crumpet se ausentou durante mais tempo do habitual. Percorri mais território que de costume: o jardim, o bosque, foi a todas as partes menos a sua toca. Muito recentemente que lhe encontrei. — Apertou-lhe a mão a sua tia e logo olhou um a um aos três cavalheiros, muito consciente da imponente presença de Bryce que estava em um extremo de uma poltrona adjacente — Sinto me haver atrasado para o chá. Se estiver frio, eu mesma prepararei outro.

—Tolices — disse Thane rendo-se entre dentes; voltou-se a sentar na cadeira que estava junto à tia Hermione e apoiou o cotovelo no fofo braço — chegaste ao momento oportuno. Acabamos de terminar nossos assuntos. Chaunce o trouxe faz só cinco minutos.

—Além disso — acrescentou Averley, colocando-se em uma cadeira de nogueira e lhe dando voltas a uma taça média enche que tinha entre as mãos — de momento, contentamo-nos com uma taça de brandy. Eu, por minha parte, perdôo meu chá por outra taça.

—Igual a eu — disse Bryce tranquilamente.

Gaby deslocou o olhar até encontrar-se com a de Bryce Tinha nas mãos um livro de contas aberto e a olhava fixamente com uma expressão indecifrável.

—Como foi ao Peter com a lição desta manhã? — perguntou Gaby com cuidado.

—De maravilha. — Bryce fechou o livro e o pôs em cima do resto sobre um extremo da mesa. Seu rosto se iluminou com verdadeiro orgulho — O moço nasceu advogado. Sua mente é muito rápida e capta as teorias legais com tal rapidez que ainda não me posso acreditar isso. Tenho que recordar que só tem nove anos, do contrário cairia na tentação de lhe contratar.

—Possivelmente, algum dia o faça — lhe sugeriu Hermione, enquanto servia o chá para as damas.

—Possivelmente. — Bryce assentiu com a cabeça e foi se procurar a garrafa de brandy ao aparador, para encher os copos dos cavalheiros — Sou muito afortunado. Não é fácil encontrar o nível de inteligência do Peter e sua compaixão em uma mesma pessoa, e muito menos tão jovem.

—Não é habitual — ratificou Hermione — Mas se está acostumado a encontrar em pessoas que tiveram que superar grandes obstáculos.

Bryce apertou os dentes, claro sinal de que era consciente da afetuosa e perspicaz analogia do Hermione e que ele não tinha intenção de reconhecer.

—A claudicação do Peter não é nenhum obstáculo — respondeu, enquanto só emprestava atenção a encher sua taça — Simplesmente o aceita e segue adiante apesar disso.

—Ou graças a isso — corrigiu Hermione sutilmente, imutável ante a reação de seu sobrinho — Às vezes, os obstáculos são uma forma de inspirar às pessoas adequadas.

Esta vez não valia fazer ver que não se inteirava. Só Averley parecia surpreso e se esfregava o queixo e inclinava a cabeça olhando ao Hermione.

—Estou de acordo — disse Thane de uma vez que dava as graças ao Bryce com a cabeça por encher sua taça. Pigarreou e estudou o rosto de seu irmão — Falando de grandes obstáculos, Hermione mencionou a outra noite no jantar que está trabalhando muito no tema da propriedade das mulheres casadas. Lembrança ter lido em quão periódicos está criando uma emenda que daria às mulheres maiores direitos. É certo?

—Assim é. — Bryce preencheu sua taça, logo deixou a garrafa, fez um ruído surdo e levantou a cara para olhar ao Thane — Preocupa que as mulheres tenham que entregar toda sua fortuna a seus maridos quando se casam; de fato, inclusive antes de contrair matrimônio. Ninguém deveria ser reduzido a viver como o bem de outro. Despoja às pessoas de sua dignidade e faz que se sintam vítimas.

Thane ficou pensativo.

—Acredito que tem razão, mas por desgraça duvido que muitos maridos apóiem sua teoria. E dado que a maioria das mulheres depende de seus maridos para suas rendas, temo-me que não receberá muito apoio ou compensação pelo tempo e os serviços que emprestou a esta causa.

Bryce se encolheu de ombros.

—Isso está acostumado a ser assim. Meu interesse neste assunto não é por razões econômicas, nem tampouco altruístas. Deve-se a minha própria experiência de ser vulnerável, de estar à mercê das circunstâncias e para isso terá que saber o que é estar sem um tostão e na rua, o qual tivesse sido meu caso se não tivesse tido a meu anjo da guarda. Pode-se oferecer essa mesma segurança a outros, considero meu dever fazê-lo.

—despertou você minha curiosidade, Lyndley — disse Averley, cedendo por fim a seu afã de achar respostas — Seria muito atrevido perguntar quem é seu anjo da guarda?

Bryce respondeu sem duvidar um momento, tão direto que Gaby até pensou que tinha ensaiado sua explicação.

—Lady Nevon, como estou seguro que você já suspeitava. — Bryce se girou um momento para a Hermione, levantando sua taça como tributo a ela antes de voltar a olhar ao Averley — Você mesmo manifestou sua preocupação pelo tenro coração de lady Nevon e a suposta vulnerabilidade que isso supunha. E como lhe confirmei a outra noite, não lhe culpo por isso. Ao fim e ao cabo, você foi o que administrou suas finanças todos estes anos; deve saber que grandes somas de seu dinheiro foram outorgadas a seus serventes, tanto aos do Nevon Manor como aos que vivem em outras de suas residências. Eu sou um de seus afortunados beneficiários. Quando meus pais morreram, lady Nevon pagou toda minha educação e se assegurou de que me abrissem as portas corretas. Sua lealdade para com seu serviço e seus filhos foi e é um fato sem precedentes.

—Bryce, por favor, está conseguindo que me ruborize. —Um repentino rubor iluminou as bochechas do Hermione.

—Não pretendia pô-la em uma situação embaraçosa, a não ser elogiá-la. —Bryce tomou um gole de brandy — Deus sabe que o merece.

—Em realidade, suspeitava algo — admitiu Averley — especialmente por quão custosa foi sua educação e quão limitada era a renda de seus pais. Entretanto, nunca me informou oficialmente das contribuições de lady Nevon a você ou a seus empregados. Só me diziam que fazia doações a diversas entidades caridosas e considerei oportuno não fazer nenhuma pergunta. Agora me dou conta do alcance de sua generosidade, e estou de acordo com você, Lyndley. As ações de lady Nevon foram inspiradoras. Mais que inspiradoras extraordinárias. Não sente saudades que se sinta em dívida com ela.

—Bryce pagou com acréscimo tudo o que eu lhe dei — esclareceu Hermione de repente — E não só por aceitar fazer-se carregado de meus assuntos legais. Nada ratifica mais minha acertada eleição de pedir ajuda ao Bryce que ver o bem que tem feito e segue fazendo a outros. Por isso tem mais clientes dos que pode aceitar. De fato, sou afortunada de que tenha podido me conceder estes dias, com todos os assuntos que tem pendentes.

—É essa a razão pela que retorna tão logo a Londres? — perguntou Thane— Assuntos urgentes?

—Sim, entre outras coisas. — Bryce pigarreou e olhou ao Hermione — O qual me leva a lhe pedir um favor. Posto que parta para amanhecer, importar-lhe-ia que falasse uns minutos em privado com o Thane? Temos uns assuntos pessoais que temos que terminar de discutir.

—É obvio que não — respondeu Hermione quase sem deixar que Bryce terminasse de falar — Gaby e eu entreteremos ao senhor Averley. Partir a terraço. Faz uma tarde estupenda. Tome o tempo que necessitem.

Bryce fez um gesto com a cabeça para dar as obrigado, e olhou ao Gaby antes de voltar a olhar ao Thane.

Esta lhes observou enquanto abandonavam o salão e fechavam as portas do terraço. Olhando-lhes através dos cristais, perguntava-se o que seria o que Bryce teria que lhe dizer ao Thane.

—Gaby, gosta de algo mais de chá? — perguntou-lhe tia Hermione — Está um pouco pálida desde sua perseguição do Crumpet.

—Sim, muito obrigado, tia Hermione. — Gaby aproximou a taça.

—Agora que o penso, também te vi esgotada esta manhã. Não dormiste bem, querida?

—Não — respondeu Gaby olhando sua taça e dizendo a verdade na medida do possível sem preocupar a sua tia — A visita ao Whitshire afetou mais do que pensava. Não passei muito boa noite.

Averley tossiu um pouco violento, como se estivesse decidindo se falar ou não.

—A senhora Darcey estava muito preocupada com você — disse por fim— Me pediu umas seis vezes que me assegurasse de que se encontrava bem e que lhe mandasse seus melhores desejos. O mesmo me disse a senhora Fife. Inclusive Couling que me seguiu até o carro, me dando lembranças para você.

Gaby sorriu um pouco.

—Vá Por Deus! Deve estar preocupado. O Couling que eu recorde nunca baixava o guarda para demonstrar seus sentimentos. Estou comovida.

Averley lhe devolveu o sorriso para ouvir sua acertada descrição do mordomo.

—Sempre foi à favorita do serviço, Gabrielle, apesar de todo o revôo que armava. Que por certo, não era tão distinto de que provocou Crumpet esta tarde.

Os olhos de Gaby se iluminaram com alegria.

—Agora entendo por que estavam todos tão se desesperados comigo e por que meus pais sempre me castigavam por desaparecer.

—sentir-se-iam muito agradecidos de saber que um desses desaparecimentos fora a que lhe salvou a vida.

—Mas não a deles — respondeu Gaby, e de repente lhe apagou toda a alegria de seu rosto e lhe fez um forte nó na garganta.

—me perdoe — murmurou Averley e se ruborizou um pouco — Me hei extra limitado. Peço desculpas. Não era minha intenção piorar as coisas. Só queria lhe recordar o que a queriam seus pais, com a esperança de que isso aliviasse as dolorosas lembranças que fizeram que a passada noite o fora tão difícil de suportar.

—Obrigado, senhor Averley. — Gaby respirou profundo, sentia-se fatal por lhe haver provocado esse sentimento de culpa. Entretanto, ainda não podia dissipar sua angústia, que parecia intensificar-se em vez de aliviar-se — Não é culpa sua — lhe assegurou — Só é algo que tenho que superar por mim mesma. Por favor, não tem nada do que desculpar-se. Aprecio sua preocupação e a do resto dos serventes. Rogo que lhes dê as obrigado em meu nome. — Respirou de novo tremendo um pouco — Possivelmente algum dia me sinta o bastante forte para retornar ao Whitshire e lhes dar eu mesma as obrigado.

—Mas, isso não será imediatamente — disse tia Hermione, lhe dando a mão — No momento ficará no Nevon Manor com seus seres queridos e com toda sua vida cheia de lembranças felizes, os que já tem e os que têm que vir.

Gaby se aferrou às palavras de sua tia como a um salva-vidas.

—Sim — respondeu com um apaixonado sussurro — Ficarei no Nevon Manor, onde estou a salvo.

Capítulo 8

O relógio de pé marcou as três, claro indicativo de que Bryce deveria estar dormindo em vez de estar pululando por sua habitação e contemplando o amanhecer.

Um amanhecer que lhe devolveria à tranqüilidade de sua vida habitual lhe afastaria das desconcertantes emocione com as que tinham tido que enfrentar-se durante os três últimos dias no Nevon Manor.

Sua segunda conversação com o Thane tinha ido muito bem. Não sabia que tipo de reação podia esperar quando se inteirasse de que Hermione tinha legado todas suas propriedades a seu sobrinho ilegítimo, um sobrinho ao que fazia anos que não via. Só

sabia que dado tudo o que tinha revelado no Whitshire essa noite, Thane tinha direito, ou seja, essa informação tão importante respeito a seu recém adquirido irmão, assim como de que forma o futuro de Bryce afetaria de algum modo ao dele. E tinha direito, ou seja, o agora, antes de partir para Londres. Por isso tinha querido ter essa reunião.

Surpreendeu-lhe a reação do Thane. Não houve nem assombro nem ressentimento como ele tinha previsto, a não ser preocupação.

Apoiou-se sobre o corrimão do terraço e deu um comprido e suave assobio.

—Herdeiro do Nevon Manor; Hermione te legou uma boa responsabilidade. É isso o que quer?

Bryce ficou com o olhar fixo sobre as terras do Nevon Manor, uma propriedade que um dia seria dela.

—Não sei o que quero Thane. Nem que dizer tem que tenho muito no que pensar. Nessa parte é a razão pela que tenho que abandonar Hertford tão rápido.

—Para refletir sobre sua decisão?

—Não — respondeu Bryce movendo a cabeça — Já aceitei a petição do Hermione. E vá petição! Quero que saiba que não tenho nenhum interesse na mansão do Hermione nem em nenhum de seus bens. Para ser sincero, não necessito as rendas que possam me receber nenhum deles.

Thane arqueou as sobrancelhas.

—Isso nem sequer me tinha passado pela cabeça.

—Pois deveria. Não me conhece muito bem. Está em seu perfeito direito de te questionar meus motivos. Por isso lhe estou dando mais voltas à cabeça do habitual, para dissipar qualquer dúvida que possa aparecer por sua mente. Minha decisão nada tem que ver com o dinheiro, a não ser com o fato de que devo minha vida ao Hermione. Nunca me pediu nada em troca... Até agora. Por conseguinte, não podia me negar. Ao ter acontecido estes dias com as pessoas que vivem no Nevon Manor, desenvolvi um grande respeito e admiração para elas. Só por isso, é muito provável que tivesse aceitado sua petição por vontade própria.

—Estou seguro de que ela sabia — observou Thane secamente.

Bryce lhe olhou com cautela, não muito seguro de se Thane pretendia que esse comentário fora uma observação ou uma crítica.

—Conhecendo a Hermione não tenho a menor duvida — respondeu delicadamente. —Em qualquer caso, acredito que te devia ter posto à corrente da situação. Também queria deixar claro que Hermione não te passou por cima como possível herdeiro. Sua maior preocupação era que já estivesse muito ocupado administrando as propriedades de seu pai e não queria te carregar com mais obrigações.

—Bryce, não siga — interrompeu Thane, lhe fazendo um sinal com a mão. —Não necessito explicações. Além disso — acrescentou, esclarecendo dúvidas de Bryce e lhe surpreendendo pela profundidade de sua perspicácia — entendo os motivos do Hermione mais do que crie. Acredito que tomou uma decisão muito inteligente, quão melhor podia tomar, por razões bastantes mais importantes que minhas

responsabilidades tributárias. Nevon Manor requer a uma pessoa especial, alguém que possa prosseguir com o que ela começou. Nossos dois encontros e minha intuição me dizem que você é essa pessoa.

Sentiu-se mais tranqüilo do que nunca tivesse podido imaginar, além de sentir um grande respeito pelo Thane.

—Me alegre de que o veja desse modo. Temia que pensasse que estava tentando ficar com os bens de sua tia.

—Nem muito menos. Em primeiro lugar, sei muito bem que não necessita o dinheiro. Leão os periódicos, como bem saberá. Além disso, acabo de te dizer que tenho boa intuição e sei que tem muita ética como para que te passe pela cabeça o que me acaba de dizer. —Thane cruzou os braços e se encolheu de ombros em uma inequívoca pose. — Ao fim e ao cabo, só um homem ético teria pensado em iniciar este tipo de conversação.

—Ou alguém que se sentisse culpado e estivesse ansioso por dissimular.

—Falas como um advogado — disse Thane fazendo uma careta. —Me está começando a gostar desta discussão. Por desgracia teremos que esperar ao seguinte round. Antes de partir do Whitshire, Couling me deixou um montão de papéis sobre minha mesa, todos eles urgentes. Assim tenho que retornar. Só quero que saiba que estou encantado com a decisão do Hermione e estou desejando nossos reemprender acalorados debates sobre política, táticas de jogo e ética moral assim que retorne ao Hertford. —Fez uma pausa. —Quando queira que seja. Alguma vez comentaste que assuntos pendentes tinha em Londres, ou melhor, deveria dizer fora do Hertford? Nem quanto tempo demorará em resolvê-los.

Bryce tinha levantado a vista para a janela e examinava meditabundos os delicados rasgos do Gaby.

—Não — respondeu, assediado por um conflito polifacético que abrangia da consternação por seus pesadelos até a dúvida de que ele fora a melhor eleição para ser seu tutor. —Nunca o hei dito.

Agora, enquanto perambulava por suas habitações, refletia mais atentamente sobre esse tema, perguntando-se se tinha sido um engano aceitar essa parte da petição do Hermione. O certo é que pode que nunca fora necessário ser seu tutor, posto que faltasse menos de um ano para a próxima Temporada. Mas ainda assim, no que se colocou?

Era inegável que Gaby e ele sentiam uma afinidade única, inquietante e desconhecida para ele. Inspirava-lhe um estranho instinto protetor que lhe estava indo das mãos, em parte porque era muito distinto ao que tinha experiente antes e em parte porque temia que Gaby o interpretasse mal como um pouco mais sério. Todas essas perguntas sobre a Lucinda, estar apaixonado, os momentos privados, os momentos íntimos entre um homem e uma mulher... Gaby era muito jovem e uma romântica empedernida; só Deus sabia como a interpretaria sua preocupação por seu bem-estar. Mas o que queira que saísse dessa encantadora cabecinha, não era bom. Tinha chegado o momento de ver as coisas desde fora, pelo bem de ambos. E a única forma de fazê-lo era

pôr distância entre ele e o imaginário país das maravilhas do Gaby. Agora. Porque quanto mais permanecesse no Nevon Manor, pior iriam as coisas.

Um ruído surdo procedente do corredor lhe fez levantar a cabeça e ficar tenso, enquanto tentava escutá-lo de novo. Um presságio fez que lhe fizesse um nó no estômago, embora não tinha nenhuma razão para isso. Provavelmente seria algumas dos mascotes caseiros do Gaby, possivelmente um dos gatinhos que dormia nas habitações do Lily e Jane. Muitas vezes rondavam pela casa fazendo travessuras.

Outro ruído surdo, esta vez perto de sua habitação, seguido de um gemido afogado e o som de pés descalços.

Bryce cruzou sua habitação, abriu a porta de repente, e saiu ao corredor bem a tempo para ver que Gaby estava dobrando a esquina; sua larga camisola ocultava sua magra figura, e levava arranca-rabo sua caixa de música. Estava dormida.

Em aproximadamente uma dúzia de passos chegou até ela e a levou até um quarto para que ninguém a visse.

—Gaby. —Sacudiu-a, procurando nervosamente seu rosto, esperando algum tipo de resposta.

Seus deliciosos olhos estavam inexpressivos, obscurecidos por seu estado de sonho; seu cabelo caía ondulado sobre seus ombros.

—Fogo... —soluçou, todo seu corpo tremia de medo. —Chama... Altas... Muito altas... Não posso...

—Gaby. —A voz de Bryce era suave, mas insistente; apertava-lhe os braços com seus dedos. —Carinho, tem que despertar. —Voltou sacudi-la.

—O que...? —Ao final despertou; seus membros e olhos cobraram vida de novo e lhe olhou, apertando a caixa de música contra seu peito como se esta fora a protegê-la do sofrimento que lhe morava. —Bryce? —perguntou sem entender nada.

—tornaste a te levantar dormida — lhe disse, tentando manter o tom tranqüilo de sua voz. Logo, ao ver sua angústia e notar que a tensão se apoderava dela, afrouxou um pouco e a atraiu para seus braços. —Não passa nada — murmurou lhe acariciando o cabelo. —Está dentro da casa, no corredor onde estão minhas habitações. Despertei-te antes que baixasse a escada.

—Então, não terminou — resmungou ela. Lutando claramente para controlar suas lágrimas. —A passada noite só foi o começo.

—Isso não sabe — lhe disse Bryce, faltando a seu princípio da sinceridade. — Poderiam ser só as seqüelas, como o eco de um trovão. Se for assim, desaparecerá.

—Quando, Bryce? Quando desaparecerá?

Suspirou profundo e pôs seu queixo em cima de sua cabeça.

—Não sei.

—Gaby? —A voz do Hermione chegou até seus ouvidos, silenciosa, mas audível e carregada de preocupação. —Querida, está aí?

—É tia Hermione. —Gaby ficou tensa e apertou seus dedos contra o peito de Bryce— Deve ter ouvido o ruído; terá ido a minha habitação e a encontrou vazia. —Fez um som afogado. —A força do costume do passado.

Bryce assentiu com a cabeça, sabendo o que tinha que fazer e perguntando-se se Gaby ia opor se.

Ela respondeu a sua pergunta antes que a expor.

Apartou-se um pouco dele e lhe olhou; seus olhos brilhavam e não havia lágrimas.

—Temos que dizer-lhe Não temos outra opção. —Tremiam-lhe os lábios. —OH, Bryce, e se estiver muito fraco para suportar isto? E se piorar de sua enfermidade?

—Já basta. —Bryce tomou o rosto de Gaby entre suas mãos. —Hermione é mais forte que todos nós juntos. Ela o assumirá estupendamente e te ajudará; estará junto a ti posto que eu... —A frase ficou por terminar.

—Posto que você não pode?

Bryce se sentiu culpado.

—Gaby. —Seus polegares acariciavam suas bochechas. —Quero estar contigo, te oferecer a força que necessita. Mas eu... É só que... Maldita seja! —resmungou ao voltar a ouvir a voz do Hermione, esta vez com maior urgência. —Agora não podemos falar disto.

—Não, não podemos. Não quero que tia Hermione pense que desapareci em meio da noite. —Gaby lhe olhou comprido momento. —Só queria compreender por que não deixa de me fugir, de erigir um muro entre nós. Possivelmente me possa explicar isso quando retornar ao Nevon Manor.

Dizendo-lhe isto se separou dele, ficou reta e saiu ao encontro de sua tia.

—Estou aqui, tia Hermione — disse brandamente, lhe fazendo gestos a sua tia. — Não se preocupe. Estou bem, sério. —Olhou para trás enquanto ele saía do quarto. — Graças ao Bryce — acrescentou indicando sua presença.

Inclusive apesar dos cem metros de corredor que lhes separavam, Bryce pôde perceber como se tranqüilizava Hermione. Esta se deteve; já tinha passado o pior e se apoiou fracamente contra a parede. Tinha a cara afundada e se cambaleava; estava-se grampeando o cinturão da bata pensativa.

Um instante depois sua força interior prevaleceu, adotou uma postura firme e avançou para o Gaby embora esta também fosse para ela.

—Tia Hermione — lhe disse preocupada lhe agarrando as mãos. —Te encontra bem?

—Estou perfeitamente, agora que sei que você está bem. Hermione a abraçou; os lábios lhe tremiam de emoção. —Graças a Deus — sussurrou, olhando para o céu. Retirou-se um pouco e lhe pôs a mão na bochecha. —O que te passou?

—Outra vez vou sonâmbula — lhe disse sem rodeios. —É a segunda vez que me ocorre. A primeira foi ontem, depois de retornar do Whitshire. Eu... —umedeceu os lábios com a ponta da língua. —O sinto.

—Sou eu quem o sente — respondeu Hermione. Seu olhar percorreu o corredor deserto com preocupação, logo se fixou no Bryce. —Vamos os três a falar com minha sala de estar.

Bryce assentiu com a cabeça. Não tinha sentido despertar a outros para lhes alertar da situação. Agarrou-as do braço e os três se foram às habitações do Hermione.

Uma vez ali, esta insistiu em que Gaby se tornasse na poltrona e a cobriu com uma manta. Minutos depois, Bryce compreendeu a razão, já que Gaby começou a tagarelar de forma incontrolável.

—Isto lhe tinha passado algumas vezes — explicou tranqüilamente ao Bryce, embora bastante pálida. —Depois de um broto especialmente forte de sonambulismo, o doutor Briers disse que era uma reação emocional, que não se devia ao frio. —Assinalou-lhe um armarinho do lado da poltrona. —Ali encontrará uma garrafa de xerez. Rogo-te que sirva uma taça ao Gaby.

—Servir-lhes-ei uma a cada uma, depois de que você se sente — respondeu Bryce.

Esta vez Hermione não discutiu, simplesmente assentiu com a cabeça e aceitou seu braço para acompanhá-la até uma das poltronas de sua sala de estar.

Uma vez sentada, Bryce foi até o móvel e encheu duas taças, uma ao Gaby e outra ao Hermione. Ficou de pé e em silêncio durante um momento, olhando ao Gaby enquanto se tomava o xerez e se sereno um pouco ao ver que seus tremores começavam a desaparecer.

—Hermione — começou de novo dirigindo-se para sua tia—, segundo a explicação que acaba de me dar, dou por feito que seu médico pessoal está à corrente do que acontece.

—Sim. —Hermione se levou a taça aos lábios sem apartar seu olhar angustiado do Gaby. —Não tive mais remedeio que recorrer a sua ajuda. Quando Gaby teve de viver aqui, os episódios de sonambulismo eram freqüentes e graves; aconteciam quase cada noite. Não tinha nem idéia de como dirigir a situação. Mas estava disposta a aliviar o sofrimento da pobre menina e ajudá-la a curar-se o antes possível. O doutor Briers foi como um presente do céu. Indicou-me alguma forma para fazer que Gaby se sentisse mais segura, incluída a vigilância de sua porta, para que soubesse que estava protegida. Chaunce e eu fazíamos turnos cada noite. Graças ao doutor Bryers, o sonambulismo cessou. Não tornou a produzir-se até agora.

Ao Hermione tremeu a voz.

—Sinto-me culpado por lhe haver sugerido que retornasse ao Whitshire. Nunca me ocorreu que as feridas ainda não estivessem bem fechadas e que isso poderia desencadear de novo toda esta agonia. —Tragou saliva. —E esta vez sem que eu me tenha informado, portanto, sem meu amparo. OH, Gaby, podia te haver feito muito dano.

—Não, não é assim — disse Gaby brandamente, acariciando a manta entre seus dedos. —Bryce se deu conta às duas vezes. Passada a noite me encontrou fora, me abrindo caminho pelo bosque. Fiz-me cortes nos pés e sangrei. Levou-me a minha habitação, curou-me as feridas e montou guarda em minha porta toda a noite, se por

acaso voltava a repetir-se. E esta noite me deteve antes que chegasse à escada. Tive muita sorte e tenho que lhe dar as obrigado.

—Ambas temos que agradecer o disse Hermione fervientemente, sorrindo-lhe com ternura. —Estou mais agradecida do que imagina. —Deixou de sorrir. —Agora minha pergunta é, por que não me hão dito nada nenhum dos dois do que aconteceu a outra noite? E nem lhes ocorra-me dizer que foi porque não tivestes tempo. Bryce, esta manhã aconteceu quase uma hora em minhas habitações falando de outros assuntos. Estou segura de que podia ter dedicado uns minutos a me contar o acontecido.

—foi minha culpa, não de Bryce — interveio Gaby em seguida. —Lhe roguei que não te dissesse nada, não até, ou a menos que, voltasse-se a repetir. Eu rogava a Deus que fora um incidente isolado. Então, não teria tido por que inteirar-se. —Gaby franziu o cenho e olhou sua taça. —Mas, depois do acontecido, não tive mais remédio. Tínhamos que dizer isso. É evidente que esta situação não vai se corrigir por si só, ao menos não imediatamente.

—Isso não sabe — reiterou Bryce. —Como te hei dito isto bem poderia ser uma seqüela da visita da outra noite. Não tem por que converter-se em um período de meses de sonambulismo.

—Espero que tenha razão, Bryce — respondeu Gaby brandamente, baixando as pálpebras. —Porque não quero que tia Hermione me faça de sentinela. Treze anos já foi muito tempo. As circunstâncias trocam. Ao igual à força física.

—Se está insinuando que não sou capaz de cuidar de ti, está completamente equivocada — replicou Hermione, levantando a cabeça com esse ar régio que Bryce recordava e tanto admirava. —Me surpreende Gaby. Você melhor que ninguém sabe quanto significa para mim minha família. Quando se trata de te proteger a ti, tenho uma determinação férrea e encontro força de onde seja. Além disso — acrescentou em um tom mais gentil— temos ao Chaunce. Ele segue sendo tão dinâmico como antes. No momento em que lhe ponha à corrente da situação, será um devoto aliado. Repartiremo-nos os guardas para que ambos possamos dormir suficiente. —Seus olhos se iluminaram com picardia. —Não preciso te recordar que não dorme toda a noite. Quatro horas, com sorte. Até mais ou menos meia-noite não acabaste que arrumar a tudo suas mascotes e a maioria despertam antes do amanhecer, especialmente Alarido, que dá a bem-vinda ao novo dia com essa incessante batida contra o carvalho que há fora de sua janela.

—Isso é certo. —Gaby se relaxou um pouco.

—Eu, por outra parte — prosseguiu Hermione — estes dias me estive retirando cedo. Assim Chaunce fará o turno até meia-noite, logo despertará quando se cansar. Se estivermos muito fatigados podemos descansar durante o dia. Assim de fácil. —tornou-se por volta de diante com segurança. —E não vai ser para sempre. Já o verá querida. Sem te dar conta, esta recaída terá acontecido e a vida voltará a ser como sempre.

Gaby apertou os lábios e assentiu.

—Reza para que tenha razão.

—Estou acostumado a tê-la. — Hermione jogou para trás a cabeça, examinando ao Bryce pensativamente. — Partirá ao romper a alvorada?

—A menos que me necessite, sim. — Bryce fez uma pausa para olhar a sua tia e esperar sua resposta. Uma palavra ou um gesto que lhe pusesse sobre aviso de que lhe necessitava física ou emocionalmente, e teria abandonado seus planos de marcha. Ele sabia, mas o mais importante é que Hermione também.

Algo ininteligível iluminou seus olhos e logo desapareceu.

—Aqui nos arrumaremos isso muito bem, como temos feito sempre. Não se preocupe por nós Bryce. Faz o que tenha que fazer.

As palavras do Hermione ainda ressonavam em seus ouvidos bastante depois de ter retornado a suas habitações e ter abandonado toda esperança de dormir, assim simplesmente baixou a esperar a chegada do novo dia.

Bryce estava sozinho na sala de estar, com as mãos nos bolsos enquanto olhava pela janela como despontavam os primeiros raios de luz. «Faz o que tenha que fazer», disse-lhe com seu inescrutável olhar. Era quase como se tivesse percebido sua agitação. Bom, possivelmente o tinha feito. Ao fim e ao cabo, ela tinha sido a que a tinha provocado, quando não, sua causa.

—Desculpe senhor, quer que lhe sirva aqui seu café? —perguntou Chaunce da porta.

Bryce se girou e viu que o mordomo esperava com uma bandeja de prata em que levava uma cafeteira fumegante.

—Obrigado, Chaunce. Parece-me estupendo.

—Supus que quereria partir cedo — prosseguiu Chaunce, cruzando a sala para colocar a bandeja sobre a mesinha. — Assim preparei um café da manhã ligeiro para você. Deste modo não terá que atrasar sua viagem nem um momento se não o desejar. Por certo, devo me despedir em seu nome?

Bryce deteve o Chaunce a metade de caminho para a mesa e lhe olhou com desaprovação.

—Não, Chaunce. Despedir-me-ei eu mesmo. Por certo, não é próprio de você esse tom acusador. Sugiro-lhe outra tática.

—Tática senhor? —Chaunce se arrumou o bigode. —Não era nenhuma tática, tão somente uma sugestão. Embora haja de dizer que estou agradado de ver que tem planos de despedir-se da família antes de sua partida.

—Retornarei Chaunce.

—Seguro que o fará senhor. —O mordomo juntou as mãos detrás das costas. — Como certo, não se preocupe com a senhorita Gaby. A senhora e eu nos ocuparemos de sua segurança.

—Já se inteirou que a recaída do Gabrielle? O contou Hermione?

—Está acostumado a fazê-lo, senhor.

Bryce enrugou os lábios.

—Sim, suponho que está acostumado a fazê-lo. —ficou sério. —Chaunce, delas cuide. De ambas.

—Não se preocupe senhor. —Fez uma pausa. —Lhe deixo para que tome o café da manhã. Enquanto isso farei que trouxessem seu carro de cavalos e que carreguem sua bagagem. Para então a família já estará levantada. Poderá despedir-se de todos e partir.

—Obrigado, Chaunce.

Aos três quartos de hora, Bryce estava junto a seu carro, afligido pelo montão de gente que havia a seu redor. Todos os residentes do Nevon Manor — das garçonetes até as donzelas, dos serventes até o pessoal da cozinha— tinham saído a lhe despedir.

Foi o desdobramento de afeto mais comovedor que tinha presenciado jamais, e menos sendo ele o centro.

—Aqui, senhor Lyndley. —Cok foi primeira em aproximar-se; seu rosto redondo resplandecia ao lhe dar uma cesta cheia de pasteizinhos de canela e uma grande jarra de gelatina de framboesa. —Tome isto, espero que tenha suficientes, ao menos até que retorne conosco.

—Obrigado — murmurou Bryce, olhando a cesta durante um comprido minuto e colocando-a cuidadosamente no chão do carro. —É todo um detalhe.

—Eu também tenho algo para você, senhor Lyndley — disse Peter, passando junto a sua mãe e lhe entregando um pequeno pacote. —É um bloco de papel de notas forrado em pele, do tamanho do bolso de sua jaqueta. Assim poderá anotar todas as idéias que lhe ocorram, sem ter que esperar a chegar a seu escritório. —Um sorriso. —preenchi a primeira página com perguntas sobre a *Ata de Educação Básica*. Pensei que me poderia responder isso quando tiver tempo a sua volta.

Bryce olhou o pacote cuidadosamente envolto e logo olhou o rosto entusiasmado do Peter.

—Será um privilégio. E obrigado. Não sei como o soubeste, mas isto é justamente o que necessitava.

Ainda não tinha tido tempo de recuperar-se dos primeiros obséquios que prosseguiu a chuva de presentes. A senhora Gordon lhe entregou um trapo novo para limpá-los sapatos. Godsmith lhe deu de presente a boina com a que tinha saudado a rainha Vitória. Wilson lhe deu de presente uma pá nova que se parecia muito à sua e o coletivo dos meninos lhe deu de presente um escorregadio gatinho loiro, com a desculpa de que *Sunburst* se ofereceu voluntário para lhe acompanhar a Londres e que não se sentisse sozinho.

Quando Chaunce lhe fez a reverência para despedir-se, depois de ter acrescentado duas garrafas de seu brandy favorito ao montão de presentes, e Hermione lhe tivesse dado um beijo na bochecha, Bryce estava tão comovido que não podia falar.

—Date pressa — lhe disse Hermione lhe apertando o braço. —Devem te jogar de menos.

De repente, Bryce se deu conta de que faltava um dos residentes do Nevon Manor.

—Onde está Gaby?

Hermione fechou os olhos ao ascender rapidamente o sol, ficando um pouco vesga ao olhar a seu redor.

—por quê? Por aí fora suponho. Ainda não retornou que seu passeio matinal com o Crumpet. —Fez uma pausa. —Pode esperar ou lhe digo algo de sua parte?

—Nem o um nem o outro. —Bryce moveu a cabeça explorando o vasto território que lhe rodeava. —Eu mesmo irei procurá-la.

Ao ver que ele se sentia ofendido, Hermione franziu os lábios e fez um gesto ao serviço para que retornasse à mansão.

—Pergunto-me se a encontrará — disse ao Chaunce em voz baixa.

—OH, espero que sim. —A olhou de esguelha. —Não acredito que a senhorita Gaby não esteja aqui por acidente.

Hermione permanecia muito serena.

—Possivelmente esteja esperando que um dos meninos vá procurá-la. Pode que sem me dar conta lhe tenha dado a entender que a chamariam quando Bryce partisse.

—Ah, que pena que lhe tenha passado por cima!

—Sim. Verdade?

Dito isto, deu- um tapinha ao Chaunce no braço recolheu-se as saias e se dirigiu para a casa.

Bryce demorou um quarto de hora em localizar a bolinha de cor que lhe indicava que tinha dado com a pessoa que estava procurando.

Gaby.

Dirigiu-se ao caminho bordeado por árvores que lhe separava de sua meta, deu a volta ao jardim e se encaminhou para a grande rocha onde estava sentada, acariciando em silêncio as orelhas do Crumpet.

É evidente que lhe ouviu aproximar-se, porque se girou com um olhar de estranheza.

—Bryce, passa algo?

—por quê? —Ele estudou seu rosto, perguntando-se por que teria eleito lhe esquivar essa manhã. Não gostava das despedidas ou estava zangada com ele porque tinha notado que fugia não só dela, mas também do Hermione e de todos os residentes da casa?

Logo saberia.

—Simplesmente vim a me despedir de ti.

—Já é a hora? —perguntou-lhe Gaby, arqueando suas finas sobrancelhas. —Não tinha nem a menor idéia. Supunha-se que Lily tinha que vir a me buscar quando estivesse preparado seu carro.

—Ah! —Bryce se relaxou ao dar-se conta de que não tinha tentado lhe evitar. —Isso o explica tudo. Provavelmente, Lily não pôde escapulir-se. Teve as mãos ocupadas até agora.

Ela sorriu ao entender do que se tratava.

—*Sunburst*, sim. É um bom elemento. Não tanto como este granujilla — disse Gaby lhe lançando um olhar de reprovação, que este esqueceu rapidamente, para seguir mordiscando a prega da saia de seu vestido amarelo e branco—, não é tão destrutivo. *Sunburst* é igual de inteligente e curioso, de passagem rápido e excessivamente indiscreto. —O sorriso de Gaby se voltou pícara. —De fato, considere que tinha sido uma boa eleição por parte das meninas. Todos os gatinhos são estupendos, mas *Sunburst* me recorda muito a ti.

—Como é isso?

—OH, em muitos aspectos. Sua mente é ágil, mas iria melhor se de vez em quando a deixasse descansar um pouco. Tem bom coração, mas se nega a reconhecer que também é tenro. E segue nesse ponto em que acredita que a independência é ideal, pois ainda não aprendeu que necessitar a outros é uma virtude e uma fortaleza.

Bryce suspirou, olhando ao campo.

—Ai, Gaby, às vezes eu gostaria de poder ver a vida como você, embora só fora por um momento. Mas todos nascemos com umas qualidades que unidas à soma de nossas experiências, convertem-nos em quem sou. Sei que esperas me trocar, mas isso não vai acontecer. Em primeiro lugar, porque não desejo fazê-lo. Em segundo, porque tenho trinta e um anos, idade que já não é muito propícia para realizar esta grande transformação. Entretanto, agradeço-te suas boas intenções.

—Por favor, não me trate com condescendência, Bryce — respondeu ela, agarrando com mais força ao Crumpet ao notar que este tentava escapar. —Não quero te trocar. É um homem maravilhoso. Só quero te ajudar a potencializar qualidades que ainda não tem descoberto. —calou-se um momento e seus ombros ficaram tensos, enquanto pensava se devia seguir ou não. Ao final, impôs-se sua candura a sua razão; sua voz era tranqüila e intensa. Mais intensa do que Bryce tinha notado antes. —Tenho algo que te dizer algo que faz dias que queria te comunicar.

—Adiante — lhe disse um pouco assustado.

Gaby ficou em pé, deu uma volta e levantou o queixo para olhar ao Bryce.

—Sinceramente, estou-me cansando de suas opiniões sobre mim. Sim, amo a vida e aos animais e os milagres que nos traz cada novo dia, mas não sou uma menina tola que vive em um conto de fadas e em suas estúpidas fantasias. Sou como muito bem há dito a soma de minhas experiências, uma das quais é a mais trágica que ninguém possa imaginar. Mas o modo em que alguém se enfrenta à adversidade é tão significativo para o caráter como a própria adversidade. Perder a alguém não significa que não volte a querer o abandono não implica que não forme novos vínculos. E nada, nada pode nos impedir de sonhar e esperar e, o mais importante, amar. Você crie que isso são qualidades próprias de uma menina? Justamente o contrário advogado, acredito que são qualidades que definem a uma pessoa.

Bryce se sentiu como se lhe tivessem dado um murro. Não, porque não lhe parecesse lógico o argumento do Gaby, a não ser justamente pelo contrário: apoiavam-se totalmente nos sentimentos, não nos fatos. Não, sua reação se devia ao feito de que jamais

tivesse imaginado este aspecto tão forte de sua natureza, feito que só sirva para lhe confirmar o que ele pensava dela. Tinha razão, ou, mas bem, só em parte. Umas vezes a via como a uma menina. Outras, como à mulher mais valente que tinha conhecido. E agora a via de um modo totalmente distinto, com uma vontade de ferro e firme, tão convencida de suas crenças como ele das suas. Era a mescla mais incrível de contradições que jamais tinha visto.

—Sei que não está de acordo — prosseguiu Gaby quando o silêncio se alargou vários minutos. —E o sinto, não por mim, mas sim por ti.

—Gaby... —começou a dizer ele, com sua mente ainda afligida.

Ela fez um movimento brusco com a cabeça, enviando suas mechas para suas costas.

—Acredito que já falamos o bastante. Além disso, espera-te seu carro. —Estreitou ao Crumpet contra ela. —Que tenha uma boa viagem. E de novo quero te dar as obrigado por tudo o que tem feito, por mim e por tia Hermione. Encheste um vazio em seu coração que esteve corroendo-a durante três décadas, e isto perdurará quando te tiver ido.

—Basta já — lhe disse Bryce assombrando-se de si mesmo e sentindo-se inexplicavelmente zangado pelo tom terminal do Gaby. —Não desapareço. Vou voltar.

—Isso espero. Por tia Hermione. Por mim e por todos os residentes do Nevon Manor. Mas, principalmente, por ti, Bryce. —Gaby lhe estudou durante um momento com essa sabedoria inerente que havia nesses olhos tão azuis, como se soubesse algo que nem ele mesmo sabia.

Possivelmente fora certo.

De repente, ficou de pé e lhe deu um beijo na bochecha.

—Que Deus te acompanhe! —sussurrou-lhe; seu ardor se transformou em doçura. —Sejam quais sejam as respostas que buscas, espero que as encontre.

Bryce não soube por que girou a cabeça, nem se foi uma decisão consciente ou um acidente do destino. Mas ao fazê-lo se encontrou a uns poucos centímetros de seus lábios.

Seus lábios se encontraram, roçaram-se, voltaram-se a encontrar.

Bryce viu que ao Gaby lhe abriam os olhos assombrada e sentiu seu próprio rubor de incredulidade ante o que estava acontecendo.

Atuou por puro instinto.

Tomou o rosto de Gaby entre suas mãos, baixou a cabeça e a silenciou com um beijo profundo, tão demolidor como breve, uma acalorada fusão que lhes fez esquecer o tempo, o espaço e a realidade. E que concluiu tão rápido como começou.

Bryce não estava seguro de quem se separou primeiro. Quão único sabia é que estava olhando o rosto perplexo do Gaby, sua própria incredulidade se refletia nos olhos dela.

—Gaby — conseguiu dizer—, sinto muito... Eu. —calou-se perguntando-se que demônios podia dizer pela primeira vez sua mente se ficou em branco.

Para sua surpresa, Gaby sorriu, não foi um sorriso de compromisso a não ser espontânea e radiante.

—Eu não. Faz dias que estou tentando que faça algo impulsivo e irracional. Acredito que o consegui. —Assentiu com a cabeça demonstrando sua satisfação; andava com ligeireza quando se separou dele para dirigir-se à toca do Crumpet. —A fim de contas, possivelmente Nevon Manor tenha obrado sua magia. Possivelmente seja essa a razão pela que não gosta de nos deixar e também pela que se sente obrigado a partir. Se for assim, espero que te resulte impossível estar fora daqui, que retorne antes que a magia comece a desaparecer.

A oito quilômetros de distância, a figura preocupada que rondava pela cozinha do Whitshire esperava justo o contrário.

Por que não parte Bryce Lyndley? É a última complicação que necessito. E que demônios recordou Gabrielle a outra noite? Por que estava tão exaltada? O que é o que sabe? Tenho que averiguá-lo. Maldita seja! Como pode estar acontecendo isto? Agora, depois de todos estes anos. Como?

Não pode ser. Não será assim. Não o permitirei.

Capítulo 9

Era meio da manhã e o sol invadia os salões do Nevon Manor, o aroma de flores frescas entrava pelas janelas, anunciava a primavera e celebrava o milagre da vida. Criava uma ilusão belamente enganosa, um contraste direto com a adversidade dos últimos sete dias.

Hermione baixava a escada; as marcas de cansaço já não eram fingidas, a não ser muito reais apesar das largas sextas matinais que tinha estado fazendo. Até o Chaunce, que nunca tinha dado amostras de cansaço físico se começava a ver um pouco abatido. Não podia ser de outro modo com a penosa semana que tinham passado. Muito esforço, pouco descanso e muita frustração.

E a situação parecia piorar, em vez de melhorar.

Ao chegar à planta baixa, Hermione jogou uma olhada à sala e franziu o cenho ao ver que Chaunce não estava em seu posto habitual junto à porta de entrada. Era certo, estava esgotado. Deus sabia que tinha razões para isso. Tinha montado guarda na porta da habitação de Gaby durante sete noites, frustrando seus intentos de sonambulismo, despertando-a, persuadindo-a para que voltasse para a cama, para voltar a começar umas horas mais tarde. Entretanto, nada, nem sequer o esgotamento físico, podia fazer que Chaunce abandonasse seu posto.

Salvo que lhe necessitasse em outra parte.

Um tremor nervoso se apoderou do frágil corpo do Hermione e fazendo caso omissos de seus doloridos músculos acelerou o passo, disposta a descobrir o paradeiro do Chaunce e o do Gaby. Sua sobrinha não estava em suas habitações, Hermione vinha dali.

Mas isso era bastante normal, já que há essas horas Gaby estava acostumado a estar fora jogando com os meninos ou com suas mascotes.

Entretanto, tampouco estava Chaunce...

Hermione se aproximou da entrada com a intenção de lhes buscar fora. De repente, algo se moveu a sua direita, dentro, embora a vários metros não em linha reta das impressionantes leva de madeira do Nevon Manor. Ao olhar mais atentamente, deu-se conta de que se tratava do Bowrick, que estava sentado no bordo de uma cadeira perto de onde ele acreditava que estava a porta, resmungando algo e limpando-se obsessivamente seus óculos.

—Bowrick — disse Hermione enquanto lhe aproximava. —Onde está Chaunce?

O ancião criado se voltou a pôr seus óculos e se levantou, piscando na direção para onde seu ouvido lhe indicava que procedia a voz da Lady Nevon.

—Chaunce teve que encarregar-se de algo fora, senhora — disse a uma planta que havia em um vaso de barro próximo aonde se encontrava Hermione. —Me pediu que ocupasse seu posto até que retorne. Só me estava assegurando de que meus óculos estavam bem limpos para não me equivocar com os visitantes. Quero fazer seu trabalho tão bem como ele, para que se sinta orgulhoso.

Hermione sorriu com doçura.

—Sempre faz que nos sintamos orgulhosos de ti, Bowrick: Chaunce e eu.

Bowrick tirou peito e endireitou os ombros.

—Me alegre senhora.

—Mencionou-te Chaunce aonde ia? —perguntou Hermione, consciente de que era inútil perguntar em que direção se partiu, já que Bowrick não via nem a um palmo de seus narizes.

—Uy, acredito que há dito algo sobre um problema perto da toca, senhora.

Gaby, tal como tinha suspeitado Hermione. Um problema perto da toca não podia significar outra coisa. Mas estaria Chaunce simplesmente assegurando-se de que Gaby estava bem ou tinha acontecido algo que lhe tinha preocupado?

Isso é o que ia averiguar.

—Obrigado, Bowrick. —recolheu as saias a toda pressa, e lhe deu um tapinha no braço antes de Me partir ajudaste muito. Não se preocupe pela porta — acrescentou a toda pressa enquanto a estava atravessando e já se encontrava quase ao outro lado. —O doutor Briers quer que cada dia faça um pouco de exercício. Abrir esta teimosa prancha de madeira irá muito bem para minha saúde, especialmente se o combino com um agradável passeio pelo campo. Logo retornarei. Segue fazendo tão bem seu trabalho, Bowrick.

Dizendo isto se encaminhou para a toca do Crumpet, desejando ser algo mais jovem e dinâmica. O cansaço da semana passada lhe tinha subtraído forças, e entre isso e seus anos, correr pelo campo era viável.

Um quarto de hora mais tarde se encontrou com o Chaunce. Estava discretamente detrás de uma árvore, observando ao Gaby, que não sabia que estava sendo vigiada;

achava-se sentada sobre a erva, com o olhar posto na lonjura, mas em algo que a fascinava.

—aconteceu algo? —perguntou Hermione aproximando-se silenciosamente até o Chaunce.

Moveu a cabeça, ao parecer nada surpreso por sua presença.

—Não, mas quando saiu de casa vi que estava em um estado muito agitado. E ao cabo de um momento, pensei que seria melhor sair a procurá-la.

—Leva aqui muito tempo?

—Quase mais de uma hora. Estava seguro de que se passaria a manhã dormindo, depois da terrível noite que passou. A pior até o momento.

Hermione suspirou afligida juntando as mãos.

—Três episódios em uma noite. —Isso não só não tinha precedentes, mas também era debilitador, inclusive para um ser tão enérgico como Gaby. —Tenho medo por ela, Chaunce. Não sei quanto mais agüentará seu corpo.

—Seu corpo ou sua mente — acrescentou Chaunce, fazendo uma careta de preocupação com a boca. —Cada dia está mais desanimado. Acredito que está perdendo a esperança de que deixem de repetir estes incidentes. Basta vendo-a, com o olhar fixo no horizonte, sem tão sequer procurar o consolo de seus animais.

Essa observação em concreto provocou uma reação totalmente distinta no Hermione. De repente, teve uma espécie de pressentimento, enquanto estirava o pescoço tentando assegurar-se de que suas suspeitas eram corretas. —Estou de acordo em que Gaby está desanimada por sua incapacidade de liberar-se de seu passado — murmurou. —Entretanto... —Houve um momento de silêncio e um gesto de satisfação com a cabeça quando Hermione encontrou o que estava procurando. — temo que a preocupação que está presenciando se deve há um pouco totalmente distinto e muito mais alentador.

Chaunce piscou.

—Do que se trata?

—Olhe. —Hermione lhe assinalou na distância, lhe indicando duas silhuetas, a de um homem musculoso com uma boina e a de uma mulher fornida que tropeçava a cada três passos, passeando juntos, com as mãos unidas, em direção aos estábulos. —São Marion e Godsmith. Formam um casal adorável, não te parece? Melhor ainda, ele vai pedir lhe sua mão esta manhã.

—Ah, sim? —Chaunce parecia inusualmente agradado. —Como sabe que hoje é o grande dia?

—Porque Godsmith veio ontem a minha sala de estar para me pedir sua opinião sobre a cinta de quadros vermelhos e brancos que tinha elegido para a Marion como presente de noivos. Queria escolher algo bonito e significativo.

—E você o que lhe disse...?

—Que a cinta era preciosa, é obvio.

Chaunce a olhou de esguelha.

—Nada mais? Só admirou a cinta e lhe despediu?

Hermione se tocou o cabelo fazendo um movimento rápido.

—Possivelmente lhe dava algumas quinquilharias de meu joalheiro ao redor da qual pudesse atar sua cinta. Só o fiz para que aumentasse sua segurança. Estava muito nervoso pela proposição.

—O rubi que esteve polindo com tanto esmero cada noite: — sugeriu Chaunce.

—Tão transparente sou? —disse sorrindo.

—Só para mim, milady.

—Bem. —Hermione lhe deu um apertão no braço com afeto. —O que importa é que logo teremos umas bodas na família. —E voltando a indicar ao casal que se estava retirando e ao Gaby que os estava observando— acredito que Gaby considera a idéia do amor em todos seus matizes muito mais enigmáticos que faz um mês.

—Ah, já vejo o que quer dizer. —Um brilho de satisfação apareceu nos olhos do Chaunce. —Como certo, mencionei-lhe que durante a sesta matinal tive notícias de meu contato em Londres? É evidente que o senhor Lyndley também está muito inquieto estes dias: não é o mesmo. De fato, aconteceu-se mais tempo passeando a beira do Tâmesis que em seu escritório. Conforme parece cortou as três últimas entrevistas oficiais que tinha com a senhorita Talbot; a mais soada foi faz duas noites quando foram a um concerto. Levou à senhorita Talbot uma hora depois de que tivesse começado o concerto. Conforme parece não lhe importava muito a música.

—Ou a companhia — sugeriu maliciosamente Hermione, que parecia encantada com as notícias. —Obrigado por compartilhar essa informação comigo. Isto faz que meu passeio até aqui seja mais importante.

—O que quer dizer?

—Chaunce, vim até a toca do Crumpet por várias razões. Evidentemente, a primeira era te encontrar a ti e ao Gaby, para ver como levavam — estudou o rosto de seu amigo, com renovada preocupação ao ver refletidos os signos de cansaço— o cansaço da noite passada. —calou-se um momento. —Chaunce nem você nem eu somos jovens. Pedi-te muito esta semana. Mas confio muito em ti. Não sei o que faria se...

—Não será assim. —Os sulcos ao redor da boca do Chaunce se suavizaram e se inclinou ligeiramente para diante. —Siga confiando em meu, milady. Não permitirei que seja de outro modo. Quanto a minhas capacidades, asseguro-lhe que a idade não minou minha resistência, só incrementou minha sabedoria. Necessitaria algo mais que umas quantas noites sem dormir para me abater.

As lágrimas se deslizaram pelas pestanas do Hermione.

—Bem — respondeu tentando manter firme sua voz, embora soubesse que não o estava conseguindo. —De qualquer modo — prosseguiu, piscando para desfazer-se das lágrimas e tentar controlar-se—, minha segunda razão para vir aqui é porque quero falar com o Gaby. Guardei silêncio durante muito tempo. Acredito que já chegou à hora de que ela tente compreender e de que escute um ou dois conselhos sobre assuntos do coração.

—Não me diga mais. Estou totalmente de acordo.

—E por último, queria te dizer que mandei chamar o doutor Briers. —Ao dizer isto a voz do Hermione se fortaleceu, e a determinação suplantou a ternura. —Levo toda a semana tentando não fazê-lo, com a esperança de que entre você e eu poderíamos ajudar ao Gaby a superar esta prova. Mas o único que conseguimos é evitar que se faça mal a despertando assim que tenta abandonar suas habitações. Isso é um emplastro, não uma solução. Chegou o momento de solicitar a ajuda do doutor; chegará à uma hora.

Chaunce assentiu com a cabeça.

—Acredito que é uma boa idéia. Possivelmente o doutor possa ver algo que nos passou por cima, algo que ajude à senhorita Gaby a ter paz mental. —Olhou ao Hermione e logo a casa. —Dado que o doutor Briers vai chegar de um momento a outro, será melhor que volte para meu posto. —Franziu o sobreceixo pensativamente. —De fato acredito que pedi ao Bowrick que me ajudasse. Com ele a meu lado na entrada, seremos dois para divisar o carro do doutor.

O coração do Hermione se alagou de afeto. Chaunce necessitava tanta ajuda para receber aos convidados como o sol para sair, e menos a de um servente que não via além de seus narizes. Mas Chaunce, com sua generosa e típica maneira, procurava a ajuda do Bowrick para que um bom ser humano pudesse conservar sua dignidade.

—Querido amigo, é uma grande fraude — lhe disse brandamente. —É a melhor pessoa que conheci. Dou graças a Deus por te ter a meu lado.

—Isso, milady, é uma segurança que jamais deverá questionar-se — respondeu Chaunce, com uma voz um pouco áspera. —Recorde-o sempre — pigarreou. —Boa sorte com a senhorita Gaby. Avisá-la-ei quando chegar o doutor Briers.

Hermione olhou ao Chaunce enquanto se retirava; tinha a mesma postura e força atemporal desde fazia muito tempo. Logo se girou e caminhou rigidamente fazia o claro onde se encontrava Gaby.

Esta girou a cabeça e arqueou as sobrancelhas surpreendida quando viu sua tia.

—Tia Hermione. —Em seguida ficou de pé. —Não tinha nem idéia de que estivesse aqui. Estava-me procurando?

—Queria saber onde estava e ter um pequeno bate-papo contigo. —Hermione se apoiou contra a árvore e descansou um momento para recuperar suas forças.

—por aqui. —Gaby se moveu e tomou o cotovelo de sua tia para conduzi-la ao assento de erva. —Sente-se. Deste um bom passeio depois de uma agitada noite sem dormir. Descansa.

—Obrigado, querida. —Hermione agradeceu o assento.

—Do que queria falar? Se é que é necessário que lhe pergunte — disse isso Gaby notando-se já a angústia em suas facções. —Não sei por que cada vez se repete mais o do sonambulismo. Pensava que depois de todos estes dias melhoraria, por não dizer que esperava que tivessem desaparecido, mas sem dúvida não esperava que piorasse. — ajoelhou-se diante de sua tia e lhe agarrou as mãos. —Tia Hermione, te olhe, está mais pálida que nunca e tem as olheiras cada vez mais pronunciadas. Tenho muito medo de que caia realmente doente. Não podemos seguir como até agora. Estive pensando... —

Tremeu-lhe a voz, logo recuperou sua convicção atrás de cada palavra. —Possivelmente deveria abandonar Nevon Manor durante um tempo. Poderia partir a uma hospedaria, contratar a uma companheira discreta a quem poríamos ao dia de minha situação e que se encarregasse de me vigiar durante a noite. Desse modo tanto você como Chaunce teriam a oportunidade de lhes recuperar e lhes afastar de meu problema. A vida aqui voltaria a ser como de costume...

—Não diga mais! —Hermione quase salta do assento; seus dedos agarravam os de Gaby com tremente intensidade. —Como te ocorreu semelhante coisa? Somos uma família. As famílias não se separam nos momentos difíceis. Unem-se mais, procuram soluções e isso é justamente o que vamos fazer.

—E se não haver solução? —respondeu Gaby. —Então, o que?

—Sempre há soluções, Gaby. Às vezes são mais difíceis de encontrar do que pensamos. Mas temos que seguir procurando. Hermione lhe pôs uma mão nesta bochecha é a razão pela que mandei chamar o doutor Briers. É muito jovem para recordar quão entregue estive o seu problema a primeira vez que enfrentamos a ele. Deu-nos esperanças e uma solução razoável que teve êxito. Realmente acredito que pode voltar a fazê-lo. Ajudar-nos-á, Gaby, sei que o fará. —Fez uma pausa e observou a incredulidade no rosto do Gaby. —Espero que não sinta que traí sua confiança ao lhe mandar chamar.

—Claro que não. O único é que não sei como poderemos aplicar seus conselhos esta vez. As circunstâncias são muito distintas. A última vez eu era uma menina; agora sou uma mulher. Já não estamos tratando com os sentimentos de solidão e abandono de uma menina de cinco anos. Sei que tenho um lar, gente que me quer. Mas, pela razão que seja; minhas lembranças da morte de meus pais são muito profundos e dolorosos, muito dolorosos para desaparecer com a mera segurança de que tenho uma família que me respalda.

—Esta é a razão pela que recorri à ajuda de alguém perito em aliviar o sofrimento. Gaby apertou os lábios; um raio de esperança iluminou seu desespero.

—Crie realmente que o doutor é nossa resposta?

—Sim — respondeu Hermione pensativa. —Acredito que de algum modo o será.

—Muito bem, então — suspirou Gaby. —Estou disposta a tentá-lo tudo. E se o doutor Briers é quem vai restaurar nossas vidas como estavam antes...

—Eu não hei dito isso.

—Mas, acaba de dizer... —começou Gaby.

—Hei dito que acreditava que o doutor Briers pode nos ajudar a pôr fim a seus brotos de sonambulismo. Não te hei dito que fora a te devolver à menina que foi. Ninguém pode fazê-lo, Gaby; tampouco o quereria você.

—Não te entendo.

—De verdade que não? —Hermione olhou disfarçadamente por cima de seu ombro. —Me dei conta de que estiveste observando ao Godsmith e ao Marion.

—Suponho que sim. Pensava que é maravilhoso o que sentem o um pelo outro. Não te parece?

—Sim, assim é. De fato, como acabo de lhe dizer ao Chaunce — Hermione se aproximou dela em um ato de cumplicidade—, acredito que Godsmith lhe está pedindo a mão enquanto nós estamos aqui falando.

—De verdade? —Ao Gaby lhe puseram os olhos como pratos. —OH, que maravilha!

—O amor é maravilhoso, Gaby. Logo o descobrirá por ti mesma.

Para ouvir isso, Gaby baixou as pestanas.

—Você crie? Às vezes me pergunto...

—Pergunta-te o que?

Duvidou um momento; logo Gaby levantou a cabeça.

—Quando te apaixonou por lorde Nevon, soube em seguida? Soube ele? Aconteceu no momento em que lhes conheceram ou foi como se lhes tivesse alcançado um raio de repente?

Hermione riu entre dentes.

—Muitas perguntas de uma vez. Diga-me, há algo concreto que tenha desencadeado esta repentina e oportuna curiosidade? Ou mais deveria dizer alguém?

Seus grandes olhos azuis procuraram o rosto do Hermione.

—Sabe verdade?

—Isso depende. O que é o que pensa que sei?

—O que estou sentindo. Por quem o estou sentindo. O que aconteceu entre nós antes que partisse do Nevon Manor.

—Espera — disse Hermione levantando a palma. —Dos dois primeiros pontos estou bastante segura. Mas do terceiro... Terá que ser um pouco mais específica.

Gaby se umedeceu os lábios com a ponta da língua.

—Está segura de que sabe a quem me estou referindo?

—Ao Bryce.

—E não te envergonha?

—por quê? Você e todos sabem o que opino de meu sobrinho. É um homem compassivo e maravilhoso.

—Que virtualmente está comprometido com outra mulher — interrompeu Gaby. Piscou rapidamente.

—Quando se tem minha idade, alguém sabe que existe uma grande diferença entre «virtualmente» e «de fato». Agora bem, importar-te-ia me dizer o que aconteceu entre ambos antes que Bryce partisse?

—Veio a me buscar. Queria despedir-se de mim. —Gaby tragou saliva. —Lhe disse algumas costure que não devia lhe haver dito; acusei-lhe de lombriga como a uma menina. Logo lhe desejei uma boa viagem e lhe dava um beijo na bochecha.

—E isso é o que te atormenta? Estou segura de que Bryce não te guardará nenhum rancor por seu arrebatamento; ele também é bastante direto.

—Meu arrebatamento não é o que me atormenta, a não ser o que aconteceu depois.

—Que é....

—Bryce me beijou. —O rubor chegou às bochechas do Hermione ao recordar esses inesperados e arrebatadores momentos. —Para ser sinceros, beijamo-nos mutuamente. OH, bom, já não estou segura de quem beijou a quem. Nem por que. Só sei que estávamos falando e de repente... Deixamos de falar. —Gaby se levantou e começou a caminhar pelo claro. —Só durou uns segundos. Logo, estava totalmente desconcertado e furioso consigo mesmo por sentir-se desse modo. Pude ver seu rechaço em seus olhos ao ter atuado por impulso em lugar de havê-lo feito por lógica. Necessitei todo meu autocontrole para raciocinar o que tinha acontecido. Mas o consegui, pelo bem de Bryce e o meu próprio. Desse modo, pôde esquecer-se do assunto e considerá-lo algo sem importância e eu pude escapar sem ficar como uma completa estúpida. —riu ironicamente. —Se tivesse seguido os mandos de meu corpo, me teriam falhado os joelhos e me teria cansado ao chão. Qual teria sido o resultado? Teria-me morrido de vergonha e lhe teria demonstrado ao Bryce que era a menina que ele acredita que sou.

Fez uma pausa e se tocou os lábios com os dedos.

—Mas, OH, tia Hermione, jamais tivesse imaginado esses extraordinários sentimentos, e menos assim, como cansados do céu, sem prévio aviso nem prelúdio. E não com um homem que me considera uma menina de bom coração, embora sábia, apesar de estar tão protegida; um homem totalmente comprometido com uma mulher muito mais sofisticada.

—Sábia, apesar de estar tão protegida — repetiu tia Hermione com brutalidade. — Assim é como te há descrito Bryce?

—Sim. —Gaby olhou desanimada a sua tia. —Poderia me esclarecer um pouco mais o que aconteceu ou ao pior fazer algum comentário:

—O que quer que te conte?

—Surpreendeu-te?

—O que beijasse a um homem? Absolutamente. —Hermione piscou. —Tal como você mesma há dito faz uns minutos, já é uma mulher. Só era questão de tempo que desfrutasse de do primeiro beijo. Que beijasse ao Bryce Lyndley? Não. É um homem muito atrativo e carismático. Que ele beijasse a ti? Isso é o que pior surpreende. Bryce necessita desesperadamente um apoio específico, o da alma, algo que nem ele mesmo entende. Você encarna esse apoio. Busca-te como uma flor procura o sol. Assim, não, Gaby, nada do que me há dito me surpreende.

—Apaixonou-te em seguida de lorde Nevon? —Gaby seguia com uma pergunta inicial.

Hermione sorriu com doçura.

—Acredito que sim. John era arrumado, tinha bom coração e era implacável com o que queria. Bombardeou-me com visitas e presentes; comunicou-me sua intenção de casar-se comigo às duas semanas de nos haver conhecido, a mim, a meus pais e ao mundo inteiro, jurando que passaria o resto de seus dias me fazendo feliz. E cumpriu sua promessa. Nosso tempo juntos foi mais curto do que tivesse desejado, ele era muito maior

que eu, mas não por isso fui menos feliz. Minhas lembranças são maravilhosas, cheios de risadas, entusiasmo e paixão. Não os trocaria por nada do mundo.

—Deve lhe jogar muito de menos — disse Gaby.

Hermione a observou com as mãos entrelaçadas, pensando bem sua resposta antes de expressá-la.

—Faz muitos anos que se foi John. Ao princípio a perda me parecia insuportável. Logo, o tempo cobriu delicadamente esse sofrimento e o ocultou, deixando que aflorassem só as boas lembranças. Agora, só sinto ternura e um prazer nostálgico. — Levantou a cabeça. —Após aprendi algo mais, Gaby. Há muitos tipos de amor. Nenhum é melhor ou mais valioso que outro, nem o brilho de um apaga o de seu antecessor. Cada um é único e se deve valorar como a bênção que é. O mesmo acontecerá a ti, querida. Você é um tesouro único na vida à espera de ser descoberto e revelado. Isso é o que fará o homem adequado para ti, Gaby. Já o verá. Estou tão segura disso como da felicidade que te contribuirá esse homem.

Ao Gaby lhe umedeceram os olhos; estava transbordada de emoção e de incerteza.

—Como saberei quando o encontrar?

—Não saberá. Não, em seguida. Intuirá, mas não estará segura. Far-te-á perguntas, questionarão seus sentimentos e os seus. Mas logo, quando realmente importar, saberá. Igual a me aconteceu. —Sorriu-lhe compungida. —Ver as coisas retrospectivamente é algo extraordinário, Gaby. Não deixa lugar a dúvidas. Por desgraça, essa visão não a temos quando mais a necessitamos, que é antes que aconteça o acontecimento. Se assim fora, nossas decisões seriam muito mais singelas.

—Então, o que me sugere que faça com o Bryce? Arquivar o acontecido como um acidente do destino?

—Pode fazê-lo?

—Não —respondeu Gaby movendo rotundamente a cabeça— estive revivendo nosso beijo durante toda a semana. Em cada momento de vigília. E não só o beijo, mas também tudo. Costure às que lhes dava uma importância especial até que chegou esse mágico momento, mas que de repente vi de um modo totalmente distinto.

—Como o que?

Gaby tomou entre seus dedos as dobras de seu vestido, refletindo sobre sua resposta.

—É muito difícil de explicar, mas o tentarei. Tenho a sensação de que Bryce e eu nos entendemos de algum modo fundamental que não se pode descrever nem explicar. Quando falamos, é como a fusão das notas musicais em perfeita harmonia. As notas são totalmente distintas, entretanto, quando se combinam, a melodia é muito mais rica e os compassos muito mais intensos para soar juntos. Tem sentido o que te digo?

Apesar de suas melhores intenções, Hermione notou que lhe tremiam os lábios.

—É obvio.

—Bryce parece saber quando lhe necessito e de algum modo sempre se as acerta para vir a me resgatar. Ainda mais significativo é o fato de que me permite fazer o mesmo

com ele, embora não se dê conta de que o faz. —Gaby se soltou as saias e viu que Hermione tinha baixado o olhar. —Como quando me falou de seu passado. Sei que foi você quem o pediu para que acompanhasse ao Whitshire. Mas não acredito que sua petição incluía que me revelassem todos os detalhes que compartilhou comigo. Não só me contou os fatos, mas também seus sentimentos e temores. Nunca tinha falado disso com ninguém, nem sequer com a senhorita Talbot. Ela não sabe nada de seus Orígenes, nem pensa dizer-lhe Insisti-lhe em que o faça, mas em seguida me faz calar. Bryce é complexo, tem capas às que ainda tenho que chegar, por não dizer compreender. Outras vezes é um estranho reservado que procura manter as distâncias. E outras vezes são quentes, abertos, tenro, não só comigo, mas também com todos no Nevon Manor. É como se lhe desse medo querer.

—Assim é — respondeu brandamente Hermione. —Certamente pode entender a razão.

—É obvio que posso. Esteve sozinho em sua infância e toda sua vida. Querer suporta risco, um risco que Bryce não está disposto a assumir. O que não posso entender é sua ira. Não com outros a não ser comigo. Quando se sente mais vulnerável reage. Com outros se torna atrás, mas comigo se volta friamente desapegado, quase mordaz. Por quê?

—A experiência me demonstrou que os sentimentos extremos incitam a reações extremas.

Gaby inspirou.

—Crie que pode ser porque possivelmente me queira mais do que quer reconhecer?

Hermione se encolheu de ombros.

—Por isso me diz, é possível.

—Então, o que devo fazer? —Gaby abriu os braços desesperadamente. —Está comprometido com outra mulher, uma mulher que possivelmente seja muito mais adequada para ele. E enquanto me nego a interferir nessa relação, meu coração se nega a aceitar as ordens de minha mente. O resultado é que não posso atuar, mas tampouco posso estar sem fazer nada.

—Então, já tem sua resposta — concluiu Hermione.

—Que resposta? —perguntou Gaby perplexa. —Tia Hermione, e se me estou apaixonando por...?

—Gaby, já basta — interrompeu Hermione. —Não te atormente com perguntas nem te esforce em achar respostas que ainda não pode encontrar. Espera. A ver o que acontece; vejamos o que tem preparado para ti o destino. Já chegarão as respostas, prometo-lhe isso.

—Você crie?

—Sim.

—E também ao Bryce, pensou Hermione, recordando-se que tinha que falar com o Chaunce assim que o doutor tivesse terminado com o Gaby. Dadas estas circunstâncias era o momento de fazer retornar ao Bryce ao Nevon Manor.

—Fisicamente está bem, salvo que se nota que está esgotada — disse o doutor Briers, levantando do bordo da cama e dando seu diagnóstico ao Gaby e ao Hermione. — Entretanto, já sabíamos que este não era um problema físico, o qual faz que seja mais difícil de tratar, posto que não haja remédios para aliviar estes sintomas.

Gaby se apoiou sobre os cotovelos.

—Está dizendo que não se pode fazer nada?

—Absolutamente — replicou o doutor acariciando-se seu áspero bigode que uma vez foi negro e que agora era cinza. —O que estou dizendo é que temos que procurar um remédio emocional para seu estado.

—Sabemos qual foi à causa que a tem feito recair — acrescentou

Hermione, tornando-se para diante em sua amaciada cadeira. —Nossa visita ao Whitshire e as lembranças que lhe evocaram. A questão é como podemos investir o dano que sofreu essa noite.

—A questão é como — murmurou o doutor Briers. —Gabrielle tem razão ao dizer que o método que utilizamos quando tinha cinco anos já não é eficaz. As vigílias noturnas são uma mera medida de precaução, não um padre.

—Por não dizer que não quero que tia Hermione e Chaunce se passe a noite em vela me vigiando — insistiu Gaby, tirando as pernas da cama e ficando em pé. —Tia Hermione já está bastante débil. O qual me recorda que... —dirigiu-se para o doutor Briers— Tia Hermione necessita mais medicina. Quando Chaunce baixou a garrafa esta manhã, dei-me conta de que estava quase vazia. Por favor, deixe outra nova antes de ir-se.

—Hum? —O doutor Briers franziu o sobrecenho. —Medicina?

—Sim, Henry, minha medicina — disse Hermione rapidamente.

—Ah, sim, sua medicina. É obvio. —de repente, lhe fez a luz e o doutor Briers assentiu enfaticamente com a cabeça. —Rogo me desculpe. Estava preocupado com o dilema do Gabrielle. Deixarei- outra garrafa ao Chaunce. Siga tomando-a como lhe indiquei.

—Fá-lo-ei. —Hermione juntou as mãos sobre sua saia. —Mas agora não estamos falando de minha debilidade, mas sim do sonambulismo do Gaby. O que nos sugere que façamos?

—Algo que vai surpreender lhe. —O médico franziu os lábios enquanto refletia sobre o conselho que ia dar. —Sugiro que Gabrielle retorne ao Whitshire o antes possível.

—O que? —Gaby empalideceu.

—me escutem. —O doutor Briers levantou a palma da mão para sossegar seu protesto. —Acredito que deveria retornar, mas sob circunstâncias diferentes. Em minha opinião, o engano que cometeram não foi retornar, a não ser como e quando o fizeram, sob umas condições muito propícias para desencadear o tipo de lembranças incorretas.

—Não o entendo.

—Pensa nisso, Gabrielle. Salvo por esse horrível dia, sua experiência no Whitshire era boa e íntimo com seus pais e seus amigos. Alguns deles ainda trabalham ali, não é certo?

—Sim. Um reduzido número de pessoas sobreviveram ao incêndio e ficaram.

—Excelente. Então, sugiro-te que planeje uma visita para ir ver lhes, não de noite, a não ser de dia. Inclusive em condições ótimas a escuridão desencadeia uma espécie de apreensão que, para a maioria de nós, está acostumado a estar ausente durante o dia. Isto é especialmente certo em seu caso, posto que você associa a noite com o sofrimento e a perda. Portanto, prepara uma visita ao Whitshire de dia, por volta do meio-dia ou a primeira hora da tarde. Busca tudo o que te resulte familiar e agradável. Reproduz os momentos felizes que desfrutou ali. Reúna-te com seus velhos amigos. Passeia com eles pelas zonas onde estava acostumado a ir de pequena. Sob nenhuma circunstância retorne à zona das moradias dos serventes ou a nenhuma parte da asa que está situada onde se produziu o incêndio. Possivelmente ao reviver suas lembranças mais felizes, poderá rebater os efeitos de sua última visita.

Ao Hermione brilharam os olhos.

—Vale a pena prová-lo, Gaby. Posso dizer-lhe ao Thane, lhe contar o que queremos fazer, se me deixar que lhe fale deste problema. Estou segura de que o compreenderá e de que estará de acordo em que participe o serviço, especialmente aquelas pessoas que trabalhavam no Whitshire faz treze anos. —ficou em pé e se dirigiu para o Gaby para lhe agarrar as mãos que as tinha geladas. —Me dou conta da aterradora que te parece à idéia de retornar ao Whitshire — disse em voz baixa, observando o gesto de baixar a cabeça de sua sobrinha. —Deus sabe que eu mesma estava totalmente contra isso. Mas depois do que nos há dito o doutor Briers, acredito que é bastante razoável. Mas se crie que não será capaz de te submeter a essa prova, não te pressionarei. Procuraremos outra solução.

—Esta poderia ser a solução — respondeu Gaby, levantando o queixo.

—Sim, poderia sê-la.

—Por outra parte — prosseguiu Gaby—, retornar ao Whitshire poderia piorar as coisas. —riu sem vontades. —Que tolice! Depois de me levantar dormida três vezes em uma noite, que mais poderia piorar a situação?

Hermione olhou ao Gaby, ao doutor Briers e de novo ao Gaby.

—Retornar suporá um grande ato de valor por sua parte, valor que só você pode unir. De modo que a decisão depende de ti. Tentamo-lo?

Gaby permaneceu calada e inexpressiva durante um comprido momento. Logo assentiu com a cabeça.

—Sim, sigamos o conselho do doutor Briers. E roguemos que funcione.

Capítulo 10

Que disse que o tempo e a distância punham todas as coisas em seu sítio era um completo estúpido.

Bryce bebeu um sorvo, colocou sua taça em cima do corrimão do balcão e ficou a olhar fixamente o céu da noite; logo que era consciente das notas do baile que começava a suas costas, e não deixava de perguntar-se se teria perdido a razão.

Tinha voltado para Londres fazia uma semana. Tudo estava tal como o tinha deixado, entretanto, já nada era igual. Tinha retornado para ver as coisas desde outra perspectiva, para voltar para sua vida e a seu trabalho.

Entretanto, quão único fazia era preocupar-se com o Nevon Manor, pela debilidade do Hermione, se por acaso seus serventes seriam capazes de seguir adiante se ela adoecia, mas sobre tudo, pelo sonambulismo do Gaby.

Por que se tinha envolvido com essas pessoas de um modo tão irracional e pessoal? Em comparação com sua antiga realidade cotidiana, esses três dias no Nevon Manor tinham sido um ponto e à parte, uma inundação de circunstâncias pouco familiares para ele, em meio de um montão de pessoas quase desconhecidas. Como a pobre Alice do conto quando é arrastada pelo rio de suas próprias lágrimas, pensou sua analogia lhe provocou um sorriso irônico. Demônios, três dias no Nevon Manor e quase desaparece pelo buraco da toca que conduz ao país das maravilhas para reunir-se com a Alice.

Entretanto, a parte «maravilhosa» de todo aquilo era inegável, refletiu, girando sua taça vazia entre suas mãos. Nevon Manor estava impregnado de magia até o mais mínimo detalhe.

O contraste lhe tinha impactado com toda sua força ao chegar a sua casa de Londres e subir a escada para seu dormitório. Ficou de pé na porta e o olhou como se o estivesse vendo pela primeira vez; uma agradável mescla de cor e textura, com uma esplêndida e acertada decoração em nogueira.

Mas era só uma habitação, nada mais.

Entretanto, recordava o esmero e os detalhes que havia em suas habitações do Nevon Manor, os livros de leis e outros objetos pessoais, até roupa que tinha sido desenhada a seu gosto. Muito bem, admitiu. Apegou-se a aquele lugar e a tudo o que encerrava. Era certo que não era habitual nele aferrar-se às coisas materiais. Não obstante, essas eram diferentes, ao igual à Nevon Manor e seus residentes. Quanto a sua peculiar reação tampouco deveria lhe surpreender. Sua visita a casa do Hermione lhe tinha provocado um montão de reações curiosas, as quais mais estranhas algumas que nem sequer entendia.

Outras que não queria entender, só esquecer. Relacionada-las com o Gaby.

Não tinha esquecido a inesperada e surpreendente forma em que se despediram.

Esquecê-lo? Impossível. O certo era que não tinha deixado de recordado do momento em que saiu do Nevon Manor. E ainda o revivia.

No que devia estar pensando para beijar a desse modo? Tornou-se louco? E seu automóvel censura não era só pelo fato de que tinha um compromisso com a Lucinda, embora bem soubesse Deus que também se sentia culpado por isso, mas sim pela decisão

que tinha tomado respeito ao Gaby. Uma de suas intenções ao abandonar Hertford era dissuadir a de que pudesse conceber alguma idéia romântica respeito a eles dois. Entretanto, tinha sido ele quem a tinha fomentado cedendo ante uma demência e indesculpável impulso.

Mas o mais irônico era que, apesar de toda sua preocupação pelo que pudesse imaginar-se do Gaby, lhe tinha afetado muito mais esse beijo que a ela. Passou-se toda a semana lhe dando voltas ao assunto, enquanto que ela se partiu com a certeza de que se aberto uma nova porta entre ele e seu verdadeiro eu.

Isto quanto a proteger ao Gaby. Estava claro que era menos frágil do que parecia. E sem dúvida não tinha regulado palavras em sua atrevida avaliação de suas debilidades e de tudo o que Nevon Manor podia fazer para eliminá-las.

Essa lembrança lhe provocava uma estranha sensação de vazio no mais profundo de seu ser, uma dor que não podia entender nem explicar. Por que se sentia como se tivesse perdido algo muito mais precioso que um mero beijo quando partiu do Nevon Manor? Não se tinha partido para sempre, e tampouco era a razão pela que se esteve ali tanto tempo. Tinha toda uma vida para retornar, uma vida que já tinha sido programada muito antes de sua visita. Por outra parte, não tinha intenção de decepcionar a ninguém, nem ao Gaby nem ao Hermione nem a outros. Ia retornar assim que seu trabalho, seus pensamentos e sua realidade o permitissem. Entretanto, seguia sentindo uma estranha sensação de vazio que transcendia sua afinidade pelo Gaby. Por quê?

—Está aqui. —Lucinda se deslizou para o balcão estirando sua mão embainhada em uma comprida luva. —Já estava pensando que a massa de convidados te tinha engolido.

Bryce se sentiu culpado e se girou para tomar sua mão como correspondia, para conduzi-la junto a ele.

—Não, não me aconteceu nenhum fenômeno sobrenatural. Simplesmente necessitava ar fresco, embora não é impossível afogar-se nessa maré de gente. Deve haver ao menos seiscentas pessoas na sala de baile.

Lucinda riu; o som de sua risada era ligeiro e alegre e lhe encaixava a perfeição.

—Não tantas, embora acredite que convidaram a quinhentas. Eu gosto de muito as elaboradas festas de lorde e lady Wilcox. Cada ano acrescentam algum detalhe para superar-se. Este ano a novidade foi incluir três músicos mais e outra sala cheia de refrigerios. Suponho que ambas as coisas se compensam: os uns têm que nos fazer dançar muito mais para compensar o que comemos de mais.

—Suponho que sim. —Bryce sorriu como um autômato; sua mente estava entre os residentes do Nevon Manor e Lucinda, embora não se fixava nos detalhes de seu superficial conversa. Pela primeira vez olhava a Lucinda como o faria um observador objetivo, explorando a mulher a que os periódicos se referiam como uma «princesa de conto de fadas».

Era fácil ver por que. Tudo nela era encantador: seu cabelo dourado recolhido em um coque no alto e adornado por uma coroa de flores, e seu elegante traje de seda

acetinada de cor azul, à última moda, que encaixava perfeitamente com seus rasgos etéreos. Não tinha nenhum defeito; era como um quadro de valor incalculável, refinada, de bom gosto e, o mais importante, coerente.

Por que então essa coerência lhe parecia um defeito mais que uma qualidade? Que demônios lhe tinha passado a semana passada?

—Bryce? —Lucinda franziu o cenho preocupada. —Realmente não parece que te encontre bem. De fato, não foste o mesmo durante toda esta semana. Passa-te algo?

—Não, não me passa nada. —Bryce se moveu inquieto, olhou sua taça vazia e se massageou as têmporas. —Suponho que estou cansado. Tinha mais trabalho amontoado sobre minha mesa do que esperava quando retornei do Hertford.

—Não sente saudades. Ninguém, nem sequer eu, esperava que estivesse fora tanto tempo. —Lucinda se arrumou as saias. —É evidente que lady Nevon tinha muitos assuntos legais que discutir contigo.

—Assim é. Mas isso não foi à única razão que me manteve ausente. As pessoas que estão a seu serviço... A gente que vive ali — Em seguida se calou, duvidando sobre como explicá-lo, ou para ser mais exatos, até onde podia explicar. Já tinha tentado várias vezes lhe transmitir sua ambivalência respeito ao serviço do Hermione: sua preocupação por seu futuro, sua admiração pelo modo em que se cuidavam os uns aos outros, mas a única resposta que tinha recebido era um movimento de cabeça afirmativo e murmúrios de consternação, a forma habitual em que Lucinda estava acostumada lhe acalmar.

Normalmente não tinha importância. Suas causas eram só delas. Não era necessário que ela as compartilhasse; bastava com que não lhe impedisse de fazer o que devia.

Mas esta vez era diferente. Tivesse-lhe gostado que compartilhasse algum de seus sentimentos, lhe gritar seu orgulho pelos lucros dessas pessoas, fazer que ela se desse conta de que dentro do Nevon Manor, o que ela via como inconvenientes, não o eram absolutamente.

Até o momento não o tinha conseguido.

E o seguinte comentário da Lucinda reforçou mais esse fato.

—Por isso me pareceu entender até agora, os serventes de lady Nevon parecem ser um grupo excêntrico, por não dizer outra coisa. Se eu fosse você, limitaria a seus assuntos com sua senhora e lhes deixaria em paz.

—por quê? —perguntou Bryce.

—por quê? —Lucinda lhe olhou sentida saudades. —Porque são responsabilidade de lady Nevon, não tua. Além disso, está claro que ela é quão única pode satisfazer suas necessidades especiais. Quanto a que os considero excêntricos, do que outro modo se poderia descrever a pessoas que dão presentes de despedida a um homem que logo que conhecem, e presentes tão especiais como uma pá, uma boina e um trapo para limpá-los sapatos?

—Eu diria que são pessoas que se preocupam com outros.

—Não duvido de seus motivos, Bryce — respondeu Lucinda com sua típica voz pausada e razoável—, só de sua clareza mental. —Tocou-lhe brandamente a manga. — Não te estava sugerindo que não lhes trate com amabilidade. Entretanto, no futuro, não acredito que deva permitir que se afezem tanto a ti ou você a eles. Não é saudável a quantidade de tempo que aconteceu esta semana preocupando-se deles. Pensa objetivamente no que te estou dizendo e verá que tenho razão. Ao fim e ao cabo, é responsabilidade de lady Nevon. E você é seu assessor legal, não um companheiro de seu serviço.

—Isso não é muito caridoso por sua parte, Lucinda — replicou Bryce friamente. — E me temo que não compartilhe sua visão de relegar às pessoas ao lugar onde se supõe que pertencem. São seres humanos, não um grupo etiquetado de um modo geral. Cada um é único e exclusivo. Peter, por exemplo. O moço só tem nove anos, mas tem potencial para ser um brilhante advogado e o será, com o apoio adequado. Se eu posso lhe proporcionar esse apoio, e possivelmente também um pouco de conhecimentos e oportunidades, como vou negar

—Não sou um monstro, Bryce. Escutei suas detalhadas descrições sobre os residentes do Nevon Manor. Não te estou dizendo que os despreze só que modere este sentimento de dever pessoal que trouxe consigo. Ajuda ao moço, é óbvio. Dê-lhe alguns de seus livros. Recomende-lhe no Eton, se isso pode lhe ajudar. Mas não tem por que te considerar seu herói pessoal — lhe disse depois de dar um suspiro. Logo se fez o silêncio. Lucinda se encolheu de ombros como sem saber que mais dizer, olhando para trás ao começar de novo a música. —Por favor, Bryce, não discutamos. Tudo o que te digo é por seu próprio bem. Sei que sente muita compaixão pelos serventes de lady Nevon e já sabe quanto admiro seu compromisso com os que são menos afortunados que nós. Mas eu não gosto de verte assim. Recorda que Nevon Manor funcionava corretamente antes que você chegasse. Estou segura de que seguirá funcionando igual de bem agora que já não está ali. —As gemas de seus dedos roçaram o antebraço de Bryce e seu sorriso era persuasivo. — Agora, vamos dentro. Acredito que vão tocar uma valsa.

Bryce obedeceu com um gesto tenso da cabeça, totalmente consciente de que sua conversa não conduziria a nenhuma parte e pensou que dançar era o melhor, posto que não requeresse conversa alguma. Sem mediar palavra transpassaram as vidraças e retornaram ao mundo da Lucinda: o salão de baile.

A música havia tornado a soar e apesar de sua falta de entusiasmo a melodia lhe resultou estranhamente reconfortante depois da tensão dos últimos minutos; voltava à harmonia depois da discórdia. Concentrando-se na animada cadência da valsa, conduziu a Lucinda pela abarrotada pista em meio de risadas e bate-papos.

Bryce olhou ao vazio sem lhe importar a gente, até depositar o olhar no pianista. Curiosamente, perguntava-se o que pensaria Gaby de sua atuação. O cavalheiro era bastante impressionante, como o pianoforte que tocava. Mas, não destacava por sua habilidade; faltava-lhe a emoção, a intensidade do sentimento que exsudava Gaby quando

seus dedos se posavam sobre o teclado. E a alegre valsa que interpretava —pensou Bryce sorrindo internamente— nada tinha que ver com o Beethoven.

No concerto ao que tinha assistido com a Lucinda a outra noite se interpretaram várias peças de sinfonias do Beethoven. Essas que tanto lhe tivessem gostado ao Gaby se tivesse podido desfrutar da experiência musical completa. A riqueza das sinfonias, o som envolvente de todos os instrumentos soando de uma vez — cada um com identidade própria, mas formando uma unidade com o resto. —Gaby teria florescido como um desses casulos da primavera que tanto apreciava.

Enquanto dava voltas com a Lucinda, seus pensamentos se centravam em achar a forma para que Gaby assistisse a um concerto. Já tinha pensado muito nisso e havia resolvido o menos um dos problemas; o da acompanhante do Gaby, dado que Hermione supostamente estava muito fraco para viajar. Depois de considerar as limitações dos distintos residentes do Nevon Manor, tinha optado pelo Marion. Ela seria ideal. Não só era o bastante estável física e mentalmente para passar uma noite fora da mansão e em Londres, mas sim, além disso, desfrutaria da oportunidade de viajar com seu amado Godsmith no carro. Suporia para ambos, uma dessas maravilhosas oportunidades para estar a sós às que tanto aludia Gaby.

O sorriso de Bryce se desvaneceu ao dar-se conta da quem tinha elegido instintivamente para acompanhar ao Gaby: a si mesmo. A idéia não era nada recomendável, fora ou não seu possível tutor. Se entrava na sala de concertos junto ao Gaby embora não fora agarrada de seu braço, todo mundo começaria a tirar conclusões errôneas. Claro que podia lhe dizer a Lucinda que fora com eles, mas detrás ter visto sua reação com sua experiência no Nevon Manor, sem dúvida poria objeções à idéia de entreter a sobrinha adotiva do Hermione.

Sobrinha que ele mesmo recordava ter mencionado só de passada quando lhe tinha falado das pessoas que viviam no Nevon Manor.

Não queria nem pensar nas razões que tinha tido para isso. Bryce voltou a pensar no que tinha entre mãos: o dilema de levar ao Gaby a um concerto. A única forma em que podia ver isso completo era que também assistisse Hermione. E se estava muito doente... Bryce franziu o sobrecenho. Pelo bem de Gaby e o seu próprio. O certo era que não queria que ninguém mais a acompanhasse a seu primeiro concerto. Assim de simples: queria ser ele quem contemplasse seu rosto e compartilhasse seu entusiasmo enquanto se inundava na experiência.

Essa incômoda voz que soava em sua cabeça — a que lhe tinha estado acoessando toda a semana— voltou a deixar-se ouvir, proclamando que tinha que arrumar-lhe para cumprir seu objetivo, que sem dúvida não voltaria a acontecer o que aconteceu a outra noite. O concerto lhe tinha parecido insosso e carente de interesse e não via o momento de partir. De fato, havia-lhe posto nervoso, em lugar de lhe agradar, já que a música não tinha sua habitual ressonância.

E sabia muito bem por que. Maldita seja!

—Onde te tem feito esses arranhões? —perguntou-lhe Lucinda nos últimos acordes da valsa.

—Perdoa?

—Sua cara. —Lucinda lhe assinalou sua mandíbula com um de seus dedos enluvados. —Têm arranhões no queixo ao longo da mandíbula. Tem-lhe feito isso você?

—Ah, isto! —Bryce sorriu ao recordar a briga que tinha originado esses arranhões. —Não, não fui eu, ao menos do modo em que crie. Os meninos do Nevon Manor me fizeram seu próprio presente de despedida: um gato. Bom, em realidade é uma cria, um indisciplinado gato chamado *Sunburst*, que se acredita que é um tigre. Está acostumado a sentir-se como em sua casa onde e quando quer. De momento, escolheu meu dormitório como sua residência. Apropriou-se dele e se nega a compartilhá-lo. Tivemos um ligeiro desacordo respeito ao uso da cama esta manhã. Desde aí os arranhões.

Em lugar de sorrir, Lucinda parecia preocupada.

—Possivelmente deveria jogá-lo antes que te ataque de verdade e chá faça mal.

—Acredito que posso me defender de um gatinho — respondeu Bryce cortante. — Além disso, não posso considerar que uns quantos arranhões sejam um ataque. Não se preocupe, estou bem.

—Seguro que há famílias com meninos que estariam encantados dê ter a seu gato.

De repente, Bryce deixou de sorrir.

—Não necessita uma casa — respondeu com um irracional arranque dê gênio. —Já tem uma. Além disso, jamais o daria, é um presente. Se o desse outra família, far-lhe-ia muito machuco ao Lily, ao Jane e aos meninos.

Lucinda pôs uns olhos como pratos do assombro, que logo foram substituídos pela compreensão.

—É obvio que o entendo. Se ferir os sentimentos das meninas, incomodaria lady Nevon, algo ao que não te pode arriscar. Ao fim e ao cabo, ela é uma cliente muito importante. Também é famosa por sua caridade. Agora que penso nisso, sua estratégia, a empatia que mostra para seu pessoal, é muito sensata. Já sei que é sincera, mas também sensata.

—Minha estratégia... —repetiu Bryce em um tom áspero. Logo exaltou lenta e cansativamente. —Lucinda, acredito que chegou à hora de partir. É tarde e tenho uma entrevista à primeira hora da manhã.

—Pois, claro. —Sempre a dama perfeita, ocultando sua decepção. Com um olhar rápido e sem entender nada, recolheu as saias e olhou a sala. —De todos os modos o baile terminará logo. Por que não avisa para que nos tragam o carro? Irei procurar lady Wilcox para me despedir.

—De acordo. —Bryce se girou, olhou a grande massa de assistentes e se dirigiu para o corredor. Esse entorno lhe fez refletir durante um breve instante. Uma festa opulenta, jóias preciosas, uma grande afluência, convidados notáveis.

Muitas pessoas, para nenhum propósito.

De repente, sentiu a necessidade de sair dali. Imediatamente.

—Bem vinda de novo, Gabrielle. —Thane saiu a recebidas pessoalmente e ofereceu a mão ao Gaby para ajudá-la a descer do carro.

—Obrigado, Thane, e não só pela bem-vinda — resmungou quando estava já de pé junto a ele. —Mas também por tudo.

—É um prazer. —inclinou-se para ajudar a sua tia a descer do carro e fez um gesto de lhe dar ânimos com a cabeça. —Hoje parece mais forte, Hermione. E logo terá melhor aspecto. A senhora Fife preparou uma grande comida; fez tanta quantidade que até pode que se rompa a mesa. Depois, o serviço planejou uma exaustiva tarde para o Gabrielle e para nós, se é que podemos seguir seu ritmo. A senhora Darcey organizou um comprido passeio pelo bosque, com paradas em todos os lugares onde tanto ela como Averley me asseguraram que se escondia Gabrielle. Depois, selarão a uma das éguas, Maiden, acredito que me há dito a senhora Darcey, às que Gabrielle adorava quando era pequena e irão dar um passeio.

—Uh... Maiden! —exclamou Gaby; sua mente se alagou de lembranças. —Sem dúvida era minha favorita, de membros largos e desajeitados, mas com um toque de graça e um sem-fim de energia. Papai me montou sobre ela quando provavelmente só tinha dois anos, certamente para deixar de me ouvir.

Thane sorriu ao Gaby.

—Bom, a estranha fase de juventude do Maiden já passou. Como você, já é adulta. Seus membros gorduchos e desajeitados agora são rápidos e fortes e sua graça se desenvolveu por completo. Seu nível de energia segue sendo o mesmo. É uma égua com muito talento que corre como o vento. Garanto-te que te vai encantar. Entretanto, se suas pálpebras ainda não começaram a fechar-se depois do passeio e de montar a cavalo, também prepararam um partido de croquet, ao que seguirá um muito necessitado lanche no jardim. —riu entre dentes. —Provavelmente dormirá todo o trajeto de volta a casa e durante toda a noite.

Ao Gaby lhe fez um nó na garganta pela emoção.

—parece fantástico — conseguiu dizer. —Estou impaciente.

—Bem. Não atrasemos o banquete que nos preparou a senhora Fife.

A comida superava em muito que Thane lhes tinha prometido. Servida por uma dúzia de rostos familiares e fiscalizada pela própria senhora Fife, consistia em cordeiro assado com batatas e cenouras — que Gaby em seguida recordou que era seu prato favorito de pequena— seguido de bolos de maçã, sempre suas comidas favoritas. Ao morder um desses agradáveis pasteizinhos, sorriu ao recordar todas as vezes que tinha rondado pela cozinha lhe atirando da saia a estandarte Fife para que lhe desse um recém tirado do forno.

Normalmente, o dava.

As lembranças de Gaby foram ainda mais longe durante o passeio que tinha organizado a senhora Darcey. Acompanhada pela própria ama de chaves — E por várias donzelas mais jovens às que tinham contratado quando à senhora Darcey começaram a

lhe fraquejar as forças— Gaby passeou pelas terras do Whitshire, recordando só costure agradáveis. Cada lugar onde se detinham desencadeava outra lembrança: a grande rocha que havia na fronteira do bosque, o grande arborizado, a saia de erva ao lado do rio, todos esses lugares recordavam a uma menina curiosa que sempre queria descobrir sítios novos ou interessantes.

Logo chegou o grande acontecimento da tarde: montar ao Maiden. A égua estava esplêndida, tal como Gaby recordava; a maturidade lhe tinha feito mais que elogiar sua beleza e espírito. Um moço de quadra a levou para evitar que fora aos estábulos e à zona onde vivia o serviço. A magnífica égua estava selada e lista para ser montada. Enquanto Gaby se aproximava, estirou sua cabeça de cor castanha para olhá-la.

Gaby ficou a seu lado, acariciou-lhe a crina e seu suave focinho. O modo em que levantou as orelhas quando pronunciou seu nome deixou claro que Maiden a tinha recordado.

—É você realmente, Gaby? —perguntou-lhe a moço que permanecia de pé e em silencio durante o encontro, mas que agora, para sua própria surpresa, atreveu-se a lhe falar e a olhá-la.

Gaby lhe olhou e suas pupilas se reduziram ao tentar adivinhar quem era. Devia estar perto dos trinta, tinha a tez avermelhada e um sorriso fácil. Havia algo nele que lhe resultava familiar, mas não podia recordar quem era.

Ao notar que não lhe recordava, sorriu-lhe e a faísca que iluminou seus escuros olhos fez que lhe reconhecesse.

—Thomas? —perguntou tentando identificar ao jovem moço de quadra de quinze anos que alimentava e dava de beber aos cavalos com o homem musculoso que agora a estava olhando com divertida incredulidade. —É você?

—É mais fácil me reconhecer a mim que a ti — respondeu ele tentando não olhá-la fixamente. —Quando Sua Excelência disse que vinha a nos visitar, supus que teria um aspecto muito distinto, mais alta, maior. Ao fim e ao cabo não te tinha visto desde que tinha cinco anos. Mas não esperava me encontrar com uma mulher feita e direita, formosa... —calou-se e se ruborizou ao dar-se conta de que se excedeu. —O sinto. É só que sempre te imaginei tal como foi: a pequena diabinha que sempre estava entre os pés de seu pai quando este tentava fazer seu trabalho. —Suspirou compungido. —Isso me faz me sentir velho.

Um sorriso iluminou os lábios do Gaby.

—Todos trocamos Thomas. Não somos velhos, mas sim maiores.

Thomas assentiu com a cabeça, enquanto removia o chão com a ponta de sua bota.

—Denning estaria muito orgulhoso de ti. Herdaste seu dom com os cavalos. Também te parece muito a sua mãe. —levantou a cabeça e a olhou, sentindo-se claramente incômodo. —Espero não te haver aborrecido ao te dizer isto.

—Absolutamente — lhe assegurou Gaby, afligida, mas de um modo profundo e tenro, não doloroso. —De fato, não posso imaginar melhor completo.

Voltou a assentir com a cabeça; logo Thomas se moveu de uma forma estranha assinalando ao Maiden.

—Posso te ajudar?

—Sim, obrigado. —Gaby se deslocou para o lado esquerdo do Maiden, aceitando a ajuda do Thomas para acessar a cadeira. —Lhes parece bem que eu vá sozinha a passear?

—Sim, suponho que não pode acontecer nada, posto que não monta escarranchado. Não deixe que Maiden tome o controle. Se ela acreditar que é a chefe, levar-te-á como uma bala. Antes que te dê conta, voará por cima de sua cabeça e aterrisará sobre vocês... —tossiu um pouco e se calou. —Bom já sabe o que quero dizer.

—Sim, assim é. —Gaby se tragou a risada e deu ao Maiden um tapinha. — Obrigado Thomas. Prometo não me entusiasmar muito.

Montando de lado ou não, a cavalgada foi deliciosa, um balé sem música. Gaby guiou ao Maiden pelos campos, desfrutando dos lugares conhecidos os que não tinham chegado ao passeio a pé: o delicado curso do rio, com seus meandros e os desvios que recordava ter tomado com seu pai tantas vezes quando tirava passear aos cavalos para que se refrescassem.

Essa lembrança não foi dolorosa, mas sim a encheu de uma grande sensação de paz e consolo.

Embora tivesse saudades a seus pais, ainda estavam vivos em um lugar muito querido de seu coração.

Possivelmente o doutor Briers tivesse razão e essa visita era o que necessitava.

Quando deixou ao Maiden, sentia-se renovada. Despediu com a mão ao Thomas e à égua enquanto se dirigiam para os estábulos, e logo que tinha recuperado o fôlego quando a senhora Darcey voltou a aparecer parra escoltá-la para a partida de croquet.

Ao finalizar a partida, Gaby se deixou cair agradecida em uma cadeira do jardim, tal como Thane havia predito. Estava esgotada; provavelmente se devesse mais à intensidade emocional que a tinha acompanhado ao Whitshire que ao esgotamento físico. Entretanto, alegrava-se de estar ali sentada junto às flores, inalando as fragrâncias do entardecer, tomando o chá em família e com amigos. Thane tinha tido a amabilidade e a perspicácia de convidar à senhora Darcey, à senhora Fife e ao Averley, para que tomassem o chá com eles, recordando que quando Gaby era pequena sempre tinha compartilhado suas comidas com os outros empregados, não com a família.

—Estes pães-doces são deliciosos — disse Gaby, dando um bocado. —E a tarde foi perfeita, justo o que necessitava. —Olhou a todos. —Obrigado. Graças a todos. Ajudaste-me a reviver muitas boas lembranças que tinha esquecidos.

—Alegramo-nos — disse a senhora Darcey entusiasmada — porque seu também nos proporcionaste belas lembranças. Foi um raio de luz em nossas vidas, Gaby.

—Revoltosa e rebelde, mas um raio de luz — disse a senhora Fife com afeto.

Gaby fez uma careta com os lábios.

—Causei-lhes muitas moléstias, verdade?

—A verdade é que sim — confirmou Averley. —perdi a conta de todas as expedições que tive que organizar para te buscar.

Thane sorriu sobre o bordo de sua taça.

—Tivesse-me gostado de estar aqui para ser testemunha dessas assombrosas façanhas. Minha vida em Oxford era bastante insípida e aborrecida.

—Às vezes a falta de novidades pode ser uma bênção — disse Gaby em um tom reflexivo. —É algo que aprendi em minha infância.

—Mais chá, Gaby... Perdoe senhorita Gaby? —perguntou Couling aparecendo de repente a seu lado.

—Sim, obrigado, Couling. —Levantou a taça, assentindo com a cabeça enquanto a preenchia. —Suponho que esse descobrimento é o resultado natural de fazer-se major — prosseguiu ela, olhando seu prato, mas sem vê-lo. —Aprendemos que a coerência, estar a salvo e sentir-se querido é muito melhor que qualquer aventura desconhecida. Ou possivelmente só nos damos conta disso quando se desmoronam os pilares de nossa vida e temos a sorte de encontrar a alguém que nos ajuda a construir outros novos.

Criou-se um tenso silêncio.

Gaby voltou para a realidade sentindo-se algo culpado, ao dar-se conta das caras de preocupação que havia a seu redor.

—me perdoem — murmurou. Inspirou profundo e se admoestou a se mesma por ficar tão triste. —Não pretendia seguir assim.

—Não te desculpe — se apressou a dizer tia Hermione para defendê-la. —Tudo o que há dito é certo. Nós que temos a sorte de amar e ser amados somos muito afortunados. Nunca temos que nos esquecer de nossas bênçãos. E você, Gaby, é uma delas, para meu e para todos os que lhe conhecem. —Estirou a mão para agarrar a do Gaby.

—Como o é você — sussurrou Gaby, estreitando seus dedos com os de sua tia.

—Acredito que já deveríamos retornar ao Nevon Manor — anunciou Hermione, como se um sexto sentido lhe tivesse advertido de fazê-lo se está fazendo tarde e Chaunce se preocupará se anoitecer e ainda não chegamos.

Anoitecer? Gaby levantou a cabeça e tudo dentro dela se oprimiu quando se deu conta de que começavam a cair as primeiras sombras pelos prados do Whitshire.

—Apesar da preocupação do Chaunce — prosseguiu tia Hermione inconsciente do medo que começava a sentir Gaby—, temos que pensar em ti Thane. Tivemos-lhe ocupado toda à tarde. Deve ter centenas de assuntos pendentes.

—Absolutamente — respondeu ele. —De fato, além da correspondência que devo atender, estou livre até manhã, que tenho uma entrevista, justo depois do café da manhã. —Inclinou a cabeça em direção ao Hermione. —Essa entrevista curiosamente é com o William Delmore do Delmore e Banks.

—Os assessores legais?

—O mesmo.

—Parece surpreso. Não têm sempre assuntos que tratar?

—Sim — respondeu Thane encolhendo-se de ombros. —Mas esta vez não sei do que se trata. Segundo a primeira correspondência que recebi do Delmore, ele e papai estavam fazendo uma transação quando morreu. Pelo visto necessitam minha assinatura em alguns documentos, mas desconheço por completo o assunto. Suponho que terei que esperar até manhã para acalmar minha curiosidade. De todos os modos — Thane trocou de tema, saltando-os preliminares— quando respondi ao Delmore lhe dizendo que estava de acordo com que viesse ao Whitshire, mencionei-lhe que tinha tido a oportunidade de conhecer um colega dele e que tinha tratado alguns assuntos legais com ele.

Tia Hermione se inclinou para diante; os olhos lhe brilhavam de interesse.

—Bryce?

—Sim, Bryce, é obvio. Delmore respondeu entusiasmado. Em sua nota de confirmação elogiou efusivamente ao Bryce, tanto por suas habilidades legais como por seu caráter — disse com um sorriso.

—Não me surpreende — declarou Hermione com orgulho em sua voz. — Agradada, mas não surpreendida. Obrigado por me dizer isso lhe disse lhe olhando.

—Obrigado por nos apresentar. Bryce é indubitavelmente um homem excepcional — respondeu Thane com um olhar significativo que só Gaby e Hermione podiam entender.

—Sim, é-o — confirmou Gaby esforçando-se por apartar o olhar do sol que se estava pondo. —Eu... Quer dizer, todos no Nevon Manor jogamos muito de menos.

—Logo retornará — disse Hermione com firmeza. —Disso estou totalmente segura. —E dito isso se levantou. —Vamos, Gaby, retornemos a casa.

Thane ajudou a sua tia a ficar em pé enquanto Averley se dirigia a ajudar ao Gaby.

—Aconteceu-lhe isso bem?—perguntou-lhe educadamente.

—Sim, muito. Todos foram maravilhosos.

—Espero que tenhamos completo nosso objetivo — acrescentou Averley. —Agora rezo para que todos seus fantasmas fossem dormir.

—Eu também. —recolheu as saias e inspirou algo inquieta, notando os frescos aromas do entardecer.

A opressão em seu peito se intensificou.

Afetar-lhe-ia sempre igual à noite no Whitshire? Perguntava-se tratando de fazer frente a seu pânico que ameaçava danificando um dia estupendo.

—Passa algo? —Era evidente que Averley tinha notado sua tensão e lhe brindou seu cotovelo para ajudá-la.

—Não, só estou cansada. E se está fazendo tarde... —interrompeu a frase, consciente de que não podia explicar seu medo incipiente.

—Farei que tragam em seguida o carro — disse Couling, e quando Gaby lhe olhou pôde ver que ele a estava olhando fixamente.

—Obrigado, Couling. Agradeço-lhe isso.

Aos dez minutos, em meio de um barulho de despedidas, Hermione e Gaby, está muito mais aliviada, subiam ao carro e iniciavam sua volta.

Uma figura solitária observava sua marcha pelo caminho. Com a frente cheia de suor, o observador se retirou à segurança das árvores com a mente agitada.

Maldita seja não me inteirei que nada salvo de que essa mucosa ainda tem algo dentro de sua cabeça. Ainda depois de ter acontecido todo este dia tão intenso, segue aí encerrado. Mas o que será? Seguro que é importante. Se só fossem as lembranças do incêndio, o dia de hoje a teria ajudado. Mas não foi assim. Então, o que estará lhe provocando esse sonambulismo que conforme parece se reatou depois da última visita? O que é o que recorda? Por que agora? E por que segue obstinada a essa maldita melodia da caixa de música?

Para já, ordenou-se mentalmente. Gabrielle Denning não é o mais importante, ao menos por agora. Tenho um problema mais iminente: Delmore. Vem aqui, ao Whitshire. Por quê? O que é o quererá?

Uma risada amarga. Essa é uma pergunta estúpida. Só havia uma razão pela que podia dever ver ao novo duque. Bom, essa reunião não pode chegar a produzir-se. Não posso permiti-lo. Tudo estalaria em meus próprios narizes. Tenho que lhe deter. William Delmore não pode chegar jamais ao Whitshire.

Capítulo 11

—Não se desanime milady — disse Chaunce amavelmente ao Hermione enquanto dava uma taça de chá. —Pode que os efeitos possíveis do dia de ontem ainda demorem algum tempo em notar-se.

Com um cansaço tão devastador como genuíno Hermione suspirou e se recostou na poltrona para sorver a revitalizadora bebida.

—Realmente crie que é possível? —perguntou olhando ao Chaunce com esperança.

—É obvio. —Chaunce jogou um olhar rápido à sala para assegurar-se de que a porta estava fechada e lhe pôs a mão no ombro ao Hermione.

—A senhorita Gaby o passou muito bem no Whitshire. Esteve falando toda à tarde de sua visita. Possivelmente estava muito cansada. Possivelmente foram muitas emoções para um só dia. Possivelmente uma visita não baste para rebater a dor que lhe está provocando seu sonambulismo. Alguma ou todas essas circunstâncias podem ser as causadores do episódio da passada noite. Não podemos abandonar.

Hermione sorriu e lhe deu uns tapinhas na mão.

—Conhece-me muito bem meu amigo. Nunca me rendo.

—Alegra-me ouvir isso — disse Chaunce com um tom um pouco mais tranquilo. — De qualquer modo, a senhorita Gaby está dormindo nestes momentos. Fui a comprová-lo faz uma hora.

—A esse maldito pássaro carpinteiro vale mais que não lhe ocorra despertá-la — grunhiu Hermione olhando o relógio que havia sobre a chaminé. —Logo que são as oito.

Eram às cinco e meia quando Gaby por fim se tranqüilizou o suficiente para dormir. Precisa descansar. Com um pouco de sorte, Alarido terá desistido de esperá-la e se partiu a fazer diabruras à outra parte.

— Assim é, senhora — lhe assegurou Chaunce. — As seis em ponto me encarreguei pessoalmente de afugentar o ramo que dá à janela da senhorita Gaby. Não lhe tem feito muita graça, mas obedeceu.

Para ouvir isso, Hermione riu entre dentes; a primeira risada autêntica de uma hora antes do amanhecer, quando uma voz interior a tinha despertado e tinha feito que saísse da cama. E com razão. Sei tinha posto sua bata e se dirigiu ao salão onde tinha encontrado ao Chaunce conduzindo ao Gaby totalmente desorientada e angustiada de volta a suas habitações.

Outro episódio de sonambulismo. Depois de uma deliciosa tarde no Whitshire. Não tinha nenhum sentido.

Tinha que haver algum modo de pôr fim a essa loucura. Algo tinha que ajudar ao Gaby para que acabasse sua agonia.

Algo... Ou alguém.

— Houve ontem alguma notícia do Bryce? — perguntou de repente Hermione. — Gaby e eu estivemos quase toda à tarde no Whitshire. Tentou contatar conosco?

Chaunce pigarreou.

— Não, diretamente, não. Entretanto, minhas fontes me dizem que cancelou todas suas entrevistas para a segunda metade da semana, começando pela de depois de amanhã. O que me conduz a acreditar...

— Que volta para casa conosco — terminou a frase por ele Hermione. — OH, Chaunce, essa seria a melhor medicina para o Gaby. Necessita-lhe, muito mais do que pensa. Muito mais do que eu pensava, até que Gaby e eu tivemos uma pequena conversa o outro dia. Está-se apaixonando por ele, como eu tinha rogado que acontecesse. E ele...

— Está experimentando emoções similares — disse Chaunce com ar triunfal. — Bom seguro que está lutando contra elas. Mas sem muito êxito. O mordomo dos Wilcox me contou que o baile em casa de lorde e lady Wilcox estava só na metade quando o senhor Lyndley e Lucinda se retiraram rapidamente, e isso depois de que o senhor Lyndley se passasse grande parte da velada no balcão, olhando às estrelas. Sozinho, tenho que acrescentar.

— E que tem que a senhorita Talbot? — perguntou Hermione esperançada.

— De volta em sua casa estranhamente cedo. Como aconteceu a noite do balé, do teatro e do concerto.

— Excelente. — Hermione não podia dissimular sua satisfação em seu tom. — Já me sinto melhor. — Seu sorriso se desvaneceu. — Só me assustaria saber o que é o que lhe está provocando ao Gaby estes terríveis episódios noturnos. Ontem à noite foi desanimador. Necessitou aos dois para deter suas lágrimas e acalmá-la o suficiente como para que se voltasse a dormir. Era como se a levassem os demônios, disposta a sair da casa e a

emendar os destroços do incêndio. OH, Chaunce. E se o doutor Briers se equivoca? E se a visita ao Whitshire não a ajudou? O que faremos?

—Não temos que pensar desse modo, milady. É muito logo para chegar a uma conclusão. Além disso, embora o doutor Briers esteja equivocado, ainda ficam nossas preces. Também temos um esplêndido herói para que deva resgatar à senhorita Gaby.

Hermione moveu afirmativamente a cabeça, entrelaçando os dedos e apertando os lábios.

—Tem razão. Muita razão. —Seu olhar se dirigiu à janela. —Só espero que Bryce se dê pressa.

Bryce tinha a intuição de que lhe necessitavam. “Franziu o cenho e se deteve diante dos escritórios do Delmore & Banks» olhando instintivamente acima e abaixo da rua como se lhe tivessem chamado verdadeiramente.

Quão único viu foi o habitual fluxo de homens de negócios que percorriam essa ocupada zona do Fleet Street.

Arrumou-se o colete e prosseguiu girando até chegar à porta do despacho de advogados. Pode que fora sua imaginação, mas de repente sentiu uma tremenda preocupação pelos residentes do Nevon Manor. Bom, logo o averiguaria. Hoje tinha uma reunião com o Banks, e ficava um dia e meio com uma ocupada agenda de entrevistas — quer dizer, quatro dias de trabalho condensados em dois. —Depois, poderia abandonar Londres para retornar ao Nevon Manor.

Por mais razões das que queria reconhecer.

Entrou na sala de espera e se aproximou da mesa do secretário para anunciar sua chegada e perguntar se o senhor Banks já estava preparado para começar. De repente se deteve.

Passava algo terrível.

Um clima de pânico alagou a sala, embora estivesse vazia; de fato inusualmente vazia para ser quase a uma do meio-dia. Entretanto, justo além do escritório que dava à rua, ouvia-se um barulho de vozes desconsoladas e ruído de movimento, que Bryce pensou que era porque o senhor Banks chegava ao escritório.

Girou a cabeça para ver o que acontecia.

Na porta de entrada havia dois homens com cara lúgubre cujos uniformes proclamavam claramente que eram do departamento de polícia de Londres. Um deles escrevia rapidamente em um bloco de papel de notas, enquanto que o outro realizava um interrogatório, aparentemente grave, ao Banks e a seu secretário; ambos estavam pálidos e visivelmente afetados, e o secretário parecia que ia deprimir se de um momento a outro.

Era evidente que acontecia algo grave.

—Frederick? —perguntou Bryce cautelosamente. —Posso lhe ser de alguma utilidade?

O advogado calvo se precaveu da chegada de Bryce e lhe indicou que se aproximasse.

— trata-se do William — anunciou muito nervoso; sua voz tremia ao dizer o nome de seu sócio, William Delmore. — Lhe assassinaram

— Assassinado? — Bryce retrocedeu como se lhe tivessem atirado um golpe. — Quando?

— Esta manhã. A polícia encontrou seu corpo. Acabam de chegar... — Banks se calou e tirou um lenço para secá-la frente.

— Posso lhe perguntar quem é você, senhor? — disse-lhe um dos policiais.

— Meu nome é Bryce Lyndley. Sou advogado. O senhor Banks e eu tínhamos uma entrevista a uma em ponto. — Lhe disparou a mente. — Como aconteceu? Quem pôde fazer semelhante coisa?

— Parece obra de um ladrão, senhor. Havia indícios de roubo; ao senhor Delmore lhe faltava o relógio e o dinheiro.

— Um ladrão a plena luz do dia? Onde aconteceu?

— Um transeunte encontrou o carro abandonado a umas vinte milhas daqui, no Hertford, por volta de onde se dirigia para uma entrevista a primeira hora da manhã. Avisou à polícia local e este começou a busca. Achou o corpo sem vida do senhor Delmore na zona de bosque próxima da estrada. Tinham-lhe disparado e conforme parece lhe tinha miserável para o bosque; logo lhe despojaram de seus objetos de valor e lhe abandonaram.

— Hertford — repetiu Bryce. Um inexplicável e repentino pressentimento fez que lhe fizesse um nó no estômago e voltou a dirigir-se ao Banks. — A quem ia visitar Delmore?

— Ao duque do Whitshire — respondeu Banks, nomeando uma das duas propriedades que Bryce esperava não ter que ouvir. — Este pesadelo teve lugar a umas duas milhas da mansão do duque.

— Maldita seja! — exclamou Bryce contendo a respiração. — Sabe Thane?

— Não sei. Suponho que sim. Nestes momentos, a notícia deve ter chegado para ouvidos do meio Hertford. — Banks seguia secando a frente balbuciava e estava desorientada. — Lembrança que o duque o mencionou a você em sua última nota ao William. Dizia algo respeito a que tratássemos os negócios conjuntamente.

— Sim — confirmou Bryce bastante tenso. — Frederick, levava William alguma quantidade de dinheiro importante?

— Não, que eu saiba — respondeu detrás fazer uma pausa.

— Isto não tem sentido. — Bryce se girou para o oficial de polícia mais major. — O carro do senhor Delmore é modesto, não leva nenhum emblema que possa lhe confundir com um nobre. Por que escolheria um ladrão lhe roubar a ele quando o duque do Whitshire vive só a umas quantas milhas do lugar? Sem dúvida, seria mais razoável esperar a que saísse o duque e assegurar o bota de cano longo.

O oficial franziu o cenho.

— Isso é o que estamos tentando determinar, senhor Lyndley. — Cruzou os braços diante do peito. — Você há dito que conhecia duque?

—Sim, como acaba de mencionar o senhor Banks, tive a oportunidade de colaborar com Sua Excelência. Também me encarrego dos assuntos legais de sua tia, lady Hermione Nevon. —Mas ao Bryce uma voz interior dizia que havia algo que não encaixava. — Frederick, que assunto tinha que tratar William com o Thane?

Banks juntou suas mãos suarentas.

—tratava-se de uma propriedade do falecido duque. Bom, não posso divulgar os detalhes sem a permissão do Whitshire. Mas lhe direi que só tinha que assinar alguns documentos; não havia dinheiro em efetivo, ao menos no momento.

—Onde estão os documentos que William levava ao Whitshire?

—Tenho-os eu — respondeu Banks. —A polícia os resgatou junto com alguns efeitos pessoais do William. —ficou sem voz e apartou seu olhar umedecido pelas lágrimas.

—Teria alguma objeção em que fora eu quem os levasse ao Thane? —insistiu Bryce. —Lhe dou minha palavra que os depositarei diretamente em suas mãos sem abri-los.

—Nós queríamos fazer isso, senhor Lyndley — disse o policial mais jovem. — Estamos tão interessados como você em escutar o que o duque tem que dizer em relação aos mesmos.

Bryce moveu a cabeça e olhou aos dois policiais fixamente.

—Não me cabe a menor duvida ao respeito — admitiu, reconhecendo que necessitava uma tática distinta.

—Permitam-me que lhes pergunte se lhes importaria que acompanhasse ao Whitshire? Posto que tenha amizade com o duque e a tinha com o senhor Delmore, pode que lhes ajude a determinar se for possível que haja alguma conexão entre a morte do senhor Delmore e qualquer que fora o assunto que devia tratar com Sua Excelência.

O policial mais jovem olhou a seu companheiro. O mais major se encolheu de ombros.

—Por mim não há inconveniente, embora pessoalmente acredite que é uma perda de tempo para você. Faltando o relógio e o dinheiro, é bastante evidente que se trata de um roubo. Não obstante, não passa nada por contemplar todas as possibilidades. O único problema é sua agenda; pode que para você não seja possível abandonar Londres com tanta rapidez, quer dizer, estar de caminho ao Hertford em uma hora. Temos que lhe fazer umas quantas perguntas mais ao senhor Banks e a seu secretário e depois partiremos para a estação de ferrovia.

—Tenho uma idéia — disse Bryce. —Cancelarei minhas entrevistas, recolherei umas quantas coisas e estarei de volta em uma hora. Tinha intenção de ir ao Whitshire e ao Nevon Manor há passar vários dias por volta do final da semana. Simplesmente reorganizarei meus planos e partirei hoje. Assim poderei lhes levar até o Whitshire em meu carro e só terão que agarrar o trem para retornar.

—Parece-me bem.

—Bem. —Bryce olhou ao Banks. —Dará esses documentos aos oficiais?

—É obvio. —Banks lhe estreitou a mão; seu olhar perdido era um claro indicativo de que ainda estava em estado de choque. —Obrigado, Bryce. Não posso pensar com clareza. —Fez uma pausa. —William e eu tínhamos sido sócios durante mais de vinte e cinco anos e ainda não me posso acreditar que... —Lhe entrecortou a voz.

—Entendo. —Ele também estava muito afetado. —Farei tudo o que esteja em minhas mãos para lhe ajudar.

Retornou a seu escritório para enviar as mensagens de cancelamento de suas entrevistas que tinha consertado para os dois dias seguintes e para lhe enviar uma breve nota explicativa a Lucinda. Só lhe dizia que tinham assassinado ao Delmore, e que como resultado desta desoladora e inesperada tragédia, lady Nevon e seu sobrinho necessitavam conselho.

Enquanto selava a nota, Bryce sorriu com ironia. Não lhe preocupava a reação da Lucinda. Pensava que a ela nada poderia satisfazê-la mais que o fato de que ele permanecesse retido por lady Hermione Nevon, salvo que fora o próprio duque do Whitshire quem o retivera. Por conseguinte, qualquer inconveniente que surgisse como resultado desta inesperada viagem ao Hertford, Lucinda o veria como algo que merecia a pena o esforço.

Bryce passou por seu domicílio, pôs umas quantas coisas em uma mala — incluídas as duas páginas de respostas que tinha escrito para o Peter—, recolheu ao Sunburst e partiu.

Quinze minutos depois, estava de volta no Delmore & Banks, e aos dez minutos, ele e os oficiais estavam de caminho para o Hertford.

Os olhos do Couling pareciam pratos quando abriu a porta da mansão do Whitshire essa tarde e viu dois homens uniformizados escoltando ao Bryce.

O mordomo se recuperou rapidamente e deixou entrar nos três cavalheiros.

—Senhor Lyndley. Espera-lhe Sua Excelência?

—Não, Couling, não me espera. —Bryce assinalou a seus acompanhantes. —Mas se trata de um assunto urgente, assim poderia avisar ao duque de nossa visita?

—É obvio. —Sem dizer nada mais, Couling se deu a volta e obedeceu.

Não tinham acontecido nem três minutos que Thane já estava no vestíbulo.

—Bryce. —Saudou-lhe algo tenso e sua sórdida expressão indicava que já se inteirou do Delmore. —Passa. —Em seguida olhou aos policiais, e sua pergunta foi direta ao assunto. —Se trata do assassinato do Delmore?

—Se, Sua Excelência, assim é. —O homem mais major pigarreou para esclarecê-la garganta.

—Thane, este é o oficial Dawes — disse Bryce, apresentando aos agentes cujos nomes tinham conhecido durante o trajeto. —E este é o oficial Webster. Estão investigando a morte do Delmore. Eu tinha uma entrevista com o Banks à primeira hora da tarde. Por isso me inteirei que o aconteceu e da quem ia ver Delmore quando foi

assassinado. Tomei-me a liberdade de acompanhar ao Dawes e ao Webster ao Whitshire. Espero que não te importe.

—me importar? Sinto-me mais tranqüilo. — Thane se via notavelmente mais depravado. —Cavalheiros, podemos falar em meu estudo — Lhes indicou o caminho e fechou firmemente a porta detrás deles

—Posso lhes oferecer algo?

—Não, senhor. —Dawes moveu a cabeça e se tirou uma caderneta de notas. —Lhe pedimos desculpas por vir a lhe incomodar. Por isso pudemos comprovar é um claro caso de roubo. Entretanto, temos que nos assegurar disso, poderia nos dizer a razão da visita do Delmore?

Thane franziu o cenho.

—Não estou muito seguro de que possa lhes ajudar nisso. O único que me havia dito Delmore em sua nota era que se tratava de uma transação que meu pai tinha iniciado antes de seu falecimento e que requeria minha assinatura em uns documentos.

—Então, estes devem ser os documentos. —Dawes tirou o sobre selado. De novo, lhe notou incômodo. —Lhe importa que fiquemos até que os abra?

—Claro que não. — Thane abriu o selo e tirou os papéis. Sua expressão de desconcerto aumentava à medida que ia revisando. —Segundo estes papéis, meu pai estava a ponto de vender um iate que tinha comprado por volta de alguns anos. O senhor Delmore necessitava minha assinatura para completar a venda.

—E isso lhe causa algum problema?

—Algum problema? Não. Para ser sincero, nem sequer sabia que meu pai tivesse um iate; mas tenho que lhes dizer que só conhecia a metade das posses de meu pai. — Olhou brevemente ao Bryce. —Agora, estou-me dando conta de sua imensa fortuna. Mas se me estão perguntando se nestes documentos vejo algo estranho, dir-lhes-ei que não, quer vejo quer não. Bryce? —Entregou-lhe os documentos a seu irmão.

Bryce os revisou.

—Isto parece um contrato de compra—venda padrão. O defunto duque era evidente que tinha decidido desprender-se de seu iate, devido a sua enfermidade, diria eu, a julgar pela recente data que consta nestes papéis. O preço que pede me parece mais que razoável, de fato, até generoso, assim como os termos do contrato. Delmore era seu comprador; pode que o comprasse para uso próprio ou como um investimento temporário, aqui não o especifica. O certo é que nestes momentos não havia nenhuma outra parte implicada.

Bryce voltou a entregar o documento ao Thane e se encolheu de ombros.

—Não é uma transação que implique uma grande soma de dinheiro. Em qualquer caso, eu diria que era Delmore quem estava interessado nesta reunião. Provavelmente suporia que quereria deixar atados todos os cabos soltos referentes às propriedades de seu pai o antes possível. Assim esperou um período de tempo razoável depois da morte do duque e logo contactou contigo para tratar este assunto.

—De modo que você não vê nada que possa vincular seu assassinato com este documento? —perguntou Dawes.

—Não.

—Bom isso é tudo — disse Dawes fechando sua caderneta e colocando-a de novo no bolso de seu casaco. —A visita do senhor Delmore era puramente rotineira e nada tem que ver com o acontecido, o qual faz que seu assassinato seja um desafortunado caso de encontrar-se no lugar equivocado no momento equivocado. —Fez-lhe um gesto a seu companheiro. —Retornemos Webster. Já incomodamos bastante ao duque. —Olhou ao Bryce rapidamente. —Você fica aqui senhor Lyndley?

—Sim. —Bryce voltou a olhar os papéis para verificar que não se escapou nenhum detalhe importante.

Se havia algo duvidoso, seguro que o detectaria. Então, por que seu instinto lhe dizia o contrário?

—Darei ordem a meu chofer para que lhes leve a estação de ferrovia — disse Thane aos policiais.

—Obrigado, senhor — respondeu Webster. —Muito amável por sua parte.

Thane chamou o Couling, que fez trazer o carro em seguida.

Aos poucos minutos Dawes e Webster saíam do estudo fechando a porta detrás de si.

—Não sei como te dar as obrigado por ter vindo — lhe disse Thane assim que estiveram a sós. Dirigiu-se para o aparador, serve duas taças de brandy e lhe deu uma a seu irmão.

—Alegra-me que me diga isso. —Bryce deixou de revisar o documento antes de se sentar e tomar o primeiro sorvo de brandy. —Estava um pouco preocupado por que pudesse pensar que me estava entretendo. Mas quando me inteirei de que Delmore vinha para o Whitshire... Em seguida pensei em ti. E também no Hermione. Sabe algo ela?

—Sim. — Thane se passou a mão pela nuca e se sentou cansativamente no sofá. — O notifiquei assim que me inteirei. Como pode imaginar está desolada. Mas tinha que informada. As estradas já não são seguras para viajar.

—Felizmente, os residentes do Nevon Manor estranha vez saem de casa — disse Bryce em voz alta.

—Raramente, sim — replicou Thane. —O irônico e aterrador do caso é que ontem foi uma dessas exceções.

—Como é isso?

—Hermione e Gabrielle vieram aqui ontem pela tarde.

A notícia lhe deixou atônito.

—Há dito que Gabrielle esteve aqui?

—Sim. —Thane movia a taça entre suas mãos, olhando fixamente a seu irmão. — Sei que te surpreende, depois de sua exagerada reação depois da última visita. Sei o de seu sonambulismo, assim como que impediu que se fizesse mal em duas ocasiões. Hermione me contou — acrescentou isso Thane, observando a expressão de assombro de

Bryce Explicou-lhe a sugestão do doutor Briers e a decisão do Gabrielle de tentá-lo. —Foi muito valente — disse ele. —Ao chegar ao Whitshire tinha os nervos destróçados, entretanto se obrigou a seguir adiante com o experimento.

—Como foi à visita? —perguntou Bryce, sentando-se no bordo da cadeira.

—me pareceu que muito bem. O serviço se esmerou muito para que Gabrielle tivesse um dia feliz. Tampouco foi muito difícil e ninguém pôs nenhuma objeção. É evidente que todos a adoravam quando era pequena. Suas histórias me faziam sentir vontades de ter estado aqui para ver essa pequena fantasia de diabo fazendo suas travessuras, lhes impedindo de fazer suas tarefas, escondendo-se em inumeráveis esconderijos — Riu entre dentes. —Seja como for, os esforços dos serventes pareciam dar resultado. Gabrielle estava relaxada, sorridente, não como quando está no Nevon Manor, é obvio, mas quase. Thane pôs de novo cara de preocupação. —Até que começou a ficar o sol. Então voltou a ficar tensa. Hermione o notou em seguida e partiram.

—Tenho que me assegurar de que está bem — disse Bryce ficando em pé. —Entre a visita ao Whitshire ontem e ato seguido este assassinato, estou seguro de que Gabrielle deve estar muito nervosa. —Deixou sua taça. —Também deve está-lo Hermione. —Olhou ao Thane interrogativamente. —Importa que vá agora? Retornarei o antes possível assim que me tenha assegurado de que...

Thane lhe fez um gesto de despedida, levantou-se e cruzou a habitação.

—Não. Não volte. Fica no Nevon Manor. Por isso tenho entendido, acredito que tem um dom inigualável para tranquilizar a seus residentes. E Deus sabe que o necessitam com o que aconteceu. Além disso. Tenho um montão de papéis que revisar. Passarei a tarde ordenando minha mesa de despacho, irei ao Nevon Manor amanhã há primeira hora. Que te parece?

—Excelente. Então poderemos prosseguir com o tema do iate de seu pai.

—Há algo que se preocupa, verdade?

—Sim. O problema é que não estou seguro do que se trata. Além do fato de que não conhecesse a existência do mesmo.

Thane estava de pé com um escuro objeto em sua mão.

—Como nós dois sabemos, há muitas coisas sobre meu pai que não conhecemos. — Estendeu o braço e lhe ofereceu a pistola que tinha na mão. —te Leve isto. Ninguém deve viajar desarmado até que capturem ao assassino.

—Estou de acordo. —Bryce aceitou a arma. —O ladrão ou quem quer que tenha cometido esse crime.

Chaunce abandonou seu posto assim que viu o tão esperado carro pelo caminho. Apressou-se ao vestibulo e abriu a porta da sala de estar onde Gaby e Hermione estavam tomando chá.

—Sim, Chaunce? —respondeu Hermione, intensificando-se sua palidez ao ver o pouco habitual nervosismo do Chaunce. Com as terríveis notícias desta manhã, que só tinha compartilhado com ele, e sua conduta atípica, fez que seu coração se sobressaltasse.

—aconteceu algo mais? —Hermione olhou angustiada ao Gaby, a que não lhe havia dito nada devido à má noite que tinha passado. Estava pálida, esgotada e por isso tinha tomado essa decisão.

—Não, senhora. —Chaunce leu imediatamente o pensamento do Hermione e a tranqüilizou ao fazer insistência na natureza positiva de sua intrusão, recuperou sua compostura e uniu as mãos detrás das costas. —Ou, mas bem, sim, aconteceu algo, mas sem dúvida não é negativo. De fato, justamente o contrário. Queria que soubesse que...

—Está aqui! —interrompeu Peter. Passou pela sala de estar correndo, sem logo que lembrar-se de sua claudicação, apareceu à cabeça e lhe brilhavam os olhos enquanto pensava o que ia dizer. —Acabo de ver seu carro pelo caminho! Tornou!

Dito isto, desapareceu; suas pegadas se ouviram até a porta de entrada, junto com seus repetidos anúncios de «Está aqui! Tornou!».

Ouviram-se portadas por toda a casa. Gente correndo em todas as direções até reunir-se no vestibulo.

Hermione se levantou, olhou ao Chaunce com os olhos muito abertos e esperançados.

—Sim milady — confirmou o mordomo com um sorriso. —É o senhor Lyndley. Eu mesmo vi como se aproximava seu carro.

—Graças a Deus! —murmurou Hermione, que quase cai para ouvir a notícia; em seguida se recuperou e se dirigiu para a porta. —chegou antes do que esperava, mas dadas as circunstâncias, posso entender a razão pela que trocou seus planos Y... —deteve-se e olhou de novo angustiada ao Gaby.

Não necessitava mais preocupações. Era evidente que Gaby não tinha emprestado atenção às palavras de sua tia, se é que tinha chegado para ouvi-las. Seu olhar perdido e angustiado, e sua palidez se esfumaram. De repente, suas bochechas se ruborizaram, seus olhos brilhavam. Sentou-se, olhou esperançada a sua tia; o entusiasmo emanava dela como uma formosa melodia.

Com um sorriso deslumbrante se apressou para a porta.

—Devagar, carinho — lhe disse Hermione, enquanto levantava a palma em um gesto de detê-la. —lhes Dê a outros a oportunidade de lhe saudar. Guarda o melhor para o final.

Gaby se deteve e pôs cara de sentida saudades.

—Crie que deveria ficar dentro?

—Não, é obvio. Acredito que deve sair a lhe saudar, mas ao final. No momento acredito que deve ir só até o vestibulo perto da entrada. Logo contar até cem. Nesse momento, acredito que terá a oportunidade perfeita de sair a saudar o Bryce do modo que lhe dite isso seu coração.

—Mas...

—Confia em mim, Gaby — lhe disse Hermione, acariciando a sua sobrinha na bochecha. —Faz o que te digo.

Dizendo isto, girou-se e fez ao Chaunce um gesto triunfal com a cabeça; logo se apressou para a porta enquanto ele a abria para que passasse.

Tinha que dar a bem-vinda convenientemente ao Bryce e organizar a ordem em que deviam seguir as saudações.

Logo que tinha descido de seu carro quando a porta principal da mansão se abriu de repente e Peter saiu conduzindo ao Jane, Lily, Henry e Charles em uma desenfreada carreira em meio de um coro de «Senhor, Lyndley! Senhor Lyndley!».

Justo detrás estavam Cok e a senhora Gordon, ambas as resplandecentes enquanto se apressavam pela escada e lhe faziam gestos de bem-vinda. A senhora Gordon estava tão entusiasmada, que se meteu diretamente no canteiro que havia juntado ao caminho, e quando se deu conta do que tinha feito, encolheu-se de ombros com total despreocupação.

Depois disto, a porta de entrada parecia que fora a explorar pelas dobradiças quando começou a sair todo o pessoal do Nevon Manor, gritando suas saudações e ondeando as mãos. Wilson saiu do jardim, tirando o barro da cara, enquanto tentava averiguar o que era o que estava passando. Assim que se deu conta, abandonou seu trabalho e se foi correndo ao caminho, quase colidindo com o Godsmith, que vinha da garagem, tentando grampeá-los botões de sua uniforme nas casas corretas.

Ficou sem fala com ver a cena que tinha lugar ante seus olhos.

Muito comovido para encontrar palavras, seu olhar ia de um rosto alegre a outro, absorvendo seu entusiasmo genuíno por sua volta e admitindo pela primeira vez quanto tinha sentido falta da os residentes do Nevon Manor.

Gaby tinha razão, pensou em um momento de introspecção. Não eram só eles quem lhe necessitava. Ele também lhes necessitava. «trouxe-se para o Sunburst!» Foi Lily quem rompeu essa introspecção com sua exclamação em voz alta, enquanto *Sunburst* aparecia à cabeça pelo carro, curioso ante tanto revôo.

— Assim é — afirmou Bryce. — Não podia passar mais tempo sem lhes ver.

Como se queria lhe contradizer, o gatinho se encolheu ao ver o crescente número de pessoas e reconsiderou suas intenções iniciais procurando recolher-se de novo na tranqüila segurança do carro. Mas antes que tivesse tempo de esconder-se, as meninas o apanharam, abraçaram-lhe e lhe prometeram reunir-se com seus irmãos e irmãs. Era evidente que a combinação de afeto e promessas funcionou, porque ao momento *Sunburst* estava ronronando felizmente nos braços do Lily.

— Senhor, Lyndley! — exclamou Peter ruborizado pelo esforço de abrir-se passo. — cuidei muito bem seus livros. Inclusive tentei ler alguns deles.

— Excelente — disse Bryce lhe pondo uma mão em seu ombro e já encontrando um momento para ter um bate-papo sobre temas legais. Uma muito larga, imagino, posto que te tenho escrito as respostas a suas perguntas sobre a *Ata de Educação Elementar*.

— De verdade? — Peter sorriu. — Pode ser esta noite?

— Não vejo por que não. — Bryce se tocou o bolso do casaco. — Fixaremos uma hora para nos reunir depois do jantar. Apontar-me-ei isso em minha nova caderneta para não me esquecer.

A euforia que desprendiam os olhos do moço deixava sem palavras.

— Bem vindo a casa, Bryce — disse Hermione baixando os degraus com a graça digna de uma rainha e com os braços estendidos para lhe saudar. — Lhe jogamos muito de menos.

— Como eu a você — respondeu Bryce, inclinando-se para beijá-la na bochecha. — Se encontra bem? — perguntou-lhe preocupado.

— Agora, sim.

— Thane me disse que tinha falado com você. Contou-lhe ao serviço...?

— Não — respondeu com um rápido movimento de cabeça. — Falaremos do assunto a sós. — de repente fez uma pausa e olhou fixamente sobre seu ombro. Então, levantou o queixo com determinação, apartou-se e deu umas palmadas de atenção. — Por favor, quero que todos me escutem. Deixemos que o pobre senhor Lyndley se acomode. Logo teremos tempo para conversar com ele. — Hermione olhou ao Bryce fixamente, enquanto todos obedeciam a suas ordens, embora a inapetência e foram entrando na casa. — O teremos, verdade?

— Sim, Hermione — respondeu categoricamente. — O teremos.

— Fantástico. — Assentiu com a cabeça, voltou-se para o Chaunce, que agora estava a seu lado, e que aproveitou o momento para lhe saudar pessoalmente. — Fará que subam a bagagem de Bryce a suas habitações?

Intercambiaram olhadas.

— É obvio senhora — lhe confirmou Chaunce. — Vá dentro com outros. Encarregar-me-ei de que a habitação do senhor Lyndley esteja a ponto. Logo recolherei a bagagem. — Jogou uma olhada à zona ao redor do caminho, que agora estava em silêncio, enquanto o último dos meninos, e *Sunburst*, dirigiam-se para a casa.

Uma vez tranqüilo, girou-se e ofereceu seu braço ao Hermione.

— Acompanhá-la-ei pela escada.

— Eu posso fazê-lo — disse Bryce.

— Não, não. — Hermione já se agarrou ao braço do Chaunce e estava subindo. — Espera aqui enquanto preparamos as coisas para sua chegada.

— Muito bem. Mas só me diga como vai...

— Falaremos em uns minutos. Tenha paciência. — Depois destas palavras, Hermione entrou na casa com o Chaunce, lhe falando em voz baixa ao menos de onde se encontrava Bryce—... Os dois estão tão impacientes.

Franziu o sobrecenho desejando ter tido a oportunidade de perguntar pelo Gaby e perguntando-se por que sempre que chegava a esta casa tinha a sensação de estar formando parte de alguma complexa trama.

Um raio de cor captou sua atenção, e quando levantou a cabeça viu o Gaby aparecendo pela porta, lhe observando com uma estranha incerteza.

—Olá Bryce — disse ela com um tímido sorriso.

—Gaby. —ficou tão desconcertado pela emoção que lhe bloqueou o peito, e avançou para ela sem dar-se conta do que estava fazendo. —Estou tão contente de verte. Não podia evitar a sensação de que me necessitava e que não estava aqui para... —calou-se ao dar-se conta da absurda que lhe parecia sua atitude.

Era evidente que Gaby não pensava o mesmo. Todas suas dúvidas se esfumaram, recolheu-se sua saia de cor verde lima e desceu pela escada, sem deter-se até estar justo diante dele.

—Te senti falta de — lhe confessou com doçura.

Bryce não respondeu. Simplesmente reagiu. Sem pensá-lo, foi a por ela, estreitou-a contra ele e pôs seus lábios sobre sua cabeça.

—Eu também te senti falta de — lhe disse fervientemente.

Gaby jogou atrás a cabeça; esses olhos de cor azul clara que lhe tinham açoitado em seus pensamentos agora lhe olhavam profundamente.

—De verdade?

—Sim.

—Bem — disse com um grande sorriso.

Ao olhar seus formosos rasgos, Bryce pôde vislumbrar as sombras de cansaço que tinha sob seus olhos, as marcas da tensão ao redor de sua boca. O que as tinha provocado? Perguntou-se. Era o sonambulismo ou a notícia da morte do Delmore? Não se atreveu a lhe perguntar, no caso de Hermione tinha preferido guardar silêncio respeito ao assassinato.

Gaby tirou o Bryce de suas reflexões com sua pergunta.

—Beijou-me para te despedir. Não vais beijar me para me dar à bem-vinda?

Uma risada espontânea saiu de seu peito.

—Pensava que acabava de fazê-lo.

—Na cabeça? Isso não foi um beijo. Até eu sei — respondeu ela em tom de brincadeira. —OH, já sei que você não gosta de atuar impulsivamente. Entretanto, fê-lo uma vez. Não poderia fazer outra exceção.

Aparentemente podia, porque o que fez a seguir surgiu de não sabia onde, mas certamente, não de sua mente. Tomou seu rosto entre suas mãos, baixou sua cabeça e a beijou.

Este beijo foi lento, deliberado, sem a brutalidade ou a incerteza do anterior. Começou como uma tenra carícia que logo se intensificou, convertendo-se em um pouco mais compulsivo e apaixonado. Bryce, sem dizer nada a estreitou mais entre seus braços e insistiu até que notou que seus lábios se relaxavam e começavam a ceder sob sua suave pressão.

A língua de Bryce reclamava a do Gaby, e esta com um suspiro tremente lhe abraçou ainda com mais força e respondeu a sua petição silenciosa entregando-lhe e tomando a sua em troca. Durante um breve instante a realidade se deteve, ficou em alguma longínqua parte da mente do Bryce, lhe permitindo desfrutar deste momento

maravilhoso e totalmente irracional. Estreitou-a de novo contra ele, agora enredando seus dedos entre seu cabelo e beijando-a com um desesperado desejo que parecia aumentar em lugar de diminuir, e que lhe invadia de uma dor infinita.

Uma dor que palpitava não só através de toda sua alma, mas também de suas vísceras.

Essa dor lhe devolveu à prudência de repente.

Com férrea determinação apartou sua boca dela, respirando de forma irregular enquanto olhava os olhos atônitos do Gaby.

—Minha formosa Alice no país das maravilhas — murmurou, com seus polegares acariciando suas bochechas. —O que me acontece quando estou contigo?

—Não sei, mas espero que sempre seja assim — sussurrou ela.

Bryce absorvia seus delicados rasgos, ruborizados pelo efeito do beijo.

—foram minhas ações o bastante impulsivas para seu gosto — lhe perguntou, assombrando-se de sua pergunta e de seu tom rouco e irônico, contemplando assombrado a esse perfeito estranho que parecia habitar dentro dele.

Gaby não parecia nem sentida saudades nem divertida.

—foram perfeitas — lhe assegurou com um tom suave. —Totalmente perfeitas. — ficou nas pontas dos pés e roçou seus lábios contra seu queixo. —Me deste algo novo com o que sonhar.

Sua afirmação lhe devolveu à realidade.

—Tão bem dormiste para poder sonhar? —A pergunta de Bryce era amável, mas direta.

Gaby se apartou suspirando e suas pestanas desceram para suas bochechas.

—houveram alguns... Episódios desde que partiu a Londres.

—Sei o de sua visita ao Whitshire. —Ante o olhar de estranheza de Gaby acrescentou. —passei pelo Whitshire de caminho para aqui. Tinha uns assuntos pendentes com o Thane. Contou-me o que o doutor Briers lhes tinha sugerido e que o tentou. Estou muito orgulhoso de ti. Teve êxito sua visita? Acalmou seus temores e deixaste que te levantasses de noite após?

Gaby trouxe amargamente.

—Não. Passada-a noite foi horrível; as imagens eram mais vívidas que nunca. Foi insuportável. Inclusive quando Chaunce conseguiu despertar, não podia me desprender desse sentimento de terror. Nem ele nem tia Hermione puderam me ajudar... E os dois estão muito cansados... Estou muito preocupada com sua saúde, especialmente pela de tia Hermione... —Ao Gaby lhe cortou a voz.

—Agora estou aqui. —Voltou a envolver ao Gaby no círculo de seus braços, esta vez lhe oferecendo sua força como bálsamo para sua dor. Maldita seja sua intuição não lhe tinha enganado. Necessitava-lhe. Igual a Hermione e Chaunce. Esta vez não lhes abandonaria.

—Solucionaremos isto, Gaby — lhe prometeu. —Te juro que o conseguiremos. — Olhou ao céu e se deu conta de que se estava pondo o sol. E tinha muitas coisas que fazer

antes de apostar-se diante de sua porta essa noite, o qual ia fazer sem lugar a dúvidas. Mas tinha que falar com o Hermione, saber tudo o que tinha passado no Whitshire com o Gaby e o posterior episódio de sonambulismo, e lhe fazer algumas pergunta sobre os negócios do Delmore com o Richard Rowland, o defunto duque do Whitshire. Quanto ao assassinato de hoje, era evidente que sua tia não lhe havia dito nada a sua sobrinha. Vendo o estado em que se encontrava Gaby, podia entender a razão.

—Entremos — lhe sugeriu amavelmente. —Tenho que ver o Hermione antes de jantar. Logo tenho uma entrevista com o Peter para falar de alguns términos legais, e depois quero me assegurar de que *Sunburst* se está levando bem, e de que não está acabando com o pouco que Crumpet deixou em pé na habitação do Lily. Quando tiver feito todo isso, você e eu nos sentaremos na sala de música e falaremos. Parece-te bem?

Gaby se tornou um pouco para trás observando o rosto do Bryce.

—Bryce, não tem que...

—Não é que tenha que, mas sim quero fazê-lo. Além disso — lhe aconteceu o dedo indicador pela ponte do nariz—, eu gostaria de te contar algo sobre o concerto ao que assisti e ao que quero que vá.

Isso teve o efeito desejado e brotou uma faísca de entusiasmo em seus olhos.

—De verdade? Pensaste na forma de fazê-lo?

—Pois, de fato, assim é. —Bryce pigarreou. —Como está Marion estes dias? Está mais estável sobre seus pés?

—Não saberia dizer lhe respondeu isso Gaby começando a sorrir. —Não há meio doido de pés no chão em dois dias, desde que ela e Godsmith se prometeram oficialmente.

—Excelente. Isso é o que estava esperando ouvir.

—Sabia o de seu compromisso? —perguntou Gaby piscando com surpresa.

—Hermione me disse que seria de um momento a outro, sim.

O desconcerto substituiu à surpresa.

—Alegra-me que compartilhe sua felicidade, como o resto de nós. Ainda assim estou um pouco confundida. O que tem que ver a estabilidade do Marion com que eu vá a um concerto?

—Contar-lhe-ei isso mais tarde. —Bryce a tirou do braço e foram até a casa. — depois de jantar.

Gaby se deteve um momento.

—Pretende me ter com esta incerteza até então?

—Ao princípio não. Mas agora que penso quão deliciosa pode ser a espera para ambos, troquei que opinião — disse Bryce com um sorriso inicial, que ao terminar se fez maior. —Isto é o que acontece às pessoas impulsivas.

Suas risadas ressonaram pelo caminho.

Hermione que estava lhes observando da janela soltou a cortina que tinha aberto para presenciar seu reencontro.

—Sabe Chaunce — refletiu em voz alta e girando-se para lhe olhar. —Em um princípio tinha pensado que seria estupendo celebrar umas bodas no verão. Mas agora estou começando a acreditar que a finais da primavera resultará ainda mais espetacular. O que te parece?

Chaunce assentiu rotundamente com a cabeça.

—Primavera, sem dúvida. De fato, depois de contemplar essa acalorada amostra de afeto, eu diria que em meados de primavera, mais que a finais.

Hermione riu.

—Não seja tão dissimulado, meu amigo. Só foi um beijo. Bastante apaixonado, não cabe dúvida, mas só um beijo. Não me preocuparia com as intenções de Bryce. É todo um cavalheiro. Uma vez que reconheça seus sentimentos para o Gaby como o que são, fará o próprio. Sim, estou de acordo contigo. A metade da primavera. Possivelmente finais de maio. Começarei a preparar a lista de convidados esta mesma noite. É obvio, a cerimônia será privada e a recepção pequena e íntima, já que tudo isto vai ter lugar aos poucos meses da morte do Richard. Entretanto, não estou disposta a que o protocolo interfira em seu futuro. É mais, nego-me a que meu irmão volte a interceptar de algum modo a felicidade de Bryce — Dito isto, Hermione fez um gesto de lhe subtrair importância ao assunto; seus olhos estavam umedecidos pela emoção. —OH, Chaunce, estou impaciente por ver o Gaby com seu vestido de noiva.

—Eu também. —No rosto do mordomo se refletiu um brilho de humor. — Entretanto, no momento, poderia lhe sugerir que controlasse um pouco sua emoção? Com o devido respeito, supostamente você está débil e doente, condição em que deve insistir até que esta união seja um fato consumado. Nestes momentos parece mais uma juvenzinha a ponto de ser apresentada em sociedade que uma anciã viúva aferrando-se à vida, algo extraordinário, tenho que confessar, com o pouco que dormiu a passada noite. Entretanto, imagino que o senhor Lyndley deve estar de caminho para reunir-se com você, e não acredito que espere encontrá-la tão jovial ou adorável.

—Vá, obrigado, Chaunce. —Uma cor favorecedora iluminava suas bochechas. —É encantado o que acaba de dizer. Mas, é obvio, tem razão. Tenho que aparentar esgotamento. —Seu entusiasmo desapareceu. —O qual, depois da tragédia desta manhã, não será difícil, embora Bryce tenha chegado a tempo para paliar o choque. —de repente levantou o queixo, emanando determinação por cada poro de seu ser. —Não importa quão duro tenham sido hoje os acontecimentos, não alteram o fato de que Bryce voltou para casa e de que Gaby e ele estão juntos. Portanto darei as graças ao céu em silêncio e rezarei para que logo se cumpra nossa meta.

Recolheu as saias e se dirigiu rapidamente para a porta.

—Estarei em minhas habitações, Chaunce. Dê-me cinco minutos para me arrumar. Logo pode fazer passar ao Bryce.

Capítulo 12

—Por isso me está dizendo, Gaby ontem estava bem até que começou a anoitecer. Então voltou o medo.

Enquanto dava voltas pela sala de estar de sua tia, resumiu tudo o que Hermione lhe tinha contado.

—Exatamente. —Hermione se recostou nas almofadas da poltrona, respondendo às perguntas de Bryce com um tom de preocupação que era totalmente natural. —Foi como se algo se apoderasse dela no instante em que se deu conta de que chegava a noite. Todos o notamos: Thane, Averley, até o Couling. Não me demorei nem um instante em levá-la a casa.

—E logo passou outra noite horrível, uma das piores segundo ela mesma nos disse. Maldita seja. —Bryce fez um gesto com a mão. —Temos que ajudá-la, mas não sei como. Há-me dito que ontem as lembranças eram mais vívidas que nunca, por isso tenho que supor que foram provocados por sua visita ao Whitshire. Então, esquecemos o conselho do doutor Briers e a mantemos afastada dali?

—Não sei Bryce — suspirou Hermione. —Essa visita nos pareceu uma grande idéia. Foi uma boa idéia, até o final. Deveria havê-la visto rendo e rondando por tudo o imóvel enquanto revivia os momentos felizes de sua infância.

—Até que se deu conta de que caía a noite. —Bryce se esfregou o queixo pensativamente. —Não sou médico, Hermione, mas o sentido comum me diz que o doutor Briers tinha razão. A visita ao Whitshire sim ajudou ao Gaby. Mas não conseguiu chegar à origem do problema. De fato, estou começando a pensar que estamos nos aproximando retrospectivamente à causa de todo este dilema.

—O que quer dizer?

—Os episódios de sonambulismo de Gaby estão acontecendo por algum motivo. Mantê-la afastada do Whitshire não resolveu o problema, mas as boas lembranças tampouco rebateram os maus. Possivelmente o que Gaby precisa é não silenciá-los, a não ser tirá-los a luz. —Depois de dizer isto, Bryce assentiu com a cabeça, e de repente teve claro que direção deviam seguir. —A primeira noite que vi o Gaby andar dormida e a levei a sua habitação, feito-se mal nos pés e estava afligida emocionalmente. Mas pouco a pouco começou a me contar os detalhes da noite do incêndio: que se levantou da cama para ver como estavam os petirrojos e tranqüilizados com as notas de a Elisa; que se tinha refugiado na cabana, seu despertar rodeada de chamas e seu desesperado tento de chegar até seus pais. Fazer o esforço de falar disso foi muito doloroso, sim, mas ao mesmo tempo também parecia tranqüilizá-la. Possivelmente estes episódios sejam um indicativo de que tem que desenterrar o resto de seu sofrimento e enfrentar-se a ele. E pode que nosso trabalho seja ajudá-la a consegui-lo

Hermione ia endireitando as costas enquanto Bryce lhe expor sua teoria; tinha os olhos muito abertos de assombro e incredulidade.

—Falou-te Gaby dessa noite? —suspirlou surpreendida. —Que eu saiba, ela nunca tinha falado disso com ninguém. Nem sequer comigo. Deus sabe que o tentei; tenho-o feito com a máxima cautela. Mas sem êxito. Simplesmente, sempre se negou a falar do tema. Entretanto, contou-lhe isso a ti.

—Não é que confiasse em mim antes que em você — se apressou a dizer Bryce, interpretando mal a reação do Hermione acreditando que se incomodou. —Sem dúvida, você sabe quanto a adora ela, mas lhe preocupa muitíssimo carregá-la com mais preocupações das que possa suportar. Y...

—Bryce, não siga. —Hermione levantou a palma da mão tremente, fazendo um gesto dissuasivo. —Me sinto aliviada e agradecida de que por fim tenha crédulo em alguém. E estou mais que encantada de que tenha sido você. —umedeceu os lábios, calouse um momento evidentemente, para controlar-se. —Assim que foi ver os petirrojos. Muito próprio do Gaby. Que maravilhosa ironia que por ajudar a outros, salvasse a vida. —Levantou o queixo com determinação. —De todos os modos, tem razão. Por isso me acaba de dizer, é evidente que Gaby precisa expressar o que está recordando, a angústia que lhe provocam essas lembranças. Também tem razão em que não sou a pessoa mais adequada para escutá-la. Está muito preocupada com minha má saúde.

—O qual felizmente não é meu caso — assinalou Bryce com um olhar significativo. —portanto, é minha responsabilidade levar a cabo este plano.

Hermione levantou ligeiramente as sobrancelhas.

—Como vais fazer o?

—lhes relevando em seu turno esta noite. Tanto Chaunce como você estão esgotados; Deus sabe quanto precisam descansar. Começarei a montar guarda fora da habitação do Gaby. Se tiver outro episódio de sonambulismo, eu me farei cargo. Possivelmente quando as lembranças e o pânico ainda estejam frescos, possa fazê-la falar e isso a ajude a reconciliar-se com eles.

—E como lhe sugere que expliquemos isto ao Gaby? —Ela esperará que seja Chaunce o que ocupe seu posto diante de sua porta.

—Não, não o esperará. Já lhe hei dito que substituiria ao Chaunce, que lhes daria a oportunidade de descansar.

—A si? —Hermione voltou a levantar as sobrancelhas. —E lhe gostou da idéia?

—Sim — respondeu Bryce pigarreando. —Como já lhe hei dito está muito preocupada com sua saúde e pela do Chaunce.

Hermione olhou em silencio a seu sobrinho.

—Importa-te muito Gaby, verdade?

Fez uma larga pausa.

—Sim, assim é. Também sofro por ela; ao menos compreendo parte de sua angústia interna pela batalha que está liberando. Fazer as pazes com o passado pode parecer uma provocação insuperável, especialmente no caso do Gaby, cujo passado encerra a perda de seus pais devido a uma morte violenta.

—Ou como em seu caso, cujo passado encerra a perda de sua identidade e de todos seus pontos de referência — acrescentou Hermione brandamente.

Bryce permaneceu impassível.

—Não estamos falando de mim, mas sim de Gaby e da melhor forma de ajudá-la. Está de acordo com meu raciocínio? Deixar-me-á lhes relevar esta noite?

—É obvio. Só rezo para que seu plano funcione. Francamente não estou muito segura de quanto mais poderá agüentar Gaby — disse suspirando.

—Não lhe comentou o do Delmore, verdade? —perguntou Bryce trocando a outro tema que também lhe preocupava.

—Não. —Hermione se massageou as têmporas. —optei por não lhe dizer nada, como tenho feito com o resto da família. Normalmente não protejo ao Gaby tanto como aos outros. Mas este caso é distinto, pela magnitude do delito e a gravidade do estado atual do Gaby. Conheço minha sobrinha. Uma notícia como esta a destroçaria. Não importa que não conheça senhor Delmore. A idéia de que tenham assassinado a um homem perto de casa, e ainda por cima a um bom homem, com esposa e filhos, que agora se ficaram sozinhos, lhe teria afetado muitíssimo. —Hermione inclinou a cabeça olhando ao Bryce. —Suponho que pensa que sou um pouco estúpida, tentando proteger a minha família até este ponto. É advogado. Crie que é necessário enfrentar-se às duras realidades da vida. Bom, eu não, ao menos não sempre. E quando se refere a minha família, protejo-os com todo meu ser. Sempre o farei.

Bryce suavizou seu tom.

—Sei melhor que ninguém. E está equivocada Hermione. Não acredito que seja estúpida; acredito que é a grande dama que sempre acreditei que era inclusive em minha infância. Quanto ao Gaby, tomou a decisão correta. Não está em condições de fazer frente à semelhante notícia.

Ao Hermione tremeram os lábios.

—Obrigado por sua fé.

—Parece-me que nestes últimos dias estou adquirindo muita — murmurou Bryce, médio para si mesmo. Voltou para tema do Delmore e cruzou os braços diante do peito. —Hermione, sabe você algo de um iate que tinha seu irmão desde fazia anos?

Enrugou a frente sentida saudades.

—Um iate? Que iate?

—que ia vender lhe ao Delmore. —Bryce lhe falou de todos os detalhes que tinha conhecida graças a sua visita ao Whitshire, do propósito da visita do Delmore até o conteúdo do documento que tinha que entregar ao Thane. —Pergunto se pode haver alguma conexão entre a visita do Delmore esta manhã e seu assassinato. Francamente, a idéia de que tenha sido um ladrão me parece um pouco rocambolesca.

—por que rocambolesca? Thane é um homem muito rico e a estrada que conduz ao Whitshire é muito mastreada e privada. Por que um ladrão não preferiria um lugar assim para esconder-se e esperar?

—Precisamente. Mas se esse era o caso, não teria sido Thane o objetivo? Ou ao menos algum de seus amigos nobres ou sócios ricos? Não lhe parece um pouco estranho que um ladrão assalte um carro singelo, por não dizer que o fez a plena luz do dia?

—Entendo o que quer dizer — respondeu Hermione. —É estranho que escolhesse ao Delmore como vítima. —Hermione franziu o sobrecenho. —Mas voltando para sua pergunta: não tenho a menor idéia de que iate te refere. Por isso eu sabia Richard não tinha nenhum navio, nem acredito que lhe interessasse o ter. Não gostava da água. Nunca gostou, nem de menino. Jamais pôs o pé em um navio, nem como passageiro.

—Entretanto, pelos fatos sei que tinha um — murmurou Bryce. —Revisei o título de propriedade e é autêntico. Isto resulta cada vez mais misterioso. Se seu irmão odiava a água, por que comprou um navio? Salvo que, é obvio, fizesse-o unicamente para investir. Mas ainda assim, parece-me estranho que nem você nem Thane soubessem nada de sua existência.

Bryce moveu energicamente a cabeça.

—Aqui há algo que não encaixa. Algo que não quadra desde o começo. Não sei o que é, mas o descobrirei. Thane virá amanhã há primeira hora para falar deste tema. Eu gostaria que estivesse presente. Possivelmente entre os três possamos chegar a uma explicação razoável de tudo isto. —Bryce olhou preocupado a sua tia, que já estava assentindo com a cabeça como se estivesse de acordo. Até agora, não temos feito mais que lhe dar voltas ao tema de sua saúde. Não estou muito contente com o que estou vendo. Vejo-a muito pálida e esgotada, o qual não me surpreende. Teve um dia terrível e uma semana ainda pior. —Fez uma pausa. —Em parte foi minha culpa. Deveria haver ficado no Nevon Manor, por muitas razões. Sinto não havê-lo feito.

—Está equivocado, Bryce. —Os olhos do Hermione registravam uma sabedoria profunda. —Te partiu pelas distintas razões às que está fazendo referência. O que importa é que está aqui. E eu estou contente, muito contente.

Bryce se comoveu.

—Não mais que eu.

Pigarreando ligeiramente, Hermione olhou ao relógio.

—OH, vá, olhe que horas são. Falamos já de todos os temas urgentes? Isso acredito. —Ela mesma respondeu a sua pergunta. —Hoje será a sentinela do Gaby, e espero que também seu confidente. Reunir-me-ei contigo e com o Thane amanhã. Por certo — Hermione ficou lentamente de pé—, tenho que me vestir para jantar. Vale mais que você também te prepare. Depois de uma semana de ausência, temo-me que à hora do jantar vai estar cheia de perguntas e de novidades. De modo, que te prepare para o assalto. — Sorriu, olhando ao Bryce com uma tenra expressão. —Logo te dará conta de quantas coisas te perdeste, com os meninos, com os adultos, com todos.

—Estou desejando lhe vê-lo assegurou Bryce. —Como certo, tem minha palavra, embora não me pediu isso, de que não mencionarei a ninguém o do assassinato do Delmore.

—Não lhe pedi isso porque sabia que não o faria — disse simplesmente Hermione.

Bryce sentiu que aumentava sua emotividade; fez um gesto com a cabeça e se dirigiu lentamente para a porta.

—Bryce?

Girou-se.

—Bem vindo a casa — disse Hermione com todo seu coração.

O resto da tarde passou entre uma série de acontecimentos que não lhe deixaram lugar para pensar ou nem tão sequer para manter uma conversação. O jantar foi para o Bryce como se pôs um antigo traje esquecido, cuja comodidade e calidez estava voltando a descobrir. Marion e Godsmith anunciaram suas bodas, que estava programada para dentro de duas semanas. Wilson promulgou que tinha toda uma nova remessa de primulas. No outro extremo da mesa, Bowrick agitava seus novos óculos de cristal mais grosso e a senhora Gordon ensinava a nova fortificação de Doura, que tinha gentil até lhe tirar brilho. Cok estava radiante enquanto trazia as bandejas de comida e escutava ao Peter recitar quão feitos tinha aprendido dos livros de Bryce O resto dos meninos agüentou a verborreia legal até que sua paciência o permitiu. Logo interromperam com suas notícias: a última travessura do Crumpet, a reunião de gatos com o *Sunburst*, Lily e a boneca de trapo do Jane.

Todo o barulho era comovedor.

Como foi a lição de dez minutos que deu ao Peter, tempo durante o qual pôde dar-se conta de quão aguda era a mente do moço e a rapidez com a que podia aprender os intrincados conceitos apesar das interrupções de pessoas e animais.

O bate-papo com o Gaby na sala de música foi ainda mais breve: durou menos de três minutos até que Lily, Jane e os gatinhos irromperam nela formando círculos enquanto tentavam caçá-los uns aos outros. Nem que dizer tem, que não falaram de nada importante, incluídos os planos de Bryce para que fora ao concerto.

O resto da noite transcorreu em um caos igualmente acolhedor enquanto a atividade se ia transladando ao piso de acima, tentando que Bryce pudesse acomodar-se e recordando amavelmente aos meninos que a hora de ir-se dormir tinha passado fazia muito tempo. Cok não fazia mais que levar bandejas com comida à habitação do Bryce, rindo entre dentes ao ver o Henry e ao Charles empurrando-se para desempacotar sua bagagem; *Sunburst* observava a cena sonolento de sua nova posição no batente da janela.

Os meninos não se acalmaram para ir-se à cama até quase as dez, e eram às doze e meia quando os últimos adultos se retiraram a suas habitações. Hermione, cansada, mas radiante, despediu-se junto com os meninos enquanto Bryce a acompanhava até suas habitações; também se assegurou de que Chaunce já tinha abandonado seu posto na entrada para ir-se descansar. Esperava ansioso gozar de uma noite de sonho e lhe deu as obrigado com sua habitual dignidade antes de arrastar-se à cama.

Bastante depois de que reinasse o silêncio no Nevon Manor, Bryce se sentou em sua poltrona, jogou uma olhada por suas habitações e refletiu sobre os acontecimentos do dia, que se tinha caracterizado por suas situações extremas.

A manhã tinha começado com a fria e estremecedora notícia de uma morte, o assassinato sem sentido de um inocente. Que frágil parecia à vida, que escura e fútil.

Logo, horas depois, tinha experiente a explosão da vida em toda sua riqueza: sua chegada ao Nevon Manor.

Ao recordado se voltou a comover com a recepção que tinha tido, uma abundância de afeto que não só lhe afligia, mas também lhe provocava a mescla mais inesperada e profunda de emoções. Sentia-se orgulhoso, emocionado, agradecido, transbordado pela sensação de ser querido e de pertencer a algum lugar.

Sentia-se em casa.

E no coração desse lar havia uma formosa e sensível jovem que, simplesmente por virtude de ser ela mesma, obrigava-lhe a fazer coisas que jamais tivesse feito, a desejar coisas que jamais tivesse desejado e a sentir coisas que nem sequer entendia.

Uma jovem que lhe necessitava.

Esse pensamento propiciou outro, o de que se estava fazendo tarde. Bryce, um pouco desorientado, moveu a cabeça com a esperança de voltar para seu pensamento racional, de pôr fim a indesejada direção de suas reflexões.

Seus intentos não tiveram êxito. Entretanto, sabia onde tinha que estar. Tomou um livro de leis para olhá-lo durante suas horas de guarda, respirou profundo e saiu de suas habitações.

Tudo estava às escuras e em silêncio, e Bryce percorreu o sinuoso corredor que conduzia à habitação do Gaby. Felizmente, suas habitações estavam na mesma asa que as suas e as do Hermione, separadas das do resto dos residentes. Por isso, a presença do Chaunce na porta de Gaby tinha passado despercebida, e ninguém mais sabia a extenuante situação a que tinham estado submetidos à semana passada.

De todos os modos, ninguém ficava acordado até tão tarde ou se levantava logo que Gaby recordou Bryce com um sorriso. Com o pouco que dormia, não era provável que ninguém estivesse levantado quando Chaunce saía de seu posto ou voltava para ele. A energia de Gaby era inesgotável e sua necessidade de descansar quase nula.

De repente, como se lhe tivessem lido o pensamento, ouviu as doces nota da caixa de música do Gaby, os belos acordes do *Para a Elisa*, que ficaram brevemente interrompidos pela badalada do relógio de pé do salão que anunciou a uma. Ao chegar à porta fechada, Bryce se deteve, escutou ruído de roce de roupa e se deu conta de que Gaby ainda estava acordada.

A idéia de que eram as duas únicas pessoas acordadas há essa hora fez sentir-se bem, curiosamente cômodo. Em seguida reprimiu esse pensamento, admoestando-se por comportar-se como um poeta em lugar de fazê-lo como um advogado. Que demônios lhe acontecia essa noite?

Franziu o cenho autocensurando-se, agarrou a cadeira que havia ali perto e quando estava a ponto de sentar-se abriu a porta.

—Bryce. —Gaby se estava grampeando decorosamente à bata enquanto falava. — Entra. —Fez-lhe um gesto e se apartou para lhe ceder o passo. —esperei uma eternidade a que chegasse; morro de curiosidade e de entusiasmo. Conte-me o que pensaste para me levar a concerto.

Vestida de branco e iluminada pelo brilho sutil da luz de gás, Gaby tinha o aspecto delicado e cativante de um anjo, o epítome vivo do céu.

Ao Bryce quase lhe escapou um gemido. Embora pudesse contê-lo graças a sua autodisciplina. Resistia ao impulso de obedecer a sua petição, procurando recordar a hora que era o inapropriado da situação e o traje do Gaby. Sabia o impaciente que estava ela por falar do concerto, mas se davam todas as circunstâncias incorretas, especialmente por seu incomum estado mental. Ainda lhe estava dando voltas a suas novas percepções, tentava entender a novidadeira e inesperada fonte de sentimentalismo que estava experimentando, da qual Gaby era seu principal responsável e seu recipiente mais vulnerável; era a última pessoa com a que devia estar a sós. Sobre tudo de noite, em suas habitações, quando não levava mais que uma fina bata e uma camisola.

—Bryce, por favor. —Gaby saiu ao corredor sem dar-se conta de sua tormenta interior e lhe tirou do braço lhe obrigando a entrar. —Não pegarei olho até que me conte isso.

Tinha que negar-se. Não fazê-lo era muito perigoso. Tinha o guarda baixo, suas reservas se esgotaram, e suas emoções estavam ao descoberto.

A negação estava em seus lábios, mas desapareceu ao contemplar esses belos olhos azuis sem fundo.

—De acordo. Mas só um minuto e tem que me prometer que logo te irás dormir. Já é mais da uma.

—Muito bem, prometo-lhe isso.

Olhou fugazmente ao corredor deserto, entrou em suas habitações e fechou a porta.

Propôs-se olhar à mesa, mas seus olhos se negaram a lhe obedecer. Em seu lugar, enfocaram-se no Gaby, alternando entre o brilho da expectativa que havia em suas bochechas, a faísca de seus olhos e suas delicadas curvas, acentuadas pelo fino tecido de sua bata e camisola.

Todo seu ser reagiu física e emocionalmente. Os sinos de aviso soaram para lhe censurar, enquanto a molesta voz da consciência também lhe alertava.

Entrar tinha sido um grande engano que já era muito tarde para remediar.

—Gaby — começou sem poder deixar de olhá-la, absorvendo-a da cabeça até os pés. —Esperem até manhã. Acredito que...

—Quando poderei ir? —Ainda encantada em seus próprios pensamentos, Gaby se equilibrou por volta dele lhe agarrando das lapelas do casaco com um milhão de perguntas em seus olhos. —Logo? Com quem?

—Comigo — lhe disse surpreendendo-se de sua resposta.

—Contigo? —repetiu cuidadosamente e fazendo uma pausa— O que tem que a senhorita Talbot?

Quem? Esteve a ponto de lhe perguntar.

—Não lhe interessam os concertos. —Bryce enredou seus dedos no cabelo do Gaby, sabendo de sobra que não devia tocá-la porque não seria capaz de deter-se. —E eu não estou interessado em levá-la a ela — Tomou o rosto de Gaby entre suas mãos. —Virá comigo?

Os olhos de Gaby indicavam que começava a dar-se conta do que acontecia, mas em seguida refletiram seu entusiasmo.

—Sozinhos? —perguntou ela sem o menor recato. Que Deus lhe ajudasse porque estava sucumbindo.

—Levaremos-nos ao Marion. Ela nos servirá de carabina. Assim poderá estar com o Godsmith durante a viagem a Londres. Se Hermione se encontrar bem, pode nos acompanhar. Se não for assim, ou se os residentes desta casa ficam nervosos por sua ausência, pode ficar aqui. De qualquer modo terá uma carabina e um acompanhante. O que te parece? —De fato não lhe importava o mais mínimo o que lhe parecesse. Tinha problemas até para recordar do que estavam falando.

Suas bochechas estavam ruborizadas de alegria e ficou nas pontas dos pés para lhe beijar o queixo.

—Obrigado. Sua solução é ideal. Estou ansiosa de que chegue o momento.

Bryce não respondeu. Simplesmente atirou dela para aproximá-la, jogou-lhe atrás a cabeça e se aproximou de sua boca.

—Gaby — lhe disse respirando junto a seus suaves e ansiosos lábios—, me beije.

Assim o fez, sem esperar nem perguntar, lhe passando os braços ao redor do pescoço compreendendo sua agitação, notando a força de suas emoções.

O beijo começou lenta e deliberadamente, seus lábios se moviam juntos em deliciosa harmonia, tocando-se, saboreando-se, fundindo-se como duas peças de um quebra-cabeças perfeitamente ensabladas, separando-se e começando de novo. Uma e outra vez repetiram o beijo, cada vez mais largo, mais sedento, suas bocas se aferravam em busca de uma união mais profunda.

Ao Bryce tremiam as mãos enquanto se enredavam no cabelo do Gaby; seus lábios se endureciam movendo-se com mais insistência de uma vez que separavam os dela, como um mandato silencioso ou quase como uma súplica.

Gaby respondeu imediatamente; seus lábios se abriram lhe convidando abertamente. Com um suspiro tremendo, ela se aproximou mais; seus dedos se estreitaram ao redor de seu pescoço, compartilhando a intensidade do abraço, fundindo suas bocas.

Suas línguas se tocaram, a de Bryce se introduzia para procurar a dela, para reclamar a doçura que já tinha degustado antes. Ao Gaby lhe parou a respiração e lhe começou a tremer todo o corpo enquanto saboreava as novas e extraordinárias sensações que despertava essa união mais profunda. Sua língua acariciasse a de Gaby em

movimentos lentos e acalorados para despertar sua incipiente sensualidade e ela respondia de forma natural. Entretanto, também despertou a sua.

Gaby, com sua inocência erótica respondeu a sua carícia; sua língua se deslizava por sua boca, tentando acariciar a sua. De repente, seus peitos se esmagaram contra a dura parede do tórax de Bryce em um intento de aproximar-se mais.

Era como se tivesse arreventado um dique no interior de Bryce e tivesse liberado uma corrente de necessidade, despertando a um ser estranho, vazio e faminto cuja alma desejava plenitude. Seus braços rodearam ao Gaby como laços de metal, encerrando-a; seus lábios a possuíam em uma série de beijos intermináveis e embriagadores. Sua língua saqueou sua boca, descobrindo todos e cada um de seus rincões, desde sua superfície até seu interior, e o desejo explorou nele como uma bala de canhão. Uma e outra vez sua língua capturava a dela — fundindo-se, apertando-se, saindo, para voltar a entrar—; seu desejo era selvagem. Gaby se estremeceu e Bryce saboreou seu tremor de prazer, levantando-a do chão para adaptá-la a seu corpo.

Durante uns segundos, ficou tensa: era seu primeiro contato físico real no que ela pôde notar os contornos endurecidos do Bryce, apesar da barreira de suas roupas. Um segundo depois se relaxou fundindo-se com ele; seu quente e suave corpo encaixava de maneira tão perfeita que era entristecedor.

Esta vez Bryce não pôde conter seu gemido e surgiu desde seu peito até a boca aberta do Gaby. Tremiam-lhe violentamente as mãos; uma a estreitava contra ele, a outra a acariciava enquanto se beijavam: o cabelo, a cara, a sedosa coluna de seu pescoço, a delicada curva de seu ombro. Seus lábios seguiram seu caminho deixando detrás de si um rastro de beijos quentes e sedentos até o decote de sua camisola.

—Bryce — sussurrou seu nome, e esse tom encerrava uma deliciosa mescla de emoção profunda e de desejo. Acariciou-lhe o cabelo e guiava sua cabeça para que beijasse sua pele. Ele respondia a sua necessidade, lhe dando de presente novos beijos, abrindo-se caminho até a fenda entre seus seios.

A bata lhe tinha aberto, e a fina musselina da camisola era uma delicada barreira entre o Bryce e sua meta. Podia notar perfeitamente seus peitos inchados, transbordando necessidade, com os mamilos em ponta pelo desejo.

Ele baixou a cabeça e rodeou um desses duros picos com seus lábios, sugando-o para a cálida caverna de sua boca.

Gaby voltou a gritar, esta vez de assombro e Bryce repetiu suas carícias, embriagado de desejo, desejando saboreá-la melhor, toda ela. Trocou a seu outro peito, frustrado pelo objeto que interferia em sua busca. O fino tecido que lhes separava lhe impedia de degustá-la como lhe gostaria, a fundo, para saciar essa ardente necessidade que corria por suas veias, que pulsava através de seus lombos. Necessitava-a nua, arranca-rabo a ele e lhe acolhendo dentro de sua enternecedora calidez. Necessitava-a urgentemente, queria que lhe desejasse de um modo tão selvagem e desesperado como ele a desejava a ela.

Necessitava-a agora.

Levantou a cabeça e calculou a distância à cama; logo olhou ao Gaby aos olhos e viu refletido neles seu próprio assombro e desejo.

—Bryce — ofegou ela, estirando-se para beijar sua garganta—, me faça o amor.

Foram suas palavras, seu significado, cuja essência começava a descobrir agora, o que lhe deteve, rompendo o feitiço sob o qual tinham cansado nos últimos minutos, deixando a verdade nua frente a ele: que estava a ponto de deitar-se com o Gaby.

Com voz rouca, Bryce voltou a controlar seus sentidos — o pouco que ficava deles— e pôs ao Gaby de pé, movendo a cabeça para lhe negar, para negar a ambos essa plenitude que tanto procuravam.

—Não posso. Agora não. Aqui não. Não assim.

Nunca, dizia-lhe sua consciência.

Sua consciência se equivocava por completo. Bryce soube de repente e de maneira inequívoca em todo seu ser. Essa união era tão inevitável como a fusão do dia na noite, tão natural e irrefutável como certa. Tinha estado muito cego, apavorado e tinha sido muito teimoso para dar-se conta disso.

Entretanto, o momento, o lugar e as circunstâncias não eram as adequadas. A mera idéia de que quase tinha permitido que acontecesse agora já era uma loucura.

—Pelo amor de Deus! O que estou fazendo? —resmungou, lutando desesperadamente para voltar para a razão e ao controle. Em um ato racional, grampeou-lhe a bata, logo a estreitou entre seus braços, como se assim ela pudesse entender algo de sua loucura.

—Estou-te seduzindo — lhe disse. —Nada mais nem nada menos que em casa do Hermione. Sob seu próprio teto, o da grande mulher que me salvou a vida, graças a qual sou quem sou. Uma mulher que confia em mim. Cujas família confia em mim. Não tenho direito a fazer isto. Agora não. Não quando você te merece muito mais. Maldita seja. Não se no que estava pensando? Gaby — lhe disse tomando sua cara entre suas mãos. —Não sei como começar a te explicar...

—por que não tem direito? —perguntou Gaby como pôde; a confusão e a incerteza escureciam suas facções. —E por que te paraste? Foi minha culpa? É para mim a quem protege? —Como de costume falava com o coração. —Se for assim, não o faça. Desejo desesperadamente estar contigo. O que está acontecendo não é um ato impulsivo, ao menos por minha parte. Sonhei com que fazíamos o amor desde que me beijou ao te despedir. Rezei para que acontecesse. Bryce é que não o entende? —disse-lhe lhe acariciando a bochecha. —Te quero.

A declaração de Gaby foi demolidora e seu impacto ainda, mas pelos doces acordes do *Para a Elisa* que seguiam soando no fundo.

—Minha formosa Alice no país das maravilhas — murmurou Bryce, com voz rouca enquanto lhe beijava a mão. —É a declaração mais formosa que escutei nunca. Obrigado.

—Não quero seu agradecimento. Quero seu amor. Ou ainda não crie que exista esse amor? —apartou-se e foi se fechar a caixa de música. Fez-se o silêncio.

Bryce inspirou profundo, tratando de fazer frente a sentimentos que não podia decifrar aos que não podia atribuir palavras, ainda cambaleando-se à medida que as coisas foram ficando em seu sítio.

—Gaby. —Consegui dizer a suas costas e girando-a para que lhe olhasse. — Temos que falar de muitas coisas. E sim, nossos sentimentos, os teus e meus, são parte do tema. Mas esta noite não é o momento. Sua habitação não é o lugar. —Fez uma pausa. — Já trai a confiança do Hermione.

—E o que me diz da senhorita Talbot? —perguntou Gaby procurando seu olhar. — Também traíste sua confiança?

—Sim — respondeu sem deixar de olhá-la nenhum momento. —O tenho feito. Muito mais do que pensa, mais do que eu mesmo posso me dar conta nestes momentos.

—Não te entendo.

—Tampouco o entendia eu. Mas agora sim. —Bryce acariciava as bochechas de Gaby com os polegares. —O certo é que já tinha traído a confiança da Lucinda muito antes de tomar em meus braços esta noite. Comecei a fazê-lo faz quase duas semanas, da manhã em que Crumpet te pôs diante de meu carro. Não fui sincero com ela desde esse momento. Nem tampouco o fui comigo mesmo.

—Já vejo. —A esperança voltou a refletir-se nos olhos do Gaby. —Significa isso que...?

—Esta noite não — interrompeu ele, pondo seu polegar em seus lábios. —Há muito que dizer e muito pouco tempo. Amanhã. Quando tiver podido pôr em ordem meus pensamentos e tenha feito as pazes com todas as emoções que há em meu interior, que nem sequer sabia que possuía.

—Muito bem — sussurrou Gaby; sua respiração era cálida. —Amanhã, quando? Sua impaciência lhe fez sorrir.

—Tenho uma entrevista com o Thane e Hermione depois do café da manhã. O que te parece assim que terminemos?

—Não pode atrasar sua entrevista?

—Oxalá pudesse. —Ao olhar esses magníficos olhos azuis e inalar a fragrância de seu cabelo, esteve tentado de fazer algo mais que pospor seu encontro. Esteve tentando de levar a cama e esquecer-se das malditas consequências. Mas dominó seu impulso com determinação. —Gaby, tenho que partir daqui, para ir a meu posto na porta. Agora que ainda posso.

Gaby assentiu com rechaço.

—Bryce? —disse-lhe lhe agarrando da boneca e impedindo sua partida. —Aprecio tudo o que há dito sobre a confiança. Mas, respeito à tia Hermione, espero que te dê contas de que querendo aos dois como nos quer, estaria encantada de saber que nos queremos.

—Não acredito que ela visse o que aconteceu como um ato de amor — respondeu ele secamente. —Consideraria que me estou aproveitando de ti e teria razão. De fato, este foi o tipo de conduta do que me suplicou que te protegesse se algum dia tinha que

fiscalizar seu futuro. Pouco poderia suspeitar que quando surgisse à situação, eu seria o ofensor em lugar do protetor.

—Fiscalizar meu futuro? —Gaby franziu o sobrecenho sem entender nada. —Não o entendo. Por que teria você que fiscalizar meu futuro?

Naquele momento tivesse desejado que lhe tragasse a terra. Maldito estado de confusão mental! Não tinha feito já suficiente machuco em uma noite? Agora tinha cometido um engano estúpido e irreversível, que não deveria ter tido lugar em um momento tão vulnerável para o Gaby.

—Bryce? —insistiu Gaby. —por que foste ter que fiscalizar meu futuro?

Deu-se conta de que o dano já parecia, pensou culpando-se em silêncio. Agora tinha que fazer frente às conseqüências.

Tomou ao Gaby pelos ombros e se preparou para sua reação.

—Porque Hermione me pediu isso. Não é provável que o... Não... Possa fazê-lo, mas quer que te leve a seguinte Temporada, que te proteja dos homens inadequados e que lhe presente aos apropriados. Quer estar segura de que você... OH, Gaby, não... —Bryce tomou entre seus braços enquanto ela tentava livrar-se deles.

—Está-me dizendo que tia Hermione te pediu que fosse meu tutor se ela falecer? — Ao Gaby tremia a voz de emoção.

—Gaby...

—É isso o que me está dizendo?

—Sim.

—Já vejo. —Gaby se ficou muito tensa e se separou dele na medida em que as mãos de Bryce o permitiram. —E você aceitou. É por isso que aconteceu tanto tempo comigo? Por isso estava tão preocupado por minhas perguntas sobre a paixão e a intimidade? Por isso vieste esta noite a fazer guarda em minha porta? Foi tudo por dever e princípios, por sua responsabilidade e compromisso com o Hermione? É essa a razão pela que a senhorita Talbot foi tão pormenorizada com suas idas e vindas, porque sabe que não represento nenhuma ameaça para ela? Há-lhe dito que eu era...?

—Não lhe hei dito nada. —Bryce voltou a abraçá-la, negando-se a deixá-la partir. —Não é possível que acredite no que está dizendo, tampouco pode acreditar que o que aconteceu esta noite possa ter algo a ver com o dever e a responsabilidade. Gaby, não me faça isto, especialmente depois do que aconteceu entre nós. Não duvide de mim. Agora não — lhe disse lhe levantando o queixo para que lhe olhasse.

Era evidente que Gaby lutava por controlar suas lágrimas.

—por que ninguém me há dito que foste ser meu tutor? Posto que se trate de minha vida, não tinha direito, ou seja, o que estavam planejando?

—Sim — respondeu Bryce. —Mas tenho que dizer em favor do Hermione, que lhe dava medo te mencionar a possibilidade de seu falecimento. Não podia suportar a idéia de preocupar-se. Essa foi à única razão de seu silêncio e do meu. Quanto a minha preocupação por ti, sim, começou como um dever. Ao menos isso é o que eu acreditava. Mas enganava a meu mesmo. E depois do acontecido esta noite, acredito que é evidente.

Houve um prolongado silêncio, enquanto Bryce procurava as palavras.

—Agora sabe que não é assim, verdade, Gaby? —disse-lhe pressionando seus polegares sobre suas bochechas.

Ela assentiu lentamente com a cabeça; sua tristeza começava a ceder ante uma verdade muito mais significativa e profunda. —Sim. Sei — respondeu brandamente.

Bryce se sentiu profundamente aliviado.

—Até manhã então? —murmurou.

—Até manhã — lhe disse tentando sorrir. Tem muito em que pensar advogado.

—Sim, assim é. —Bryce enredou seus dedos entre o cabelo do Gaby, gozando de sua suave textura. —Além disso, sobre temas que são totalmente desconhecidos para mim, para os que não há livros de referência ou estatutos pelos que guiar-se.

—Encontrará suas respostas — lhe assegurou ela, com essa sabedoria que brilhava em seus olhos. —Estão em seu interior, esperando a que as desfrutes, como os lembra de uma sinfonia. Já lhe disse isso, Bryce. É capaz de muito mais do que imagina. Sei. Também é seu momento para te dar conta disso.

Com um som rouco, voltou a estreitá-la junto a ele, baixou a cabeça para selar seus lábios com um breve e acalorado beijo.

—Doces sonhos, Alice no país das maravilhas — lhe disse com voz rouca. —Estarei fora guardando sua porta.

Os doces sonhos não chegaram.

Ao princípio foi o estado de agitação o que o impediu. Logo, foi outro episódio de sonambulismo.

Durante algo mais de uma hora desde que Bryce saiu de sua habitação, Gaby não deixou de dar voltas na cama. Não podia pegar olho; estava muito excitada pelos milagrosos acontecimentos físicos emocionais que acabavam de acontecer ali mesmo e que trocariam sua vida para sempre.

Bryce o havia dito tudo menos que a amava; suas defesas se estavam rachando rapidamente, seus pensamentos e respostas estavam apanhados em um torvelinho cuja causa só entendia parcialmente. Algo tinha acontecido dentro dele, uma mudança perceptível, cujo resultado era uma manifestação de riqueza emocional que nunca tinha reconhecido antes, e que jamais se permitiu sentir. Seu recebimento no Nevon Manor era só parte da causa dessa mudança, sua culminação, suspeitava ela. Mas algo mais o tinha provocado. Possivelmente algum acontecimento em Londres tivesse desatado sua confusão. Uma batalha interna que agora estava liberando. E Gaby, sem sabê-lo, tinha-a intensificado, lhe levando a uma situação que tinha debilitado suas defesas e lhe tinha conduzido ao bordo do abismo.

Graças a Deus!

Ficou de barriga para cima e olhou ao teto; o coração lhe pulsava entusiasmado, seus pensamentos saltavam de um a outro. Ainda lhe faziam cócegas os lábios

recordando os beijos do Bryce, e seus seios palpitavam recordando as sucções eróticas de sua boca.

Senhor, como se havia sentido! Como se sentia ainda! Era... É... O milagre da paixão? A fraca, calorosa e estremecedora sensação que tinha notado em todo seu corpo como uma chama líquida, a desconhecida, mas insaciável necessidade das carícias do Bryce, que tinha acendido nela. Seu desejo de mais logo que tinha começado, mas queria ser escutado, e se intensificou em questão de segundos e ainda prevalecia. Estaria esse júbilo mágico reservado só aos amantes?

De ser assim, nem a mais sublime sinfonia podia comparar-se com isso. Sorriu, girou-se de lado e abraçou o travesseiro. Ambos se estavam preparando para cruzar uma maravilhosa soleira: ela estava a ponto de entrar no reino da intimidade e Bryce de acreditar no amor romântico, se é que não acreditava já.

A Deus obrigado só ficavam umas poucas horas para o amanhecer.

Com esse feliz pensamento ficou dormida; sua mente estava saturada de imagens de uma felicidade que ainda estava por chegar.

O tic tac do relógio do suporte da chaminé assinalava o passo da noite, as dois em ponto, logo as três.

Bryce, Bryce. As imagens do homem ao que amava flutuavam nos sonhos do Gaby, mas de repente se alteraram, romperam-se, foram engolidas por um selvagem e mortal inferno. O fogo explorou em sua cara, ao redor dela, chama laranja que a envolviam por toda parte, devorando seus pensamentos e seu corpo.

Mamãe... Papai... Saiu de sua cálida envoltório, levantou-se, apalpando até que sua pequena mão encontrou a caixa de música e a apertou contra seu peito. Lutou contra o calor desesperadamente e tentou sair da habitação. Ouvia vozes longínquas, logo se fizeram mais intensas carregadas de dor e de medo até ficar sufocadas pelas chamas, engolidas pela morte. Utilizando todas suas forças, abriu a porta usando sua camisola para girar o trinco ardente, tossindo enquanto a fumaça invadia seus pulmões.

De repente estava fora; o nauseabundo aroma de madeira misturado com esse aroma adocicado. À medida que avançava sobre a erva notava com mais intensidade uma fragrância parecida com o almíscar. Mamãe! Papai! Tinha que chegar até eles. Algo a golpeou e deteve seu avanço. Um enorme muro que se negava a retroceder, que não lhe deixava passar. Não, não. Tenho que chegar. Tenho que chegar até eles. Golpeava o muro, mas só conseguiu despertar e deixar de lutar.

—Gaby! —A voz de Bryce chegou desde muito longe, obrigando-a a responder. — Gaby!

Por que soava com tanta urgência? OH, Deus! Estaria também ele apanhado?

—Bryce... —Lutou um pouco, tentando escapar do muro e localizar ao Bryce. — Não posso... O fogo... O muro...

—Gaby, acordada. —Um as mãos fortes agarravam seus ombros, sacudiam-na para tirar a de seu pesadelo.

Bryce era o muro.

Respondeu totalmente desorientada, abrindo os olhos e esperando a nuvem de fumaça que indevidamente lhes assaltaria.

Mas só viu o atrativo e preocupado rosto do Bryce.

—Bryce?

As rugas de preocupação ao redor de sua boca desapareceram quando ela pronunciou seu nome, em seguida a estreitou contra ele e logo a acompanhou abraçando-a a habitação.

—Outra vez sonâmbula... —Ainda estava desorientada, mas não tanto como para não dar-se conta do que tinha ocorrido. —OH, outra vez não.

—Não passa nada, carinho. Estou aqui. — Bryce a guiou até a poltrona que havia perto da janela; ele se sentou em uma cadeira acolchoada e a sentou em sua saia. —Agora está acordada. —Embalou-a acariciando-a com movimentos lentos e tranqüilizadores.

Gaby começou a tremer; os dentes lhe tagarelavam de maneira incontrollada enquanto se aconchegava nos quentes braços do Bryce, ainda com a caixa de música em suas mãos.

—Não se irão. Essas terríveis lembranças são como cenas tiradas de um livro.

—me fale delas. —A respiração de Bryce levantou o cabelo do Gaby. —Conta-me o Gaby, enquanto ainda está afresco em sua mente. Diga-me o que recorda.

—Já sabe.

—Sobre o fogo, sim. Está tentando chegar até onde estão seus pais. Descreva-me isso

Apertou os olhos para desfazer do sofrimento, mas só conseguiu ressuscitar as imagens, aromas e sons que tanto queria esquecer.

—Me recordo — conseguiu dizer em um tom alto e agudo. —A habitação está muito quente. Ouço vozes, gritos de medo que são engolidos por um nada. As chamas me envolvem. Estão por toda parte. Agarro minha caixa de música, abro-me caminho pela cabana. O trinco da porta está quente. Utilizo minha camisola para abri-la. Tudo está envolto em uma fantasmagórica luz laranja. Cheira de um modo muito peculiar, a fumaça e a algo doce ao mesmo tempo. Miro a meu redor e vejo o muro de fogo que devora a zona onde vive o serviço. Corro com todas minhas forças, mas não posso chegar até mamãe e papai por mais que o tento. Cai-me a caixa de música ao chão, mas não me importa. Sigo tentando empurrar o muro, mas não me deixa passar.

Vejo que o chão se aproxima marrom e nu, e logo... Já não vejo nada mais.

Bryce franziu o cenho sem deixar de lhe acariciar as costas.

—As vozes que ouve em seu sonho procedem do exterior?

—Não, de dentro, mas não da cabana onde me encontro. Os homens estão apanhados. Os dois. Nenhum quer morrer.

—Homens? Os dois? —A mão de Bryce e deteve. —Está segura de que há duas vozes e de que ambas pertencem a homens?

—Sim — respondeu intensificando-se seu tremor.

Bryce prosseguiu lhe custando tragar.

—Devem estar perto para que possa sabê-lo e para que possa sentir seu medo.

—Isso acredito... Sim. Pode que na carvoeira. Ou no quarto da cabana. —Gaby lutava contra seu crescente pânico. —Acredito que os homens estavam falando quando fiquei dormida. É difícil recordá-lo, mas quando me acordado em meu sonho, o rangido das chamas domina sobre o resto dos ruídos. As vozes se ouvem de fundo, rotas e indistintas. Logo se silenciam de repente.

—Reconhece-as?

—Não estou segura. —esforçou-se corajosamente por recordar, mas esse intento aumentou seu medo. —Devia conhecê-los se viviam no Whitshire. —girou-se e olhou ao Bryce. —Poderia significar algo?

—Não sei carinho. —Bryce se calou; lhe via esgotado e pensativo.

—Bryce, por favor. —Gaby se moveu para incorporar-se; seu desejo de controlar seu próprio destino superou a seu medo. —Não proteja como o tem feito com o da tutoria. Não o permitirei. Trata-se de minha vida. O que está pensando? Preciso sabê-lo.

Assentiu com a cabeça, sem fazer mais intentos de esconder suas suspeitas.

—Pergunto-me se for possível que tivesse suportado um trauma maior do que todos pensamos. Pergunto-me se o que realmente ouviu foi morrer a dois homens que conhecia.

Capítulo 13

—chegou Sua Excelência, milady — anunciou Chaunce da soleira do salão.

—Obrigado, Chaunce — respondeu Hermione com um tom ausente e olhou ao Bryce preocupada. —Por favor, lhe faça passar.

Também intercambiou um olhar de preocupação com o Chaunce antes que este assentira com a cabeça e desaparecesse pelo corredor.

—Bryce o que passa? —atreveu-se a lhe perguntar, observando a seu sobrinho enquanto este olhava embevecido seu café, como levava fazendo-o desde que Ruth o tinha servido fazia dez minutos. —Logo que tem aberto a boca do café da manhã e inclusive então não fazia mais que pôr boa cara diante dos meninos. Sei o afetado que está pelo do Delmore. Ao princípio atribuí seu estado a isso e à falta de sonho, mas estou começando a suspeitar que passe algo mais. —inclinou-se para diante algo inquieta. —Se trata do Gaby? Teve algum outro episódio esta noite? Por que não me há isso dito?

Bryce levantou a cabeça, fazendo um colossal esforço posto que lhe doía pelo cansaço e a tensão. Que estranho que se sentisse tão consternado em uns aspectos e tão tranqüilo em outros. Cansado? Sim, estava cansado. Passou-se as horas antes do amanhecer sentado na poltrona da habitação do Gaby, a única forma em que podia estar seguro de que ela dormiria umas quantas horas sem interrupções. Depois de seu bate-papo, estava muito afetada para voltar a dormir, o qual era inviável posto que depois de mais de uma semana de noites tormentosas, estava a ponto de um descabro físico e emocional. Por isso se tinha ficado com ela. Tinha-lhe prometido que não a deixaria,

tinha-lhe murmurado palavras tranquilizadoras e doces até que ao final ganhou o esgotamento e lhe fecharam as pálpebras.

Passou-se toda a noite observando-a, preocupando-se com ela, afundando em seu interior enquanto refletia sobre o montão de temas que assaltavam sua mente e seu coração.

A resolução final tinha chegado com a aparição dos primeiros raios.

—Bryce? —A voz do Hermione interrompeu seus pensamentos e pôde notar o pânico em seu tom. —Me está assustando. O que acontece?

—Sim, teve outro episódio de sonambulismo esta noite — respondeu pondo a um lado sua taça. —Bastante forte, por certo. Sinto não haver o mencionado imediatamente. Tenho muitas coisas na cabeça esta manhã.

—me conte o que...

—bom dia. Aqui estou tal como te prometi. —Thane entrou na habitação, detendo-se de repente ao notar um ambiente tenso. Deu-se conta de que acabava de interromper algo. —Peço desculpas — disse olhando ao Bryce e ao Hermione. —Chaunce há dito que podia passar. Se o desejarem, posso esperar...

—Não — Bryce se levantou, esfregou-se a mandíbula e lhe fez um gesto para que entrasse. —Passa. Fecha a porta. Hermione e eu estamos falando de algo que também concerne a ti.

—Muito bem. — Thane obedeceu, fechou a porta e se apoiou contra ela. — aconteceu algo mais?

—Não com respeito ao Delmore, mas sim respeito ao Gaby. —Bryce começou a dar voltas pela sala. —Ontem à noite teve outro episódio grave de sonambulismo. Quando tentou abandonar a habitação, detive-a e despertei. Mas em lugar de que voltasse em seguida para a cama com a esperança de que ficasse dormida e que não se repetisse, insistiu em falar imediatamente, enquanto ainda estavam vivas as lembranças. Assim o fizemos. E o que me disse me impactou muito. —Bryce fez uma pausa, logo narrou toda a conversação que manteve com o Gaby. —Em minha opinião existe uma probabilidade bastante elevada de que Gaby ouvisse morrer a esses dois homens, que ouvisse seus gritos de socorro, seu sofrimento, Deus sabe que mais.

—Deus santo! — sussurrou Hermione.

—Thane, quanta gente morreu no incêndio? —perguntou-lhe Bryce a seu irmão.

—Dúzias de pessoas. — Thane se tinha ficado pálido ao escutar a teoria de Bryce — O fogo destruiu toda a asa do serviço, todas as estruturas do que então era a garagem até a entrada traseira do Whitshire, tudo menos os estábulos — disse tragando saliva. —Onde houve mais perdas foi nos aposentos do serviço. Quase todos dormiam. Não tiveram tempo de reagir, e muito menos de escapar.

—Onde estava situado o armazém em relação às moradias do serviço?

Thane lhe tirou essa idéia da mente com um movimento de cabeça.

—Não estava lhe limite. A única habitação que dava ao armazém era a carvoeira. Ao outro lado se encontrava a entrada do serviço e o comilão. Logo vinham seus aposentos.

—De modo que as vozes que Gaby ouviu não podiam proceder das habitações do serviço. —Bryce se passou a mão pela cabeça. —É possível que houvesse gente na carvoeira?

—Suponho que sim. As vozes também podiam proceder do serviço que estava no comilão. Mas se o que está pensando é que Gaby pudesse ter ouvido como morria alguém, a resposta é que sim. Eu estava em Oxford naquela época, mas retornei assim que me inteirei do acontecido. Foi uma tragédia, morreram dúzias de pessoas de um modo terrível. E para uma menina de cinco anos passar essa... — Thane se calou. —Não sente saudades que não possa esquecê-lo.

—Isto é pura especulação — lhe recordou Bryce. —Mas, francamente, preocupa-me muito. Porque se o que estou sugerindo ocorreu realmente, Gaby tem uma enorme carga que superar. Por não dizer que será muito difícil provar minha teoria. Você não estava no Whitshire à noite do incêndio, com o qual só ficam quão serventes sobreviveram, os que já trabalhavam com seu pai, para que nos contem o que recordam. E isso caso que todos eles ainda estejam a seu serviço depois destes treze anos ou que lhe tenham deixado suas direções de contato.

—Realmente crie que devemos reviver toda essa tragédia? —perguntou Hermione; suas mãos tremiam de emoção. —Crie que tirar a luz todo este sofrimento fará algum bem ao Gaby?

—Não fazê-lo a está destruindo — respondeu Bryce friamente. —E não vou permitir que isso aconteça. Os dois sabemos que Gaby é forte, Hermione. Quando ela entenda o que a está destruindo por dentro, poderá enfrentar-se a isso. Eu a ajudarei, todos o faremos Mas não pode lutar contra o que não pode recordar. Assim temos que descobrir a verdade do que aconteceu.

—Falarei imediatamente com meu serviço — prometeu Thane. —Que eu saiba todos os que sobreviveram seguem estando em casa, assim não será necessário localizá-los. Reunir-me-ei com cada um pessoalmente e lhes perguntarei se sabiam que tivesse havido alguém na carvoeira, no comilão ou inclusive na cabana onde se guardava a lenha quando se declarou o incêndio. Possivelmente tenham algumas respostas para nós.

—Obrigado — respondeu Bryce. Voltou-se para o Hermione. —Falando da capacidade de Gaby para fazer frente às dificuldades há algo mais que quero que saiba: Gaby conhece seus planos respeito a meu possível cargo de tutor. Escapou-me. Espero que não lhe incomode.

Essa revelação pareceu dissipar a preocupação do Hermione em lugar de incomodá-la.

—Como reagiu?

—Ao princípio mau — disse Bryce pigarreando, para escolher cuidadosamente as palavras e não desvelar as circunstâncias que rodearam essa conversaço. —Mas lhe expliquei suas razõs e ao final as compreendeu.

—Do que estão falando? —perguntou Thane.

Bryce voltou a pigarrear.

—Hermione me pediu que exercesse como tutor do Gabrielle sim fora necessário.

Ao Thane lhe escapou uma risada.

—Isso nunca acontecerá.

—Estou de acordo — respondeu Bryce. —Hermione é muito capaz de desempenhar esse papel até que Gaby o necessite.

—O qual não será por muito tempo — acrescentou Thane.

Bryce franziu o sobrecenho em sinal de assombro.

—O que quer dizer?

Thane cruzou o salão e foi servir se café.

—Isso significa —respondeu com um sorriso— que Gabrielle nunca será sua pupila, mas não pela energia do Hermione, embora esteja totalmente convencido de que nossa tia viverá eternamente. Gabrielle não será sua pupila porque está tão apaixonado por ela que não pode ver nada mais.

Bryce ficou boquiaberto quase sem precaver-se da pequena gargalhada que soltou Hermione a suas costas.

—O que há dito?

Tomou um comprido gole de café.

—Acredito que me ouviste perfeitamente.

—Como pode afirmar algo assim? Como demônios sabe?

—Parece-me que todo mundo sabe, Bryce — acrescentou amavelmente Hermione.

—Menos você. —Deixou de rir e lhe olhou durante um momento. —Se estiver no certo, acredito que já passaste a ser um dos nossos.

Bryce voltou para poltrona e se deixou cair.

—passei três ou quatro dias no Nevon Manor e três ou quatro horas no Whitshire. Como é possível que em tão pouco tempo, todo mundo perceba algo de tal magnitude do que eu mesmo não me dei conta?

—Ao lhes ver juntos a ti e ao Gabrielle não resulta muito difícil — disse Thane sentando-se também e estirando suas largas pernas. —Logo que pode apartar o olhar dela; se preocupa constantemente e se respira uma surpreendente química entre ambos, que todo mundo pode notar. Além disso, sempre está fugindo ou indo para ela. Ontem quase me faz cair em suas pressas por retornar ao Nevon Manor e te assegurar de que se encontrava bem, enquanto que a semana passada saiu disparado para Londres para esquecê-la. Sou um homem e reconheço os signos. Tenho que continuar?

—Não — disse Bryce movendo a cabeça. —deste no prego.

—E você deste no teu? —perguntou Hermione entusiasmada. —O há dito ao Gaby...?

—Hermione, por favor. —Bryce a fez calar com um gesto da mão. —Esta conversação foi muito longe. Sei que guarda um livro de recortes de periódicos de minha vida e é evidente que Thane herdou sua perspicácia, mas não estou acostumado a falar abertamente de minha vida privada. Nego-me a ser interrogado respeito a minhas ações e intenções com o Gabrielle.

—O que você diga, querido. —Hermione seguiu tomando café sem perturbá-lo mais mínimo.

Thane tossiu discretamente.

—Se me houver extra limitado, peço desculpas.

—Não o tem feito. Fui eu quem perguntou. —Bryce pôs fim à conversação de repente introduzindo um tema igualmente premente e menos emocional. —Vamos à razão de nosso encontro: Delmore. Thane, contei ao Hermione nossa conversação de ontem com a polícia. Ao igual a você, ela tampouco sabia nada de que seu pai tivesse um iate. Segundo Hermione, não suportava navegar. Por que teria encarregado construí-lo?

—Possivelmente para investir? —sugeriu Thane.

—Isso é o que eu pensei em um princípio, mas vendo a módica soma que pedia ao Delmore, não acredito que obtivera nenhum benefício da venda.

—Estou seguro de que primeiro pediria uma soma muito mais importante, mas como você mesmo assinalou, provavelmente modificasse suas expectativas ao adoecer e decidisse esquecer-se dos benefícios para vender o iate o antes possível.

—Eu também pensei isso ao princípio, mas após tive tempo para pensar. E me pergunto por que seu pai acreditaria necessário fazer esse sacrifício. Que pressa tinha por vender? Ao fim e ao cabo podia ter delegado todo o assunto em suas mãos, podia-te haver dito que negociasse o melhor preço, quando ainda estava vivo ou depois de sua morte. Entende de negócios. Teria conseguido um bom benefício. —Bryce olhou ao Thane funestamente. —E, por favor, não me diga que o fez para te economizar a carga de te desfazer do iate. Não se trata de uma transação complicada e Richard Rowland não era um homem desinteressado.

—Não ia sugerir isso — lhe assegurou Thane. —Suas reservas são muito válidas, Bryce. De fato, tudo o que me acaba de dizer tem muito sentido. O problema é que não tenho respostas para ti. Não alardeio de ter entendido os raciocínios de meu pai nem seus motivos.

—Outra pergunta, onde está o título de propriedade do iate? Tem que estar em alguma parte. Suponho que se desconhecia sua existência, não deve encontrar-se entre seus papéis.

—É obvio que não. Revisei todos os documentos legais que possuía nosso pai. Entre eles não se encontra esse documento. —Thane se dava golpezinhos na perna pensativamente. —Pode que o tivesse enviado ao Delmore quando fizeram o acordo verbal para que este comesse a preparar os contratos.

—Essa é outra possibilidade — assentiu Bryce com a cabeça. —Voltemos para assassinato e ao ladrão que supostamente lhe matou.

—Supostamente? —repetiu Thane. —Deduzo que não crie que fora um ladrão quem o fez.

—Digamos que tenho minhas dúvidas, minhas dúvidas razoáveis. Pensemos nisso. O corpo do Delmore foi descoberto a certa distância de seu carro, escondido em um arvoredo. Os ladrões não ficam na cena do crime tanto tempo para ocultar um cadáver. Simplesmente disparam a sua vítima, agarram tudo o que podem e partem o antes possível.

—Possivelmente o ladrão atraiu ao senhor Delmore fora de seu veículo antes de lhe disparar — especulou Hermione.

—Com que chamariz? —perguntou Bryce. —Sua própria vida? Muito bem, então... Por quê? Simplesmente para esconder o corpo? O que tiraria com isso? Ganhar tempo antes que alguém descobrisse o assassinato? O risco de ser descoberto era muito alto em comparação com o bota de cano longo que ia tirar, especialmente porque era a plena luz do dia e lhe poderiam ter descoberto em qualquer momento. Não, o mais inteligente teria sido lhe disparar ao Delmore e sair correndo.

—Seu raciocínio é lógico — admitiu Thane. —Então, suponhamos no momento que a polícia se equivoca, que não foi um ladrão o que cometeu o delito. Aonde nos conduz isso?

—A outro motivo que não fora o roubo — respondeu Bryce. —Não havia sinais de luta. Em minha opinião isso só significa duas coisas. Bem, que Delmore recebeu o disparo em seu carro e logo foi miserável para o arvoredo, possibilidade que é fácil de comprovar perguntando à polícia se havia manchas de sangue no assento.

—O...?

—Ou que Delmore desceu de seu carro voluntariamente e vivo e o assassino lhe disparou depois de entrar no arvoredo.

—por que baixaria Delmore voluntariamente de seu carro, sabendo que lhe foram disparar?

—Não sabia. Baixaria voluntariamente de seu carro só se desconhecia as intenções de seu assassino.

Thane inspirou profundo.

—Está sugerindo que Delmore conhecia seu agressor?

—Acredito que é uma teoria que deveríamos contemplar.

—Mas Delmore estava em uma estrada privada que conduzia ao Whitshire. A quem poderia conhecer...? —Thane interrompeu o que ia dizer, ficando pálido. —OH, não.

Hermione afogou um grito.

—Bryce, está insinuando que algum dos residentes do Whitshire pôde ter assassinado ao Delmore?

—Não estou insinuando nada, ao menos não no momento. Simplesmente estou considerando todas as possibilidades. Não temos provas que apóiem minha teoria, mas tampouco nenhuma outra. Ocorreu-me que o assassino poderia viver no Whitshire. Sim,

assim acredito. — Bryce se esfregou as Palmas. — Ou isso, ou alguém que sabia que se dirigia ao Whitshire e lhe seguiu até ali. Essa também é outra possibilidade. O caso é que é um roubo muito estranho e uma transação legal igualmente estranho, e ambas as coisas implicam à mesma pessoa. Acredito que essa coincidência merece a pena ser considerada.

— Eu também acredito. — Thane deixou sua taça. — Apostaria a que tem um plano?

— Não é um plano, a não ser um primeiro passo. De fato, dois. O primeiro é que quero lhe perguntar à polícia sobre o estado do carro do Delmore. Logo irei visitar o Banks. Queria que me desse sua autorização para examinar todos os documentos que correspondem à construção ou a venda desse iate, incluído o título de propriedade original, se é que está em mãos do Banks. Possivelmente esses documentos nos esclarecerem algo do mistério.

— Não necessita minha autorização, Bryce — lhe recordou Thane. — Richard Rowland também era seu pai.

— Mas ninguém sabe. — Bryce apertou os dentes. — E não pretendo trocar isso, como já te hei dito.

— Muito bem. — Thane aceitou a decisão de Bryce sem mais protesta. — Escreverei uma carta agora mesmo, para que a entregue ao Banks quando for a Londres.

— Significa isso que vais voltar a partir? — saltou Hermione marcando lhe enrugando de desgosto ao redor da boca.

— Só um ou dois dias — respondeu Bryce. — Tenho que fazê-lo, Hermione. Dadas as circunstâncias, não tenho outro remédio. — Duvidou um momento. — Também há outras razões para minha viagem, razões que não vou comentar. Terá que confiar em mim.

As rugas se suavizaram.

— Já conhece minha resposta.

— Bem. Pretendo partir o antes possível, antes do meio-dia. Falarei com a polícia, visitarei o Banks, e logo me ocuparei de meus outros assuntos. Retornarei ao Nevon Manor assim que possa, amanhã, espero. Para então, Thane já teria falado com o serviço sobre o incêndio e pode que tenha mais informação que possa ajudar ao Gaby. — Franziu o cenho. — Não estarei aqui para velar na porta de Gaby esta noite.

— Chaunce e eu nos arrumaremos isso — lhe assegurou Hermione. — Esta noite dormimos bem, graças a ti, e sem dúvida poderemos voltar a ocupar nossos postos uma noite mais, especialmente sabendo que retornará logo.

— Obrigado. Também quero que me prometa que ninguém sairá do Nevon Manor. Tal como disse Thane ontem, as estradas não são seguras. Assim, por favor, não as utilizem.

— Não o faremos. — Hermione tentou sorrir. — Godsmith estará encantado de abandonar suas obrigações para dedicar toda sua atenção ao Marion e a suas iminentes bodas. — de repente a preocupação voltou a refletir-se em seu rosto e se girou para o Thane. — Falando de segurança, e se a teoria do Thane for certa? E se houvesse um assassino no Whitshire? Você poderia estar em perigo.

—Duvido-o — respondeu Thane. —Quem quer que seja este assassino, é evidente que não sou uma ameaça para ele — disse com um sorriso. —Não lhes preocupem. Terei mais cuidado do habitual.

—Parece-me uma boa idéia, Thane — replicou Bryce. —Estou de acordo em que não supõe um perigo imediato para ele, mas ainda assim, abre bem os olhos.

—Isso farei. —Thane inclinou a cabeça olhando a seu irmão interrogativamente. — Existe alguma razão para que não te parta até o meio-dia? Agora são só as dez. Poderia começar antes, amenos que tenha outra entrevista.

—Tenho-a. — Bryce olhou ao Thane. —Uma entrevista muito importante com o Gaby, tenho muitas coisas de que falar com ela. —Agora Miro ao Hermione. —E com sua permissão, eu gostaria que uma dessas coisas fora o assassinato do Delmore. Tal como Gaby me disse ontem à noite, já não é uma menina que necessita amparo. Tem direito, ou seja, as coisas que podem afetar sua vida, e esta lhe afetará, posto que tenha que cancelar qualquer visita que tivesse pensado fazer ao Whitshire. Também tem direito, ou seja, por que vou do Nevon Manor quando tinha prometido ficar. O resto da família perdoará que me ausente por um dia para resolver meus negócios urgentes, sempre que prometer voltar. Mas Gaby... —Um ligeiro sorriso iluminou seus lábios. —Não acredito que ela aceite minha explicação. De fato, duvido que me acredite.

Hermione lhe olhou pormenorizada.

—Tem razão — assentiu. —Temos que lhe contar o do assassinato, e para ser mais exatos melhor que você explique. Por todas as razões que acaba de comentar. Também, tenho que confessar egoístamente, que prefiro que haja alguém mais além do Chaunce e de mim que compartilhe esta carga e que possa me ajudar em minha cruzada, quer dizer, conseguir que outros não se inteirem. Chaunce e eu podemos interceptar todos os periódicos e ele pode filtrar todas as intrigas que chegam através da entrada posterior quando devem fazer a partilha. —Hermione suspirou e apoiou a cabeça contra a almofada. —Gaby é tão sensível e delicada, que às vezes me esquece quão forte é. Mas não deveria. Sempre foi minha alegria e, junto com o Chaunce, minha fortaleza. Viveu uma tragédia que a maioria das pessoas não teria suportado. É certo que lhe partirá o coração ao inteirar-se de que se assassinou a um homem inocente, mas tomará com acalme, embora só seja para ajudar a proteger ao resto da família.

—Isso por não dizer que proteger à família servirá para dedicar-se em algo positivo — acrescentou Bryce. —Algo que não sejam seus episódios de sonambulismo.

Para ouvir isso, Hermione franziu os lábios.

—Algo positivo no que enfocar-se? Esse trabalho, meu querido Bryce, deixo-lhe isso para ti. E como de costume, não me decepcionará.

Eram às onze e meia, o sol se filtrava através dos ramos dos carvalhos enquanto subia até seu ponto mais alto, quando Gaby e Bryce chegaram à rocha plana junto à qual se despediram a semana passada.

Caminharam até ali em silêncio; não era um silêncio forçado, a não ser espectador, como se ambos soubessem que as palavras que tinham que intercambiar eram muito valiosas para ser sortes de passagem.

Gaby se recolheu as saias e se sentou, convidando ao Bryce a que fizesse o mesmo.

—pudeste descansar algo? —perguntou-lhe ela brandamente.

—Nem sequer o tentei — respondeu, sentando-se junto a ela. —Como recordará, tinha um montão de coisas em que pensar. Além disso, queria me certificar de que dormia sem interrupções.

—Obrigado. —Ela inclinou a cabeça e levantou o olhar. —Não quero falar de meus episódios de sonambulismo. Agora não. Conte-me as grandes conclusões às que chegaste enquanto dormia.

Bryce sorriu.

—Várias. A primeira é que ou troquei completamente durante estas últimas semanas ou nunca fui eu mesmo.

—Ambas as coisas — respondeu Gaby, colocando-se uma de suas loiras mechas detrás da orelha. —Tem aberto um coração extraordinário que acaba de descobrir. E, em troca, conseguiste uma visão totalmente distinta e toda uma nova família.

—São surpreendentes, verdade? —concluiu Bryce olhando ao vazio. —Não podia deixar de pensar neles quando estava fora, me perguntando como iria ao Peter com os livros que lhe deixei como teria reagido Marion à proposição do Godsmith, como iria ao Chaunce com suas vigílias noturnas, como estaria a saúde do Hermione. —Moveu a cabeça desconcertado. —Durante toda a semana que estive em Londres, minha mente esteve muito agitada. Tudo o que me parecia real fazia tão somente uns dias, de repente carecia de sentido, e tudo o que antes não existia, de repente parecia essencial. Sentia-me como deveu sentir-se Alice ao cair no túnel que a conduziu ao país das maravilhas.

—Mas já chegaste — lhe disse Gaby pondo sua mão sobre a sua.

—Sim. —Olhou seus delicados dedos, enquanto seu peito se encolhia de emoção. —cheguei, graças a minha nova família e a ti.

—Significa isso que ao final crie que existe o amor? —disse-lhe brincando um pouco. —Não só a compaixão, mas também o amor da família e o amor romântico?

Bryce selou os lábios de Gaby com seus dedos.

—Minhas crenças trocaram bastante nas últimas semanas. Estou-me afogando em sentimentos e emoções. Sim, acredito que existe o amor. E não só em geral, mas também em mim. —Beijou docemente sua mão. —Ah. Gaby tenho tantas coisas que te dizer, há tantas coisas que quero que compreenda e que eu mesmo ainda estou em processo de compreender.

Gaby estudou seu rosto com acuidade.

—Eu começarei por ti. Ontem passou algo, algo grave. Seja o que for, trouxe-te para o Nevon Manor. Intensificou-se ao nos ver todos. Também foi a causa da força de seu estado de ânimo ontem à noite e de que perdesse o controle como o perdeu. Do que se trata?

Moveu a cabeça e olhou assombrado ao Gaby.

—Os meus pensamentos, Alice no país das maravilhas?

—Às vezes. Principalmente leio seu coração. Agora me conte o que é o que te afetou tanto.

—Tentá-lo-ei. Mas primeiro quero te esclarecer algo. Tinha razão quando há dito que tinha acontecido algo grave, que foi o que me trouxe aqui e que tem feito que me sinta débil e vulnerável. Vulnerabilidade que desapareceu com a inspiradora bem-vinda que recebi. Mas te equivocou respeito a que foi o que me fez perder o controle ontem à noite. Isso conseguiu você sozinha. Desejava-te tanto que todo eu tremia. Ainda tremo. — calou-se e tragou saliva. —De acordo?

—Estou totalmente de acordo — resmungou Gaby, lhe acariciando o queixo. — Perfeito. Sabe, eu senti, quer dizer, ainda sinto o mesmo.

Calaram-se, mas era um silêncio carregado de paixão.

—Gaby — disse por fim Bryce com voz rouca — se agora tomar entre meus braços, esquecer-me-ei do resto do mundo salvo de ti... De nós... E de quanto te desejo. E te tenho que dizer muitas coisas antes disso. Assim deixa que lhe diga isso.

—E logo poderei me jogar em seus braços?

—Não. Logo serei eu quem arraste a eles.

—Muito bem, prossegue.

Bryce respirou profundo. Logo, lentamente e com cautela, contou-lhe o acontecido: o assassinato do Delmore, as suspeitas dos agentes de polícia, suas próprias dúvidas e preocupações, a estranha venda do iate.

Enquanto falava, Gaby se ia ficando pálida.

—Assassinado. Meu deus! —umedeceu os lábios com a ponta da língua, em um claro intento de automóvel controlar-se.

Da lonjura chegou a seus ouvidos o som de um carro que se aproximava.

Gaby levantou o queixo e olhou ao caminho.

—Retorna a Londres — disse ela em voz baixa. —É seu carro o que foi a procurar Godsmith. Vai à cidade para ver o sócio do Delmore.

—Carinho, tenho que fazê-lo. —Bryce tomou as mãos de Gaby entre as suas, observando seu rosto para ver sua reação. —Estarei fora só uma noite. Tem minha palavra. Não quero te deixar agora, com tudo o que está acontecendo entre nós e com as novas lembranças que tem do incêndio. Precisa-me. Quero estar aqui contigo. E também quero estar aqui por nós, pela família, e o mais surpreendente de tudo, por mim mesmo. Mas assassinaram a um homem inocente e se posso ajudar a descobrir a razão...

—Bryce. —Gaby lhe deteve com um suave movimento de cabeça. —Para. Não tem por que me explicar mais. Eu sou a que sempre te recorda o homem maravilhoso e compassivo que é. Avaliação a razão pela que vai. Eu faria o mesmo se estivesse em seu lugar. Deus santo, pobre homem! —estremeceu-se. —E sua pobre família.

As palavras de Gaby despertaram justamente a reação que Hermione havia predito. Bryce observou que suas costas se endireitavam, que o instinto de amparo aflorava em seus olhos.

Lentamente se foi dando a volta para lhe olhar.

—Obrigado por confiar em mim — lhe disse com determinação. —Agora posso facilitar às coisas a tia Hermione, ajudá-la a que outros não se inteirem destas terríveis notícias.

—É muito formosa para encontrar palavras que possa te descrever — disse Bryce fervientemente. —Não me cabe dúvida de que protegerá à família como uma leoa a seus cachorrinhos. Quanto a minha própria situação, não quero que se preocupe sobre seu sonambulismo. Hermione me há dito que ela e Chaunce estão recuperadas para tomar a substituição em sua porta esta noite. Amanhã eu os substituirei. E, Gaby... —Bryce deslizou sua mão por seu sedoso cabelo, lhe acariciando a nuca— lhe digo isso a sério: chegaremos até a raiz de seu problema. E logo o superaremos. Já dei os passos necessários para isso.

—Passos? Que passos?

—Pedi- ajuda ao Thane. —Explicou-lhe o que lhe tinha contado a seu irmão e o que foram fazer.

—Agradeço-lhes isso a ambos — respondeu Gaby quase sem voz. —Me considero tremendamente afortunada e muito otimista. Com a combinação de todos nossos esforços, não me cabe a menor duvida de que resolverei meu passado e o relegarei aonde pertence. Thane e seu — de repente se calou e a luz do sol iluminou suas facções, dissipando a gravidade emocional dos últimos momentos. —Bryce, não te pareceria maravilhoso que me ajudar lhes unisse mais?

Bryce sorriu.

—Só te ocorreria pensar em minha relação com meu irmão quando estamos falando de seu problema.

Seu resplendor se intensificou.

—Acaba de lhe chamar seu irmão. E antes referiste a todos os residentes do Nevon Manor como sua família. Tem idéia do feliz que me faz isso?

—Como de feliz? —murmurou Bryce.

—Entusiasmada. Radiante. Eufórica.

Em lugar de rir Bryce ficou solene.

—Alegra-me porque fazer que se sinta entusiasmada, radiante e eufórica é o que pretendo, não só agora, mas também sempre.

Notou que ao Gaby lhe parava a respiração.

—Gaby. —Atraiu-a mais para ele e lhe levantou o queixo. —Tenho outra razão para ir a Londres — disse mantendo o olhar. —Tenho que ver a Lucinda.

Esperava-se consternação ou algum protesto, não foi assim. Gaby simplesmente assentiu com a cabeça captando o significado subjacente de seu anúncio.

—vais pôr fim a sua relação.

—Sim. Mas me sentiria como um canalha se não o fizesse em pessoa.

—Entendo. —Então se produziu um momento de remorso. —Se sentirá destroçada?

Só Gaby podia sentir compaixão por uma mulher que nem sequer conhecia, e que até agora tinha saído nos periódicos como a mulher na vida do Bryce, sua suposta futura algea.

Tolos eles.

—Não, carinho. —Bryce acariciava com os nódulos a bochecha do Gaby. —Lucinda não se sentirá destroçada. Esse sentimento não é algo que ela possa experimentar; é uma emoção muito forte. Sentir-se-á decepcionada, surpreendida. Logo considerará minha decisão, reconhecerá seu mérito e seguirá adiante com sua vida. Além disso — acrescentou com um sorriso compungido—, imagino que dada minha conduta dos últimos dias, ficará secretamente aliviada por nossa ruptura. A julgar por seus comentários respeito a minha afinidade pelo Nevon Manor e minha avaliação por seus incomuns residentes, acredito que pensa que me tornei louco.

Uma nuvem de tristeza cruzou o rosto do Gaby.

—Isso, é obvio não o passo. Entretanto, sinto a solidão que vai ter que confrontar.

—Prometo-te que Lucinda não vai estar sozinha. Tem uma dúzia de pretendentes esperando, todos eles dispostos a competir por seu afeto. —Inclusive enquanto estava falando ele mesmo sentia saudades do desapegado que se sentia de uma mulher com a que quase ia compartilhar seu futuro. Isso provava o vazio em que tinha estado vivendo o pouco que conhecia suas próprias necessidades.

Até que conheceu o Gaby.

—Lucinda é uma mulher encantadora e pouco complicada, que sabe o que quer da vida — concluiu ele. —É refinada, prática e tem bom caráter; será uma esposa e uma anfitriã perfeita para um homem igualmente simples.

—Mas não para ti.

—Não. Certamente, não para mim — respondeu ele movendo a cabeça.

O sorriso de Gaby se tingiu de assombro.

—Em outras palavras, não pode sentir a música.

—Nem as notas nem a melodia — remarcou Bryce. —Nem agora. Nem nunca.

—Sinto-o por ela.

—Eu não. Só se sente falta do que se sabe que existe. —Bryce roçou seus lábios com os do Gaby. —Por outra parte, sente-se profundamente agradecido quando seu coração se abre à música que sempre soou em seu interior, mas que não tinha escutado até agora.

—Bryce...

—Basta já de falar da Lucinda — murmurou, selando o protesto de Gaby com sua boca. —Nossa ruptura será muito cívica, prometo-lhe isso. E depois deixarei atrás ao velho Bryce Lyndley, não meu trabalho nem minhas causas, a não ser a concha vazia do homem que tinha sido até faz quinze dias. —Deu-lhe outro beijo, este mais profundo e mais ardente—, e logo retornarei para te pedir um pouco muito importante.

As lágrimas brotaram dos olhos do Gaby.

—De verdade? —sussurrou ela. —Que coincidência eu terei uma resposta igualmente importante para ti.

—Gaby... —Bryce a estreitou contra ele, seus polegares secaram suas lágrimas. — Deus, não quero te deixar nem por um só dia. O que estou sentindo... —Olhou-a no mais profundo de seus olhos, que eram deliciosas piscinas de cor azul clara. —É inimaginável, assustador. Me cheia de humildade, especialmente eu que era um homem que nunca tinha acreditado que estes sentimentos fossem possíveis, que nem tão sequer existissem.

—Diga-o —suspirou Gaby, passando seus braços ao redor do pescoço de Bryce — Por favor, Bryce. Preciso ouvi-lo.

—Quero-te — lhe disse passando suas mãos entre seus cachos e Te beijando-a quero com todos os fragmentos de meu recém descoberto coração. Quero-te com toda a música que despertaste em minha alma.

—E eu também te quero — sussurrou ela. —Muitíssimo.

Seu beijo foi acalorado, devorador, um poço sem fundo, carregado de emoção e de crescente paixão. Gaby se estreitou contra ele com todas suas forças, tremendo de prazer quando Bryce a sentou em sua saia adaptou seu corpo ao dele e devorou sua boca em uma série de acalorados e embriagadores beijos. Ela passou suas mãos por dentro de seu casaco, deleitando-se com a calidez de sua pele que sentia através de sua camisa e emocionando-se ao notar seus batimentos do coração à medida que se foram acelerando e colidiam contra os seus.

—Gaby... —Bryce trocou de posição, atiraram-se ao chão, e se estirou a seu lado, acoplando-se ambos os corpos. —Te desejo tanto — resmungou envolvendo-a freneticamente entre seus braços. —Te desejo muitíssimo, maldita seja. —Voltou a beijá-la na boca, no pescoço, cujo pulso estava totalmente desbocado, no aromatizado oco de sua garganta, passando seus dedos por seu cabelo e saboreando cada centímetro de pele.

—Hum. —Gaby fechou os olhos; seu corpo estava vitalmente acordado, seus sentidos embriagados com seus descobrimentos. Ela era muito consciente da fresca erva que tinha debaixo, da calidez do sol, mas principalmente do Bryce... De suas mãos embalando sua cabeça, sua boca reclamando a sua, possuindo cada centímetro que tocava.

Com um grande esforço, ele se incorporou apoiando-se em seus cotovelos. —Um minuto mais —consegui dizer, respirando com dificuldade— e me esquecerei de todos meus condenados princípios e te farei o amor aqui mesmo.

—Isso é extraordinário — murmurou Gaby, abrindo os olhos para ver como seu atrativo rosto se debatia em sua luta por controlar-se. —Abandonemos seus princípios. — Passou-lhe as mãos pelo pescoço e atirou dele.

—Não. Não. —Bryce lhe agarrou os braços e os tirou brandamente, lhe beijando as Palmas enquanto as descia para o chão. —Quando te fizer o amor, será durante horas, sem a preocupação de que possam nos descobrir, sem compromissos prévios nem viagem precipitada a Londres. Vai ser como você te merece, tudo o que quero para ti. —Ao dizer

isso lhe moveu um músculo de sua mandíbula. —Tudo o que não sabia que existia, mas que tive a bênção de descobrir.

Gaby lhe beijou com muita ternura.

—Para um advogado prático que sempre se governou pela lógica, converteste-te em um romântico insuportável.

—Certo. —Bryce piscou e se forçou a ficar em pé, arrastando ao Gaby junto a ele. —É terrível, não te parece?

—Intolerável — disse ela sacudindo-as fibras de erva do vestido. —Um dos momentos mais inoportunos para que troque de caráter. —Lhe deu de presente um brilhante sorriso. —Mas, não trocaste de tudo. Seus princípios seguem regendo todo o resto.

—Não acredito. —Bryce tomou ao Gaby pelos ombros e voltou a estreitá-la entre seus braços. —De fato, acredito que quando retornar teremos que revisar alguns desses lugares que disse aos que vão os casais para estar a sós.

Gaby riu entre dentes.

—Tomarei boa nota deles enquanto esteja fora.

—Faço. —Levantou-lhe o queixo. —Te sentirei falta de.

—Não suporto ter que te dizer adeus — respondeu ela ardentemente e com voz rouca.

O ruído do carro de cavalos chegou até seus ouvidos.

—Vete — disse Gaby com firmeza, rebatendo o que acabava de dizer ao ver a indecisão no rosto de Bryce— Faz o que tem que fazer. Estarei bem, prometo-lhe isso.

—Estarei de volta amanhã, prometo-lhe isso.

Pôs-lhe uma mão no queixo.

—Sei. Esta vez para ficar.

Bryce tomou sua mão e a pôs no coração enquanto se agachava para beijá-la de novo.

—Quero-te, Alice no país das maravilhas.

Girou-se e partiu.

Gaby ficou muito quieta, lhe olhando durante um momento. Logo se dirigiu para um solitário carvalho, apoiou-se contra seu sólido tronco e olhou a arvoredo que dava ao caminho. Apartou-se uma mecha que o vento tinha levado a sua cara enquanto observava como se despedia, subia a seu carro e ficava em marcha.

Não reagiu até que o carro tinha desaparecido da vista e já não se ouvia o chaqualhado dos cavalos.

De repente, tocou os lábios com os dedos; a imensidão do que acabava de acontecer fez que se fora voando a casa.

—Tia Hermione — ofegou, duvidando quando se dirigia para a casa. —Tia Hermione! —Esta vez foi um grito, enquanto se recolhia as saias e corria para a porta.

Entrou na casa como um ciclone, quase atirando ao Chaunce a seu passo.

—Tia Hermione!

Sua tia se apressou a sair da sala de estar, movendo seus membros com toda a rapidez que estes lhe permitiam. Abriram-lhe os olhos de surpresa ao ver o estado de excitação de Gaby e o hábil gesto do Chaunce para recuperar o equilíbrio.

—Querida? O que acontece?

Dando-lhe um apertão de desculpa no braço ao Chaunce, Gaby abraçou a sua tia.

—Quer-me — ofegou, emanando sorte por todos os poros. —OH, tia Hermione, ama-me. Há-me isso dito.

Ao Hermione tremiam as mãos enquanto acariciava o cabelo de sua sobrinha. Olhou ao Chaunce por cima do ombro de Gaby e intercambiaram um olhar triunfal.

—OH, Gaby, que maravilha — murmurou ela. —Sou muito feliz por vós. — Apartou ao Gaby de seu lado e franziu os lábios ao ver os reveladores signos da declaração de Bryce — Suponho que escutaste esta grande noticia durante o passeio? — perguntou ela tirando várias folhas de erva do vestido do Gaby.

Gaby estava muito excitada para sentir-se morta de calor.

—Sim. E, tia Hermione, isso não é tudo. Bryce também me há dito que quando retornar de Londres terá uma pergunta importante para mim.

Esta vez caíram lágrimas dos olhos do Hermione.

—OH, Chaunce, ouviste isso?

—Assim é, senhora. —Chaunce pigarreou. —E pelo que vejo essa importante pergunta não chega muito logo.

Para ouvir o ar protetor no tom do Chaunce, Gaby se olhou e se ruborizou ao dar-se conta de que era evidente de que tinha estado em seus braços.

—Obrigado, Chaunce — disse ela brandamente e com ternura. —Obrigado por preocupar-se sempre por mim. Mas te asseguro que Bryce é a pessoa mais honorável do mundo. —Pestanejou. —Muito mais que eu.

Chaunce começou a ruborizar-se.

—Consola-me ouvir isso, senhorita Gaby.

—Ah, agora tem sentido — disse Hermione em voz alta, sem fazer muito caso do puritanismo do Chaunce. —Quando Bryce te há dito que tinha outros assuntos que atender, imagino que queria dizer que tinha que romper laços com a donzela de gelo.

—Tia Hermione! —Gaby começou a rir. —Isso é uma coisa terrível de dizer sobre a senhorita Talbot.

—Não é terrível, é certo. Ela nunca foi adequada para ele, como tampouco o eram suas predecessores. Só você podia despertar a alma do Bryce, penetrar esse muro protetor que tinha erigido a seu redor desde sua infância. Tal como tinha previsto, como sempre soubemos aqui. —deu-se um tapinha no peito na zona do coração e logo aplaudiu com alegria. —OH, esta é uma grande noticia!

—Bryce vai romper seu compromisso com a senhorita Talbot — confirmou Gaby. —Tem muito claro que quer fechar esse capítulo de sua velha vida de uma forma honorável antes de começar a nova... —Gaby se calou inclinando a cabeça

interrogativamente. —O que quiseste dizer com o de como tinha previsto? Parece como se o tivesse planejado tudo.

—Eu? —Hermione arqueou as sobrancelhas fingindo uma surpresa inocente. — Não seja tola, querida. Como podia ter planejado que duas pessoas se apaixonassem? Só o destino pode fazê-lo.

—Certo, mas quando há dito...

—Perdoe senhora, mas é à hora de seu remédio — interrompeu Chaunce. — Poderia lhe sugerir que fora acima para tomar-lhe — Excelente querida. —

—É obvio. Obrigado, Chaunce. —Hermione lhe sorriu abertamente. — Como de costume, é indispensável.

—Acompanhar-te-ei — ofereceu Gaby.

—Excelente querida. — Hermione tomou seu braço e subiu. — Assim você e eu poderemos ter um esplêndido bate-papo de mulher a mulher enquanto Chaunce vai por meu remédio.

—Isso me parece fantástico.

Chaunce a olhou enquanto partiam, esperando impaciente a que Gaby e Hermione subissem pela escada, girassem pelo corredor do segundo piso e desaparecessem da vista.

Logo se permitiu um momento de auto complacência, se renda em voz alta e esfregando-as Palmas de felicidade. De repente, recordou sua compostura, apagou seu sorriso de orelha a orelha, e uniu as mãos detrás das costas antes de apressar-se a procurar a água com limão da despensa.

Justo dentro da sala de estar Marion se pegava à parede para evitar ser vista, com o índice em seus lábios para indicar ao resto que estivessem calados. Logo lhes pôs a mão na cabeça ao Jane e ao Lily e ao Peter, ao Henry e ao Charles fez um gesto de assentir com a cabeça antes de olhar à senhora Gordon e ao resto das faxineiras.

—Graças a Deus que escutamos aos meninos a semana passada quando insistiam em que estava acontecendo isto — sussurrou. —Tinham razão. —Olhou à ama de chaves, que franzia o sobrecenho ao ver uma mancha em cima de seu próprio sapato. —Senhora Gordon? —Marion se inclinou para ela, voltando a erguer-se ao tropeçar com o bordo do tapete. — Estará preparado o vestido?

A senhora Gordon se estirou como um general britânico partindo para a batalha levantou bem alta sua cabeça de pau. — É obvio que sim. Preparado e sem manchas. Do branco mais puro.

—Costurei a última das diminutas pérolas antes do amanhecer — disse Ruth com segurança e com um tom de excitação. — Agora só ficam as cintas.

—O resto de metros de cetim foi entregue a tempo — anunciou à senhora Gordon. — Eu mesma me encarregarei das cintas e dos outros detalhes de última hora. O traje será delicioso, o sonho de uma noiva.

—Como o será o véu — confirmou Ruth. — Wilson selecionou os casulos de flor-de-laranja mais belas e a cinta que você encarregou, senhora Gordon, é tão delicada como a própria senhorita Gaby. É preciosa.

—É obvio — respondeu o ama de chaves com um coice.

—Já preparei o menu — disse Cok. —A comida do meio-dia depois da cerimônia será um banquete — acrescentou transbordante de alegria — digno de um rei e de sua rainha.

—Isso é o que se merecem. — A cara redonda do Marion resplandecia de prazer. — Agora o que temos que fazer é esperar e manter tudo isto em segredo — enfatizou olhando a habitação. — Recordemos nosso acordo: Lady Nevon e Chaunce merecem ser os convidados de honra deste tão esperado acontecimento. Não podem inteirar-se do que estamos fazendo ou começarão a entremeter-se. Queremos que seja uma surpresa para nossos convidados de honra, verdade?

Ouviu-se um murmúrio de acordo por toda a habitação.

—Diga-lhe ao Godsmith — disse a senhora Gordon com tom grave. —Mexerica mais que todas nós juntas.

—Não se preocupe com o George — lhe assegurou Marion.

—Está ocupado polindo o carro com o que levará a senhorita Gaby e ao senhor Lyndley à hospedaria depois da recepção. Além disso, George sabe quão importante é estas bodas... Para a senhorita Gaby e para mim — acrescentou ela, defendendo lealmente ao homem ao que amava. — Me prometeu que não lhes diria nada a nenhum deles: a senhorita Gaby, o senhor Lyndley, lady Nevon ou Chaunce.

—Assim por esta parte não há problema — disse Cok. — Godsmith jamais romperia uma promessa que te tenha feito a ti.

Até a senhora Gordon aceitou a contra gosto essa afirmação.

—Eu gostaria de poder fazer mais — murmurou Doura; seu enrugado rosto mostrava decepção enquanto se apoiava pesadamente sobre sua fortificação

—Doura, ainda não chegou seu momento — disse Marion rapidamente. —Durante quanto tempo foste à donzela pessoal de lady Nevon?

—Durante mais de quarenta anos. Desde que se casou com lorde Nevon — respondeu Doura com orgulho.

—E durante doze desses anos sentaste a seu lado na sala de música a escutar tocar à senhorita Gaby.

—Desde que a menina começou a tomar lições aos seis anos — disse com um suspiro nostálgico. — Tocava como um anjo, então e agora.

—Estou de acordo. O caso é que você melhor que ninguém conhece os minuetos e sinfonias que gosta à senhorita Gaby. Necessito que me faça uma lista de todas elas para dar-lhe aos músicos.

—É obvio. — Encurvado-los ombros de Doura se levantaram e em seus olhos se refletiu uma faísca de vitalidade. — Os conheço muito bem.

—Bem. — Marion sorriu aliviada.

—Poderemos lhes atirar pétalas de rosas, senhora Gordon? — perguntou Lily timidamente. — Sei que sujam, mas só por esta vez?

A senhora Gordon tinha a palavra «não» na ponta da língua.

Logo se fixou no olhar de súplica da menina e seu gesto de aborrecimento desapareceu como por arte de magia.

— Promete-me que levará os sapatos limpos? — Perguntou-lhe resmungando.

Tanto Jane como Lily assentiram entusiasmadas.

— Muito bem, então de acordo. — O ama de chaves se voltou para o Henry, Peter e Charles. — Mas de vós depende lhes assegurar de que assim seja. Vós também terão que indicar aos convidados onde têm que sentar-se.

— Será uma honra, senhora — lhe assegurou Peter.

— As primulas estarão em plena flor — anunciou Ruth. — Wilson me prometeu isso. Também me prometeu que encherá a capela de flores silvestres aromáticas e de muitas cores. Assim que a sala estará preciosa para a cerimônia e o jardim será perfeito para a festa.

— Todas as bodas será perfeita — disse Marion. — Igual aos noivos.

— De nós depende que assim seja — disse a senhora Gordon com um estranho sentimento de ardor.

— Estou de acordo — concluiu Marion, olhando a todos esses rostos que refletiam uma clara determinação. — A senhorita Gaby e o senhor Lyndley nos deram muito. Chegou o momento de que nós também lhes demos algo em troca, algo que recordarão o resto de suas vidas e acredito que o encontramos — concluiu radiante de espera.

Capítulo 14

Já estava anoitecendo quando Bryce entrava na sala de estar da casa de Londres do Banks. Parecia que tinham acontecido semanas em lugar de horas desde que tinha abandonado Nevon Manor. Estava cansado, perplexo e inquieto, e o único que queria era atar os cabos soltos de sua vida e voltar para casa, com o Gaby.

Tinha aproveitado bem à tarde em Londres. Primeiro, tinha ido ver o doutor Comons, a única visita alegre que tivesse prevista e que tinha dado os resultados esperados, e logo tinha ido falar com a polícia. A casa do Banks era a terceira visita do dia; só lhe queixava uma: Lucinda.

Ambas eram necessárias e nenhuma agradável.

— Obrigado por me receber, Frederick. — Bryce se sentou em uma das cadeiras de nogueira rechaçando o refrigerio que lhe oferecia o mordomo do Banks. — Sou consciente de que ainda está muito afetado. Se não fora importante não me teria atrevido a vir aqui.

O advogado suspirou, fez que partisse seu mordomo e ele mesmo se serve o brandy. Acabou-se seu conteúdo em uns quantos goles trementes.

— Ainda não retornei ao escritório — disse em voz baixa. — Sei que deveria... A esposa do William necessita ajuda para tirar seus efeitos pessoais, mas necessito um dia mais para me recuperar. Não lhe seria de muita ajuda neste estado. Além disso, hei-lhe dito à polícia que poderiam me encontrar aqui se tinham que me fazer mais pergunta — respondeu Banks massageando-as têmporas. — O que posso fazer por você, Bryce?

— Eu gostaria de falar sobre o iate do Whitshire.

—O iate. — Banks parecia estar ordenando seus pensamentos — Pelo que sei dos oficiais Dawes e Webster, essa via não deu nenhum resultado. O filho do duque não sabia nada de que seu pai estivesse a ponto de vender-lhe ao William.

—Isso é certo. De fato, Thane nem sequer sabia que seu pai tivesse um iate.

—Que estranho.

—Isso mesmo pensou eu. Diga-me Frederick, a quem pensava William lhe transpassar o iate?

—Não pretendia revendê-lo a ninguém — respondeu Banks surpreso. — ia ficar o ele. — de repente caiu na conta. —Agora vejo. Você pensou que William podia estar atuando de intermediário. Não é assim. É evidente que você não sabe o bom marinho que era. Já tinha outros dois menores, não tão luxuosos como o do Whitshire, é obvio, mas bons iates. Sentiu-se honrado quando o duque lhe considerou como possível comprador, especialmente porque nunca tinham navegado juntos. É evidente que William tivesse preferido que as circunstâncias pelas que Whitshire tinha decidido vender o tivessem sido mais favoráveis. —Banks deixou cair os ombros. —De todos os modos, doente ou não, o duque não podia ter escolhido melhor. William teria cuidado estupendamente de seu iate.

—Estou seguro disso. —Bryce se inclinou para diante — Frederick recorda você quando o comprou Whitshire? Sabe se havia algum contrato que autorizasse sua construção? E respeito ao título de propriedade, tem alguma idéia de onde se encontra? Thane não o tem, nem tampouco nenhum outro documento que faça referência a sua construção ou a sua venda.

Banks franziu o cenho.

—Não sente saudades, o iate pertencia a seu pai. O título de propriedade posso explicar. Acredito recordar que William mencionou que Whitshire o tinha enviado fazia vários meses quando começaram a negociar os termos da venda. Quanto a qualquer outro documento relacionado, não tenho a menor idéia. Tudo esta transação estava em mãos do William. Eu não tomei parte na mesma. Respeito a sua primeira pergunta quão único sei é que William disse algo sobre que se encontrava em perfeito estado, apesar de ter mais de uma década. Quando foi construído exatamente? Não tenho a menor idéia.

—Poderia comprová-lo? Quando retornar a seu escritório, poderia revisar os documentos do William e localizar a escritura de propriedade, assim como qualquer outra carta ou documento que faça referência a este assunto, possivelmente inclusive algo que leve o nome da empresa que o construiu.

—Acredito que sim. — Banks piscou; seus olhos estavam debruados de vermelho pela dor e a falta de sono. — por que lhe interessa tanto isto? O que é o que está procurando exatamente?

—Não sei — respondeu Bryce sinceramente. — Quão único sei é que não estou de acordo com a conclusão a que chegou a polícia o que tenha sido um ladrão o que assassinou ao Williams. Tampouco acabo de me acreditar que o roubo fora o móvel do assassinato. Já expressei essas reservas ontem em seu escritório. Há muitos detalhes que não encaixam por que escolheria um ladrão ao William quando Thane é muito mais rico?

Por que atracaria a plena luz do dia? E por que não deixou o corpo do William em seu carro, se é que, de fato, disparou-lhe nele? Já passei pelo departamento de polícia e falei com o oficial Dawes. Informou-me que o carro do Delmore estava intacto; não havia manchas de sangue nem pele rota nem sinais de bala. Para mim isso me sugere que William foi assassinado ao bordo da estrada, em lugar de em seu carro. E se esse é o caso... — Bryce inspirou profundo. — Queria me assegurar de que Delmore não conhecia seu agressor e de que não há nenhuma relação entre seu assassinato e os documentos que ia entregar.

— Sim, já o mencionou ontem, mas estava muito aturdido para emprestar atenção — respondeu Banks, empalidecendo. — Agora que posso me concentrar um pouco mais, dou-me conta de que o que você me está insinuando é que o assassino pode ser algum residente do Whitshire.

— Não é mais que uma especulação — corrigiu Bryce. — Ou é isso ou se trata de alguém que conhecia aonde se dirigia Delmore e lhe seguiu até ali. Mas para descobrir a verdade necessito sua ajuda. Posso contar com ela?

— É obvio. — Banks assentiu com a cabeça, esfregando a fronte. — Quero que capturem e castiguem ao assassino do William. Farei o que faça falta para me assegurar de que isso ocorre o antes possível, sem me importar o que custe ou a quem incrimine. Irei ao escritório amanhã há primeira hora. Estou seguro de que o título de propriedade do iate se encontra entre os documentos do William, já seja sobre sua mesa ou nas gavetas. Não acredito que tenha problemas em encontrá-lo. — Banks fez uma pausa enquanto refletia sobre o resto da petição de Bryce — Quanto a qualquer outro documento ou documentos que se remontem à data em que foi construído, será algo mais difícil, no suposto de que William os tivesse. Posto que passasse mais de uma década desde sua construção, se os temos devem estar arquivados com os documentos que já não se usam. Necessitarei mais tempo para revisá-los, ao menos uns dias. O que lhe parece se lhe mando uma mensagem quando os tiver encontrado? Assim terei podido reunir todo o material pertinente.

Bryce se levantou.

— Isso seria excelente. Se posso lhe pedir uma coisa mais, agradecer-lhe-ia que me enviasse duas mensagens: um a minha casa de Londres e outro ao Nevon Manor. Não estou muito seguro de onde vou estar.

— Não se preocupe. — Banks deixou a um lado sua taça de brandy e avançou para lhe estreitar a mão. — Obrigado. Dou-me conta de que você tem um dobro motivo para interessar-se por este assunto: não só lhe impulsiona nossa larga relação, mas também sua relação comercial com o Thane Rowland. Ainda assim aprecio seu compromisso de querer descobrir a verdade.

— Com o devido respeito, Frederick, meus vínculos com vocês e com o Thane são secundários neste assunto. Assassinou-se a um homem inocente e quero que apanhem ao assassino. Não só para que se faça justiça, mas também para que não faça mal a ninguém mais.

Nesse momento a vinte e cinco milhas de distância, Thane Rowland também tentava procurar respostas.

Estava de pé algo nervoso, ante a biblioteca do Whitshire, enquanto entravam uns quarenta serventes, que refletiam distintos graus de preocupação pela nova convocatória. Não só estavam preocupados com eles, mas também por quão jovem suspeitavam que fosse ser o tema dessa reunião, como o tinha sido a que teve lugar fazia uns dias. Na reunião anterior, o duque lhes tinha explicado a situação do Gabrielle, tinha-lhes anunciado sua próxima visita ao Whitshire e lhes tinha pedido sua ajuda.

E eles a tinham brindado gostosos.

Agora esperavam com distintos graus de curiosidade e incerteza, perguntando-se se seus esforços tinham servido de algo, se a deliciosa menina que todos recordavam tinha notado alguma melhoria a partir do dia que tinha passado com eles e se o duque tinha que lhes propor alguma coisa mais.

Todos eles obedeceriam com gosto. Todos menos um.

—Obrigado por vir — começou Thane, pondo as Palmas sobre sua mesa de despacho. — Imagino que pelo particular grupo que lhes reunistes hoje aqui, já devem suspeitar que esta reunião volte a ser pelo Gabrielle. Em primeiro lugar, quero lhes dar a todos as obrigado por seus generosos esforços para fazer que o dia que passou aqui fora memorável e feliz. Essa era, acima de tudo, nosso principal coloque. —Suspirou. —Por desgraça, conforme parece às dolorosas lembranças do Gabrielle são mais profundos do que imaginávamos.

Pigarreou e olhou a seu redor, animado pelas expressões de preocupação que viu nos rostos, do cenho franzido da senhora Darcey até o gesto da boca da senhora Pife, desde o Thomas até o Averley e inclusive Couling, cujos rasgos impassíveis refletiam agora tensão e inquietação.

—fui a visitar minha tia ao Nevon Manor esta manhã — prosseguiu Thane. — Parece que os episódios de sonambulismo do Gabrielle pioraram e que suas lembranças fragmentadas do incêndio são algo mais claros e mais definidos. É evidente que quando despertou na cabana essa noite e viu as chamas a seu redor, antes de levantar-se e poder sair, ouviu gritar e pedir socorro a dois homens. A julgar pela proximidade dessas vozes, suspeito que esses homens estavam apanhados na carvoeira ou na cabana onde se guardava a lenha. Recordam que algum de seus colegas se dirigiu ali antes do incêndio?

Não houve resposta.

—Por favor, tratem de recordar. Sua resposta poderia ajudar ao Gabrielle a compreender a que esteve sujeita sem dar-se conta essa fatídica noite, além de seu sofrimento pela perda de seus pais e de sua impotência ao não poder fazer nada por lhes ajudar. Naqueles tempos eu estava em Oxford, portanto não posso contar nenhum detalhe. Entretanto, todos vocês estavam aqui. Assim tentem recordar. Algum dos

empregados que pereceram no incêndio tinha saído para a carvoeira ou tinha mencionado sua intenção de fazê-lo?

—Dowell. — Thomas, a moço de quadra, mencionou de repente ao homem que era o chefe de jardineiros do Whitshire no momento da tragédia.

Thane moveu a cabeça para olhar ao Thomas.

—Dowell? Está seguro?

—Totalmente, senhor. — A moço assentiu vigorosamente com a cabeça. —Me tinha esquecido disso até que você nos expôs a pergunta. Acredito que estava tão traumatizado por essa noite que tenho feito todo o possível para bloquear minhas lembranças. Mas Dowell estava na carvoeira. Cruzei-me com ele quando se dirigia ali. Eu ia aos estábulos, aproximadamente uma meia hora antes que se declarasse incêndio. Dowell parecia muito abstraído; estava perdido em seus pensamentos. Perguntei-lhe se encontrava bem e me respondeu que se. Mas que tinha que partir porque devia terminar umas coisas antes de ir-se à cama. Lembrança que olhei por cima de meu ombro quando cheguei à porta do estábulo. Vi-lhe entrar na carvoeira, provavelmente para agarrar alguma pá. De modo que se a senhorita Gaby ouviu gritar a alguém, é muito provável que fora ao Dowell.

—Estava só?

—Sim, senhor. Sozinho.

Thane franziu o cenho.

—Viu alguém mais, possivelmente antes disso?

Thomas pôs cara pensativa.

—Desculpe-me, Sua Excelência, mas Thomas não era mais que um moço quando aconteceu o do incêndio — interferiu Couling — Não se pode esperar que recorde todos os detalhes de algo que aconteceu faz treze anos.

—A gente está acostumada recordar os detalhes que rodeiam a uma tragédia — rebateu sensatamente Averley. — As imagens desconexas se vão ordenando na mente, junto com os horrores do acontecimento em si. Por isso, não é de sentir saudades que a lembrança do que aconteceu antes do incêndio seja tão vívido no Thomas. Eu jamais esquecerei essa noite. — Fez uma pausa, em que podia respirar o sofrimento. — Nenhum de nós a esquecerá.

—Graças a Deus que você viu as chamas a tempo — recordou Thane ao Averley com um tom de total agradecimento. — Do contrário, estremeço-me de pensar quanta gente mais teria morrido essa noite.

—Dou obrigado por ter estado no lugar correto no momento correto — respondeu Averley. — Mas no que respeita a sua pergunta... — acrescentou franzindo os lábios. — Eu também recorde os minutos anteriores ao fogo. Vinha da casa dos arrendatários. Ainda havia um grupo de pessoas acordadas quando me aproximei da asa de serviço. Lembrança ter visto o Thomas, como acaba de dizemos, avançando para os estábulos. Não vi o Dowell, mas vi dois ou três serventes que se dirigiam para a garagem e a uma donzela que saía do comilão para ir a sua habitação. Acredita que pode lhe ser útil esta informação?

—Tal como estava distribuída então a zona do serviço, a garagem se encontrava justo depois da carvoeira e do armazém de lenha — murmurou Thane movendo a cabeça. — Pode que algum de quão serventes, você viu fora a ver o Dowell, que entrasse em falar com ele, e que logo se encontrassem apanhados pelas chamas. — passou-se a mão pelo cabelo em um gesto de frustração. — Recorda quem eram esses serventes?

Averley franziu o sobreceixo.

—Assim de repente, não, Sua Excelência. Sinto muito.

—Não se preocupe. Estou-lhes pedindo que recordem algo que aconteceu faz treze anos. Além disso, tudo o que estou fazendo é pura conjectura. Mas é um começo. — Thane olhou a todos. — Quisesse que seguissem tentando recordar alguma coisa mais. Enquanto isso transmitirei esta informação lady Nevon. Está muito preocupada com o Gabrielle.

—Todos o estamos — disse a senhora Darcey, retorcendo-as mãos.

—Tem você razão, todos o estamos — corroborou Thane. — Não sei o que é o que pode estar provocando que Gabrielle recorde todos esses aterradores detalhes justamente agora, mas temos que tentar descobrir a causa de seu sonambulismo. Rogo-lhes que me comuniquem imediatamente algo que recordem que possa ter alguma relação. — Thane despediu do serviço com um gesto de cansaço com a mão.

—Obrigado, Thomas, Averley. Graças a todos. Agradeço-lhes muito sua cooperação.

Os serventes partiram tão pensativos como tinham chegado. Aparentemente, não tinha trocado nada.

Mas já se semearam as sementes do mal.

A luz da lua se filtrava pela janela do dormitório de Bryce iluminando os lentos ponteiros de relógio do relógio da chaminé.

As três em ponto.

Outra noite sem dormir, aceitou com um suspiro de resignação apesar de seu cansaço, seus pensamentos não lhe deixavam descansar.

Ficou as mãos detrás da cabeça e olhou ao teto revisando os acontecimentos do dia.

Seu assunto com o Banks tinha ido tudo quão bem podia esperar. O pobre homem ainda estava nervoso e a petição que lhe tinha feito era tediosa e laboriosa. Também lhe resultaria dolorosa, já que tinha que revolver os papéis do Delmore, justo depois de sua morte. Entretanto, Banks tinha acessado, tal como Bryce tinha imaginado, embora só fora para assegurar-se de que fazia todo o possível para descobrir a identidade do assassino de seu sócio. Agora o único que podia fazer era esperar. Depois do qual, com um pouco de sorte, Banks lhe proporcionaria os documentos que necessitava para apoiar sua teoria ou para silenciar suas dúvidas.

Sua visita a Lucinda tinha sido bastante mais difícil.

Não tinha feito nenhuma cena. Justo o contrário. Escutou-lhe pacientemente, aceitou sua decisão com sua habitual elegância e dignidade e inclusive lhe desejou o melhor quando se despediram.

Todo isso o fazia sentir-se como um canalha.

Não lhe tinha servido de muito carregar-se com toda a culpa pelo modo em que tinham acontecido as coisas. Ao fim e ao cabo, não era mais que o típico típico, posto que era ele não ela quem tinha trocado. Tampouco lhe tinha ajudado muito que não lhe tivesse acusado de nada nem derramado nenhuma lágrima quando lhe explicou seus sentimentos para o Gaby, que teve que lhe confessar devido a seus planos para o futuro imediato.

O que sim lhe tinha ajudado tinha sido a resposta da Lucinda quando lhe contou quem era Gaby.

— Não o entendo — respondeu ela com uma expressão totalmente perplexa. — A mulher da que te apaixonaste é essa órfã que recolheu lady Nevon? Bryce está seguro do que está fazendo? Pelo amor de Deus! O que têm em comum? Você é um advogado famoso que está a ponto de converter-se no membro mais jovem do conselho da rainha. Ela é uma provinciana adotada, cuja única referência é uma velha excêntrica e uma casa cheia de gente não menos excêntrica. Sei o compassivo que é, mas te rogo que tente recordar que preocupar-se com alguém é algo muito distinto a considerá-la uma... Uma... Completa sentimental ou, o que é pior, fazer que isso seja algo mais permanente. Bryce pensa em seu futuro, em sua reputação.

Nunca antes tinha sido mais consciente das diferenças que havia entre ambos.

Faz duas semanas sua conversação lhe teria enfurecido. Agora, ao pensar no Gaby, na beleza que ela tinha contribuído a sua vida, os comentários da Lucinda só lhe inspiravam pena.

— Estou pensando em meu futuro — respondeu com candura absoluta — com muita clareza e parada. O mero feito de que me esteja expondo estas perguntas é o exemplo perfeito do por que, embora Gaby não existisse você e eu jamais poderíamos viver juntos. Simplesmente vemos as coisas de um modo muito distinto. Possivelmente sempre foi assim. — Fez uma pausa estratégica. — Deixemos o deste modo — concluiu ficando o casaco. — Sinta-se livre para dizer a todo mundo que esta separação foi tua idéia. Não é que importância. Sabe bem que tem muitos admiradores, todos eles dispostos a aproveitar a menor oportunidade para ocupar meu lugar em sua vida. Quando anunciar sua situação atual não terá transcorrido nenhuma hora que já terá centenas de convites de homens muito mais adequados que eu. — Sorriu-lhe cordialmente. — Te desejo o melhor, Lucinda. Digo-lhe isso de todo coração.

Ela assentiu com a cabeça ainda muito assombrada.

— Desejo-te o mesmo.

Não me faz falta, pensou ele. Já o tenho. Com esse corajoso pensamento, partiu-se para ir-se a sua casa.

Bom, não realmente a casa, corrigiu. Uma parada temporária, fria e impessoal comparada com o Nevon Manor.

Olhando um reflexo da lua que brincava de correr pelo teto, Bryce sorriu, pensando em qual seria a reação de Gaby quando lhe desse os dois presentes que pensava lhe levar, e que tinha que recolher à manhã seguinte. Já tinha preparado o mais significativo. OH, tinha tido que exercer muita influência para consegui-lo em um só dia. Mas uma das vantagens de ser um advogado famoso era conhecer pessoas com influencia para momentos como esse, e poder acelerar os trâmites burocráticos. Sem aceitar um não como resposta, Bryce tinha seguido adiante e tinha obtido uma resposta favorável, uma boa resposta. Para que o documento que procurava pudesse ser assinado e estar preparado para o meio-dia.

O qual lhe deixava umas horas pela manhã para comprar o segundo presente para o Gaby: entrada-las para o concerto.

Estava impaciente por ver a expressão de seus olhos, por compartilhar seu júbilo.

Compartilhar. Isso era algo que nunca tinha sido capaz de fazer, e muito menos desejar. O certo era que depois de trinta e um anos, havia-se automóvel convencido de que a única pessoa em que podia confiar era em si mesmo; que as demais pessoas eram transitivas e que podiam desaparecer em qualquer momento de sua vida. Seu cepticismo era compreensível inclusive para ele, por sua infância, pelo abandono de seu pai. Entretanto, realmente se considerava um solitário por natureza, prático e lógico, cuja carreira era sua vida.

Gaby lhe tinha demonstrado que estava equivocado, que era um homem impulsivo, alegre, apaixonado, emotivo, com mais dimensões das que tivesse imaginado.

Um homem capaz de amar profundamente.

Gaby. Meu deus, quanto a sentia falta dele!

Girou-se na cama, e lhe deu um golpe ao travesseiro antes de fechar os olhos. Desejando que passasse logo à noite, tentou enfocar-se em temas mais mundanos, como as gestões que tinha que terminar antes de retornar ao Nevon Manor.

Mas não funcionou. Em seu lugar, começou a pensar no que poderia ter averiguado Thane no Whitshire e, o mais importante, se Gaby estaria descansando tranqüilamente. Uma sensação desagradável lhe dizia que não era assim.

Uma nota do Thane chegou ao Nevon Manor justo antes da comida ao dia seguinte.

Chaunce se dirigiu diretamente à sala de estar, onde Hermione e Gaby estavam tomando o chá e falando do futuro. Hermione tentava que Gaby esquecesse outra má noite.

— Diz Thane se alguém recordar alguma coisa? — perguntou Gaby, deixando a um lado o prato e olhando a sua tia enquanto lia a nota.

—Sim. — Hermione se esclareceu garganta e leu em voz alta o relatório detalhado do que tinha acontecido no Whitshire no dia anterior.

—Dowell. Era o chefe de jardineiros naqueles tempos. — Gaby franziu o cenho. — Pode que fora um dos homens que ouvi? — Começou a sentir em sua cabeça uma funesta vibração, e se massageou as têmporas com Isto resignação é muito lhe frustrem. Ontem noite tive outros dois episódios. Cada vez que despertei, podia ver a cabana e todas minhas ações com a mesma clareza como se estivessem desdobrando diante de mim. Entretanto, ao cabo de um momento quando já estava mais tranqüila, quão único podia recordar era o que contei ao Bryce: o terror nas vozes dos homens e esse nauseabundo aroma de queimado.

—Já voltarão às lembranças — lhe assegurou Hermione, dobrando a nota e colocando-a na gaveta da mesinha auxiliar. — Além disso, Thane não tem feito mais que iniciar sua cruzada. Tem intenção de voltar a reunir logo a seus empregados. Já sabe quanto desejam te ajudar. Ao final, surgirá algo determinante. Enquanto isso — Hermione lhe sorriu com picardia — esta noite Bryce estará de volta.

O rosto de Gaby se iluminou, tal como ela esperava.

—Sei. Estou impaciente. —inclinou-se por volta de diante. — Crie que me pedirá que falemos em seguida?

—Não acredito que lhe deixe outra opção — respondeu rendo-se entre dentes.

—Crie que sou muito impulsiva? — perguntou Gaby um pouco mais séria.

—Não, querida. Só é você mesma. E justamente essa é a razão pela que Bryce se apaixonou por ti. — Hermione tossiu um pouco. — Há algo do que não falamos e que eu gostaria de comentar se não te importa.

—Não tem por que preocupar-se, tia Hermione — disse ela com um grande sorriso. — Como hei dito ao Chaunce, ele tem mais autocontrole que eu. É todo um cavaleiro, muito, se te tiver que ser sincera.

Hermione soltou uma gargalhada.

—Esse não é o tema de que queria falar, mas me alegra saber que Bryce controla tão bem sua paixão. No momento — acrescentou. — conforme suspeito que isso logo pertencerá ao passado.

—É maravilhoso fazer o amor? — perguntou Gaby com sua habitual inocência.

—Para o Bryce e para ti o será, sim. — depois de treze anos, ao Hermione não surpreendia nada a franqueza do Gaby, que tinha permanecido intacta devido a sua limitada exposição ao mundo exterior. — Quando chegar o momento será tudo o que tinha sonhado e mais.

—Duvido que possa ser mais. Meus sonhos são extraordinários.

—Deixemos isso ao Bryce, parece-te? — disse-lhe voltando a sorrir entre dentes.

—Muito bem. — Gaby suspirou. — Só desejaria que as horas entre agora e a tarde transcorressem em um sopro. — Em seu sobrececho se refletiu um gesto de estranheza. — Se não queria falar da intimidade, de que então?

—Da custódia. Bryce me disse que te contou meus planos. Está zangada comigo?

— Não porque escolhesse ao Bryce. Zanguei-me porque nem você nem ele contaram comigo em uma conversa que concernia a meu futuro, mas Bryce fez que me desse conta de que só queria me proteger. — Gaby se inclinou para diante e tomou as mãos. — Tenho duas respostas mais para sua pergunta. Em primeiro lugar, não tinha por que preocupar-se sobre meu futuro, nem do de ninguém mais. Vais estar sempre conosco. Eu me encarregarei disso. E em segundo, por favor, deixa de me proteger. Já sou uma mulher, tia Hermione. Sou o bastante forte para compartilhar seus problemas e seus planos, ao igual a compartilhei seu amor por nossa família e nossa mútua determinação de protegê-la.

Os olhos do Hermione se encheram de lágrimas.

— Fizemos um bom trabalho, verdade?

— O melhor. — O sorriso de Gaby estava a ponto de converter-se em pranto. — Mas isso não é de sentir saudades. Você é a melhor.

— Estou de acordo — disse Chaunce da porta, ratificando com a cabeça as palavras do Gaby. — me Desculpem senhoras, mas Lily me anunciou que o senhor Crumpet tornou a escapar. Ela e Jane estão procurando pelos jardins, mas preferiria que não entrassem sozinhas nas zonas de bosque. Posso lhe pedir ao Bowrick que me substitua na porta para as acompanhar?

— Não, obrigado, Chaunce. — Gaby se levantou. — Agradeço sua oferta, mas irei eu.

— Pergunto-me se for uma boa idéia — Chaunce enrugou a frente. — Não dormiu a passada noite Y...

— Chaunce — interrompeu Gaby —, como acabo de lhe dizer a tia Hermione, devem deixar de lhes preocupar tanto por mim. — Olhou ao Chaunce com carinho e logo a sua tia. — Lhes quero aos dois com todo meu coração, mas já não sou uma menina. Sou eu a que deveria lhes ajudar, não ao reverso. Sei que estou passando por um mau momento e que estão preocupados comigo. Faltam-me palavras para expressar todo meu agradecimento por sua ajuda e apoio. Mas quero que saibam a verdade: sinto-me fatal pelo fato de que meu sonambulismo lhes obrigue a passar as noites em vela fora de minha porta, tudo para me proteger de mim mesma. Assim, peço-lhes, por favor, que abandonem esse rol ao menos durante o dia, quando é totalmente desnecessário. De acordo?

Hermione assentiu com a cabeça sorrindo através de suas lágrimas.

— Muito bem.

Gaby se agachou para beijar a sua tia na bochecha, logo se levantou e ficou frente à Chaunce.

— Vale mais que recupere suas forças — lhe disse com carinho. — Imagino que quando Bryce me faça essa importante pergunta, eu terei outra igualmente importante que te fazer a ti. — Com um sorriso trêmulo ficou nas pontas dos pés e lhe deu um beijo na bochecha. — Espero que não te negue. Ao fim e ao cabo, foste como um pai para mim, o único que conheci em treze anos.

Depois disto, Gaby se apressou a ir à busca do Crumpet. Hermione se secou as lágrimas das bochechas.

—Realmente, fê-se major, Chaunce. Agora, vendo-a e ouvindo-a falar, dei-me conta de repente. Sei que pensa o que sou um pouco parva por chorar, mas toda esta situação me parece maravilhosa e dolorosa ao mesmo tempo.

Ao não ouvir resposta alguma do Chaunce, levantou a vista e inclinou a cabeça. Seus olhos também haviam se enchido de lágrimas.

Eram quase as três em ponto.

Bryce estava a meio caminho do Nevon Manor. Seu carro avançava com rapidez, e os presentes que tinha elegido para o Gaby estavam cuidadosamente guardados em seu bolso.

De repente voltou para sentido. Era a mesma sensação da última vez, de que lhe necessitam. Só que nesta ocasião era mais forte, mais intensa e específica. Não é que alguém lhe necessitasse. A pessoa que lhe precisava era Gaby.

Apertou os dentes, sentou-se para diante, agarrou bem as rédeas e açulou aos cavalos para que acelerassem o passo.

O carro voava para o Nevon Manor.

—Crumpet! Onde está patife?

Gaby chamava a sua mascote enquanto percorria o caminho do bosque com a esperança de surpreendê-la para que fizesse algum ruído que a delatasse.

A busca se estava fazendo mais larga do habitual; já tinham acontecido quase três horas, para ser exatos. Jane e Lily tinham tido que retornar a casa fazia momento; estavam cansadas e lhes fechavam os olhos do esgotamento.

Gaby estava começando a zangar-se.

Tinha revisado toda a zona que rodeava aos jardins, os bosques que havia a ambos os lados da casa e também os que davam à parte posterior. Agora estava voltando atrás para ver se Crumpet se cansou e tinha voltado para sua toca.

Tinham umas quantas coisas desagradáveis que lhe dizer a sua mascote quando a encontrasse.

Ao passar por um espesso arvoredo, Gaby estava a ponto de começar a correr quando escutou o som delatador que estava esperando.

—Crumpet? — girou-se na direção do ruído, passando entre as árvores e lhe chamando enquanto caminhava. — Onde está?

O som lhe chegava por detrás.

Gaby se girou, estava a ponto de apanhá-lo e arreganhá-lo.

Ficou sem palavras ao ver que a espreitava uma escura figura mascarada com uma pedra em suas mãos. Antes que pudesse reagir, levantou os braços e a golpeou na cabeça.

Começou a ver cores e um familiar aroma de almíscar alagou de novo seu nariz de uma vez que se desatava o sofrimento em sua cabeça.

Ato seguido sentiu que um túnel de escuridão a absorvia. Depois... Nada.

Capítulo 15

Fogo.

Brilhava no interior de sua mente e ao redor de seu corpo, só que esta vez lhe doía muito à cabeça para levantá-la e os olhos lhe ardiam muito para abri-los.

OH, Deus! Acabará algum dia este pesadelo?

Gaby se moveu e notou ferroadas nas têmporas que entravam em sua mente. E sua perna. Sua perna?

Aturdida, tentou mover a perna esquerda e se deu conta de que estava apanhada, atada há algo muito forte para soltar-se.

O que lhe estava passando?

O som das chamas rangentes chegava até seus ouvidos; notava um calor cada vez mais intenso em todo seu corpo. E esse aroma. Esse horrível aroma adocicado a almíscar. O aroma da morte.

Tinha que fugir.

Tentou mover-se de novo e sua perna se negava a cooperar. Debaixo, o estou acostumado à era mais brando do que recordava, havia mais erva que terra.

Fazendo provisão de toda sua força de vontade, procurou abrir os olhos, apoiou-se sobre os cotovelos e tentou ver algo apesar de sua terrível dor de cabeça.

Só podia ver chamas, o tedioso resplendor laranja que tão bem reconhecia.

Como a primeira vez.

—Não — gritou com voz afogada, olhando a seu redor para saber onde estava.

Outra vez esse puxão na perna.

Gaby olhou por cima de seu ombro, trocando de posição para poder ver a parte inferior de seu corpo.

Estava estirada junto à toca do Crumpet e tinha o pé apanhado na entrada da mesma e com pedras em cima.

Alguém a tinha imobilizado ali.

De repente recordou ao agressor, a pedra, o aroma. O fogo.

Quem quer que a tenha agredido também a tinha deixado apanhada ali. E a tinha abandonado para que morresse.

Com um grito de medo e de dor, começou a agarrar as pedras em um desesperado tento de liberar sua perna. Sangrava-lhe a frente, podia notar a fileira de sangue que descidia por uma de suas têmporas. A dor era insuportável. Como o era seu enjôo. Mas não podia render-se, não podia ficar aí tombada e sucumbir a essa sonolência que desejava seu corpo. Dormir significaria a morte.

Uma tosse compulsiva se apoderou dela à medida que o fogo ia avançando, iluminando um caminho através da erva e prendendo todo aquilo que tocava. Felizmente, a zona que rodeava a toca do Crumpet não estava muito povoada de árvores. Estar nesse claro lhe ajudava a ganhar tempo, mas também podia fazer que a morte fora mais lenta.

Não. Não podia pensar desse modo.

Gaby se rendeu à tosse, chorando pela dor que lhe produzia na cabeça. Entretanto, sabia que essa dor a ajudaria a manter-se acordada. Frustrada ante sua impotência se debatia com as pedras que aprisionavam seu pé na estreita boca da toca.

Não se moviam.

—Socorro! — Tentou incorporar-se tudo o que pôde, gritando com voz rouca, com a esperança de que alguém a ouvisse ou visse o fogo. Pela primeira vez desejou que a toca do Crumpet não estivesse em uma zona tão afastada; se ao menos estivesse perto dos jardins, onde Wilson pudesse vê-la ou perto da garagem, para que Godsmith se precavesse. Quanto demoraria em ver as chamas da casa? Ainda bastante. Agora eram baixas, só queimavam a erva e a terra, posto que não houvesse árvores grandes que prender.

Meu deus! Não queria morrer.

—Socorro! — Gaby se agarrava a cabeça entre tosses e gritos para paliar sua agonia, fechando os olhos para evitar a fumaça.

Só tinham acontecido uns minutos, uns poucos minutos, mas cada um deles parecia uma eternidade.

O enjôo se intensificou e cada vez estava mais perto de ficar inconsciente; seu corpo lhe exigia render-se a essa sonolência.

Mamãe... Papai.

Gaby notava que as lágrimas lhe ardiam nos olhos, e começou a cavar com seus dedos agarrando punhados de erva.

—Socorro! — Voltou a gritar, com a voz mais débil; um mero fio de voz. — Socorro! — Esta vez, já um sussurro.

Notou uma forte vibração.

A terra vibrava como se a fora a tragar. Ou era o martelar de sua cabeça?

Mais vibrações, seguidas do grito do Gaby!». As vibrações eram passados. A voz a do Bryce.

—Bryce. — Não estava segura se acabava de pronunciar seu nome ou se o tinha imaginado. Quão único sabia era que estava a seu lado. Não tinha que abrir os olhos para sabê-lo. Estava ali.

—Gaby. — Ouviu que dizia um impropério; o ruído que fazia com a roupa lhe indicava que se estava tirando o casaco. Ao momento o tinha cobrindo seu corpo e Bryce a estava levantando.

—Mi... Perna — disse como pôde e começou a tossir.

Soltou outro palavrão, ficou de joelhos e começou a tirar pedras energicamente. Por fim, Gaby se sentiu livre de novo.

—Já te tenho carinho. — Ajudou-a a incorporar-se e a abraçou contra seu peito, enquanto se afastavam do calor, da fumaça e do aroma.

Depois de um número indefinido de passos, ouviu gritar ao Bryce:

«Wilson! Há um incêndio na toca!»

—Um incêndio? — Mais pisadas em fortes. — meu Deus, senhorita Gaby! — exclamou assustado Wilson justo a seu lado.

—Eu me encarregarei de Gaby— disse Bryce. — vá recolher sua pá e jogue toda a terra que possa sobre as chamas. Ainda não se descontrolou, mas pode acontecer. Enviarei ajuda da casa.

—Trarei todas minhas pás. Envie ao Godsmith. Nós apagaremos este incêndio. Você assegure-se de que a senhorita Gaby está bem.

—Não se preocupe. — Bryce tentou reatar a marcha, mas o movimento lhe resultava quase insuportável.

—Bryce — sussurrou ela, a cabeça lhe dava voltas. — Não... Acredito que possa... — O apertão de seus braços foi quão último notou antes de deprimir-se.

Havia um barulho de vozes a seu redor: notava-se a preocupação, a tensão e o medo em seu tom. Tinha um pouco pesado na cabeça e o corpo lhe queimava e lhe doía como se tivesse febre.

Tinha febre?

Com um supremo esforço abriu os olhos.

—Bem-vinda a casa, Alice no país das maravilhas. — Seu tom parecia desengano, mas sua expressão era sério e seu olhar angustiado. — Te sentimos falta de. — Agarrou-lhe a mão e a aproximou de seus lábios. — estivemos muito preocupados.

Gaby lhe olhou sentida saudades.

—Tem a cara chamuscada — começou a dizer, mas um arranque de tosse a interrompeu. Notava-se o peito tenso e seco, mas a insuportável dor de cabeça era pior, que se intensificava cada vez que tossia.

—Cala. Não tente falar. — Bryce lhe beijou a palma da mão e ficou o dedo indicador nos lábios. — inalaste muita fumaça. Seus pulmões ainda demorarão um pouco em recuperar-se. E a tosse piorará sua dor de cabeça.

As lembranças retornaram.

Gaby tentou incorporar-se instintivamente, logo o pensou melhor ao notar umas fortes pulsações.

—Está na cama — lhe disse Bryce. — Quase toda a família está aqui reunida, salvo Cok, Wilson e Godsmith. Estão na cozinha. Cok está curando as pequenas queimaduras que se fez Wilson e Godsmith ao apagar o fogo. Fizeram um grande trabalho. Quase não houve danos, salvo a zona que rodeia a toca. Todo mundo está salvo. Incluídos Crumphet e você.

Ao Gaby lhe alagaram os olhos de lágrimas.

—Tia Herm...

—Estou aqui, querida. — Hermione se inclinou para diante da cadeira que estava ao outro lado da cama para acariciar com sua mão tremente o cabelo de sua sobrinha. — Não poderia estar em outra parte.

—Eu também estou aqui, Gaby — disse Lily com seu vozinha. — Crumpet ficará em minha habitação até que ponha bem. Encontramos-lhe detrás dos estábulos, comendo umas verduras que tínhamos atirado. Sente muito te haver causado tanto dano e está desejando verte.

Gaby sorriu um pouco.

—Chá quente para a paciente. —Era a voz do Chaunce enérgica como de costume. O mordomo se abriu passo pela habitação e colocou a bandeja na mesinha de noite. — Ah, senhorita Gaby. Estou muito contente de que se despertou. O chá está quente — Lhe cortou a voz e lhe custou um pouco Lhe recuperá-la servirei uma taça — pôde dizer ao fim, e a serve com a mão tremendo.

—Ajudar-te-ei a te incorporar um pouco — lhe disse Bryce. — Quero que tome o chá. Chaunce lhe pôs um pouco de brandy, tal como lhe há dito o doutor Bryers. Ajudar-te-á a acalmar a dor e a descansar. — Bryce se aproximou mais a ela e diante de todos lhe deu um beijo nos lábios. — Sei que agora te dói tudo, mas te passará. Tivemos muita sorte. A pedra com a que te deu na cabeça só te causou uma pequena comoção e um bom corte. Tem a perna torcida e arroxeadada, mas não rota. Logo estará bem. Todos lhe ajudaremos a que te recupere o antes possível.

Um coro de ferventes «sis» alagou a habitação.

—Todos estaremos aqui quando despertar. Assim tome o chá e dorme. Falaremos mais tarde.

—De acordo — sussurrou ela, deixando-se ajudar por ele para sentar-se. — Bryce? — murmurou entre sorvos.

—Hum?

—Obrigado.

—Não se merecem. — Moveu a cabeça energicamente. — Não pensava só em quando te resgatava das chamas. Pensava também em mim, em que não poderia sobreviver se te passasse algo. Não tinha eleição, Gaby. Tinha que te resgatar. E o fiz.

Gaby acariciou meigamente sua bochecha.

—Esta... Pergunta importante... Que tinha que me fazer...

Bryce sorriu pela primeira vez.

—No momento em que estejamos sozinhos. Prometo-lhe isso.

Gaby se terminou o chá e logo deixou que suas pálpebras se fechassem.

—boa noite — resmungou.

Bryce tragou para dissolver o nó que tinha na garganta.

—boa noite, Alice no país das maravilhas.

A tarde se converteu em noite.

Gaby despertou e se voltou a dormir várias vezes, e cada vez que abria os olhos se encontrava entre muitos rostos preocupados, murmúrios e gestos tranqüilizadores.

Não foi até bem avançada à noite quando abriu os olhos e se encontrou que a habitação estava às escuras e em silêncio.

— Bryce? — sussurrou na escuridão.

Ouviu um ruído e ali estava ele, a seu lado.

— Estou aqui, carinho. — sentou-se lentamente no bordo da cama, lhe apartando as mechas da cara.

Levava a mesma roupa chamuscada que antes, à exceção de que agora as mangas de sua camisa as tinha enroladas e tinha a cara limpa.

Não só era o homem mais atrativo do mundo, mas também ao que mais ganha tinha de ver na terra.

— Estamos sozinhos? — perguntou-lhe olhando a seu redor.

Bryce sorriu seguindo seu olhar.

— No momento. Entretanto, eu não teria muitas esperanças de que dure muito. Provavelmente, Chaunce e Hermione já devem estar retornando para ver como te encontra. Apenas se apartaram que ti durante o que levamos de noite. — calou-se um momento. — Sua voz soa bastante mais forte. Respira melhor?

— Sim. Já não me noto os pulmões tão secos como antes. Só me sinto débil.

— Graças a Deus. Segundo o doutor Briers, deveu recuperar a consciência ao pouco de declarar o incêndio. Por isso suas queimaduras são leves e sua dificuldade para respirar, mínima. É evidente que quando cheguei levava muito pouco tempo rodeada pelas chamas.

— Pareceu-me uma eternidade. — Gaby se estremeceu. — Quanto a Deus, dou-lhe as obrigado, mas também lhe dou isso a ti. Desde não me haver encontrado quando o fez...

— Não diga isso.

— Como sabia que te necessitava?

— Intuição. Esta vez fui o bastante inteligente para me guiar por ela. — Bryce baixou a cabeça e lhe deu um beijo suave. — Te dói? — Tocou-lhe ligeiramente a cabeça, nesse momento descobriu que levava uma vendagem.

— A dor diminuiu muito. — Levantou a mão para lhe acariciar a bochecha. — Por favor, podemos falar de todo o resto mais tarde. Mas como você mesmo há dito, duvido que estejamos muito tempo. Assim...

— Assim, vamos a minha pergunta — disse ele brincando com ternura. — Ou, mas bem deveria dizer minhas perguntas. Tenho dois. Ambas vão acompanhadas de sendos presentes que trouxe de Londres. — Alargou o braço para agarrar seu casaco que estava na cadeira, o mesmo com o que a tinha envolvido quando a levou a um lugar seguro. Procurou em seu bolso e tirou as entradas. — Pergunta número um. Acompanhar-me-á ao

concerto da semana que vem? Se para então ainda não te encontra bem, podemos trocar as entradas para outro concerto.

—OH, Bryce, obrigado. — Gaby tocou as entradas com cuidado... Como se houvesse certa desilusão. — A semana que vem já estarei bem, prometo-lhe isso. Eu adoraria te acompanhar. Já sabe quantas vontades tinha de ir.

—Mas...?

—Mas, é que pensava... Quer dizer, esperava que...

—Agora o segundo presente — prosseguiu Bryce misteriosamente, pinçando de novo em seu bolso. — Encontrar este outro foi algo mais difícil, assim espero que te faça mais ilusão que as entradas. De fato, espero que te entusiasme... Tanto como a mim. — Tirou uma parte de papel dobrado e o entregou ao Gaby.

Gaby enrugou a frente porque não podia ler na escuridão.

—O que é isto?

—Uma licença especial. — Abandonou sua atitude de brincadeira e pôs a licença a um lado e com extraordinária ternura agarrou o rosto de Gaby entre suas mãos. — Te amo, Gabrielle Denning. Encheste o vazio que havia em meu interior do que nem sequer era consciente. Conceder-me-á a suprema e extraordinária honra de ser minha esposa?

Duas lágrimas percorreram as bochechas do Gaby.

—Imaginei-me este momento como umas mil vezes desde ontem, rezando para que não tivesse interpretado mal a pergunta que me tinha insinuado — sussurrou. — E agora que minhas preces foram escutadas, e que chegou o momento, é como se queria apanhá-lo para que durasse eternamente.

—Haverá uma eternidade de momentos igualmente valiosos. Este não é mais que o primeiro, prometo-lhe isso. — Bryce lhe secou as lágrimas com seus polegares e lhe acariciou os delicados contornos de suas bochechas. — Agora me diga, em suas mil imaginações tinha previsto me dar uma resposta?

A felicidade iluminou o rosto do Gaby.

—Sim, dava-te uma resposta, sempre a mesma: sim. Sim, com todo meu coração, desejo me converter em sua esposa mais que nada neste mundo. — Ela atirou dele para encontrar-se com sua boca. — Bryce, quer-te muitíssimo.

Bryce a beijou emitindo um som rouco; foi um beijo profundo tão reverente que fluiu através dela como mel quente, acalmando e inflamando ao mesmo tempo.

—Fica comigo — ofegou Gaby. — Não vá.

—Não voltarei a fazê-lo, Gaby. — Bryce o disse em um sentido que transcendia a rapidez a que ela se estava referindo. — Nunca, jamais. — A suavidade dos lábios de Gaby e os seus se fundiram tocando-a e degustando-a. — Não te deixarei nunca nem me partirei do Nevon Manor. — Enredou seus dedos entre seu cabelo durante um interminável momento. — Esta vez voltei para casa para ficar.

—Nada podia me fazer mais feliz que te ouvir por fim dizer estas palavras — disse Hermione. Junto com sua entusiasta afirmação um raio de luz procedente do corredor

rompeu a escuridão pondo fim à magia da intimidade da que tinham gozado durante uns momentos.

Separaram-se e se giraram para a porta: ali estavam Chaunce e Hermione na soleira sem dúvida alguma tinham escutado ao menos parte do voto que lhe tinha feito Bryce.

A julgar pela rigidez da postura do Chaunce, não tinha ouvido a primeira parte.

—Levo muitos anos sonhando com este momento — disse Hermione lhe tremendo à voz enquanto entrava na habitação.

—Assim é — disse Chaunce seguindo-a e olhando ao Bryce com certo receio. —Eu também estou encantado de que tenha decidido ficar conosco. Entretanto, não acredita que poderia lhe declarar suas intenções da cadeira? A senhorita Gaby logo que está recuperada para... Uma visita tão exaustiva.

Ao ver o olhar desaprovadora do Chaunce e sua censura nada sutil, Gaby riu risada que acabou em lamento e agarrando-a cabeça.

—Chaunce, por favor, dói-me quando faço isto. E respeito a sua pergunta, não, Bryce não me podia ter declarado suas intenções da cadeira. Porque uma dessas intenções, a que é evidente que chegastes muito tarde para ouvir, era respeito a mim não ao Nevon Manor. Ou, para ser mais exatos, respeito a nós. —O olhar encantado de Gaby se dirigiu ao Hermione. — Bryce pediu que me case com ele.

—OH, Gaby. — Hermione ficou a mão no coração, irradiava felicidade por toda parte. — Retifico o que hei dito antes. Este é o momento com o que sonhei sempre, que me ia fazer mais feliz que nenhum outro. Chaunce ouviu? — perguntou-lhe girando-se para ele.

—Assim é, senhora. — A atitude reservada de fazia tão somente um momento, agora se tinha convertido em um sorriso. —Não poderia estar mais agradado. — Acompanhou ao Hermione junto à cama e deu a mão ao Bryce enquanto ela se agachava para beijar a sua sobrinha.

—Para quando planejamos esta maravilhosa ocasião? — disse Hermione em voz baixa. — Para dentro de um mês? Dois? Isso nos dará tempo de sobra para prepará-lo tudo: as provas para o traje, os músicos, o menu...

—Três dias — interrompeu Bryce sem alterar-se.

—Três dias? — disse Hermione ficando branca.

—Sim. Três dias.

Ficaram todos em silêncio.

Lily estava pega à parede, fora da habitação com a porta aberta, e ficou a mão na boca para silenciar seu grito de alegria. Ato seguido partiu nas pontas dos pés e quando chegou a uma distância de segurança, saiu correndo para divulgar a notícia deste novo e maravilhoso acontecimento.

Bryce se levantou, ignorando o que acontecia no resto da casa, cruzou os braços e começou a lhes explicar ao Hermione e ao Chaunce sua postura.

— Em Londres consegui uma licença especial — começou a dizer enquanto lhes ensinava o documento que estava junto à cama do Gaby. — Quando o pedi, fiz para que Gaby tivesse a liberdade de escolher o dia que quisesse. Mas depois do acontecido esta tarde, o que esteve a ponto de acontecer... — pigarreou — a espera já não é possível. Alguém tentou assassinar ao Gaby. Não temos nenhuma garantia de que não volte a tentá-lo. Eu procurarei me assegurar de que não aconteça.

— Mas chamaremos à polícia. Seguro que investigarão.

— OH, sim, claro que o farão. O primeiro será interrogar aos residentes do Nevon Manor.

— OH, Bryce... Não — disse Hermione. — Nossa família acredita que o incêndio foi um acidente. Não entenderiam nem aceitariam que alguém tivesse querido assassinar ao Gaby. Lhes interrogar? Sucumbiriam ante a pressão.

— Exatamente. E posto que sabemos que ninguém daqui teve algo que ver com a agressão que sofreu Gaby, todo esse processo seria prejudicial e inaceitável. Nosso dever é proteger a nossa família, evitar que se veja submetida a um estresse emocional.

— Pode que a polícia encontre alguma relação entre o assassinato do senhor Delmore e a agressão à senhorita Gaby — disse Chaunce pensativamente.

— Estou de acordo. Acredito que existem muitas probabilidades... Dada a proximidade entre os dois incidentes. Em cujo caso a polícia suporá duas coisas. Ou que estão ante duas agressões casuais realizadas pelo mesmo ladrão desesperado e torpe que é incapaz de distinguir entre uma vítima rica de uma pobre, ou reconsiderarão minha suspeita inicial de que o crime está relacionado com o assunto que tinha que tratar Delmore e que as agressões podem ter sido perpetradas por alguém do Whitshire. O qual é quão último necessitamos nestes momentos, porque se interrogarem ao Thane e a seu serviço, o assassino poderia assustar-se e tentá-lo de novo. E, se Gaby tiver razão, a muito pouca distância daqui... — Bryce não disse mais, limitou-se a mover um músculo de sua mandíbula.

Hermione ficou pensativa.

— Te vais levar ao Gaby fora daqui — insinuou.

Bryce assentiu com a cabeça.

— Até que descubramos a identidade desse maníaco, sim, isso é o que quero fazer. Não iremos longe, só a minha casa de Londres, mas será suficiente para proteger a de seu agressor. É a única forma, Hermione, até que possamos determinar quem é esse miserável, encontremos alguma prova concreta de sua culpabilidade e lhe encerremos no Newgate. — Olhou ao Gaby e lhe deu a mão. — O sinto Alice no país das maravilhas. Sonhava com umas grandes bodas?

— Sonhava me casando contigo — afirmou Gaby, sem lhe surpreender sua forma de pensar nem seu tom autoritário. Ela entendia bem as razões para atuar desse modo e ainda lhe queria mais por sua determinação de querer protegê-la e de proteger à família. É

certo que seus sonhos de casar-se sempre tinham incluído umas bodas tradicional com um grande traje e uma magnífica festa nos jardins do Nevon Manor. Mas todo isso carecia de importância ante ao que se estavam enfrentando.

Converter-se-ia em sua esposa da maneira que ele acreditasse mais conveniente.

— Gaby? — perguntou Bryce ao ver sua expressão.

Gaby estreitou seus dedos.

— Estou de acordo com tudo o que há dito. E se as circunstâncias impedem que se realizem alguns aspectos secundários de meu sonho, que assim seja sempre e quando me converter em sua esposa. — mordeu-se o lábio. — Mas respeito a Londres... Retornaremos ao Nevon Manor assim que este pesadelo tenha terminado verdade?

— Assim que apanhem ao assassino. — Bryce lhe beijou os dedos. — Tenho tantas vontades como você de estar aqui.

— Sei — respondeu com um gesto afirmativo com a cabeça.

— Acredito que o senhor Lyndley tem razão, milady — disse Chaunce colocando sua mão sobre o ombro do Hermione. — A vida da senhorita Gaby está em perigo. Sua segurança é o primeiro.

— É obvio. — Hermione aceitou. Estava consternada, mas seu desejo de protegê-la era mais forte.

— Carinho — prosseguiu Bryce, lhe acariciando a bochecha — agora que já abordamos este tema, eu gostaria de prosseguir um pouco mais, só uns minutos. Sei que está esgotada, que ainda te dói e está nervosa. Mas poderia nos dizer o que recorda do que te aconteceu esta tarde?

Gaby voltou a assentir com a cabeça, tentando ordenar seus pensamentos.

— Não cheguei a ver meu agressor. — Era a primeira vez que o dizia em voz alta e começou a tremer. — Levava uma máscara. Eu estava a uns cinqüenta metros da toca do Crumpet quando ouvi um rangido de movimento na erva. Girei-me pensando que era Crumpet. Mas não o era. Pude ver um momento uma figura mascarada vestida de negro com uma pedra na mão. Levantou os braços e me golpeou na cabeça. Isso é tudo o que lembrança até que despertei rodeada de chamas. Isso e o aroma de almíscar, o nauseabundo aroma da morte.

— Erva queimada e madeira — murmurou Hermione.

Bryce assentiu com a cabeça.

— Recorda algo mais sobre ele?

— Não — respondeu Gaby ao cabo de um momento. — Só lhe vi um instante.

Hermione se esclareceu garganta para poder falar.

— Acredito que a pergunta mais importante é por que. Por que tem feito isto a Gaby?

— Pode adivinhar a resposta, com provas ou sem elas — respondeu Bryce com seu habitual aprumo. — Todos podemos.

— Sim. — Gaby se estremeceu. — Se assustou por minhas últimas lembranças sobre o incêndio. Quem quer que seja, teme que recorde algo que não quer que ninguém saiba.

Algo que poderia lhe implicar. — calou-se um momento para superar seu sofrimento. — Bryce, isso me leva a uma conclusão: o que ouvi a noite do incêndio, as vozes dos homens. Não se tratava só de duas pessoas apanhadas em uma morte acidental; foi um assassinato.

—E apostaria que o que cometeu o crime também provocou o incêndio — acrescentou Bryce. — Provavelmente para encobrir seu delito. Estou seguro de que não pensava que o fogo lhes controlaria daquele modo e se cobraria tantas vidas. Mas assim foi. Depois do qual, ainda tinha mais medo a ser descoberto, o que resultou muito difícil, posto que todo mundo acreditou que foi um acidente. De fato, nem sequer corria perigo até que recordou as vozes na carvoeira. Isso fez que as coisas se vissem desde outra perspectiva totalmente distinta. Ficou nervoso e tentou te silenciar.

—De modo que uma das vozes era a sua e a outra a de sua vítima. — Gaby olhou ao Bryce. — É evidente que está convencido de que o assassino vive no Whitshire.

—Tem sentido. Ao fim e ao cabo, sofreste a agressão ao dia seguinte de que Thane convocasse a reunião com seus empregados e lhes falasse de suas últimas lembranças. É muita coincidência. Tal como havemos dito faz uns minutos, o assassinato do Delmore me parece agora duplamente suspeito, devido ao lugar e ao momento em que se produziu. De algum modo todos estes incidentes devem ter alguma conexão, só que ainda não sei qual é. Mas o sócio do Delmore, Frederick Banks, está recolhendo informação sobre todos os documentos relacionados com o navio do duque. Disse-me que me mandaria uma nota assim que os tivesse preparados. Espero que esses documentos nos ajudem a encaixar algumas das peças deste quebra-cabeças. De modo que... Se acreditar que o assassino vive no Whitshire? Sem dúvida alguma. E apostaria que se trata de que matou ao Dowell aquela noite.

—Mas quem? E por quê? — Gaby se esfregou a cabeça de novo. — Cada vez que ouço seu nome me dói à cabeça. Isso deve indicar que nos estamos aproximando. Oxalá pudesse recordar algo mais. — Fez uma careta de dor quando se roçou a atadura com os dedos.

—Recordará... Mas não esta noite. — Bryce se aproximou da mesinha de noite, serve-lhe um chá e lhe acrescentou umas gotas de láudano. — Já temos feito muitas conjecturas por hoje. Sofreste uma grande comoção e tem que descansar para te recuperar. Todos estaremos aqui quando despertar, como seguirá estando-o o mistério. — Agüentava-lhe as costas enquanto lhe punha a taça nos lábios. — Chaunce preparou mais chá e o trouxe enquanto dormia. Ainda está quente. Quero que tome toda a taça, que te estire e feche os olhos.

Esperou até que a teve tomado e logo lhe soltou lentamente as costas, agasalhou-a e esperou a que o láudano fizesse efeito.

—Muito bem. — Ao Gaby já lhe estavam fechando os olhos. —Suponho que estou um pouco cansada. — Bocejou. — Bryce? — disse de repente, piscando.

—Hum?

—Há dito três dias?

Bryce baixou sua cabeça e a beijou pudicamente.

—Sim, Alice no país das maravilhas. Três dias e estaremos casados.

—Chaunce... — Era evidente que estava lutando contra os efeitos do fármaco.

—Senhorita Gaby, precisa descansar — respondeu Chaunce com doçura.

—Farei-o. —Sorriu um pouco. Seus olhos azuis estavam cheios de ternura, embora frágeis e lutando por permanecer abertos. — Mas primeiro tenho que te fazer uma pergunta muito importante. Levar-me-á do braço ao altar para me entregar ao Bryce? Não me vais perder, só conduzirá a uma nova vida que também incluirá toda a beleza da anterior.

Chaunce moveu um músculo de sua garganta e logo respondeu.

—Será uma honra, senhorita Gaby.

—Obrigado. E tia Hermione...

—Eu serei sua tia e sua dama de honra de uma vez — lhe disse Hermione.

—Não. Minha melhor amiga e minha mãe. — As palavras de Gaby eram um pouco confusas, mas não o suficiente como para que não se entendessem.

Lágrimas de felicidade percorriam as bochechas do Hermione.

—E toda a família... Estará... Ali... — suspirou Gaby, com um fio de voz tão assustador como fraco. — A senhora de Bryce Lyndley — disse com um sorriso longínquo. — muito melhor que Alice no país das maravilhas.

Depois de dizer estas palavras, dormiu.

Lily bateu na porta do Marion e se apressou a entrar assim que ouviu o «adiante».

—Lily, por que está acordada a estas horas? — perguntou-lhe Marion com preocupação enquanto se sentava na cama. — Se trata da senhorita Gaby? Está pior?

—OH, não. — Lily engatinhou por cima da cama e se ajoelhou ao lado do Marion com um amplo sorriso. — Está muito melhor. Esteve acordada muito momento, Marion. E ouvi que ela e o senhor Lyndley falavam com lady Nevon e Chaunce. — Lily lhe atirou da manga da camisola com impaciência. — Adivinha do que falavam?

—Do que?

—vão se casar. Em três dias.

—Em três dias? — Agora Marion despertou de repente. — Está segura?

—Ah-ah. Isso tinha ouvido dizer. Especialmente ao senhor Lyndley. Não queria esperar.

—Vamos. — Marion saltou da cama, ficou a bata com sua habitual estupidez e tomou ao Lily da mão. — Temos que despertar à senhora Gordon para nos assegurar de que terminou o traje e averiguar que mais fica por fazer. Tudo tem que sair perfeito. — Tropeçou com o cinturão da bata, o pôs a um lado com impaciência, mas voltou a tropeçar. Deteve-se, colocou-se o resto do cinturão no bolso e se agachou para abraçar ao Lily. — Lily é a melhor espia do mundo!

Como ladronas na noite, correram pelo corredor para a habitação da senhora Gordon.

Capítulo 16

O dia das bodas de Gaby amanheceu igual de radiante que seu coração: com um sol resplandecente, pássaros cantando e o entusiasmado chiado de um pássaro carpinteiro.

—O vigário Kent chegará à uma hora — disse Hermione ao Gaby, revoando pela sala de estar enquanto o relógio de parede estava a ponto de anunciar às nove da manhã. — Está encantado com sua decisão de lhes casar aqui no Nevon Manor e de celebrar a cerimônia em nossa capela.

—É um homem estupendo — respondeu Gaby. — Hoje o mundo inteiro é maravilhoso! — Começou a dar voltas até chegar a sua tia para abraçá-la.

Chaunce entrou na habitação e levantou uma sobrancelha ao ver as duas damas tão emocionadas.

—vim a ver como foram as coisas e pensei que possivelmente poderiam necessitar minha ajuda. Mas vejo que o que precisam é meu conselho. — Primeiro olhou ao Hermione. — Senhora, esgotar-se-á antes da cerimônia se continuar assim. E, você, senhorita Gaby — disse olhando à noiva. — Tenho que lhe recordar que faz só três dias esteve a ponto de ser assassinada? O doutor Briers lhe aconselhou que ficasse na cama um dia, à manhã seguinte já estava levantada. Disse-lhe que limitasse suas atividades a mover-se um pouco pela casa, ontem já estava rondando pelos bosques. Além disso, insistiu em que se levantasse tarde o dia de suas bodas, sugestão bastante razoável, posto que a cerimônia vai ter lugar as dez em ponto, mas tem levantada do amanhecer, dando voltas como se fora um pássaro carpinteiro que se tornou louco. Se não tivesse fechado a porta, teria saído a jogar com os meninos — disse Chaunce deixando os olhos em branco. — O que vou fazer com você? — Olhou também ao Hermione. — Com vocês dois?

—por que não se une a nós? — sugeriu Hermione com uma piscada. — Me sinto mais forte que em muitas semanas, como se fora uma juvenzinha. E Gaby... — começou a dizer inclinando a cabeça para sua sobrinha, que agora estava dançando pela habitação, cantarolando e dando a bem-vinda ao sol que entrava pelas janelas. —Lhe parece que tem mau aspecto? A mim não. Além disso, estou bastante segura de que esta noite não terá inconveniente em retirar-se cedo, não lhe parece querido?

Gaby sorriu a sua tia com cumplicidade.

—Dou-te minha palavra, tia Hermione.

—Já está — disse Hermione fazendo Isso gesto deve lhe bastar para acalmar suas preocupações infundadas. Além disso, hoje celebramos um feliz acontecimento, a culminação de anos de preces, de meses de planos...

A tosse de alerta do Chaunce foi interrompida pela pergunta do Gaby.

—De que planos falas?

Hermione soube sair-se com graça da situação.

— Muito bem, digamos dias. Estava brincando, querida. Só pretendo fingir que tive o mês ou os dois meses que tivesse desejado para planejar meu sonho de umas bodas românticas para ti. Queria que este dia fosse perfeito.

— É-o — lhe assegurou Gaby. Minha família está aqui e me vou casar com o Bryce. Não só isso, mas também Bryce pediu ao Thane que seja seu assistente. Pode haver algo mais perfeito?

— Tem você razão — respondeu Chaunce. — Mas, a menos que pense casar-se com seu vestido velho e com esse toque de nata na bochecha, sugiro-lhe que trate de melhorar seu aspecto e subida a suas habitações para trocar-se.

— meu deus! Tem razão. — Gaby se olhou consternada.

— Ainda há tempo — lhe assegurou Chaunce. — Marion me há dito que lhe dissesse que lhe preparou um banho e que tem o preparado vestido que lhe tinha pedido. — Chaunce franziu o cenho. — Tivesse preferido que Lily e Jane estivessem aqui para ajudar ao Marion a lhe pôr algumas floresça no cabelo, mas tanto elas como Ruth desapareceram. Doura se ofereceu a ocupar seu lugar; acredito que entre ela e Marion farão um trabalho esplêndido lhe arrumando o cabelo, com flores ou sem elas. Ah, a senhora Gordon ordenou que todo mundo saísse do comilão e do salão amarelo. Conforme parece, está-os esfregando para eliminar umas molestas manchas que supostamente havia no chão e nas janelas que dão ao jardim. Está bastante desgostada por isso, quase me remói. Claro que não havia ninguém mais ao redor contra quem arremeter. De todos os modos, dado seu peculiar estado de ânimo, prefiro me apartar de seu caminho.

Hermione franziu o sobrecenho.

— Agora que falas disso, toda a casa esteve inusualmente tranqüila do café da manhã. Nem sequer se vá aos meninos, embora provavelmente Peter esteja na habitação de Bryce lendo seus livros de leis enquanto ele se prepara para as bodas. Thane também está ali, em seu caso para ajudar ao noivo. Mas não houve nenhum ruído nem grito, nem sequer uma gargalhada em horas. Onde está todo mundo?

— Possivelmente se estejam vestindo, como deveria estar fazendo eu — disse Gaby apartando um cacho da cara em um gesto de autocensura. — E o vigário chegará a menos de uma hora; mais vale que vá fazer o e que o faça já. — Tomou ao Hermione das mãos. — Virá acima comigo? Sei que também necessita tempo para te vestir, mas...

— Estarei contigo enquanto te prepara para o banho — disse em seguida Hermione. — Manteremos um encantador bate-papo pre-nupcial. Logo irei a minhas habitações a me vestir. Depois Marion e Doura poderão te pentear em minha sala. O que te parece?

— Perfeito. — Gaby duvidou um pouco e a preocupação apagou seu entusiasmo. — Tia Hermione, está segura de que os serventes do Thane não se zangaram por não ter sido convidados às bodas? A senhora Darcey, a senhora Fife, há muitas pessoas às que avaliação muito e não suporto a idéia de que nos tenhamos visto obrigados às excluir. Entendo que não tínhamos mais remédio, que tomaram essa decisão para me proteger,

mas não me posso imaginar que nenhuma dessas maravilhosas pessoas tenha tentado me fazer danifico.

—Entretanto, é mais que provável que assim seja — disse Hermione com tudo grave. — A forma em que Thane levou esta situação foi o único modo de assegurar sua segurança, Gaby. Foi muito diplomático, explicou que ainda te encontrava muito débil e nervosa pelo que te tinha acontecido, e que por isso se limitava a lista de convidados aos residentes do Nevon Manor para não esgotar suas forças. Também lhes disse que ainda estava um pouco traumatizada e aturdida, e concluiu lhes dizendo que o golpe que recebeu tinha feito que suas lembranças do acidente — fez insistência nessa palavra — fossem ainda mais confusas e dispersas. A explicação do Thane pretendia cumprir dois objetivos: evitar que ninguém se sentisse ferido em seus sentimentos e fazer acreditar em seu agressor que estava a salvo, que você, igual a todos, crie que o incêndio foi um acidente. —Hermione lhe aconteceu um braço pelos ombros. — Assim deixa de preocupar-se pelos serventes do Whitshire. Hoje é o dia de suas bodas, carinho. Vai a se o dia mais maravilhoso de sua vida. Não quero que nada o turve. Agora, vamos arrumar-nos, parece-te?

Ao Gaby lhe voltou a iluminar o rosto.

—Muito bem.

Aos vinte minutos Gaby saía de dar o banho e entrava em sua habitação.

—Suponho que está lista para vestir-se? — perguntou-lhe Marion piscando.

—Sim. — Gaby se olhou o traje amarelo pálido que tinha em cima da cama duvidando. — Marion, crie que escolhi bem? Queria escolher uma cor o mais parecido possível ao branco. Meus trajes de cor bege são muito austeras, e este é o único que tem a saia larga e um rebordo nas mangas. Crie que servirá?

—Não sei. — Marion ajudou ao Gaby a ficá-la roupa interior enquanto se olhava o traje amarelo com aparente interesse. De fato, agora que o diz este vestido não é apropriado para a ocasião. Parece mais adequado para uma festa que para umas bodas. É brilhante e alegre, mas não é o que se merece a ocasião. Ao fim e ao cabo você vai casar se, embora seja em uma singela e velha capela.

Gaby se sentiu como se lhe tivessem dado um bofetão.

—Então, o que posso fazer? — perguntou. — Não tenho nada mais adequado.

—irei procurar a sua tia — sugeriu Marion. — Possivelmente a ela lhe ocorra algo melhor.

Saiu da habitação e entrou nos poucos minutos com o Hermione, que já se vestiu.

—Gaby? O que passa carinho? Marion me diz que não está contente com seu vestido. Por quê?

—Sou uma estúpida — respondeu Gaby, endireitando os ombros. — Ao Bryce não importará o que levo. É só que...

—Este vestido não é adequado para uma ocasião como a de hoje — disse Marion. — É muito... Bom, amarelo; muito corrente. Não culpo à senhorita Gaby por seus sentimentos.

Hermione se girou e olhou ao Marion surpreendida.

— Não é próprio de ti ser tão cruel, Marion. Sabe que não tivemos tempo para confeccionar...

— Não, você não, mas nós sim.

— Que vocês tivestes... O que? — perguntou sentindo saudades.

— Tempo para fazê-lo. — Dito isto, Marion sorriu, cruzou a habitação e abriu a porta. — Espero que goste de este, senhorita Gaby — disse entusiasmada. — Adiante.

Como um general que guia a seus exércitos, a senhora Gordon entrou em cabeça, seguida da Ruth, Lily e Jane, cada uma sustentava uma parte do vestido de noiva mais belo que Gaby tinha visto jamais, com adornos de encaixe, salpicado de pérolas, com abas vaporosas de delicioso cetim.

Era o sonho de toda noiva feito realidade.

Quando deu a ordem todas se detiveram, esperando, enquanto aumentava sua espera ao contemplar o rosto do Gaby.

— OH, Deus... — começou a dizer sem poder assimilar ainda o que estava acontecendo.

— Gosta? — perguntou-lhe Marion.

Gaby não podia falar.

— É um vestido de noiva, senhorita Gaby — lhe disse Lily para lhe esclarecer as coisas. — O temos feito para você. Não se preocupe com a talha. Agarramos um de seus vestidos para tomar medidas. Temo-lo feito muito rápido, para poder lhe devolver o vestido antes que você se desse conta. Tínhamos medo de não poder acabá-lo a tempo, mas a senhora Gordon deu o último ponto às quatro e meia desta madrugada, antes que você despertasse. — A pequena Lily enrugou a frente observando a expressão afligida do Gaby; as lágrimas corriam por suas bochechas. — Você não gosta? — pergunto-lhe inquieta.

Gaby se girou lentamente para o Hermione que moveu a cabeça também com os olhos úmidos.

— Não tinha nem a menor idéia disto — conseguiu dizer.

— Não queríamos que soubesse — disse a senhora Gordon com determinação. — Nem você, nem Chaunce. Vocês dois já tinham muitas coisas do que preocupar-se. Além disso, este é nosso presente para a senhorita Gaby. — Olhou ao Gaby e de repente a dúvida apareceu em seu rígido semblante. — Suponho que gosta.

— É o traje mais espetacular que vi em toda minha vida — sussurrou ela tentando recuperar sua voz. — É... — dirigiu-se para ele tocou com cuidado o sutiã de cetim. — Jamais tivesse imaginado.. Como...? Quando...? — Respirou profunda. — Graças a todas. — Abraçou-as uma a uma alternando as risadas e os prantos à medida que ia sendo consciente do que estava passando. — Deve ter acontecido dias alinhavando, costurando, retocando... Meu deus devem ter acontecido noites sem dormir. — Gaby acariciou com supremo cuidado o encaixe e passou seus dedos pelas pérolas. — Não sei que tenho feito para merecer isto, mas não acredito que nunca possa chegar a lhes demonstrar

suficientemente meu agradecimento. É o presente mais belo, maravilhoso e significativo que recebi em minha vida, com a exceção de seu amor.

— Isso vai incluído... E isto também — anunciou Ruth, adiantando-se para lhe entregar um vaporoso véu de encaixe branco que chegava até o chão, com uma coroa de casulos de flor-de-laranja.

— Uh... — Gaby tomou o véu entre seus braços e o olhou extasiada. — Um de meus maiores sonhos se está fazendo realidade.

— Isso é o que tem que ser o dia das bodas — respondeu Marion com sua arredondada cara radiante de felicidade.

— Todos colaboramos — disse Jane. — Até os homens. Reaney e Bowrick recebiam aos fornecedores nas grades para que não vissem que traziam os materiais. — deteve-se um momento para refletir sobre suas palavras. — Bom Reaney tinha que guiar ao Bowrick pelo jardim, embora só um pouco. E Bowrick levava todos os pacotes pesados, para que Reaney não sofresse por sua gota. Assim tudo ficava compensado — disse com uma risada. — E todos aprendemos a guardar um segredo. Temo-lo feito muito bem, verdade, Marion?

— Não o temos feito bem, temo-lo feito estupendamente — corrigiu Marion com um sorriso. — Todo isto não teria sido possível sem vocês, pequenas. Desde não ter sido por seus grandes dotes de espiões, não teríamos sabido quando ia ser as bodas. — Marion pôs orgulhosamente seus braços em seus ombros. — Todos temos feito nossa parte. Trabalhamos em equipe. Mas isso é o que significa ser uma família.

Gaby olhou o traje e o véu e logo às adoráveis pessoas que os tinham confeccionado.

— Nenhuma noiva poderia ter mais benções. Obrigado.

— Basta de falar — interrompeu Marion, dando uma palmada. — O traje não serve de nada entre seus braços. Chegou o momento de convertê-la na princesa de conto de fadas que realmente é. Vamos senhoras — disse piscando os olhos o olho ao Gaby. — Além disso, acredito que ainda fica alguma surpresa para você.

Meia hora depois, Gaby entrava na capela do braço do Chaunce, e quase deu um grito ao ver a transformação que tinha sofrido o lugar. O corredor e os arcos estavam decorados com flores silvestres que elogiavam o teto abobadado e os vitrais, e a pequena capela se converteu em uma versão em miniatura de uma esplêndida catedral.

O vigário Kent estava perto do altar, um amplo sorriso enrugava seu velho rosto enquanto contemplava a Gaby iniciando sua lenta marcha pelo corredor.

Ouviram-se um murmúrio de admiração entre os assistentes ao ver passar à noiva, e em seus rostos se refletiam milhares de emoções que Gaby ia gravando em seu coração: orgulho, alegria, lágrimas de felicidade. Lily e Jane lançavam pétalas de rosas a seu passo, lhes indicando o caminho entre os íntimos assistentes. Na primeira fila se sentava tia Hermione, com as mãos juntas e apertadas; seus olhos azuis estavam cheios de ternura e serenidade ao saber que essa união era totalmente acertada. Tinha as costas muito reta e firme quando contemplou o exultante sorriso do Gaby.

Gaby olhou ao Thane, que lhe piscou o olho e logo olhou ao homem extraordinariamente atrativo que estava a seu lado, o homem que estava a ponto de tornar-se em seu marido.

A Levita negra de Bryce se atinha a seus amplos ombros, e seu colete claro e suas calças de raias cinza eram dignos da ocasião. Seus olhos verde escuro se obscureceram ao contemplar à noiva; devoravam-na com orgulho, admiração e uma emoção muito profunda para descrevê-la com palavras, muito imensa para poder contê-la.

Seus olhares se encontraram. Bryce sorriu, seu sorriso lento e sedutor encolheu o coração da noiva, que se sentiu mais perto que nunca dele e de seu futuro em comum.

Chaunce a entregou com ar de segurança, e logo se apartou com um elegante gesto que indicava que Gaby ia iniciar uma nova vida.

Ela tomou o braço que Bryce lhe oferecia e ambos avançaram junto; para pronunciar seus votos.

Embora essas palavras tivessem sido sortes por um sem-fim de pessoas ao longo da história, para Gaby era como se as ouvisse pela primeira vez: belas palavras carregadas de significado que a uniriam para sempre ao homem ao que amava e ele a ela.

O anel que Bryce lhe colocou no dedo era um delicioso aro de ouro tão sólido e puro como o amor que representava tão significativo como o breve e profundo roce de seus lábios.

—Quero-te, Alice no país das maravilhas — lhe disse ardentemente, começando a levantar a cabeça. De repente, deteve-se e sem lhe importar nada mais que sua noiva, passou por cima a etiqueta. — Para ti, senhora Lyndley — murmurou ao ouvido do Gaby. — O marido impulsivo o que desejava.

Dito isto, levantou-lhe o queixo e fundiu seus lábios com os de Gaby em um acalorado beijo, muito comprido para ser decoroso. Ouviu-se um murmúrio de risadas afogadas pela capela, e Gaby teve que agarrar-se aos braços de seu marido para não cair quando por fim a soltou.

—Aceitável? — perguntou piscando.

—Elogiável — lhe assegurou ela sem respiração.

Tomou a Gaby pelo braço e saiu da capela com sua nova esposa. As ovações eram escandalosas e inapropriadas, mas a ninguém importava. Nem sequer ao vigário, que observava seus pés talheres de pétalas de rosa, aos meninos dançando pelos corredores, ao Peter, que havia se tornado a esquecer de sua claudicação, e ao resto dos apaixonados serventes que formavam a família de Hermione, todos eles com alguma tara que não importava a ninguém, e com umas benções que lhes convertia em seres completos. O vigário Kent inclinou respeitosamente a cabeça, dando graças a Deus por ter sido partícipe desse dia.

Nesse momento, o órgão começou a soar como respondendo ao gesto do vigário e começaram para ouvi-las primeiras e majestosas notas do recital que tinham preparado para a gloriosa e digna culminação da cerimônia nupcial: O Hino à Alegria, o final da Nona Sinfonia de Beethoven, impregnou a atmosfera.

Os serventes desfilaram pelo lado dos noivos lhes dando suas mais sinceras e fugazes felicitações, para desaparecer a toda pressa para o salão amarelo.

—por que têm todos tanta pressa? — perguntou Gaby, ainda secando-os olhos em um fútil intento de conter suas lágrimas de emoção que não tinham parado desde que tinham entrado na capela. —Tenho tantas coisas que dizer e tanta gratidão que expressar.

—Suponho que terá ocasião para lhe fazê-lo disse Hermione pensativa, observando como se retiravam seus convidados. Voltou-se para o Bryce e Gaby e lhes tirou da mão. — Me ecôo das palavras que acaba de dizer: tenho tantas coisas que dizer e tanta gratidão que expressar. — Lhe cortou a voz e tragou saliva com a determinação de recuperar a compostura. — Todas e cada uma de minhas preces foram escutadas — disse sem mais. Logo se girou rapidamente para assegurar-se de que só ficavam Chaunce e Thane.

—Minha querida sobrinha e meu bem amado sobrinho fazem anos que sabia que pareciam um para o outro. Felizmente, Deus estava de acordo comigo. — Primeiro beijou tremente a bochecha de Gaby e logo a de Bryce — lhes Ame e lhes cuide mutuamente. Compartilhem não só suas boas qualidades, mas também suas debilidades, porque isso lhes fará mais fortes. E o mais importante de tudo, sede felizes, agora e por sempre jamais.

—Você formará parte dessa felicidade, tia Hermione — sussurrou Gaby. — Sempre. Insisto nisso.

Ao Hermione lhe iluminaram os olhos.

—É obvio, porque a partir de hoje estou completamente de acordo com a afirmação do Thane: vou viver eternamente. Quem mais poderia cuidar de vós três? — Olhou de esguelha ao Thane — Quem encontrará o casal adequado para meu outro atrativo e ainda solteiro sobrinho? Quem aconselhará bem a todos seus filhos nos assuntos do coração? — Hermione se dirigiu ao Thane com um olhar angélico sorrindo-lhe antes de prosseguir. — De momento está a salvo — lhe assegurou, agarrando por braço do Chaunce. — Agora, ainda estou pendente dos noivos, aos que, por certo, estão-lhes esperando no salão amarelo para o banquete nupcial. Acredito que devem estar lhes esperando com impaciência. Vamos.

Bryce lhe aconteceu o braço pela cintura ao Gaby e riu entre dentes ao ver que Thane punha os olhos em branco.

—As intervenções do Hermione podem ser uma bênção disfarçada — disse Bryce. Olhou a sua recém estreada esposa com uma expressão de profunda emoção. — me têm feito o homem mais feliz do mundo.

A Gaby lhe fez um nó na garganta e se aproximou mais ao Bryce.

—Entendo o que quer dizer — respondeu Thane. Então. Foi reunir-se discretamente com o Hermione e Chaunce, deixando que Gaby e Bryce desfrutassem de um momento de intimidade.

—Quero-te — lhe disse Gaby.

Bryce lhe apartou o véu, pô-lhe a mão na nuca, estreitou-a contra ele... E lhe deu um profundo, acalorado e possessivo beijo de amor incondicional.

—E eu quero a ti tanto que não há palavras.

— Vale mais que nos reunamos com o resto no salão amarelo — murmurou Gaby, sem fazer o menor esforço por tentar separar do abraço de seu marido.

— Sim, mais vale, porque se não o fazemos agora não iremos — voltou a beijar a noiva, e ato seguido, com um soberbo esforço, soltou-a. — Mas, logo, Alice no país das maravilhas. Logo te terei só para mim.

— Estou desejando que chegue o momento. — de repente, o comentário que Bryce tinha feito ao Thane se rebobinou na confundida mente do Gaby. — Então, crie que tia Hermione teve algo que ver em nossa união, com todo o tempo que passamos Juntos.

— Duvida-o? — respondeu ele com um sorriso.

— Ela o nega.

— É obvio.

Gaby sorriu radiante a seu marido.

— Não, não o ponho em dúvida. Ela o planejou todo detalhadamente, com a ajuda do Chaunce, é obvio.

— Uma mulher brilhante. — A alegria de Bryce desapareceu e ficou os dedos de Gaby nos lábios beijando-os com um solene assombro. — Uma vez mais, Hermione me tornou a salvar a vida.

Depois de dizer isto, saíram da capela e se dirigiram ao salão amarelo e para seu futuro.

O salão superava tudo o que Gaby tinha podido chegar a imaginar. — OH, Deus... — exclamou, agarrando-se à manga de Bryce enquanto contemplavam o esplêndido banquete que tinham ante eles.

— É inconcebível — resmungou Bryce, tão comovido como Gaby pelo que tinha feito sua família, que agora estava apinhada em um rincão da habitação, resplandecente, observando suas reações e desfrutando de do êxito de seu plano.

O salão tinha ficado totalmente transformado; as mesas de nogueira adornadas com elegantes toalhas estavam cobertas de bandejas com os pratos mais elaborados e apetitosos imagináveis. Patê de ganso, lagosta e salmão, peru em gelatina, cestas de caramelo cheias de bombons e outros doces, frutas de todo tipo, canapés e bolos de flor de flor-de-laranja e, no centro da mesa, um magnífico bolo de bodas, decorado com cupidos e adornos dourados. Era como estar no palácio da própria rainha.

Em um rincão, três músicos alegravam a atmosfera com os lembre do Minueto em sol maior do Beethoven.

As cristaleiras que havia ao fundo estavam abertas e comunicava com o pátio e os jardins.

E que jardins! Wilson se tinha superado a si mesmo; cada flor estava podada à perfeição, formando um surpreendente arco íris de cores brilhantes e aroma embriagador. No centro do acerto floral estavam as peônias, agora em plena flor; suas pétalas brilhantes se abriam à luz do sol como se o estivessem celebrando para a ocasião.

Gaby voltou a ficar sem palavras mais uma vez esse dia. Esta vez Bryce também.

—É o banquete de bodas mais maravilhoso que vi nunca. — disse Hermione, indo a socorro dos recém casados. — Em nome do Gaby, Bryce e meu, dou-lhes as obrigado. Todos lhes superastes. — Sorriu aos recém casados. — É evidente que têm feito muito felizes a duas pessoas muito especiais.

—A três — corrigiu Chaunce, olhando ao Hermione.

—A quatro — corrigiu ela sorrindo-lhe — Olhou de novo ao grupo. — Queremos-lhes a todos. E agora, o que lhes parece se começarmos a comer?

Todos responderam afirmativamente a coro.

Gaby demorou uns momentos em recuperar-se até que pôde unir-se ao Bryce para entrar juntos na sala, e foi dando as obrigado pessoalmente a todos os membros de sua família por sua incomparável contribuição.

—Minha pá e eu temos feito um bom trabalho, né? — disse Wilson com um sorriso torcido. — Quase tão bom como o do Cok, que não saiu que a cozinha em três noites para poder preparar tudo isto sem que você o descobrisse. —Olhou ao Cok e a saudou. — Todos poderíamos nos acostumar a comidas como estas — lhe disse com bom humor.

—Não, por favor — respondeu Cok, irradiando felicidade em todo seu rosto, de uma vez que contemplava as expressões de felicidade não só de Gaby e de Bryce, mas sim do Hermione e Chaunce. — lhes despistar a vocês quatro não é fácil. E não tenho vontades de voltar a tentá-lo. —Piscou um momento. — Até as bodas do Marion e Godsmith, embora se diga por aí que não vai ser a única, que pode que haja duas noivas e dois noivos — disse estreitando os ombros a Ruth, enquanto esta se ruborizava. — Não é certo?

Wilson ficou muito digno e erguido.

—Sim, é-o! Ontem, por fim me atrevi a pedir-lhe E sabem qual foi à resposta? Há-me dito que sim!

Todo mundo aplaudiu.

—Então haverá outro banquete — prometeu Cok. — Só que esta vez não terei que prepará-lo como se fora uma espiã que se oculta na noite.

A sala se alagou de risadas.

A festa durou horas, mas por volta das três e meia da tarde, Hermione se separou do grupo e chamou a atenção dos assistentes.

—Acredito que chegou o momento de que os noivos estejam sozinhos.

—Também nos encarregamos que isso — disse Marion em seguida. —George poliu o carro até lhe tirar brilho e está preparado para levar aos recém casados à estalagem.

—Inclusive pensastes nisso? — exclamou Gaby, movendo a cabeça incrédula. — São surpreendentes. — Olhou ao Godsmith com ternura. — Obrigado. Subirei a me trocar e estarei a ponto em seguida.

—Será um prazer — respondeu Godsmith.

Bryce e Thane intercambiaram um breve olhar.

—Apreciamos o detalhe, Godsmith — começou Bryce. —O problema é que Gaby e eu partiremos a Londres durante uns dias.

—Tenho uma idéia — interrompeu Thane. — por que não passam a noite de bodas como planejaram estas boas pessoas? Quando Godsmith lhes leve a povo, eu lhes seguirei em seu carro e o deixarei na estalagem. Assim poderão partir à cidade quando quiserem e eu retornarei com o Godsmith.

—Excelente. — Bryce assentiu aliviado, pois não suportava ver a desilusão que tinha começado a aparecer no rosto do Godsmith. — Não gostava de muito fazer uma viagem comprido depois desta grande festa.

Godsmith voltou a sorrir com seus dentes quebrados.

—irei procurar o carro.

—Obrigado — disse Bryce em voz baixa a seu irmão.

Thane sorriu.

—Não há de que. Suponho que há muito de certo no que acaba de dizer respeito a que não gostava de fazer uma viagem muito comprida. — Olhou brevemente ao Gaby que já se estava retirando. — Não te culpo disso. — Deu- a mão ao Bryce. — Vos desejo o melhor aos dois. Que tenham uma vida larga e feliz juntos.

Bryce estreitou a mão de seu irmão; o afeto que tinha surto entre eles era uma razão mais para sua recém achada felicidade.

—Obrigado. De fato, espero poder ver em um futuro não muito longínquo como Hermione obra milagres em sua vida — disse com tom irônico.

Ao cabo de uma hora, incluídos quinze minutos de preparação e quarenta e cinco de despedidas, Gaby e Bryce já estavam de caminho para o povo.

—Duvido de que nenhuma noiva pudesse sonhar com umas bodas tão perfeitas que a de hoje — disse ao Bryce com um suspiro de satisfação, acomodando-se no impecável assento de pele enquanto Godsmith conduzia aos cavalos para a estrada principal. Bryce assentiu com a cabeça e trocou de assento para ficar ao lado de sua esposa.

—Não sei como puderam preparar tudo isto. Tinha razão: nossa família é extraordinária. — Levantou-lhe o queixo e lhe acariciou as bochechas com seus nódulos. — E você também o é. Quando entrou na capela, quase me caio de quão formosa estava.

—Era o traje.

—Não. Era a noiva. — Agora a acariciava com os polegares, desenhando o delicado contorno de seu rosto. — Agora é minha — lhe disse ardentemente.

—Hum. — Gaby fez esse tênue som de admiração e acariciou a bochecha de seu Teu marido. Eu gosto como isso sonha.

Bryce baixou a cabeça e a beijou; sua sensual exploração ia despertando o desejo em ambos.

—Thane tinha razão. De repente, estou muito contente de não fazer toda a viagem até Londres — sussurrou Bryce com voz rouca. — De fato, até a estalagem me parece muito longe.

Gaby se estremeceu e lhe aconteceu os braços pelo pescoço.

—Prometi a tia Hermione que hoje me retiraria logo — lhe sussurrou nos lábios.

—Por sua cabeça?

—Não, por meu marido.

Um gemido rouco vibrou no peito de Bryce e literalmente a arrancou de seus braços para tirar a cabeça pela janela e gritar: «Godsmith, date pressa».

Pôde ouvir a risada espontânea do Godsmith; ao momento o carro deu uns inclinações bruscas e os cavalos ficaram ao trote.

—Chegaremos a vinte minutos — respondeu Godsmith. — Tentem desfrutar de da paisagem.

—Já o faço — murmurou Bryce, olhando inquieto a sua esposa. — Por isso tenho pressa.

Pela primeira vez Godsmith não começou com sua habitual verborréia. Assim que chegaram ajudou ao Gaby e ao Bryce com sua bagagem, desejou-lhes uma feliz vida em comum e partiu, depois de lhe recordar ao hospedeiro que esse era o casal de recém casados que estavam esperando e que o trato devia ser tão esmerado como tinham combinado.

O hospedeiro fez um gesto com a cabeça indicando que sabia perfeitamente o que queriam; logo inscreveu ao casal em um abrir e fechar de olhos e conduziu a melhor habitação da estalagem.

—Têm uma formosa vista da janela... Não importa — interrompeu o que ia dizer. — Não acredito que se dediquem a olhar as estrelas. — E com uma discreta tosse, disse-lhes que não duvidassem em lhe pedir algo que necessitassem, incluída comida, já fora de dia ou de noite. Prosseguiu um pouco mais, mas suas palavras logo que foram ouvidas. E ato seguido, vendo o modo em que se olhavam os noivos, partiu.

No momento em que se fechou a porta e por fim ficaram sozinhos, saltaram faíscas no ar. Bryce fechou a porta com chave e ao Gaby pulsava o coração com tal força que lhe parecia que lhe ia explorar.

—Há vinho na mesinha de noite — disse Bryce, sem apartar o olhar do Gaby. — Evidentemente, outro detalhe romântico de nossa família. — dirigiu-se ao Gaby pôs as mãos nos ombros e os massageou com os polegares. — Gostaria de um pouco? Posso-lhe servir isso

—Não. — Gaby moveu a cabeça e lhe ruborizaram as bochechas — Agora não, mais tarde. Quão único quero é a ti.

—Gaby. — Bryce lhe acariciou o pescoço. — Tenho que te fazer duas perguntas.

—Isto começa a ser um costume — lhe disse com um pequeno sorriso.

Bryce não lhe devolveu o sorriso.

—Primeiro, tem alguma dor ou mal-estar ou se sente débil?

—Não — respondeu ela sem duvidá-lo. —Estou muito entusiasmada para sentir dor. E débil? — Suas mãos se deslizaram por seu colete. — Só sinto debilidade nos joelhos e isso não tem nada que ver com minhas feridas.

Respirou profundo e prosseguiu:

—Segunda, está nervosa ou tem algum temor pelo que vai passar entre nós? Porque se for assim, quero esclarecer essas dúvidas agora. Uma vez que te tenha entre meus braços não quero pensar em outra coisa que...

—No país das maravilhas? —brincou ela ofegando. — Porque isso é o que vai ser. — Levantou os braços e começou a lhe desabotoar os botões da camisa. —Não, não estou nervosa. Nem tampouco tenho dúvidas. — ficou nas pontas dos pés e beijou a zona de pele de seu pescoço que acabava de deixar ao descoberto. — Tenho uma grande imaginação e bom instinto. — Desabotoou-lhe outro botão, atirou da gravata. — E quando titubear, estou segura de que meu brilhante marido advogado me dará os conselhos apropriados. — Gaby levantou as sobrancelhas. — respondi a suas perguntas?

Estremecendo-se de desejo, Bryce tomou as mãos de Gaby e as pôs ao redor de seu pescoço.

—me beije — lhe ordenou, estreitando-a contra ele. — Deixa que me inunde em sua doçura.

Gaby obedeceu à gostosa lhe oferecendo sua boca, sussurrou seu nome enquanto os lábios de Bryce se atavam aos dela, acoplavam-se e a saboreavam com lhe enjoem meticulosidade e propósito.

Ela abriu a boca para acolher sua língua; o calor a alagava por feitas ondas à medida que o beijo era cada vez mais ardente. Bryce lhe agarrou a cabeça entre suas mãos, embalando-a como se queria proteger a de toda dor enquanto sua boca não deixava de devorá-la; suas respirações se fundiram convertendo-se em intensos ofegos entrecortados.

—Quero que isto dure muito — sussurrou Bryce, tremendo e fazendo um esforço para controlar-se. — Mas não estou muito seguro de quanto mais poderei me controlar. Carinho desejo-te muito...

As palavras de Bryce bastaram para que o corpo de Gaby se esticasse mais, para que seus peitos se endurecessem e para que um calor líquido comesse a brotar de suas vísceras e descesse por seu abdômen.

—O controle não é para a noite de bodas — murmurou ela. — O controle é para as vistas no tribunal de justiça — lhe disse começando a lhe tirar a levita. — Desde aquela noite em minha habitação o desejo que sinto por ti me resulta doloroso. Por favor, Bryce, faz que se acalme essa dor.

Bryce rugiu em voz baixa, freou-se um momento, acabou de tirara levita, logo desabotoou os botões do traje de Gaby e o tirou dando um puxão. Tomou entre seus braços para ir à cama, despojando a de anáguas e meias enquanto avançava. Quando a colocou sobre o leito só uma fina camisa e uns calções de seda lhe separavam de seu objetivo.

Deteve-se outro momento, olhou a sua esposa, e lhe tirou todas as pinças que ainda ficavam no cabelo. Seus dedos se deslizaram lentamente pelo cetim de suas mechas e os pulverizou pelo travesseiro como se fossem uma cascata.

—Que formosa é! — exclamou com reverência, enquanto suas mãos se deslizavam pelos lados de seu pescoço, pela curva de seus ombros até chegar à camisa. — Eu gostaria de poder prolongar este momento, ficar aqui durante horas absorvendo sua beleza, explorando cada centímetro de ti com meus olhos e minhas mãos. — mantendo seu olhar, começou a lhe desabotoar a camisa; seus dedos estavam tensos e tinham pressa, e seus olhos estavam carregados de desejo. — Mas não posso. — Fez uma breve pausa. — Simplesmente, não posso.

—Não o faça. — Gaby se estremecia sob o tato do Bryce, e seu corpo novato reclamava os prazeres que sabia que lhe esperavam. Moveu-se inquieta, e se desabotoou todos os botões que ficavam liberando-se do objeto assim que pôde.

Bryce apartou a camisa e suas mãos se colocaram sobre os peitos do Gaby, acoplando-se a eles, seus polegares acariciavam os endurecidos mamilos — uma duas vezes — suas carícias eram ardentes.

Gaby gemeu em voz alta, um sem-fim de sensações abrasavam seu corpo. Arqueou-se em procura de ter um maior contato com as mãos de seu marido, em um desesperado tento de notar mais suas carícias. Bryce exaltou e a soltou só o tempo suficiente para lhe desabotoar os botões de seus calções, deslizar o objeto de seda por suas pernas e lançá-la ao chão.

Durante um breve momento, Gaby jazeu imóvel, observando a reação de seu marido ante sua nudez.

—Bryce? — perguntou timidamente.

—Muito belo para descrevê-lo — respondeu sussurrando.

Adorava-lhe com os olhos; seus dedos acariciaram suas pernas, quadris, coxas. Logo, com a mesma doçura separou suas pernas, roçou a escura nuvem que havia entre eles com umas delicadas carícias que desataram o prazer pelo corpo, lhe resultando impossível seguir estirada.

Ficou de joelhos e continuou desabotoando os botões da camisa e o colete de seu marido, ordenando a seus dedos que deixassem de tremer para poder completar sua tarefa.

Bryce o fez por ela.

Tirou-se a roupa dando uns quantos puxões e não se deteve até que ficou magnificamente nu ante ela. Gaby avançou lentamente na cama, olhando e tocando ao mesmo tempo. Deixou suas mãos sobre o peito do Bryce, maravilhando-se ante seu calidez, a aspereza de seu pêlo e seus marcados músculos. Podia notar o selvagem batimento do coração de seu coração, sentir cada uma de suas tórridas respirações vibrando por todo seu corpo. Seus polegares se deslizaram até os mamilos de Bryce e observou fascinada que reagiam do mesmo modo que os dela, apertando-se e endurecendo-se com cada carícia. Prosseguiu suas explorações e passou suas mãos pela ampla zona de seus ombros que se deslizaram por seus musculosos braços.

De repente trocou de zona e ao Bryce lhe encolheu o ventre quando seus dedos o roçaram, detendo-se o contemplar a extraordinária evidência de sua excitação, essa parte

rígida de seu corpo que lhe identificava como homem. Sem duvidar e sem pudor, tocou-lhe, seu índice percorreu a tensa superfície de sua dignidade, descobrindo que era como uma rocha dura e acetinada. Rodeou o membro com sua pequena mão para sentir seu tamanho, notar sua textura e a tonificante pulsação de vida que vibrava em seu interior.

—OH, Bryce — ofegou, levantando a cabeça para lhe olhar aos olhos. — É magnífico.

Essas palavras acabaram com o pouco controle que ficava.

Com um som gutural a agarrou pelo pulso e lhe apartou a mão de sua meta.

—Para — lhe ordenou. — Agora. — Tomou entre seus braços e ambos caíram na cama. Gaby ficou debaixo, enquanto sua boca devorava a dela, uma e outra vez. Bryce se estremeceu quando Gaby lhe envolveu entre seus braços e notou seu desejo.

Nenhum dos dois podia respirar, nem tampouco lhes importava. Bryce lhe separou as coxas em um ardente movimento, separou-se de sua boca para poder olhá-la enquanto seus dedos a abriam e se deslizavam por sua sedosa umidade até introduzir-se nela.

Ao Gaby lhe cortou a respiração; todas suas terminações nervosas cobraram vida e pareciam haver ficado de acordo no frenético desejo que bulia onde Bryce tinha posto seus dedos.

—OH... — Abriu os olhos; todo seu corpo se fundia e esticava ao mesmo tempo respondendo às selvagens carícias de seu marido. Como se seus quadris tivessem vida própria, levantaram-se lhe incitando a que a ajudasse a aprofundar mais nessa vertiginosa sensação. Bryce apertou os dentes, acariciando-a suave e intimamente e enquanto seus dedos se deslizavam cada vez mais dentro, seu polegar acariciava simultaneamente o pequeno botão que desejava ainda mais.

—Bryce... — Gaby se perguntava se morreria de prazer.

—Sim — respondeu ele com os dentes apertados e gotas de suor na frente. —meu Deus, é tão pequena. Tão compacta. Tão perfeita. —Moveu a cabeça com força. — Não te farei mal.

—me fazer mau? — Gaby estava enlouquecida pelas sensações. Lhe fazer danifico? Em alguma parte de sua mente embriagada de paixão recordou que a primeira vez doía. Mas nesse momento, essa idéia parecia incompreensível. Como podia haver dor quando todo seu corpo vibrava de prazer?

—Vá — murmurou Bryce, lutando contra si mesmo enquanto entrava em seu corpo. — É incrivelmente suave. É como seda quente. — Seu polegar voltou a acariciar o botão mágico, fazendo gritar ao Gaby, que se movia inquieta na cama.

—Outra vez — lhe suplicou esfregando-se contra sua mão enquanto procurava esse contato insuportavelmente excitante e evasivo. — O que acaba de fazer... Por favor... Faz outra vez.

Bryce obedeceu com um grunhido de prazer e a acariciou onde ela necessitava, não uma vez, nem dois, e sim em lentos e deliciosos círculos.

—Assim? — sussurrou-lhe em seus separados lábios.

—OH... Deus... —Gaby não podia falar. Agarrou-se a seu marido.

O mundo desapareceu e só sentia suas carícias e a tormenta que estava desatando nela. Lava fundida emanava de seu sexo, seus olhos firmemente fechados, todo seu ser estava concentrado em uma sensação em espiral que ameaçava descontrolando-se por completo.

Notou que Bryce trocava de posição, sem que seus dedos detiveram seu sensual movimento, e de repente, todo o peso de seu maravilhoso corpo estava sobre ela. Suas coxas pressionavam os seus separando-os por completo, alojando-se entre os dela, expondo-a ainda mais se cabia às carícias íntimas de seus dedos. Em um ato reflito ela se adaptou a seu corpo, levantou às pernas abraçando seus flancos, seus quadris se moviam grosseiramente.

—Gaby... — disse-lhe de novo aproximando sua boca a dela; sua língua reclamava a sua, ao mesmo tempo em que com seus dedos realizava movimentos tão eróticos, lentos e profundos que quase eram insuportáveis.

Logo essa escorregadia penetração cessou, deixando de repente ao Gaby com um agudo vazio, sem a presença de Bryce em seu interior. Seu polegar seguia desenhando seus embriagadores círculos, mas não bastava para encher o vazio. Necessitava mais.

—Não! — Sacudiu a cabeça grosseiramente, e logo gemeu de prazer quando notou que voltava a entrar. — Não... Vá.

—Não o farei. — Agora também se moviam seus quadris; as coxas de Bryce estavam tensos entre os dela. — Não poderia embora quisesse.

Esta vez era diferente. Ele a tinha estirado e nessa postura a fazia mais dela, O êxtase que Gaby sentia sob seu polegar aumentava e se intensificava pela sensação de lhe sentir dentro dela. Seu membro estava quente, pulsátil, abrindo-se passo em suas vísceras onde ninguém antes tinha chegado, mas que desejava sua posse.

Seus corpos se estavam fundindo.

Gaby abriu os olhos ao dar-se conta do que estava passando.

—Bryce... — de repente era totalmente consciente desse momento e de seu marido, de seus ombros tensos pelo esgotamento da contenção, de suas facções marcadas pela necessidade, de seu corpo escorregadio pelo suor, de seu membro endurecido que entrava cada vez mais profundo.

—Dói-te? — perguntou-lhe o com voz rouca; seus quadris se moviam para diante e para trás cada vez mais rápido. Cada movimento era mais premente que o anterior; sua carne flexível e escorregadia facilitava seu avanço e se rendia gostosa a sua penetração.

—Não. OH, não. — Ela se arqueou instintivamente ao notar seu impulso; sentiu a pressão, mas não lhe importou o mais mínimo. — Está dentro de mim — disse suspirando, coração e corpo estavam alagados pela mesma emoção. —É um verdadeiro milagre. —Ela moveu de novo seus quadris. — Não te contenha. Quero senti-lo tudo.

Bryce jogou atrás a cabeça e emitiu um desesperado rugido de desejo primário.

—Por Deus, Gaby, eu também. — Agora empurrava com mais força, incapaz de alterar seu ritmo; já não podia entrar passo a passo como tinha estado fazendo até agora. — Carinho!

De repente ficou muito quieto e o polegar deteve seu assalto. Gaby, surpreendida pela repentina suspensão do prazer notou que se desconcentrava, mas voltou a centrar-se em seu próprio corpo e em seu protesto por esse insuportável torpor. Estava quase a ponto, não tinha a menor intenção de tornar-se atrás, mas não podia chegar ao clímax que tanto ansiava. Arqueou-se, gemeu, suplicou-lhe que a levasse até o final. E o fez.

Deteve-se deliberadamente, e deliberadamente reempreendeu suas carícias que já não eram lentas nem provisórias, a não ser completas e eróticas. Os dedos de Bryce se deslizavam diretamente sobre o pequeno e tenso botão que desejava seu toque e ficou ali — esfregando e acariciando — até que não pôde suportado. Gaby estalou.

Gritando o nome do Bryce, cravou-lhe as unhas nas costas, arqueou-se mais, suas pernas lhe agarravam com força enquanto seu corpo se esticava e logo se soltaram. Ela, perdida em seu orgasmo, convulsionava-se de prazer uma e outra vez, acolhendo toda a virilidade de Bryce em sua garganta de fogo.

Com um grito triunfal, Bryce entrou com mais força sucumbindo a seu clímax, rasgando o fino véu de sua inocência e inundando-se em seu próprio orgasmo. Seus quadris se moviam grosseiramente obedecendo aos desmandos de seu membro, explorando em seu interior com uma interminável e te bulam descarrega que chegou quase até sua matriz.

Gaby voltou a gritar. Todo seu interior se abriu e regozijou ao notar como avançava ardentemente a semente de Bryce. A intimidade e magnitude de seu orgasmo intensificou o dela e se reataram suas contrações, com mais força, mais intensidade, subindo em espiral até que a habitação inteira dava voltas.

Possivelmente perdeu o conhecimento; possivelmente só foi um pouco a cabeça.

Foi recuperando a consciência paulatinamente: a suavidade da cama, o maravilhoso corpo de seu marido sobre o seu, até o ritmo mais pausado dos batimentos do coração de seu coração, sua respiração superficial voltando para a normalidade.

Gaby suspirou estremecendo-se enquanto desfrutava desse maravilhoso depois, e percorria as úmidas mesetas das costas do Bryce, cujos músculos estavam agora totalmente relaxados. Ela se notava débil, etérea e repleta; todo seu corpo estava alagado de uma sorte muito profunda para expressá-la em palavras.

Bryce se estremecia com suas carícias e murmurava seu nome enquanto derramava as últimas gotas de sua semente dentro dela.

Transcorreu outro comprido momento.

— Gaby — lhe disse levantando a cabeça muito devagar esforçando-se por recuperar suas forças e sua capacidade de pensar. — Carinho — seus dedos acariciaram seu rosto — está bem? — Tentou mover-se, mas se rendeu; em seu lugar rodou para um lado levando-se ao Gaby com ele. — Gaby?

— Hum. — Ela não tinha forças para abrir os olhos. Logo que sorria; estava aconchegada contra o peito de seu marido estreitando-se junto a seu corpo.

Fez um gesto de dor.

— Maldita seja! — Bryce começou a separar-se, mas Gaby não o permitiu.

Agarrou-se a seus braços, sacudiu a cabeça e abriu os olhos.

— Fique dentro de mim. Por favor.

— Estou-te fazendo mal. Já lhe tenho feito isso. Meu deus perdi toda minha prudência e razão.

— Em tal caso, espero que não a recupere nunca. — Gaby levantou o queixo e lhe sorriu. — O que acaba de acontecer entre nós foi como tocar o céu.

As rugas de preocupação que tinham aparecido no rosto de Bryce desapareceram.

— Não estranho, porque o céu é o que tenho entre meus braços. — Beijou-a com uma tremenda doçura; foi uma suave e reverente carícia que envolveu ao Gaby como uma brisa do verão.

— foi o país das maravilhas que esperava? — sussurrou-lhe ela em sua boca.

— Nem sequer se aproximou. — Beijou-a profundamente de novo. — O país das maravilhas fica curto a seu lado.

— Me alegre.

Bryce se apartou como se de repente tivesse recordado algo muito importante, franziu o sobrecenho e tocou o que ficava do arroxado da frente do Gaby.

— Vá. Podia te haver feito mal. Em que estaria eu pensando?

— Não pensava. Nem eu tampouco. — Gaby lhe acariciou a mandíbula apertada. — Deixa de culpar-te. Eu também me esqueci de minha ferida.

Olhou-a preocupado.

— Está bem?

— Estou eufórica — lhe disse lhe acontecendo os braços pela nuca. — Em todos os aspectos. É como se meu corpo cantasse. Não me dói nada, nem a cabeça, nem nenhuma outra parte — acrescentou significativamente. — conseguiste que nossa primeira união fora perfeita, tudo o que uma noiva poderia desejar.

— Tenho-te feito mal.

— Logo que notei uma pontada. Já te asseguraste que isso. O que hei sentido foi... — calou-se tratando de encontrar as palavras adequadas para descrever as sensações que acabava de experimentar, mas não as achou. — Não há palavras — sussurrou com olhos assombrados. — Só me ocorrem estas: quero-te, Bryce.

A emoção obscureceu o olhar de Bryce e seus olhos se voltaram de cor verde escura; estreitou-a com mais força, aconchegando-a junto a seu coração.

— Não tanto como eu quero a ti.

Ficaram assim jogados durante um tempo que pareceu uma eternidade, seus corpos unidos, seus corações pulsando ao uníssono. Por fim — E não sem os protestos de Gaby — Bryce pôde soltar-se de seu quente abraço, mas só para cruzar a habitação e pôr água na bacia, umedecer uma toalha e retornar junto a ela. Abriu-lhe as pernas e limpou a evidência da perda de sua virgindade. Logo lhe aconteceu brandamente a toalha pelas pernas, acalmando qualquer pequena moléstia provocada por seu ato amoroso.

— Melhor? — murmurou ele.

— Hum... Sim. — Gaby suspirou; todo seu corpo vibrava com seus tenros cuidados.

Ao ver seu dormitada olhar, Bryce jogou a um lado a toalha, arrumou a cama e se colocou com o Gaby sob as mantas. Ela se acoplou a seu corpo.

— Quer dormir? — perguntou-lhe.

Gaby olhou a janela, viu os últimos raios de luz e moveu a cabeça.

— Ainda não obscureceu. Por que vou dormir?

Bryce sorriu.

— Algumas pessoas também descansam durante o dia — respondeu seguindo a delicada curva de seu espinho dorsal com o dedo. — De fato, a maioria necessitam mais que suas escassas quatro horas de sonho.

— Que pena me dão. Dormir é uma perda de tempo. — Gaby se estirou como um gato feliz. — Há muitas coisas maravilhosas que não pode fazer se estiver muitas horas na cama. — Olhou-lhe com picardia. — Não obstante, pode que me reforme agora que estou casada. — aproximou-se mais ao Bryce, notou sua inspiração profunda e seu membro viril de novo em ereção pressionando contra ela. — De fato, estou segura. O dormitório me parece um lugar muito mais fascinante a partir de hoje.

— Ah, sim? — Bryce a pôs em cima e voltou a beijá-la.

— OH, sim — disse ela sussurrando e tremendo enquanto as mãos de Bryce começavam a obrar sua magia. — Cada minuto me parece mais fascinante.

Fizeram o amor durante horas que estiveram carregadas de deliciosa paixão, até que o entardecer se converteu em noite e a noite quase em madrugada. Os sentidos de Gaby se regozijavam com as maravilhas que Bryce lhe ensinava, que por outra parte, a ele pareciam lhe surpreender tanto como a ela.

Gaby não teve que lhe perguntar por que. Também era uma noite de descobrimento para ele.

Em algum momento antes do amanhecer, Bryce a embalou, enredou seus dedos em seu formoso arbusto de cabelo e lhe disse brandamente:

— Agora, tem que dormir. Ainda te está recuperando do que te aconteceu.

Com um suspiro de resignação, Gaby ficou apoiada em seu peito.

— Sei. Bom, ao menos agora tenho algumas lembranças belas com os que sonhar e muitos mais que virão.

Bryce sorriu.

— Sua caixa de música está no Nevon Manor. Quer que lhe traga Para a Elisa?

— Não o preciso — respondeu Gaby solene. — Como já te disse uma vez, contigo não necessito minha caixa de música. Simplesmente troquei uma melodia por outra.

— Você, meu amor, é uma combinação de todas as melodias mais deliciosas. Enche minha vida e meu coração de música. É minha sinfonia e te quero — lhe disse Bryce deixando de sorrir e com uma sensual voz rouca. Logo fez uma pausa e ela notou como trocava seu estado de ânimo ao recordar a crua realidade que a sorte de hoje tinha mantido afastada. Suas seguintes palavras o confirmaram.

— Gaby, as noites anteriores lhe estivemos dando láudano para a dor. Hoje é a primeira que não toma.

— Não o necessito.

— Já o vejo e me alegro. Mas quero que te dê conta de que foi o láudano o que te tem feito dormir mais, que induziu a um sonho profundo que não permite o sonambulismo. Esta noite não está sob seu efeito. — Bryce lhe levantou o queixo. — Não pretendo te assustar, justamente o contrário. Só quero te recordar que a partir deste momento estarei sempre a seu lado. Cada noite. Se te mover o notarei. Não irá a nenhuma parte. Mas o mais importante é que ninguém virá a te fazer danifico. Eu velarei por isso.

— Sei. — Gaby notou que se o fazia um nó no estômago.

— E eu não tenho medo de me levantar dormida, nem de nenhuma outra coisa estando contigo. Mas, Bryce, os dois sabemos que isto já não é sozinho uma lembrança dolorosa do que me tem que proteger. O que ouvi de pequena foi um assassinato, provavelmente o do Dowell. Também é muito provável que esse mesmo homem assassinasse ao senhor Delmore e tentasse me matar a mim. Portanto, me esconder não solucionará nada. Temos que descobrir a esse selvagem e fazer que seja castigado por seus crimes, antes que faça mal a alguém mais. E é evidente que eu sou a chave para lhe identificar, se pudesse recordar tudo o que ouvi. Portanto, sim, tenho medo, não de que me façam mal, mas sim do desconhecido. Também me sinto frustrada, porque é evidente que me estou aproximando. Por que a não ser se teria arriscado a me perseguir até o Nevon Manor?

— Carinho, não. — Bryce estreitou seu abraço como se fazendo isso pudesse proteger ao Gaby de todos os perigos que estava mencionando.

Ela se estremeceu e fechou os olhos.

— O que aconteceu o outro dia foi como reviver meu mais horrendo pesadelo, não a agressão, a não ser as chamas, me sentir apanhada e esse inesquecível aroma de almíscar. Esse enganoso aroma de morte o reconheci imediatamente, sabia que estava rodeada de fogo ainda inconsciente. Inalei e soube.

Bryce se deteve enquanto lhe acontecia à mão pelo cabelo.

— Reconheceu-o antes de te deprimir? Isso não tem sentido.

Quem quer que te atacasse não provocou o incêndio até que te trasladou ao lugar onde te encontrei e te deixou a perna apanhada na toca do Crumpet. Portanto, não podia ter cheirado as chamas quando te caiu. Suas lembranças devem ser algo confusos nesse ponto. — Bryce franziu o cenho pensativo. — Por outra parte, agora que penso nisso, descreveu os acontecimentos na mesma ordem justa depois do incidente. Disse que quão único recordava era a figura mascarada que te golpeou e o nauseabundo aroma de morte, a almíscar; logo despertou no meio do fogo. Não me fixei na ordem dos acontecimentos, mas agora... Pergunto-me.

Gaby se girou e olhou a seu marido.

— Crie que há algo mais?

— Não estou seguro — respondeu ele pensativo. — Mas até agora, nenhum de suas lembranças foi inexato. De modo que meu instinto me diz que não devemos passar por cima o que sua mente te está dizendo. E se tiver razão, se sua seqüência do aroma nos está

revelando algo sobre a origem do incêndio, averiguaremos o que é. Prometo-lhe isso. — depois de dizer isto, beijou ao Gaby em sua frente enrugada pela preocupação e a abraçou com força. — Mas agora não. Agora quero que descanse ao menos umas horas. — Ela notou que ele voltava a sorrir. — Depois das quais poderá despertar do modo em que você prefira.

Sua brincadeira teve o efeito desejado e Gaby se relaxou nos braços de seu marido.

—Como goste? Ah, refere às possibilidades que me ensinaste esta noite. — Gaby, de repente, abriu muito os olhos ao dar-se conta de algo, de uma coisa que eclipsava qualquer mau. — Bryce... — disse-lhe ficando-a mão no ventre. —Te dá conta de que neste momento já poderia ter a nosso filho dentro? E se ainda não é assim, que poderia conceber em qualquer momento a partir de agora?

Bryce deixou de sorrir e quando falou sua voz estava carregada de emoção.

—Sim carinho, dou-me conta. E te direi que me emociona e me sinto tremendamente agradecido.

Ao Gaby lhe encheram os olhos de lágrimas, estirou-se um pouco e baixou a cabeça para que a beijasse.

—Quero te dar um filho — sussurrou ela. — O desejo com toda minha alma.

—Gaby... — Ao Bryce tremiam os braços enquanto a abraçava.

—Outra coisa mais — confessou ela sem fôlego. — Não quero que termine nossa noite de bodas.

—Eu tampouco. — Ele a girou pondo-a de barriga para cima, levantou-lhe os braços por cima de sua cabeça e entrelaçou suas mãos com as de Gaby cobrindo-a com seu corpo. —E te prometi que duraria verdade?

Gaby assentiu solenemente com a cabeça.

—Sim, prometeu-me isso.

Com essas palavras, toda intenção de dormir ficou no esquecimento.

Capítulo 17

—foi extraordinário!

Aos vinte minutos de ter saído da sala de concertos, Gaby ainda estava maravilhada; seus olhos azuis brilhavam de assombro enquanto se dirigiam para sua casa de Londres.

—OH, Bryce, nem o melhor de meus sonhos pode comparar-se com a deliciosa combinação de sons, a riqueza, a emoção... — Girou a cabeça para lhe olhar. — Te dou as obrigado de todo coração.

Bryce aproximou sua cabeça a seu ombro.

—Seu rosto é todo o agradecimento que necessito. Foi como ver uma menina em seu primeiro dia de Natal. — Deu-lhe um beijo no cocuruto. — Ao igual à música superou todas suas expectativas, sua reação superou as minhas.

— Nunca me havia sentido tão viva, mais exultante... — interrompeu o que estava dizendo e lhe sorriu maliciosamente. — Ao menos, não enquanto estou vestida.

— Que não o estiveste durante quase três dias, salvo no trajeto para Londres. Passamos na cama quase todo o tempo.

— Só tive dois episódios de sonambulismo desde que estamos juntos — disse ela.

— Só dormiste duas vezes.

— Hum, também é certo. — Gaby sorriu sonhadora; nem sequer seu sonambulismo e todas suas conseqüências podiam mitigar o prazer desses três dias.

Enquanto esperavam que Banks terminasse de revisar seus documentos, tinham aproveitado bem o tempo, passando muitas horas na cama, falando, rindo e, é obvio, descobrindo todos os matizes da paixão. Essa era a primeira noite que saíam e Gaby estavam tão emocionadas com a música e seu esplendor que quase tinha dissipado a ansiedade que tinha experiente ao ser apresentado no deslumbrante mundo de Bryce Mas não tinha sido tão terrível como esperava. A gente tinha sido cordial, até acolhedora. Ao final da velada, já se tinha acostumado às apresentações, aos formais «Como está você?». Inclusive tinha sobrevivido ao embaraçoso encontro com a Lucinda Talbot e seu novo acompanhante durante o breve intermédio do concerto.

— É encantada — lhe sussurrou Gaby assim que estiveram sozinhos. — E muito amável, dadas as circunstâncias.

Bryce se encolheu de ombros.

— Assim é Lucinda, sempre amável. — Agarrou-a da mão. — Obrigado por fazer suportável essa situação. Foi gentil e encantadora, a pessoa alegre que revista ser.

— Posso permitir me respondeu isso ela com sua habitual candura. — Tenho a ti. — Piscou. — Entretanto, se me houvesse dito que lhe tinha levado isso a um desses lugares privados sobre os que te perguntei minha conduta não teria sido a mesma.

— Falando desses lugares privados. — Bryce entrelaçou seus dedos com os do Gaby. — Assim que nos partamos daqui, retornaremos a minha cama. Já aconteceram muitas horas.

— É obvio — respondeu ela lhe dando um tombo o coração. Aproximou-se mais e lhe falou em voz baixa para que só ele pudesse ouvir — me alegro de que traslademos a sua habitação no Nevon Manor. Não só é maior que a minha, mas também está mais afastada das outras asas da casa e da habitação de tia Hermione. — Seu olhar era de pura sedução. — Não me dá bem isso de não fazer ruído.

— Afogarei seus gritos de prazer com minha boca — replicou Bryce com voz sensual.

— E os teus?

— Você fará o mesmo — disse ele inspirando.

— Isso não sempre é possível — lhe recordou Gaby, percorrendo seu colete com seu índice. — Às vezes nossas bocas estão ao reverso...

— Já o conseguiste. — Bryce a abraçou e começou a beijá-la em distintas partes sem lhe importar quem pudesse lhes estar observando.

A velada tinha sido perfeita.

Gaby deixou de sorrir assim que chegaram a casa e viram o mensageiro esperando com impaciência na porta.

— Bryce? — sentou-se erguida estudando ao homem com seu olhar. — Crie que o terá enviado o senhor Banks?

Ele também tinha visto o mensageiro e trocou sua atitude.

— Suponho que sim — respondeu freando os cavalos. — Agora o veremos.

A mensagem era do Banks, e em lhe informava que tinha passado toda a semana revisando arquivos e que por fim tinha encontrado todos os documentos que tinha William pertencente ao navio do falecido duque do Whitshire.

Bryce enviou outra mensagem dando as graças ao Banks e lhe dizendo que estaria em seu escritório as nove em ponto da manhã.

O relógio do despacho do Banks dava as nove quando o secretário anunciava a chegada de Bryce e do Gaby.

— Bryce. — Banks saudou seu colega com algo mais de energia que a última vez, embora tivesse os olhos sombrios e inchados por falta de sono. — Acabo de me inteirar de que contraiu matrimônio. — Sorriu olhando ao Gaby. — Felicidades. Agora entendo por que Hertford tinha tanto interesse por você.

— Frederick, apresento a minha esposa Gabrielle. Gaby, o senhor Frederick Banks.

— É um prazer — disse Banks fazendo uma pequena reverência.

— Alegra-me lhe conhecer, senhor — respondeu Gaby. — Sinto muitíssimo o do senhor Delmore. Bryce me contou que levavam muitos anos trabalhando juntos. Suponho que tudo isto é muito duro para você.

— É-o. Obrigado por sua compreensão. — Banks olhou ao Bryce. — Não entretereirei muito, posto que tenham casados muito poucos dias. Mas lembrança que me disse que tinha muito interesse em ditos documentos. — Deu-lhe um sobre ao Bryce. — Aqui encontrará o título de propriedade original do iate, junto com a carta que o acompanhava quando Whitshire o entregou ao William faz vários meses. Ambos os documentos são autênticos. O título está assinado pelo construtor naval, onde faz entrega do iate ao Whitshire e a carta está escrita pelo Averley, seu administrador, posto que o duque estivesse doente. Tal como imaginava, esses documentos estavam na mesa do William.

— E os outros documentos mais antigos dos que me falou?

— Essa foi à parte mais tediosa. Tive que procurar bastante e olhar muitos arquivos. E queria fazê-lo a conscientiza para me assegurar de que encontrava todas as cartas ou documentos que possam lhe ser úteis em sua investigação. Por desgraça, não havia muito. Os únicos papéis que encontrei referentes a este assunto foi à correspondência entre o administrador do Whitshire e o construtor. — Olhou-lhe intrigado. — Era isso o que você queria, não é certo?

—Sem dúvida. — Bryce abriu o sobre e olhou os documentos, apertando de vez em quando os dentes. — Robert Smythe. Assim se chama o construtor?

—Sim. Tinha muito boa reputação em seu campo; era bastante major naquela época. Aposentou-se faz dezoito meses e transpassou o negócio a seus filhos.

Bryce ficou nervoso.

—Mas ainda está vivo e na Inglaterra, espero?

—A resposta a ambas as perguntas é afirmativa. — Banks lhe assinalou o sobre. — pensei que talvez quisesse falar com o Smythe. Dá a curiosa coincidência de que vive em uma pequena granja no Hertford. A direção está cotada em um papel detrás das cartas. Comprovei-a e, ao mesmo tempo, pedi- permissão ao Smythe para dar-lhe a você. Não pôs nenhum inconveniente.

—iremos ver lhe em seguida, Frederick. Aprecio o muito que tem feito. —Bryce lhe estreitou a mão.

—Pode agradecer me averiguando isso quem matou ao William — respondeu Banks. — A polícia ainda não tem nenhuma pista, nem suspeita. Portanto, se sua teoria de que a razão da visita do William ao Whitshire e seu assassinato tem algum fundamento, descubra qual é a conexão e logo quem lhe matou.

—Tentarei. — Bryce tirou do braço ao Gaby e se dirigiu à porta.

—Uma vez mais, desejo-lhes toda a felicidade do mundo — repetiu Banks. — Espero que esta investigação não interfira em seu recém estreado matrimônio. Que sejam muito felizes.

—Obrigado. — Saíram do despacho; Bryce estava muito tenso. — Assim que saiba algo o comunicarei.

Quando chegaram à sala de espera, Bryce se deteve um momento a examinar as cartas que ainda se sobressaíam do sobre.

—Bryce? — perguntou Gaby. — O que passa?

—A data destas cartas. E a da escritura. — Voltou a pôr dentro todos os documentos, olhando intencionalmente ao Gaby. — O iate do Whitshire foi construído no mês de março de 1862.

Ao Gaby lhe puseram os olhos como pratos.

—Faz treze anos — disse em voz alta. — Dois meses antes do incêndio.

Robert Smythe era um homem de cabelo cinza com barba e um caráter algo tosco e receoso.

—No que posso lhes ajudar? —perguntou-lhes detrás lhes haver feito passar à sala de estar de sua granja do Hertford. — Banks me disse que queriam lombriga, mas não me comentou o motivo.

—trata-se de um iate que construiu sua empresa — respondeu Bryce. Sentado ao bordo do desgastado sofá, abriu o sobre e tirou o título e as cartas. — É evidente que era precioso. Eu gostaria que me contasse todos os detalhes que recorde sobre sua construção, sobre a transação ou qualquer outra coisa relacionada com o mesmo.

—E por que quer saber todo isso?

Bryce pigarreou.

— Não posso lhe contar as razões. Ao menos, ainda não.

Smythe franziu o cenho e se apoiou no braço de seu assento.

— Soa-me seu nome, Lyndley. Sei que você é advogado. Bom, deixe que lhe diga que tanto meus filhos como eu somos pessoas honestas. Sempre o fomos. Assim se tiver vindo por algum assunto turvo, equivocou-se de lugar.

— Nada disso — lhe assegurou Gaby com um tom tranqüilizador. — É um assunto pessoal, senhor Smythe. Nem sua integridade nem a de sua família estão em jogo. Justamente o contrário, segundo o senhor Banks sua reputação é excelente.

— Sim, bom, tem razão. — Smythe um pouco mais tranqüilo se recostou em sua poltrona. — Este assunto de que querem falar o fiscalizei eu mesmo ou se trata de algum trabalho que se realizou depois de que me aposentasse?

— Sua assinatura está na escritura de propriedade — lhe disse Bryce. — E sem dúvida, foi muito antes de sua aposentadoria; este iate o construiu faz treze anos.

— Treze anos? — Smythe levantou suas lanzudas sobranceiras. — Lyndley, em minha empresa construímos centenas de navios. Como quer que recorde algo que aconteceu faz treze anos?

Bryce já se preparou para esse possível problema e prosseguiu com uma estratégia que esperava que ajudasse a esclarecer coisas.

— Senhor Smythe, os navios que constrói sua empresa revistam ser embarcações de recreio, não é certo?

— Pequenas, mas bem feitas, assim é.

— Não o ponho em dúvida. Quantos iates sofisticados construiu nesses anos?

— uns quantos. — O construtor naval levantou orgulhosamente a cabeça. — Como lhe hei dito nossa reputação é excelente.

— Como também lhe hei dito, não o ponho em dúvida. Este iate em particular ao que me estou referindo foi um encargo de um nobre muito rico. O duque podia ter ido a qualquer outro lugar, mas recorreu a você. Acredito que com isso já está tudo dito.

— O duque? — Ao lhe dizer isso, Smythe reagiu. — por que não começou por aí? Tive um par de clientes aristocratas, mas só um duque. — acariciou-se pensativamente a barba. — Sim, diria que foi faz treze anos. Deixe-me ver essas cartas — lhe disse inclinando-se para diante.

— São do administrador de Sua Excelência a você e vice-versa — lhe explicou Bryce lhe pondo os documentos na mão. — Averley se encarregava de toda a correspondência comercial de seu patrão.

— É obvio Whitshire, assim se chamava o duque. — Olhou os documentos e Smythe assentiu energicamente com a cabeça. — Seu administrador me escrevia, mas era o próprio duque o que devia fiscalizar o trabalho. Foi realmente generoso em elogios e no pagamento. Foi estupendo fazer negócios com ele. Sempre esperei ter a oportunidade de construir outro iate para ele. Embora não o necessitava. A obra de arte que fiz era tudo o que um aficionado aos Yates podia esperar. Estava impaciente por sair a navegar com ele.

Bryce franziu o cenho. A descrição do entusiasmo do Richard Rowland por navegar não coincidia com a opinião do Hermione.

— Está seguro de que o duque queria esse navio para seu uso pessoal? Não cabe a possibilidade de que o comprasse como investimento para logo vendê-lo por uma boa quantidade?

— Vendê-lo? — exclamou Smythe. — Não, Por Deus. Todos e cada um dos detalhes do iate estavam feitos por petição expressa do duque. Até trocamos o tamanho do camarote do capitão para que lhe resultasse mais cômodo. Ele não necessitava os tetos tão altos, mas preferia ter mais espaço e uma cama mais larga. — Smythe riu entre dentes tocando-se sua protuberante barriga. — Eu tampouco posso falar muito. Pus algo mais de carne a meus ossos desde que me aposentei; excedi-me comendo as delícias que cozinha minha esposa.

Gaby ficou muito quieta.

— Senhor Smythe, poderia descrevemos ao duque, por favor?

Arranhou-se a cabeça.

— lhe descrever? Tal como lhes hei dito era um autêntico cavalheiro. Sempre vestia com trajes de pura lã e seus sapatos reluziam. Não era muito alto, e como já lhes acabo de dizer, algo redondo pelo centro. Mas, naquela época tampouco era um moço. Calculo que seria de minha idade, bochechas ruborizadas e pouco cabelo. Eu não tenho esse problema. — Smythe se passou a mão por seu denso cabelo cinza. — Era muito generoso. Pagou-me o dobro do que lhe tinha pedido, sempre e quando lhe promettesse que não desenharia outro igual e que não falaria dele com ninguém. Acredito que tinha medo de que me escapassem alguns detalhes da construção se o fazia. Bom, não me importou. Não tive nenhum problema em cumprir o que me tinha pedido, posto que tampouco haja tanta demanda para esse tipo do Yates. Pagou-me e deu de presente uma garrafa de colônia que sempre me gostou. Depois, não voltei, ou seja, dele.

Rebobinando o que acabava de ouvir, Bryce caiu na conta do último que lhe havia dito.

— Colônia?

— Sim, senhor. O duque me disse que a importava de Paris, e que estava feita especialmente para ele. Até o frasco era elegante. Whitshire me deu minha garrafa de colônia como obséquio por quão bem tinha feito meu trabalho. Só me punha isso os domingos para ir à igreja, assim que me durou muito tempo. Quando se terminou guardei a garrafa como lembrança.

A tensão de Bryce ia aumento ao dar-se conta de que se estavam aproximando de seu objetivo, mas de uma vez também podia notar o medo do Gaby, que era tão evidente que quase podia apalpá-lo e isso lhe preocupava muito.

Deu o passo seguinte com cautela.

— Podemos ver a garrafa? — perguntou ao Smythe.

O homem se encolheu de ombros.

— Acredito que sim. Se vocês o desejarem, embora não entendo a razão. Vou por ela. — Smythe se levantou e saiu da habitação.

— Gaby, está bem? — perguntou-lhe assim que estiveram sozinhos. Sua esposa estava pálida e sua respiração era superficial e entrecortada.

— Richard Rowland era alto e corpulento; parecia-se muito a ti e ao Thane — respondeu Gaby com voz aguda e fina.

— Isso me disseram.

Gaby olhou perplexo o seu marido, seus olhos azuis refletiam seu shock.

— Bryce, o homem ao que o senhor Smythe está descrevendo... Sua descrição encaixa perfeitamente com a do Averley.

— Sei carinho. — Bryce tomou a mão e lhe falou em um tom grave, mas tranqüilizador. — Não nos assustemos nem nos apressemos a tirar conclusões. Acabemos de escutar ao Smythe e decidamos depois.

— Não posso. — Gaby se levantou de repente, tinha os olhos muito abertos e estava aterrorizada. — Não posso continuar com isto.

Bryce se levantou rapidamente e agarrou ao Gaby com força.

— Sim que pode. Sei que pode. — Podia notar como tremia; era uma realidade que acusava ao Averley segundo a descrição do Smythe. — Nos estamos aproximando do final.

Ela não respondeu só se aproximou mais ao Bryce. Smythe pigarreou e voltou a entrar na habitação.

— São recém casados?

— Espera Alice no país das maravilhas, em seguida estou contigo — lhe sussurrou animando-a antes de olhar ao Smythe, mas a rodeava com o braço pela cintura. — Sim — respondeu ele. — Efetivamente, somo-lo.

— É evidente — disse rendo-se entre dentes. — Bom, aqui têm a garrafa. — Mostrou-lhes o frasco dourado vazio.

— Permite-me? — perguntou-lhe Bryce.

— É obvio. — Smythe o desentupiu. — Mas vá com cuidado.

— Não se preocupe. — Bryce se aproximou a garrafa ao nariz e inalou profundo.

O aroma ainda se notava muito. Era forte, distintivo e inconfundível: a colônia que usava Averley.

Outra peça do quebra-cabeça que encaixava em seu lugar.

Mas necessitava a confirmação e só uma pessoa podia dar-lhe Procurou o olhar alarmado do Gaby, assentiu ligeiramente com a cabeça, lhe dizendo sem palavras o que ela já sabia: que o passo seguinte era crucial e que era ela quem o tinha que dar.

— Recorda que estou aqui — lhe disse sustentando-a com força pela cintura.

Esperou a que lhe confirmasse que estava preparada. Logo lhe pôs a garrafa no nariz, orgulhoso de sua força interior e rogando para que suas reservas emocionais não ficassem a zero.

Gaby tragou saliva e se preparou para o que pudesse acontecer. Logo entreceiro os olhos e inalou lentamente.

Escapou-lhe um grito afogado.

—O fogo... — gemeu. — Esse aroma... OH, Deus! — inclinou-se pra atrás, os fantasmas invadiram sua mente.

—O que acontece? — perguntou Smythe. — O que está acontecendo?

Bryce sabia que Gaby já não podia suportar mais nesse momento. Estava chegando a seu limite.

—Senhor Smythe — lhe disse sem elevar a voz, enquanto colocava o frasco sobre a mesa que havia ao lado do sofá. — Preciso estar às sós com minha esposa. Posso lhe pedir que nos deixe uns minutos? Sei que nem sequer nos conhece e que nada do que está acontecendo aqui tem sentido para você. Mas lhe asseguro que o assunto que nos trouxe até sua casa é de soma importância. Viu em jogo.

Ao Smythe lhe puseram os olhos como pratos.

—Vistas?

—Sim. E se isso não é bastante incentivo, estou disposto a lhe pagar até cinqüenta libras se lhe parecer.

Smythe fez um gesto depreciativo com a mão.

—Guarde-se seu dinheiro. Basta-me olhando a sua esposa para ver que se trata de algo sério. Irei-me ler o periódico da manhã. Chamem-me quando tiverem terminado de falar.

—Obrigado. Faremo-lo.

Bryce esperou até que estiveram sozinhos. Logo ficou detrás dela e colocou suas mãos sobre seus trementes ombros.

—É o aroma de almíscar que dizia?

Gaby assentiu com a cabeça sem deixar de tremer, e quando falou, sua voz era débil e longínqua.

—Sim. Estava tão enraizado em minha lembrança do incêndio... Que o atribuí ao próprio fogo.

—Em lugar de atribuí-lo ao responsável pelo mesmo.

Bryce franziu a boca.

—Bom isto sem dúvida explica por que voltaram seus episódios de sonambulismo depois de retornar ao Whitshire e pioraram depois da visita do Averley ao Nevon Manor. Seu perfume não é dos que passam despercebidos, é forte e adocicado. Reconheci-o assim que me pus o frasco no nariz. Por desgraça, nunca o tinha relacionado com o aroma de almíscar que você dizia.

Bryce a abraçou pelas costas e a beijou na cabeça.

—Desejaria que tivéssemos mais tempo. Precisa fazer frente a isto passo a passo. Mas não o temos, carinho. Agora temos que encaixar todas às peças, aproveitando que estamos com o senhor Smythe. Necessitamos sua palavra como prova. Temos que atuar

depressa, antes que Averley se inteire do que acabamos de descobrir e fuja. Gaby sei o que isto supõe para ti. Se houvesse alguma outra forma de...

— Não há a respondeu Gaby girando-se. As lágrimas percorriam suas bochechas, mas seu olhar vidrado tinha desaparecido. — Tampouco importa. Os fragmentos de minhas lembranças estão voltando por si só, como pequenos flashes. A conexão entre eles ainda não está clara, mas começo a ter uma imagem geral, como me confirma minha intuição. Averley é a pessoa que estamos procurando. É um mentiroso, um ladrão e um assassino. — Gaby fechou os punhos. — Não me importa quão doloroso seja para eu falar disto ou recordá-lo. Averley tem que pagar pelo que tem feito. — dirigiu-se para o sofá e se sentou muito erguida.

— Estou orgulhoso de ti — lhe disse Bryce sentando-se a seu lado e lhe agarrando das mãos, que por certo as tinha geladas. Teve que recordar que Gaby, forte ou não, estava-se enfrentando a um forte trauma emocional. E não tinha nenhuma intenção de deixar que este pudesse com ela.

— Com a informação que nos proporcionou Smythe, tenho que confessar que eu também acredito que Averley é um mentiroso e um ladrão. — Começou pelo mais evidente, adiando a acusação mais grave de Gaby até que esta se sentisse preparada para escutá-la. — Averley encarregou o iate fazendo-se passar pelo duque e, sem dúvida alguma, pagou-o com seu dinheiro. Dadas as circunstâncias, não esperava que tirasse o chapéu nunca à fraude. Ao fim e ao cabo, como ia se descobrir? Ele era o administrador do Whitshire. Tinha liberdade total com os livros de contas e conhecia bem a todos os contatos de seus negócios. Até se encarregava da correspondência com os mesmos, incluía Smythe e Delmore, trabalho próprio de um administrador. De um administrador, pelo resto, exemplar, um cujos livros estavam em perfeita ordem como ele mesmo me disse.

— «Os livros estão em perfeita ordem» — sussurrou Gaby, com esse estranho e longínquo brilho em seus olhos. — Averley te disse isso. De fato, estava repetindo as mesmas palavras o dia que irrompi em sua reunião no Nevon Manor. — massageou as têmporas, as lembranças vinham um após o outro. — Também as gritou essa noite ao Dowell, à noite em que lhe matou.

Bryce tragou saliva e ficou olhando a expressão atormentada do Gaby.

— Está segura disso? — perguntou-lhe, com voz baixa e serena. — Realmente ouviu o Averley dizer essas palavras?

— Sim. — moveu-se para diante e de novo notou o potente aroma da colônia que emanava do frasco vazio.

Todos os detalhes se foram ordenando.

— Ouvi gritar... Antes que começasse o incêndio, não depois. Sabia que eram Averley e Dowell. A parede que separava a cabana da carvoeira era fina. Podia ouvir tudo o que diziam, mas não entendia todas as palavras, só sei que os dois homens estavam furiosos. Tampe-me os ouvidos e tentei ficar dormida. Mas não podia. Nem minha caixa de música soava o bastante forte para tampar seus gritos. Dowell lhe dizia que queria

dinheiro. Acusava ao Averley de roubar, dizia-lhe que lhe tinha seguido e que sabia o do iate. Averley lhe respondia que estava louco. Então lhe disse: «Os livros estão em perfeita ordem». Recordo essa frase porque me perguntava como podiam estar ordenados os livros... Eram mais importantes os que tinham mais páginas ou os que tinham mais ilustrações?

Gaby olhava à frente, de novo era a menina de cinco anos que estava vendo as paredes da cabana, ouvindo as vozes da habitação contígua.

—Dowell riu. Mas não era uma risada precisamente amistosa. Disse ao Averley umas quantas coisas desagradáveis, como que se não compartilhe o dinheiro com ele, contar-lhe-ia ao duque o que estava fazendo. Mamãe também me falava de compartilhar, assim entendi por que estava furioso Dowell. Logo ouvi um alvoroço e um ruído surdo, como se algo se cansado. Suponho que foi Dowell porque, depois disso, o senhor Averley começou a dar voltas lhe ordenando ao Dowell que se levantasse. Dowell não respondia e o senhor Averley se calou. Ouviu-se um curioso som, parecia um assobio e a porta se fechou de repente. Depois disso ficou em silêncio e entrei em calor. Abaixei-me entre as mantas e a caixa de música e fiquei dormida. Quão seguinte recordo foi despertar com o incêndio. — Piscou para voltar para presente, já não era a menina assustada a não ser uma mulher adulta e plenamente consciente, tão horrorizada ante essa verdade como segura da mesma.

—Dowell estava chantageando ao Averley. E este lhe matou.

—Não só a ele, mas também a todos os que morreram essa noite — acrescentou Bryce, centrando-se na última parte da lembrança do Gaby. —Suspeito que Averley roubou bastante mais que o iate. De fato, segundo o que acaba de contar, imagino que Dowell tinha descoberto mais discrepâncias nas contas da casa. Quem sabe? Possivelmente Averley inflava a quantidade dos fornecimentos para o jardim. Não estou seguro. Quão único sei é que Dowell o descobriu e queria compartilhar o bota de cano longo.

—Também me atrevera a dizer que o som que ouviu era o de um fósforo prendendo alguns trapos e que sua cabana se esquentou em seguida porque o incêndio se declarou na carvoeira. Averley tentou encobrir o que tinha feito queimando o lugar do crime para que todo mundo pensasse que tinha morrido em um trágico e fatal acidente. Mas foi das mãos. O fogo não se limitou à carvoeira, nem sequer à cabana onde se guardava a lenha. Acabou destruindo toda essa asa e a todas as pessoas que se encontravam nela nesses momentos. Averley deveu assustar-se muito, por isso avisou tão logo de que se declarou um incêndio, com a esperança de frear sua destruição.

Gaby estava tremendo, mas sacudiu a cabeça quando Bryce tentou abraçá-la, com a determinação de enfrentar-se a essa prova.

—Isso explica os assassinatos do Averley faz treze anos. Também explica por que tentou me matar a mim quando se inteirou de que recordei ter ouvido vozes de homens: tinha medo de que pudesse lhe implicar. Mas onde encaixa o assassinato do Delmore em tudo isto?

—Quer saber qual é minha suspeita? — respondeu Bryce, desejando com toda sua alma absorver a dor do Gaby. — Quando Richard Rowland ficou doente, Averley devia estar tentando vender o iate antes que Thane o herdasse e se perguntasse como é que um homem que odiava navegar tinha um iate que ele nunca tinha visto nem sabia que existisse. Averley sabia pelo Whitshire que ao Delmore adorava os navios. Pensou que poderia vender-se o a um bom preço e lavá-las mãos antes que Whitshire falecesse. Só que não foi assim. Whitshire morreu antes que pudesse fazer a transação. Averley estava pactuando por correspondência, supostamente em nome do Whitshire. Teria estado em uma situação muito vulnerável se alguém tivesse suspeitado sua fraude.

—É mais que provável que Delmore lhe tivesse descoberto.

—Sim, se reunia com o Thane e descobria que Richard Rowland jamais tinha encarregado esse iate que supostamente estava vendendo. Assim quando Averley se inteirou de que Delmore se dirigia ao Whitshire para fechar a transação, pensou que devia lhe deter. E o fez. — deteve-se um momento para refletir. —Agora que penso nisso, essa deveu ser a razão pela que Averley me fez tantas perguntas sobre meus créditos quando fui ao Whitshire pela primeira vez, e pelo que se sentia tão incômodo quando examinava seus livros. Devia estar aterrorizado de que descobrisse alguma discrepância ou de que por minha relação com os Rowland e com o Delmore pudesse descobrir por acaso algo que lhe implicasse.

—Revisamo-lo tudo? — perguntou Gaby cansada e apartando do aroma da colônia que ainda a espreitava.

—Sim. — Bryce retirou a garrafa ao outro extremo da mesa e tomou ao Gaby em seus braços. — Como já te disse uma vez, é extraordinariamente forte — lhe disse ardentemente com os lábios pegos a seu cabelo. — Estou mais orgulhoso de ti do que possa imaginar. — ficou sério de novo. — Gaby, um dia mais e tudo isto terá terminado para sempre.

Ela inclinou a cabeça e lhe olhou.

—O que vamos fazer?

Vamos. O fato de que ela ainda pudesse falar em plural depois de tudo o que tinha suportado, demonstrava um valor surpreendente.

—vamos descobrir ao Averley — respondeu Bryce. — Quão único precisamos é um pouco de ajuda do Thane e a confirmação do senhor Smythe, e ambas as coisas vou resolver as agora mesmo. Quando tivermos terminado com o Averley, o único camarote que terá será o de uma pequena cela no Newgate.

A nota foi enviada com urgência ao Whitshire. A conversação com o Smythe foi um pouco tensa, mas franco e deu resultado imediatamente.

Por volta de final da tarde, o carro de Bryce entrava no Nevon Manor, onde lhe esperava Thane com o que lhe tinha pedido.

O encontro foi breve, mas o resultado decisivo. O plano já estava preparado.

O novo dia estava despontando quando Averley chamava educadamente à porta do estudo do duque.

—Mandou-me chamar, Sua Excelência? — perguntou Averley. O sol do amanhecer já iluminava grande parte da habitação, mas um rincão mais afastado ainda estava na penumbra, à espera do primeiro raio do dia.

—Hum? —Thane estava sentado curvado sobre a mesa revisando documentos e com aspecto de estar bastante zangado, enquanto Bryce dava voltas olhando um papel que tinha na mão.

Averley se esclareceu garganta.

—Queriam lombriga?

Thane levantou o olhar como se acabasse de dar-se conta de que tinha chegado o administrador.

—Ah, Averley. Sim, assim é — disse esfregando-a nuca. — O senhor Lyndley e eu estávamos tratando uns assuntos legais e encontramos um documento pertencente a uma compra que fez meu pai. Supõe-se que foi faz alguns anos, mas nos parece que há uma discrepância nas datas. Posto que você foi o administrador de meu pai durante tantos anos esperamos que possa nos esclarecer algo.

—Estarei encantado de fazê-lo, senhor.

Bryce se deteve perto das Crist aleiras que conduziam ao pátio e se apoiou no marco, ainda olhando preocupado o documento que tinha nas mãos.

—Averley, recorda você quando mandou construir meu pai seu iate?

As bochechas do Averley deixaram de ter sua habitual cor avermelhada.

—Iate?

—Sim. Olhe isto. — Bryce ondeou o papel no ar.

Averley se dirigiu para ele com um pigarro nervoso e revisou o título que Banks lhe tinha dado ao Bryce.

—Ah, o iate que encarregou Sua Excelência. Terá que desculpar minha má memória, Lyndley. Passaram muitos anos após. Mas, sim, recordo-o. Sua Excelência encarregou à empresa do senhor Smythe que lhe construía um iate bastante luxuoso. Este é o título de propriedade do iate que Smythe entregou a Sua Excelência. Não vejo onde está o problema. A data está claramente detalhada ao final: 14 de março de 1862.

—Justamente — disse Thane recostando-se sobre o respaldo de sua poltrona. — Mas o problema está em que segundo meus dados, a correspondência e os rascunhos de alguns temas relacionados com os negócios, nas datas nas que se realizou este transação meu pai estava em Escócia ocupando-se de uma operação bastante larga.

Franziu o sobrecenho.

—Isso é impossível, senhor.

—Exatamente. O qual nos induz a acreditar que há um engano na data do título. — Thane apartou os papéis e se passou a mão pela cabeça. — Posto que seus arquivos são muito mais detalhados que meus, importaria-lhe revisar seus livros e me dizer quando comprou exatamente meu pai esse iate para que possamos corrigir meus documentos?

A ligeira tensão que revelava o robusto corpo do Averley era um indicativo de que estava nervoso.

—É obvio senhor. Vou procurar meus arquivos desse ano e os trarei em seguida.

Bryce e Thane esperaram até que deixaram de ouvi-los passados do administrador.

Então Bryce se deu a volta, abriu a vidraça e fez entrar em homem que havia fora.

—E bem? — perguntou ao Smythe enquanto entrava na habitação.

O construtor naval moveu a cabeça ainda sem sair de seu assombro.

—Jamais o houvesse dito; sempre me tinha considerado um bom conhecedor do caráter das pessoas.

—É esse o homem ao que você lhe vendeu o iate? — insistiu Bryce.

—Pois claro que sim. É maior, tem o cabelo mais grisalho e é algo mais corpulento, mas sem dúvida é o homem que se fazia passar pelo duque do Whitshire.

—Está seguro?

—Totalmente. Poderia lhe reconhecer em qualquer lugar. Como já lhe hei dito antes, só tive um cliente que fora duque... — Smythe se calou e ficou sério. —Ou, mas bem, que se fizesse passar por duque. Esse maldito bastardo. — Deu um coice. —Também noto seu típico perfume. É inconfundível. Sim, é ele, sem lugar a dúvidas.

—Bem. —Thane juntou as mãos. — Então, só fica esperar a que retorne.

Bryce olhou para o rincão mais afastado da sala, que ainda estava na penumbra.

—Carinho, está bem? — perguntou-lhe em voz baixa.

Gaby se adiantou um momento.

—Estou bem. —Tinha uma expressão de firmeza. — E estou preparada para representar meu papel.

—Logo — lhe prometeu Bryce. —Averley retornará de um momento a outro para trazer os livros que faltam.

Nada mais dizer essas palavras se ouviram seus passos, está vez um pouco mais lenta.

Gaby se retirou a seu rincão.

—Não o entendo — começou Averley, ao entrar no estudo. — Não encontro os livros desse ano por nenhuma parte... — Quando viu o Smythe começou a arrastar as palavras e ficou boquiaberto.

—Olá, Sua Excelência. —Smythe lhe fez um gesto de cortesia com a cabeça. — Já vejo que me recorda.

Averley se recuperou não sem esforço.

—Não, sinto muito, acredito que não lhe conheço.

—Refrescarei-lhe a memória — disse Bryce tranqüilamente. — É o senhor Robert Smythe, o homem que lhe vendeu o iate ou, mas bem, deveria dizer ao suposto duque do Whitshire? Por certo, os livros que não pode encontrar em seus arquivos, Sua Excelência os tem em suas mãos. — Assinalou ao Thane, que levantou os livros no ar. — Não é de sentir saudades que confirmem que a data do título é exata. Assim segundo eles parece

impossível que o duque pudesse comprar o iate nessas datas, posto que não se encontrava aqui.

Averley trocava o peso de seu corpo de um lustroso sapato a outro.

— Não sei de que me estão falando, Lyndley. Nunca tinha visto este homem em minha vida. Quanto à discrepância, não me posso explicar isso. Só o duque poderia fazê-lo e por desgraça está morto.

— Sim, está-o. E não está só, verdade? — perguntou Bryce. — William Delmore também morreu recentemente. Por desgraça, Delmore não teve o privilégio de uma morte natural. Foi assassinado. Trágico, não lhe parece?

Averley tinha gotas de suor na frente

— Sim, muito.

— Banks me há dito que Delmore estava a ponto de comprar o iate do Whitshire quando faleceu o duque. Sendo esse o caso, como é que não pode recordar nada respeito a um iate cuja venda estava tramitando você em nome de Sua Excelência faz só uns meses? Também esqueceu isso? — Bryce sustentava a correspondência em sua mão, toda ela escrita de punho e letra do Averley. — Lhe refresca isto a memória?

Averley entre fechou os olhos.

— Embora estivesse administrando a venda para o duque, isso só prova que estava fazendo meu trabalho. Quanto às acusações desta pessoa — disse assinalando ao Smythe — são infundadas. É sua palavra contra a minha. Com minha impecável trajetória...

— Trajetória mais que duvidosa depois das entradas fraudulentas que tenho descoberto só neste ano — respondeu Thane friamente. — Não se esforce Averley. Sabemos que é um mentiroso e um ladrão consumado. E temos provas mais que suficientes para demonstrá-lo.

— Logo está o assunto do assassinato do Delmore — lhe recordou Bryce. — Ainda temos que conseguir sua confissão.

— Minha confissão? — Ao Averley quase lhe saem os olhos da cara, — De assassinato? Perderam vocês o julgamento? Conceder-me uns ganhos adicionais de vez em quando é uma coisa, mas assassinar a alguém é outra bem distinta. Quanto ao iate e a algum outro capricho que me procurei, tinha-me isso bem castigos. Richard Rowland bem podia pagá-los, e muito mais que isso. Esse bastardo desalmado nunca me pagou o que me merecia. Mas assassinato? Não tenho nem a menor idéia do que estão falando.

— Delmore era uma ameaça para você e para todos esses caprichos que acaba de mencionar. Pode que ele tivesse descoberto a mesma verdade que nós, de ter podido chegar ao Whitshire e comparar seus documentos com os do Thane. Sem dúvida, teriam descoberto que Richard Rowland nunca comprou esse iate. Todas as suspeitas e perguntas teriam pontado para você e tivessem suposto sua ruína. Você não queria correr esse risco. Assim foi ao encontro do Delmore ao saber que ia ao Whitshire, fez-lhe parar na estrada sob um pretexto falso, mas acreditável, e lhe disparou.

— Vá história, Lyndley — lhe disse com um sorriso sardônico. — Muito entretido. Mas, por desgraça para você, não pode prová-la. Eu não vou confessar nada. Só Delmore

poderia dar fé de suas ridículas acusações. E está morto, de modo que não pode me incriminar.

—Bom, pois eu não o estou e sim posso fazê-lo. — Gaby saiu de seu esconderijo, com as bochechas ruborizadas e os olhos jogando fogo. —Possivelmente tenha uma lembrança mais vívida do atentado contra minha vida. Se não ser assim, o recordarei. Faz uma semana tentou me matar. Felizmente, não o consegui. Ainda estou viva e sã... E tenho um extraordinário interesse em lhe incriminar, justo o que Delmore não pode fazer. De fato, nada me proporcionaria mais agradar que lhe entregar às autoridades.

A atitude do Averley trocou por completo, começou a respirar mais depressa, abrindo e fechando nervosamente os punhos nos flancos.

—É um farol. Não pode saber quem a agrediu. Seu agressor ia mascarado e vestido de negro.

—E você como sabe? — perguntou Gaby; a raiva e o desejo de vingança eclipsaram todo temor. — Nunca hei descrito publicamente o meu agressor. Só Bryce, tia Hermione e Chaunce sabiam como ia vestido, o que significa senhor Averley, que você mesmo se delatou. — Não esperou uma resposta e seguiu lhe pressionando. — Mas embora não o tivesse feito, não teria importado. Sua máscara não lhe serve para ocultar sua identidade. Reconheci-lhe pelo aroma de seu perfume, essa fragrância que importa de Paris em exclusiva para você, que ninguém mais usa salvo o senhor Smythe pelo frasco que lhe deu de presente como reconhecimento por seu trabalho. Mas também a reconheci de outra noite, uma noite em que você assassinou a dúzias de pessoas inocentes, incluídos meus pais. Recorda você essa noite, senhor Averley? Porque felizmente, eu sim a lembrança agora. Recordei-o tudo, desde sua discussão com o Dowell até suas acusações de fraude, o golpe que lhe deu e o ruído do fósforo com a que prendeu fogo à carvoeira. Agora recordo todas as seqüências dessa trágica noite que me esteve espreitando durante anos, cujos detalhes não saíram à luz até o dia em que retornei ao Whitshire. Então começou a sair tudo, primeiro em meus sonhos, logo em minha mente consciente. Você desencadeou essas lembranças conscientes, senhor Averley, ao igual a provocou esse incêndio. Você assassinou muitas vezes. E como testemunha do que aconteceu essa noite, assim como de meu próprio intento de assassinato por recordar o que aconteceu na carvoeira, atestarei contra você ante todos os tribunais de justiça que faça falta.

—Maldita seja! — Algo se desatou dentro do Averley. — Não permitirei que me faça isso, mucosa insolente. —Tentou equilibrar-se contra Gaby; a fúria se refletia em suas facções.

Antes que pudesse dar o terceiro passo, Bryce se havia interposto e lhe tinha atirado um murro na mandíbula que fez que o ancião se cambaleasse.

—Volte a tentar lhe pôr a mão em cima a minha esposa e lhe juro que desejará ter morrido naquele incêndio. — Agarrou com força ao Averley pelas lapelas de seu casaco lhe pondo em pé. — Se tiver algo que me dizer diga isso.

O suor percorria seu rosto. Estava encurralado e sabia condenado por suas próprias ações, obrigado a admitir algo que levava treze anos tratando de ocultar.

— Não pretendia matar ao Dowell — disse ofegando, apavorado pelo olhar selvagem de raiva de Bryce— Esse bastardo me estava chantageando. Demo-nos uns quantos murros. Nesse lutou Dowell caiu e se deu na cabeça com um recipiente de carvão. — Ouvi um som de respiração forçada. — Lhe supliquei que se levantasse. Sacudi-lhe e esbofetei. Quando me dava conta de que estava morto, não sabia o que fazer. Com todos esses cortes e feridas, ninguém teria acreditado que tivesse tropeçado. Teriam deduzido que tinha havido uma briga. E também teriam sabido com quem, porque eu tinha o lábio sangrando e a cara torcida. Cedo ou tarde se teria descoberto o motivo da briga. Não podia me arriscar. — Respirou tremendo. — Nunca foi minha intenção que morrera ninguém mais. Não me podia acreditar o rápido que se propagou o fogo... — Averley fez uma pausa e olhou amargamente de lado a Gaby. — Ouvi essa maldita caixa de música. Então soube que ela estava ali. Mas, só era uma menina. Rezei para que não tivesse ouvido nada e, que se o tinha feito, não o tivesse entendido. Quando lady Nevon a levou, senti-me muito aliviado. Não queria ferir ninguém mais, fiquei horrorizado com o incêndio e todas as vítimas que provocou. Só queria enterrar todo esse assunto, esquecer que tinha acontecido.

— Esquecer que tinha acontecido? — saltou Gaby com os olhos exagerados ante tanta mentira. — Assassinou a um montão de pessoas para ocultar suas fraudes e queria apagar esse crime de sua mente como se jamais tivesse ocorrido? Em nome de Deus, como pretendia fazê-lo? De fato, estou segura de que suas atrocidades devem lhe espreitar em todo momento.

— O que me diz do Delmore? — perguntou-lhe Bryce, lhe agarrando com mais força das lapelas. — Isso não foi um acidente, a não ser um assassinato premeditado.

— Foi em defesa própria — replicou Averley. — Igual a me desfazer do Gabrielle. Se ninguém se colocou em meus assuntos...

— Então, o que, Averley? Então, poderia ter esquecido o fato de que assassinou? E podia ter seguido roubando a minha família durante outra década? — disse Thane apartando a cadeira e levantando-se indignado. — É suficiente, Bryce. Couling está no corredor com os oficiais Dawes e Webster. Estão esperando a que lhes digamos que podem entrar em levar-se ao Averley. Vou chamar lhes. — dirigiu-se à porta, abriu-a e fez um gesto às autoridades para que entrassem.

— Bem. — Ao Bryce tremia a mandíbula de raiva e lançou ao Averley aos oficiais quase com violência. — Este bastardo o confessou tudo. Agora tirem o de minha vista.

Dawes entrou e lhe pôs os braços detrás das costas para lhe algemar.

— Será um prazer. — Olhou ao Gaby, que apesar de ter uma expressão serena, estava inusualmente pálida e tremendo — Temos seu testemunho, senhora Lyndley. Mas se necessitarmos que declare...

— Então, iremos os dois para fazê-lo — interrompeu rapidamente Bryce.

— Não, iremos todos a atestar — corrigiu Thane, lhe entregando os livros de contas como prova ao Webster — Entre os três e o senhor Smythe, acredito que podemos encarcerar ao Averley para o resto de sua vida.

—Encarcerar? — Dawes olhou a seu prisioneiro franzindo o cenho — Demônios acredito que estão sendo vocês muito generosos. Com o que nos contaram, podem estar seguros de que lhe coligarão.

—Não. — Gaby se adiantou com os braços cruzados diante do peito para tentar controlar os tremores que percorriam seu corpo — Já houve muitas mortes. Por favor... Que não haja mais. Mandem-no a prisão. — Lhe entrecortou a voz — E assegurem-se de que não volte a fazer mal a ninguém.

—Assim o faremos senhora — lhe assegurou Dawes— Tem você minha palavra. — Os dois oficiais tiraram o Averley da habitação.

—Gaby? — Bryce esteve com ela imediatamente. Tomou em seus braços e a consolou— estiveste extraordinária. Está bem?

Ela assentiu com a cabeça, começou a notar o amor de seu marido e a esquecer a penumbra em que tinham estado envoltos a passada hora.

—Bryce? —Sussurrou ela; sua voz ficava amortecida por seu colete.

—Sim, carinho?

—Já terminou tudo. Recorda o que me prometeu que faríamos assim que acabasse? O rosto de Bryce se iluminou com um grande sorriso.

—Pois claro que sim. — Levantou seu queixo e lhe beijou as lágrimas que corriam por suas bochechas — Vamos, Alice no país das maravilhas. Vamos a casa.

Capítulo 18

—Alarido está zangado — disse Gaby.

Bryce estreitou contra ele o quente corpo de sua esposa, plenamente consciente do tom alegre e desenvolto de sua voz.

—Já o ouço... E estive ouvindo-o das cinco da manhã. — moveu-se um pouco e subiu a roupa de cama em um intento de não ver o novo dia, nem ouvir o incessante ruído que fazia o pássaro carpinteiro do Gaby.

Gaby lhe beijou seu pescoço úmido rindo.

—Ainda não se acostumou a que durmo em outra parte.

— Ou ao tempo que passa na habitação. — Bryce se colocou em cima de Gaby com o único desejo de entrar em sua esposa e lhe fazer o amor durante todo o dia.

—Hum! — suspirou Gaby satisfeita lhe passando os braços pelo pescoço — O superará. Igual eu superei meu sonambulismo.

—Esses episódios desapareceram para sempre, tal como te disse —proclamou Bryce com orgulho e tremendamente excitado — Apesar de que agora dorme menos que antes.

—Possivelmente durma menos, mas mais profundo — lhe recordou Gaby — Agora durmo de maravilha, profundo, sem sonhos, perfeitamente. É pouco, mas só porque estar acordada é imensamente mais excitante tal como tinha imaginado. — Gaby tremeu ao

notar a dureza do corpo de seu marido introduzindo-se nela e refletindo claramente suas intenções — Temos tempo? — perguntou Gaby de uma vez que levantava os quadris.

—Tiraremos-o de onde seja. —Bryce saiu para voltar a introduzir-se mais dentro, com penetrações sucessivas que incrementavam seu prazer de maneira deliciosa.

—Mas, são quase nove em pun... OH, Bryce! — Gaby gemeu quando ele se retirou de novo, para voltar a entrar com uma profunda e inexorável investida.

—Bom, vestiremo-nos depressa — respondeu ele com voz grossa e rouca carregada de paixão — Me pediu que fora impulsivo, não o recorda?

—Sim — disse ela lhe envolvendo com suas pernas — Certamente.

—Bem — rugiu ele, perdendo todo controle assim que notou que ela se entregava e ao mesmo tempo lhe estreitava entre suas pernas — meu Deus, Gaby! — abandonou-se a seus instintos, pôr-lhe as mãos nas nádegas para acompanhá-la nos frenéticos movimentos de seus próprios quadris, entrando nela uma e outra vez — Não poderia me parar... Nem que o tentasse.

—Nem te atreva. — Gaby estava a ponto de estalar, tudo ardia em seu interior, estava a ponto e à espera — Bryce...

—Agora... Agora — grunhiu Bryce

Ambos explodiram de uma vez, dissolveram-se em um milhar de fragmentos de sensações, agarraram-se mutuamente na cúpula de sua paixão, logo caíram juntos, relaxando-se no maravilhoso depois, que era tão mágico como os minutos anteriores.

—Quero-te — lhe disse Gaby enquanto seus membros se relaxavam sobre a cama.

— Cada dia, em cada um de seus momentos, volto a me apaixonar por ti — resmungou Bryce, beijando seus suaves lábios abertos — Mas esse é o milagre de viver no país das maravilhas.

Gaby levantou as pálpebras e lhe olhou com uma imensa ternura. —Um dos milagres do país das maravilhas —lhe corrigiu ela — Você, meu querido marido, fez uns quantos por ti mesmo.

Uma correria de passos interrompeu sua intimidade.

—Gaby? — Lily chamou energicamente à porta — Ainda estão dormindo você e o senhor Lindl... Quero dizer, Bryce? Chaunce nos há dito que não lhes incomodássemos. Mas eu sei que não lhes queriam perder isso. O vigário chegará dentro de meia hora, já sabem, para o ensaio.

Olharam ao relógio que agora marcava as nove e meia, o qual confirmava o que dizia Lily.

—Estamos acordados, Lily. — Gaby já se estava levantando da cama — Estamos... — tentava encontrar uma desculpa.

— Simplesmente nos tem feito tarde — respondeu Bryce, sentando-se no bordo da cama — Mas chegaremos a tempo. Prometo-lhe isso.

—Vale, muito bem. — Lily parecia muito mais tranqüila — O ouvistes? —Disse a quem quer que estivesse com ela — Só lhes tem feito tarde. Vamos esperá-los na capela

Voltou-se a ouvir a correria de passos, está vez afastando-se.

—Nos tem feito tarde — repetiu Gaby, enquanto se apressava a ir ao Esta banho é a desculpa mais original que te ocorreu?

Bryce piscou.

—Não é original, mas muito apropriada. Tirei-a que coelho branco do conto da Alice.

A capela era um caos quando chegaram.

Marion e Ruth estavam ao fundo cochichando, repetindo os votos em voz alta com a esperança de aprender-lhe No lado direito da sala, Godsmith e Wilson passeavam acima e abaixo, falando nervosos e em voz baixa sobre os anéis e o momento adequado para lhe levantar o véu à noiva e beijá-la.

O resto corria de um lado a outro, tentando tranquilizar aos noivos e dando confiança às noivas.

No centro estava Chaunce jogando às cartas com os meninos para mantê-los ocupados e, no altar, Hermione falava com o vigário Kent, provavelmente em busca da ajuda de algum ser superior para acalmar a histeria geral.

—Não nos perdemos nada, verdade? — perguntou Gaby radiante.

—Não, não, claro que não. — O vigário Kent lhes olhou do alto de sua santificada posição — Embora desejaria que sua tia não se preocupasse tanto. Não é bom para sua saúde.

Hermione franziu o sobrecenho.

—Minha saúde é excelente, vigário. Simplesmente me preocupa que quatro pessoas às que quero, as quais adoram a seus respectivos casais e que vão se casar amanhã estão mais consternadas que entusiasmadas por seus bodas.

—Entretanto — observou Bryce — o vigário Kent tem razão. Não deveria preocupar-se tanto. Recorde o fraco que esteve.

—De fato, tia Hermione se encontrou muito melhor estas últimas semanas — lhe disse Gaby a seu marido — Não vi que Chaunce lhe levasse seus medicamentos nenhuma só vez, viu você?

—Agora que o diz, tem razão.

Chaunce e Hermione intercambiaram olhadas.

—O doutor Briens acredita que já não necessito tanta medicação como antes — explicou Hermione — É evidente que estou recuperando forças.

—Que maravilha! — exclamou Gaby iluminando-se o a cara.

—Assim é-disse Bryce — A que atribui o doutor Briens sua recuperação? Seja o que seja, teremos que asseguramos que não lhe falte nunca.

Um grito da Ruth interrompeu a conversação.

—O que acontece, Ruth? — perguntou Hermione, olhando-a.

—OH, senhora. Não sei o que fazer-respondeu Ruth retorcendo-as mãos — Quero muito ao Wilson, mas sei que me vou equivocar quando falar ou quando tiver que fazer algo e lhe porei em ridículo.

—Você? — disse Wilson da outra ponta — Sou eu quem o vai danificar tudo. Não estou acostumado a falar com ninguém salvo com minha pá. E você vale muito como para que me encalhe embora só seja uma palavra.

—Tirei-me o anel do bolso como uma dúzia de vezes — disse Godsmith— E sempre me tem cansado. Que classe de noivo atira o anel de sua prometida?

—E eu tropeço cada vez que ensaio minha entrada pelo corredor — interrompeu Marion— Estou segura de que até atirarei pelo chão ao vigário e aterrissarei aos pés do George.

—Querem calassem, por favor. —Hermione lhes fez calar, pondo reta sua pequena figura com esse porte próprio dela — Simplesmente estão nervosos. É muito natural. Mas não quero...

—Mas o que está acontecendo aqui? — perguntou Thane ao entrar na capela— Pensava que tinha vindo ao ensaio de umas bodas. Entretanto, encontro-me com este alvoroço. O que acontece?

Quatro vozes exaltadas começaram a falar de repente.

—Esperem. — Bryce levantou os braços para lhes fazer calar — Todos viram e escutaram como Gaby e eu dissemos nossos votos. Como recordarão, não foi para tanto.

—Você é advogado — murmurou Wilson — Você sabe falar, eu não. Eu sou jardineiro.

—Wilson, as palavras saem do coração, ao igual aos sentimentos — disse Gaby com ternura — Lhes asseguro que todo mundo pode as pronunciar. —Ao ver suas caras de cepticismo, olhou ao Chaunce para lhe pedir ajuda.

O mordomo se levantou e deixou de jogar às cartas.

—Não sou advogado, Wilson. Mas ficaria mais tranqüilo se te ensinasse como se faz?

Wilson parecia que fora a lhe beijar, embora de maneira não oficial; era indubitavelmente o cabeça de família masculino.

—Faria-o por mim?

—É obvio. — Chaunce pigarreou, caminhou solene pelo corredor e se colocou diante do vigário Kent.

—Agora o que? — gritou Godsmith

—Agora terá que esperar à noiva.

Marion lançou um gemido.

—Como sei se caminho muito rápido? Ou muito lento? Como se têm que dar os passos?

Hermione pôs os olhos em branco.

—Eu lhe ensinarei isso. — Olhou ao Thane — Posto que Chaunce faz de noivo e não pode me levar a altar, importaria-te me acompanhar?

—Será um prazer — respondeu sorrindo.

—Marion e Ruth, observem Hermione agarrou do braço ao Thane e percorreu majestosamente o corredor, um pé diante de outro até chegar ao Chaunce — Basta olhando adiante e dar passos comedidos. Desse modo não tropeçará. De acordo?

—Muito bem. — Marion enrugou a frente enquanto Thane entregava ao Hermione ao Chaunce — E agora?

—Agora me toca — respondeu o vigário — Eu leio o seguinte... — Recitou a cerimônia, substituindo os nomes dos respectivos noivos e noivas pelos do Hermione e Chaunce.

—Reginald? — disse Lily surpreendida — Não sabia que Chaunce se chamasse Reginald.

—Eu não sabia que Chaunce tinha nome — sussurrou alto Henry— Todo mundo tem nome. Reginald é seu nome e Chaunce seu sobrenome.

—Shhh - fez Esta Jane é a melhor parte. Recordo-o das bodas de Gaby e Bryce.

Todos ficaram em silêncio quando Hermione e Chaunce intercambiaram seus votos, lhes ensinando como se fazia. O vigário procurou em seu bolso e tirou um anel que era evidente que tinha para casos como este.

Chaunce pôs o anel ao Hermione. Houve um breve silêncio.

Logo Hermione se girou.

—Vêem-no? Não passa nada.

—Agora lhes declaro marido e mulher — anunciou orgulhoso o vigário. Esperou um comprido e paciente momento e logo fez um gesto ao Chaunce— Pode beijar a noiva — disse olhando ao Hermione com cumplicidade.

—Desculpe? — disse Chaunce.

—Hei dito que pode beijar a sua noiva — repetiu com um amplo sorriso. —Estou seguro de que gostará.

—Vigário... — Hermione inclinou a cabeça em sua direção — Pelo amor de Deus, o que está você...?

—Estou-lhes casando a vocês dois — respondeu— faz anos que queria fazer isto. Corrijo: acabo-lhes de casar. Agora você deve beijar a noiva e saudar seus convidados

Hermione e Chaunce, estupefatos, intercambiaram olhadas entre eles dois e o vigário, e logo à sala que lhes contemplava com espera.

—Adiante, Chaunce - insistiu Thane — Esperamos este dia com ansiedade, quase tanto como vós.

—E com bastante mais impaciência — disse Gaby acalma— Sinceramente, ao menos Bryce e eu tivemos o sentido comum de reconhecer que estávamos apaixonados. Quanto mais ides tentar negar a evidência?

—Por outra parte, sua parcimônia nos brindou a oportunidade de tramar este esplêndido plano - assinalou Bryce — Conseguimos duas grandes façanhas em uma: unir a duas pessoas que pareciam a uma para a outra e nos conceder o prazer de superar a nossos professores. — Bryce enrugou os lábios — Rendam-se de uma vez por todas. Vencemo-lhes. Estas bodas está tão bem desenhada como a que vocês idearam para nós e

a tramamos com o mesmo segredo e inteligência. Só que o conseguimos sem fingir que estávamos doentes, que necessitávamos medicação, mas bem, deveríamos dizer água com limão — e sem nos inventar custódias. Encontramos algo muito mais eficaz: nossa família. — Bryce fez um gesto com a mão assinalando a todos os conspiradores que irradiavam felicidade ao contemplar aos noivos. — Um grupo de atores formidável, não lhes parece?

O olhar atônito do Hermione ia do Wilson e Godsmith ao Marion e a Ruth.

— Querem dizer que não... Não estavam... Não estão? — Não pôde acabar a frase.

Entretanto, todo mundo a entendeu e se ouviu uma grande gargalhada por toda a habitação.

Marion respondeu em nome de todos.

— Justamente o contrário. Ontem fizemos nosso verdadeiro ensaio. Ruth e Wilson recitaram seus votos sem equivocar-se nenhuma só vez, George me pôs o anel de bodas em um só movimento e eu caminhei pelo corredor sem me cambalear. Assim, não, senhora, não é que quiséssemos sua ajuda. O que queríamos era sua felicidade.

Ao Hermione tremeram os lábios quando começou a dar-se conta do que estava passando em realidade. Seus olhos úmidos percorreram a todo o grupo, até fixar-se no Bryce e no Gaby.

— Sabiam dos medicamentos, da custódia e todo o resto?

Ao Bryce lhe iluminou o rosto com um amplo sorriso.

— Não é você a que insiste em que tenho uma mente legal brilhante? Que classe de advogado seria se não fora capaz de reconhecer a manipulação e deduzir seu objetivo? — Agarrou ao Gaby pela cintura — Um objetivo imaculado queria acrescentar. Quanto a minha esposa, não só é perspicaz, mas também não dorme nunca. Os dois juntos formamos uma mente aguda sempre em ação.

Gaby riu, desfrutando da expressão de incredulidade total de tia Hermione, e a ainda mais surpreendente do Chaunce.

— Assim que Bryce e eu compartilhamos nossas suspeitas, tudo foi como atirar de um fio. Tínhamos que nos assegurar porque o que queríamos era lhes devolver o favor. Assim fizemos o mais prático. Fomos ver o doutor Briers. Explicamo-lhe nossas intenções e esteve encantado de nos ajudar, posto que ele também pensava que fazem um casal estupendo. Contou-nos a verdade sobre sua enfermidade. Isso era tudo o que necessitávamos. O resto foi singelo, graças a nossa família. — Gaby a olhou com ternura — Todos sabemos quanto lhes querem, é justo que fossem marido e mulher. Mas, também sabíamos que nunca pensavam em vós mesmos. Estão muito ocupados lhes preocupando de nós. Chegou o momento de que entendam que sua felicidade também é a nossa. — A Gaby caíam lágrimas pelas bochechas e fez um gesto ao Chaunce para que selasse o matrimônio tal como o vigário lhe tinha indicado — Basta já de falar. Beija a sua noiva, Chaunce. Estamos esperando. De ti depende que nossa família se sinta completa.

Chaunce tragou saliva e lhe encheram os olhos de lágrimas. Logo, veio-lhe a emoção, assentiu com a cabeça brevemente e olhou a Hermione.

Ambos se sorriram; entre eles se notava uma grande cumplicidade.

Chaunce baixou a cabeça e roçou seus lábios com os de Hermione.

Um grito de alegria ressonou na capela e toda a família se levantou, rodeando aos recém casados em uma maré de bons desejos e de amor.

—Estão-me começando a gostar das bodas que faço no Nevon Manor — disse o vigário Kent ao Gaby e ao Bryce, depois de felicitar aos noivos — É fácil acostumar-se a estas deliciosas e pouco habituais manifestações de afeto.

—Então, não lhe parece maravilhoso que manhã volte a estar aqui para as verdadeiras bodas do Marion e Godsmith e a da Ruth e Wilson? — disse Gaby renda-se.

—E não se esqueça do Thane - acrescentou Bryce como se nada, com um rosto totalmente inexpressivo — Estou seguro de que seu dia não demorará a chegar se Hermione o tem proposto. Estou convencido de que já começou a tramar algo para seu futuro, com a ajuda de seu engenhoso marido, é obvio.

—Não preparamos uma viagem para este casal? — perguntou Thane — Se não o tivermos feito, acredito que deveríamos.

—Não, obrigado, Thane. — Hermione ficou a seu lado e lhe deu um tapinha no braço — Graças a todos, tenho tudo o que quero aqui no Nevon Manor. Chaunce e eu ficaremos em casa, verdade? — Olhou resplandecente a seu novo marido, que foi reunir se com ela.

—É obvio — disse Chaunce enrugando a boca — Agora que se descobriu o de nossa água com limão, teremos que procurar mais recursos para nossa próxima empresa. — de repente, ficou sério e olhou solene ao Thane, Bryce e Gaby — Obrigado, não sou um homem de muitas palavras, mas quero que saibam...

Gaby ficou nas pontas dos pés e lhe beijou a bochecha.

—Nós também lhe queremos — sussurrou. Logo se dirigiu a sua tia e a abraçou com todas suas forças — Que sejam tão felizes como nós. Não posso desejar nada mais milagroso que isso.

Tornou-se para trás e deu uma palmada para que o grupo lhe prestasse atenção.

—Atenção todo mundo. Cok preparou um soberbo festim...

—Outra vez em segredo — disse Cok com bom humor — Me alegre de que por fim poderei preparar o banquete de amanhã sem ter que me esconder.

Ouviu-se um coro de risadas.

—Acompanhemos aos recém casados a casa e que comecem as celebrações — concluiu Gaby.

—Não há música para que saiam da igreja — murmurou Marion desolada— Não tivemos tempo de organizar...

—Ah, pois claro que sim. — Gaby pinçou no bolso do casaco de Bryce e tirou entusiasmada sua caixa de música, abriu-a e começaram a soar os lembre do Por Elise — Que melhor forma de iniciar um matrimônio que com uma caixa de música que só encerra felicidade?

— Felicidade e ao Beethoven, não me ocorre uma combinação melhor — respondeu Bryce, aproximando de Gaby a seu lado — mais que a da incrível mulher que os trouxe para minha vida e o afortunado homem que se casou com ela. — Beijou-a meigamente.

As portas da capela se abriram de par em par e todos saíram correndo, tropeçando e inclusive coxeando para dirigir-se a casa: uma família unida por um pouco mais profundo do que a vista podia captar. As limitações desapareceram, e em seu lugar reinava a sabedoria de que eles possuíam as verdadeiras bênçãos da vida.

A caixa de música seguia soando

E

Nevon Manor se converteu no país das maravilhas.

Fim

Nota da autora

Tenho a sincera esperança de que ao ler *A caixa de música*, tenham compartilhado todas as emoções que sentei ao escrevê-la: que lhes tenham rido, alegrado e possivelmente, às vezes, até chorado com a Gaby, Bryce e todos os personagens do Nevon Manor. Quero-os a todos; realmente acredito que não há nada mais capitalista ou lhe vinculem que os laços do coração, que podem superar qualquer obstáculo.

Deixo ao Nevon Manor nas melhores mãos e minha intuição me diz que não lhe diremos adeus definitivamente. Não só porque, como sempre, espero que lhes vejam impulsionadas a voltar a ler a história de Bryce e Gaby, mas sim porque tenho a suspeita de que nem eles nem Hermione e Chaunce se poderão resistir a misturar-se na vida amorosa do Thane. Tenho outras histórias que contar primeiro, mas um dia Thane Rowland encontrará a seu casal!

